

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

**COLÉGIO LOURDINAS NA CAPITAL PARAIBANA: UM MODELO
EDUCACIONAL PARA UM PÚBLICO FEMININO PESSOENSE (1939-1999)**

DANIELLE VENTURA DE LIMA PINHEIRO

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. FABIANA SENA DA SILVA

**João Pessoa
2018**

DANIELLE VENTURA DE LIMA PINHEIRO

**COLÉGIO LOURDINAS NA CAPITAL PARAIBANA: UM MODELO
EDUCACIONAL PARA UM PÚBLICO FEMININO PESSOENSE (1939-1999)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, vinculada à linha de pesquisa História da Educação, como satisfação parcial para a obtenção do título de doutorado em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiana Sena da Silva

**João Pessoa
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P654c Pinheiro, Danielle Ventura de Lima.
COLÉGIO LOURDINAS NA CAPITAL PARAIBANA: UM MODELO
EDUCACIONAL PARA UM PÚBLICO FEMININO PESSOENSE
(1939-1999) / Danielle Ventura de Lima Pinheiro. - João
Pessoa, 2018.
258 f. : il.

Orientação: Fabiana Sena.
Tese (Doutorado) - UFPB/Educação.

1. Colégio Lourdinás. História da educação. Educação.
I. Sena, Fabiana. II. Título.

UFPB/EC

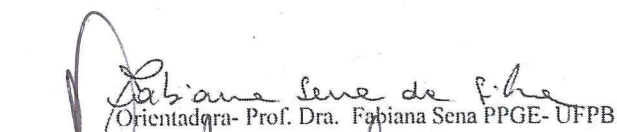
DANIELLE VENTURA DE LIMA PINHEIRO

**COLÉGIO LOURDINAS NA CAPITAL PARAIBANA: UM MODELO
EDUCACIONAL PARA UM PÚBLICO FEMININO PESSOENSE (1939-1999)**

Tese de doutorado apresentada ao
PPGE/UFPB como pré-requisito parcial
para obtenção do título de Doutora em
Educação.

Data de aprovação: João Pessoa, 26 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Orientadora- Prof. Dra. Fabiana Sena PPGE- UFPB


Membro Interno: Prof. Dr. Maritilson Barbosa da Silva – PPGCR-UFPB

Membro Interno: Prof. Dra. Maria Elizete Guimarães Carvalho - PPGE-UFPB

Membro Externo: Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo PPLET-UFPB

Membro Externo: Prof. Dra. Sandra Célia Gomes Coelho da Silva- PPGEDUC-UEBA

RESUMO

O Colégio Lourdinas de João Pessoa - PB surgiu no ano de 1939. Até 1999 a instituição atendia prioritariamente ao público feminino. De viés católico, a instituição teve, durante todos esses anos, freiras em sua direção. Passando por mudanças em sua estrutura física e pedagógica ao longo dos anos, o Colégio Lourdinas buscou se adequar às necessidades do seu tempo sem deixar de trazer consigo algumas permanências que lhe são peculiares, como a ênfase na educação mariana e a rigidez comportamental. Para compreender este cotidiano escolar que envolve um ensino católico feminino, foram realizadas análises documental e dos discursos presentes em agendas escolares, cadernos, Relato de Fundação, depoimento de ex-alunas e de professoras, que permitiram não apenas observar as práticas escolares mas como o Colégio é visto pelas ex-alunas, que ora resistem às regras de comportamento ora trazem saudosas recordações. Os estudos de conceitos como educação tradicional, cotidiano escolar, instituição escolar e memória, à luz de teóricos que se voltam para o espaço escolar em si e autores como Halbwach (2006), Hobsbawn (1997) e Foucault, foram fundamentais para garantir a compreensão desta instituição escolar nunca antes estudada em outro trabalho acadêmico. Como resultados, pode-se considerar que a instituição tem esse perfil para satisfazer ao seu público, sendo capaz de fazer algumas modificações para que seja adequada à realidade, bem como é possível se perceber a resistência de alguns e a rigurosidade institucional nas entrelinhas dos discursos de suas ex-alunas.

Palavras-chave: Colégio Lourdinas. História da educação. Educação católica.

ABSTRACT

The Lourdinás school of João Pessoa-PB appeared in the year of 1939. In 1999 the institution exclusively attended the female public. Of Catholic kind, the institution had during all those years the nuns in its direction. Going through changes in its physical and pedagogical structure over the years, the Lourdinás school has sought to adapt to the needs of its time without ceasing to bring with it some permanences that are peculiar to it, such as the emphasis on Marian education and behavioral rigidity. To understand this school daily that involves a feminine Catholic teaching were carried out documentary analyzes and of the speeches present in school diaries, notebooks, foundation report, testimony of former students and teachers, which allowed not only observe the school practices, but as the school is seen by the former students, who now resist the rules of behavior and now bring back memories. The studies of concepts such as traditional education, school daily life, school institution and memory, in the light of theorists who turn to the school space itself and authors like Halbwach (2006), Hobsbawm (2006) and Foucault, were fundamental to guarantee the understanding of this school institution never studied before in other academic work. As results, one can consider that the institution has this profile to satisfy to its public, being able to make some modifications so that it is appropriate to the reality, as well as it is possible to perceive the resistance of some and the institutional rigor between the lines of the speeches of her former students.

Key words: Lourdinás School. History of education. Catholic education

RESUMEN

O Colegio Lourdinas de João Pessoa - PB surgió en el año 1939. Hasta 1999 la institución atendía con exclusividad al público femenino. De sesgo católico, la institución tuvo, durante todos estos años, monjas en su dirección. Pasando por cambios en su estructura física y pedagógica a lo largo de los años, el Colegio Lourdinas buscó adaptarse a las necesidades de su tiempo sin dejar de traer consigo algunas permanencias que le son peculiares, como el énfasis en la educación mariana y la rigidez conductual. Para comprender este cotidiano escolar que envuelve una enseñanza católica femenina, se realizaron análisis documental y de los discursos presentes en agendas escolares, cuadernos, Relato de Fundación, testimonio de ex alumnas y de profesoras, que permitieron no sólo observar las prácticas escolares sino como el "El Colegio es visto por las exalumnas, que ora resisten a las reglas de comportamiento y traen saludos recuerdos. Los estudios de conceptos como educación tradicional, cotidiana escolar, institución escolar y memoria, a la luz de teóricos que se vuelven al espacio escolar en sí y autores como Halbwach (2006), Hobsbawn (1997) y Foucault, fueron fundamentales para garantizar la comprensión de esta institución escolar nunca antes estudiada en otro trabajo académico. Como resultados, se puede considerar que la institución tiene ese perfil para satisfacer a su público, siendo capaz de hacer algunas modificaciones para que sea adecuada a la realidad, así como es posible percibir la resistencia de algunos y la rigurosidad institucional en las entrelíneas de los discursos de sus exalumnas.

Palabras clave: Colegio Lourdinas. Historia de la educación. Educación católica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Baronesa do Ibirá-Mirim com Irmãs de Petrópolis.....	43
Figura 2 - Capa e índice do Livro de Félix Tournier (1984)	53
Figura 3 - Notas introdutórias nos capítulos do livro de Tournier (1984)	53
Figura 4 - Capa e contracapa do livro de Petrópolis- RJ.....	56
Figura 5 - Lideranças da Congregação N. S. Lourdes	59
Figura 6 - Lideranças recentes da Congregação N. S Lourdes	60
Figura 7 - Mapa das principais cidades dos Altos Pirineus-França percorridas pelas Irmãs de Lourdes.....	75
Figura 10 - Navio Itaquera que trouxe as Irmãs de Petrópolis a Parahyba do Norte	90
Figura 11- Irmã diante do Santíssimo na Capela do Colégio Lourdinas nos anos 40	93
Figura 12 - Dom Moisés e Pe. Carlos nos anos 40	95
Figura 13 - Alunas na entrada do Colégio Lourdinas.....	97
Figura 14 - Irmã Maria das Neves nos anos 40	108
Figura 15 - Irmãs fundadoras e Madre Evangelina chegando à Parahyba do Norte	114
Figura 16 - Angelina Baltar.....	115
Figura 17 - Primeiras alunas do Colégio Lourdinas nos anos 40	116
Figura 18 - Primeiro prédio do Colégio Lourdinas em 1942.....	124
Figura 19 - Sala de aula do Colégio Lourdinas 1942	124
Figura 20 - Fachada do Prédio do Colégio Lourdinas em construção	128
Figura 21 - Entrada do Colégio Lourdinas durante a construção	129
Figura 22 - Madre Evangelina nos anos 40	130
Figura 23 - Museu do Colégio N. S. Lourdes	133
Figura 24 - Alunas do Curso Ginásial.....	135
Figura 25 - Irmã Ana Maria.....	137
Figura 26 - Portaria ministerial n. 592	142
Figura 27 - Fachada do Colégio Lourdinas no ano de 1945.....	147
Figura 28 - Decreto 22.396/1946	147
Figura 29 - Discurso de Pe. Carlos (Paraninfo). Turma concluinte de 1946	148
Figura 30 - Discurso da oradora 1946.....	149
Figura 31 - Cerimônia de Conclusão do Curso Ginásial 1946	149
Figura 32 - Portaria n. 110 de 24 de fevereiro de 1950.	150
Figura 33 - Capela do Colégio Lourdinas em construção	151
Figura 34 - Irmãs caminhando próximo à Capela em construção do Colégio Lourdinas	152
Figura 35 - Capela em construção	152
Figura 36 - Irmã Emerenciana	153
Figura 37- Irmã Maria das Neves.....	153
Figura 38 - Irmã Celis (Dirigiu a instituição entre 1969-1975)	154
Figura 39 - Irmã Maria das Vitórias (dirigiu a instituição entre 1976-1981).....	154
Figura 40 - Fachada do Colégio Lourdinas no ano de 1976.....	156
Figura 41- Inauguração da Quadra do Colégio Lourdinas	157
Figura 42 - Irmã Áurea (1982-1990)	158

Figura 43 - Capa e contracapa da agenda escolar de 1987.....	159
Figura 44 - Criança em sinal reivindicativo.....	162
Figura 45 - Capa da agenda escolar de 1999.....	164
Figura 46 - Quadro de notas da Agenda de 1987.....	166
Figura 47 - Estrutura da Agenda Escolar (1999)	167
Figura 48 - Datas comemorativas e nacionalismo na Agenda de 1999.....	168
Figura 49 - Questionário sobre o Colégio Lourdinas	168
Figura 50 - Visão panorâmica do Colégio Lourdinas.....	170
Figura 51 - Inauguração da sala de dança em 1994	171
Figura 52 - Capa e Contra Capa do livro “Ser Irmã da Imaculada Conceição de NS Lourdes”	174
Figura 53 - Apresentação e início do livro de Irmã Sara	175
Figura 54 - Livro de Irmã Sara (entre as páginas quatro a oito)	176
Figura 55 - Livro de Irmã Sara entre as páginas oito a onze	177
Figura 56 - Livro de Irmã Sara (das páginas 12 a 13)	178
Figura 57- Capa do Livro comemorativo de 50 anos do Colégio Lourdinas	180
Figura 58 - Irmã Ana Maria e Irmã Áurea.....	182
Figura 59 - Capa e contracapa do Livro Comemorativo de 60 anos do colégio NS Lourdes	186
Figura 60 - Irmãs Lourdinas	188
Figura 61 - Noêmia Ribeiro.....	192
Figura 62 - Capa e Sumário da Revista Flama (1953).....	196
Figura 63 - Discurso de posse da presidente do Grêmio Luís de Camões.....	209
Figura 64 - Texto “Que bonito, Valéria”	215
Figura 65 - Capa do caderno de Cristina Cavalcanti (1976)	228
Figura 66 - Recorte de Revista no Caderno que faz alusão	230
Figura 67 - Quarto modelo recortado de Revista por alunas	231
Figura 68 - Ilustração de Biblioteca no futuro lar das alunas	232
Figura 69 - Cores de mesa e banho e personalidade feminina.....	233
Figura 70 - Modelos de painéis ariados corretamente.....	233
Figura 71 - Limpeza de cozinha e geladeira	234
Figura 72 - Recomendações sobre Primeiros Socorros	234
Figura 73 - Relações patriarcais - O jantar de noivado.....	235
Figura 74 - A preparação do enxoval.....	236
Figura 75 - Modelo de convite de casamento	237
Figura 76 - Casamento durante o dia	237

À alegre memória da minha avó materna, Safira Bandeira, e à histórica trajetória do meu avô paterno, Valdetrudez Ferreira de Lima. À vovó Esther que, com sabedoria e graça, está entre nós ao longo de seus 93 anos. Aos meus pais, Valmor e Laurandy por estarem sempre comigo. Ao meu companheiro de todas as horas, meu esposo amado, Gilmário Kassandro. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Valmor e Laurandy, pelo carinho, incentivo e amor incondicional.

Ao meu marido, Gilmário Kassandro, que com paciência e amor me incentiva diariamente a ser uma pessoa melhor.

À minha sogra, minha “mamusca”, Girlene Xavier, pela força nos momentos mais difíceis.

À vó Leopoldina, pelos conselhos, carinho e paz que sempre transmite docilmente.

À minha orientadora, Prof. Dra. Fabiana Sena, mulher forte e cheia de luz que eu tive o prazer de conhecer.

Ao professor Dr. Marinilson Barbosa da Silva e à Prof. Dra. Sandra Célia pelas preciosas contribuições na banca de qualificação e por todos esses anos de amizade e companheirismo.

À professora Dra. Elizete Carvalho pela leitura cuidadosa e pela valiosa participação na minha banca de qualificação.

Ao professor. Dr. Carlos Augusto que também deu maravilhosas contribuições durante a banca de qualificação e fez leitura cuidadosa e atenta deste trabalho.

Aos colegas da turma 35 e, em especial, à Sabrina Grisi por se importar comigo e me ajudar a ter contato direto com as freiras e com a bibliotecária Jerusa, do Colégio Lourdinas. Sem essa ponte, este trabalho ficaria inviável.

Ao grupo de pesquisa Fidelid (CNPQ/ UFPB) que tenho a satisfação de coordenar com o meu amigo Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva.

Ao amigo Idelbrando Lima que foi uma das primeiras pessoas a saber que eu estudaria este tema, antes mesmo de concorrer à seleção de doutorado e que não mediu esforços para que eu tivesse acesso às fontes de instituição a partir de uma irmã que lá trabalha.

Aos meus colegas do Departamento de Ciências das Religiões, pelo companheirismo e respeito.

Aos professores, alunos e gestores da Escola Zulmira de Novais, onde atuo como professora de História.

A todos os professores do PPGE e, em especial, aos docentes da linha de História da Educação, pelos debates em sala de aula e sugestões de leituras.

Às Irmãs Maria José, Rosana Valéria, Erivânia e à bibliotecária Jerusa que, na medida do possível, me concederam algumas fontes.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

“Tente...Levante tua mão sedenta e recomece a andar.
Não pense que a cabeça aguenta se você parar. Há uma
voz que canta, uma voz que dança, uma voz que gira
bailando no ar.” Raul Seixas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 DEBATE EPISTEMOLÓGICO EM QUESTÃO: AS CATEGORIAS ANALÍTICAS E O MÉTODO ESCOLHIDO PARA ESTUDAR O COLÉGIO LOURDINAS	26
2.1 MÉTODO E METODOLOGIA: A ANÁLISE DOCUMENTAL E IMAGÉTICA E SEUS PERCURSOS.....	26
2.2 CULTURA ESCOLAR E PEDAGOGIA TRADICIONAL: ANÁLISE CONCEITUAL E HISTÓRICA.....	34
2.3 INSTITUIÇÃO ESCOLAR E MEMÓRIA COLETIVA: CAMINHOS PARA UMA DISCUSSÃO DE UMA EDUCAÇÃO RELIGIOSA	39
3 LOURDES E O SURGIMENTO DO MODELO EDUCACIONAL DO COLÉGIO LOURDINAS DA PARAHYBA DO NORTE.....	49
3.1 A FREIRA, O CONVENTO E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA: HISTÓRIAS, SIGNIFICADOS E PERTENCIMENTOS	49
3.1.2 A história da congregação N. S. lourdes e o egresso das irmãs ao Rio de Janeiro: o livro de Tournier (1984) e o relato de Petrópolis – RJ	52
3.2 A FUNDAÇÃO DO COLÉGIO LOURDINAS E O EGRESSO DAS IRMÃS NO RIO DE JANEIRO: ASPECTOS HISTÓRICOS	60
3.3 AS IRMÃS LOURDINAS: PERFIL, FÉ E DEVOÇÃO	82
4 O ESPAÇO ESCOLAR E SEU CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS ESTRUTURAIS E PEDAGÓGICAS DO COLÉGIO LOURDINAS	109
4.1 A BASE RELIGIOSA EDUCACIONAL E OS TRÂMITES BUROCRÁTICOS: A PARTIDA DAS IRMÃS LOURDINAS PARA A PARAÍBA	110
4.2 O INÍCIO DAS ATIVIDADES DO COLÉGIO LOURDINAS: LIMITAÇÕES DA ESTRUTURA FÍSICA E DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	123
4.3 NOVOS TEMPOS E NOVAS PERSPECTIVAS: A INAUGURAÇÃO DO PRÉDIO DO COLÉGIO LOURDINAS	128
4.4 A ESTRUTURA DO CURSO GINASIAL NO COLÉGIO LOURDINAS: ASPECTOS EDUCACIONAIS E RELIGIOSOS	134
4.5 O COLÉGIO LOURDINAS ENTRE AS DÉCADAS 50 A 90: MUDANÇAS ESTRUTURAIS E FUNCIONAMENTO DA FACULDADE.....	150
5 OS RELATOS SAUDOSISTAS E AS ENTRELINHAS DAS MEMÓRIAS: O PÚBLICO ALVO DO COLÉGIO LOURDINAS	173
5.1 CADERNOS E DEPOIMENTOS: COTIDIANO ESCOLAR E MEMÓRIAS DE EX-ALUNAS E RELIGIOSAS	173

5.2 PEDAÇOS DE MEMÓRIAS: PERFIS FEMININOS, HOMENAGENS, RECORDAÇÕES E SILENCIAMENTOS SOBRE A CONGREGAÇÃO N. S. LOURDES (1940-1960).....	190
5.3 RELIGIOSAS, MULHERES DO LAR OU DO LER? FORMAÇÃO FEMININA NAS DÉCADAS DE 60 E 70	223
5.4 O QUE NARRARAM AS DISCENTES? MEMÓRIAS SOBRE O COLÉGIO LOURDINAS NOS ANOS 80 e 90	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS	245
REFERÊNCIAS.....	249

1 INTRODUÇÃO

A primeira vez que soube da existência do Colégio Lourdinias foi de uma forma bem peculiar, pois, quando estudava no Instituto Presidente Epitácio Pessoa durante a minha infância (1989-1993), utilizava o mesmo transporte escolar de meninas que lá estudavam. Naquela época, achava diferente a saia prensada das estudantes e ficava curiosa por saber como era estudar em uma escola sem meninos. Também fiquei surpresa quando soube por elas que a média do Colégio Lourdinias era oito e que as diretoras eram freiras. Eram muitas as perguntas que eu fazia, mas jamais pensaria que acabaria investigando esta instituição escolar ao ponto de produzir uma tese sobre o assunto.

Por uma vivência pessoal, durante a graduação demonstrei interesse por temas relativos à Igreja Católica. Isso se deu desde o meu ingresso no Curso de História, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no ano de 2003, quando comecei a participar do grupo de pesquisa Sociedade e Cultura na Paraíba Oitocentista, na época coordenado pela Prof. Dra. Ariane Sá.

Como estava em um grupo que tinha como foco o século XIX, precisei desenvolver pesquisas sobre a Igreja Católica nesse período até que, um dia, ao apresentar meu primeiro trabalho em evento acadêmico, um pesquisador sugeriu que eu estudasse sobre Padre Ibiapina, tema este que pesquisei durante os anos de 2003 a 2014.

Como meu interesse pela parte religiosa era muito intenso e o curso de História pouco enfatizava sobre essa discussão, resolvi fazer o Mestrado em Ciências das Religiões, também na UFPB, curso em que obtive aprovação quando concluí a graduação, no ano de 2007. Nesta época, tive a oportunidade de analisar documentos do período de 1853-1883, no Arquivo do Santuário do Pe. Ibiapina, no Arquivo do Espaço Cultural e no Arquivo da Cúria, ou seja, mesmo focada em compreender o fenômeno religioso, sempre busquei construir uma abordagem histórica com as fontes primárias. Ao me voltar para o trabalho missionário do Pe. Ibiapina, observei em suas Máximas Morais e no seu Estatuto um desejo de educar meninas órfãs com o auxílio de mulheres da região que, após cinco anos de efetiva dedicação, eram por ele denominadas de Irmãs de Caridade.

Essa educação feminina presente no interior das Casas de Caridade criadas pelo Padre Ibiapina bem como as orientações por ele dada a essas mulheres de como serem Irmãs de Caridade, me fizeram identificar quanto a figura de Maria em uma ótica clássica era tida por este sacerdote como modelo de obediência, silêncio e castidade. Essa temática foi aprofundada

por mim, no Doutorado em Ciências das Religiões que fiz na PUC-GO, em Goiânia, durante os anos de 2010 a 2014, pois conheci, em eventos acadêmicos, professoras que estudavam sobre mariologia em uma perspectiva feminista e que se voltavam ainda para a história da recepção. A partir daí, percebi uma oportunidade de refletir como a figura de Maria, vista em uma perspectiva clássica, foi capaz de influenciar os ensinamentos do Pe. Ibiapina.

A pesquisa doutoral defendida na área de Ciências da Religião, sobre a idealização de Maria por parte do Padre Ibiapina como influente na construção de um modelo educacional das suas Casas de Caridades, fez com que eu notasse como alguns modelos educacionais femininos possuem traços comuns. Sem dúvida, o fato de o Colégio Lourdinias fazer parte das lembranças da minha infância fez com que eu amadurecesse a possibilidade de pensar tais aspectos nesta instituição, e percebi no Doutorado em Educação um caminho interessante para pesquisar um Colégio que até o ano de 1999 só recebia, principalmente, meninas.

Quando eu encerrei o doutorado, passei a ter contatos iniciais com ex-alunas da referida instituição e atuais professoras que permitiram que eu tivesse acesso a dois livros comemorativos presentes na biblioteca do Colégio Lourdinias. Assim, em 2015, consegui montar um projeto, que foi aprovado na linha de História da Educação, sobre esse Colégio.

A similaridade da estrutura inicial do Colégio Lourdinias com o tipo de educação implantado no século XIX nas Casas de Caridade do Pe. Ibiapina permitiu que surgisse um primeiro questionamento, ou seja, sobre o que almejavam as freiras para o público feminino. Isto porque, após anos de pesquisa, constatou-se que era comum a mariologia clássica¹ fundamentar os discursos presentes em instituições dirigidas por religiosas².

Para além deste questionamento inicial, percebi no grupo em questão outras peculiaridades como, por exemplo, o fato de tais crianças pertencerem às famílias mais ricas de João Pessoa. As próprias freiras também eram oriundas dessas famílias de João Pessoa foram para o Rio de Janeiro e voltaram com o intuito de contribuir com a educação feminina do atual município de João Pessoa³.

Marcam a presente análise o fato de se tratar de um ensino majoritariamente feminino e sob a perspectiva do modelo educacional católico. Outro fato que delimita a particularidade deste estudo é para quem ele é destinado, ou seja, para as filhas de algumas famílias católicas

¹ Por Mariologia Clássica entende-se a visão católica tradicional sobre a mãe de Jesus. A perspectiva clássica aponta Maria como modelo de mulher obediente, silenciosa e casta, que serve de parâmetro para outras mulheres e segue uma lógica patriarcal que valoriza a submissão feminina (LIMA, 2014).

² Como pode ser constatado por Algranti (1993).

³ Antiga Parahyba do Norte como era conhecida neste período.

peçoenses. O recorte temporal foi pensado porque, até o ano de 1999, o público feminino era atendido de forma majoritária na instituição.

O cenário inicial de inconstância política, de visão de mundo católica e de famílias reivindicando uma educação tradicional dessa religião para suas filhas foi estudado na presente tese de maneira pormenorizada, pois é perceptível a presença de uma visão de mundo particular de um grupo em um contexto sociocultural e histórico específico, e isso trouxe novas contribuições para a linha de pesquisa História da Educação.

Todas essas especificidades exigem ainda que se compreenda que tais relações se dão no espaço escolar. Essa peculiaridade é o que fomenta a busca por autores que se voltam para a escola, o cotidiano e a cultura escolar. Mais que isso, o estudo requer ainda uma análise do conceito de memória, já que é preciso se reportar às falas de ex-alunas para pensar na receptividade deste tipo de ensino, percebendo o que está nas entrelinhas do discurso de cada uma delas, sem deixar de pensar as mudanças estruturais ao longo das décadas.

A partir das questões apontadas sobre o tema e objeto, faz-se necessário destacar o ineditismo da presente tese, mostrando-se pioneiro o estudo aqui proposto para a linha de pesquisa História da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, embora se reconheçam os trabalhos voltados para a educação religiosa na Paraíba: as teses de doutorado de Maria Ivete Correia (2010), Ramsés Nunes Silva (2012) e Débia Suênia Silva (2018)⁴. Estes, porém, trazem aspectos diferentes dos que aqui se discutiu.

As três teses que se voltam para a educação religiosa paraibana foram mencionadas pelas aproximações de análise aqui desenvolvida, apesar de tratarem de recortes temporais e instituições diversas. O diálogo com os autores das teses em questão serviu de apoio para a

⁴ A tese de Maria Ivete Correia intitulada “*Educação Católica, gênero e identidades: o Colégio Santa Rita de Areia na história da educação paraibana*” foi defendida no PPGE/UFPB, em 2010, e também investiga uma instituição voltada para o público feminino católico, sob uma ótica foucaultiana, que se aproxima do universo teórico aqui estudado por ter um público similar que requer um olhar atento para as entrelinhas do discurso e uma visão apurada da instituição e do cotidiano escolar. A tese de Ramsés Nunes Silva (2012) intitulada “*O internato que se tece: as culturas instrucionais de confinamento e as damas da instrução cristã (1891-1937)*”, defendida no PPGE/UFPB no ano de 2012, adota um recorte temporal anterior ao objeto de estudo aqui estudado e questiona, especialmente, se “existiriam práticas culturais escolares de confinamento deflagradas pela secularização educacional nos espaços confessionais e que essas culturas, de forma complexa, seriam dialógicas” (SILVA, 2012, p.17). Apesar de se considerarem algumas práticas que se aproximam da reflexão deste autor, verifica-se, no Colégio Lourdinhas, um predomínio do discurso tradicional, e a visão secularizante é aqui concebida muito mais como uma busca incessante por atender às exigências dos pais de forma comedida, focando no ideal católico e no ensino tradicional. Há, portanto, uma visão diferenciada do tipo de educação religiosa aqui estudada. A tese de Débia Suênia Silva intitulada “*Colégio N. Senhora de Lourdes: culturas escolares em Cajazeiras-PB (1949-1983)*”, defendida no PPGE/UFRN, em 2018, apesar da similaridade do nome da instituição com a aqui estudada, era administrada pelas Irmãs Doroteias e, portanto, tem um modelo educacional diferenciado. Contudo, o diálogo com os estudiosos de cultura escolar e da história da educação presente na referida tese também faz parte do referencial teórico aqui utilizado.

construção do arcabouço teórico-metodológico, pois todas elas têm como ponto em comum o fato de se voltarem para a história da educação religiosa na Paraíba.

No que diz respeito à história do Colégio Lourdinas, esta é marcada por atender aos anseios de classe de algumas famílias católicas pessoenses. Analisar a sua história é de fundamental importância para compreender a instituição de ensino que atuou (atua) na formação desse padrão social pessoense, em especial de mulheres cujos sobrenomes políticos dos ramos da advocacia e da medicina se perpetuam ao longo dos anos

Apesar de se saber que a Escola São José e a Escola Noturna são voltadas para aqueles que não têm condições de pagar e estão ambas sob a orientação das mesmas religiosas, percebe-se que há separação de um espaço destinado a este grupo, o que já demonstra o caráter específico de cada tipo de ensino, destinados a classes sociais distintas. Sobre isso, entretanto, seria necessário realizar outro estudo.

Estudar esta instituição desde sua égide até o ano de 1999, quando estudantes do sexo masculino foram incluídos, possibilitou a compreensão de como este modelo de ensino precisava (e ainda precisa) satisfazer aos anseios de uma época que tem como uma de suas exigências a manutenção de padrões sociais.

As ampliações de espaço, adequações a novas realidades no decorrer de tais décadas, tais como as suas respectivas matrizes curriculares, expressam uma necessidade de sobrevivência, atendendo aos anseios dos pais de alunos, que buscam, para se consolidar, mais do que uma educação religiosa. Vale destacar, diferentemente do de meninas, o número restrito de alunos identificados a partir do livro comemorativo de 2000, no qual se registra nominalmente cada aluno, de cada série da instituição, demonstrando que o Colégio Lourdinas se consolidou como ensino predominantemente destinado ao público feminino.

Essa peculiaridade gera também a reflexão sobre qual o modelo de mulher estas jovens deveriam seguir, conforme os ensinamentos proporcionados pelas freiras, pensando na educação voltada para o casamento ou vida religiosa, sem deixar de preparar, conforme a necessidade da época, para as mulheres adentrarem nas universidades.

Também é alvo de indagação a forma como esta instituição se desenvolveu e o porquê das mudanças e permanências neste espaço escolar ao longo dos anos. No tocante às mudanças e permanências da instituição, elas são explicitadas no momento em que se identifica como o Colégio Lourdinas, conhecido pela rigidez disciplinar e a educação religiosa aspectos da permanência de um padrão educativo, abre espaço para escola de dança, quadras poliesportivas, sala de informática e biblioteca e mudanças curriculares. Supõe-se que essas peculiaridades estão diretamente ligadas tanto ao fato de ser uma instituição de cunho religioso quanto de que

as lideranças do Colégio visam satisfazer aos interesses dos pais das alunas. Todas essas questões foram verificadas a partir de uma análise documental, e foram mencionados os diversos poderes da sociedade, o espaço e o cotidiano escolar do Colégio Lourdinas, pois:

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos. (PESAVENTO, 2005, p.128)

Aponta-se aqui a tese de que o modelo educacional do Colégio Lourdinas pessoense foi criado para atender a algumas famílias, dando continuidade a padrões de comportamento aceitos e repassados em seu meio social, favorecendo a formação de uma cultura escolar conservadora e patriarcal no cotidiano institucional.

O objeto de estudo aqui estudado é, portanto, o modelo educacional do Colégio Lourdinas pessoense. Sobre ele, foi destacada a formação oferecida pela instituição, o seu desenvolvimento ao longo dos anos e a sua cultura escolar. O tema em questão diz respeito a este modelo educacional em diálogo com as relações de poder veiculadas pela sua clientela, ou seja, algumas famílias católicas pessoenses, configurando-se enquanto espaço de educação tradicional. Coube aqui “ultrapassar a distância temporal e cultural do passado, compreendendo esse outro no tempo” (PESAVENTO, 2005, p.131).

Dessa forma, a presente tese tem como objetivo analisar a constituição do Colégio Lourdinas pessoense, considerando a formação, o desenvolvimento e a cultura escolar, ou seja, as relações sociais que se processavam nesse espaço educacional. Os objetivos específicos são: analisar a trajetória da Congregação N. S. de Lourdes na França, e no Brasil, com o egresso das religiosas da cidade de Petrópolis-RJ e, finalmente, a vinda de parte dessas Irmãs para a Parahyba do Norte, para que se evidenciem traços identitários do grupo gestado antes da fundação do Colégio Lourdinas; compreender as principais dificuldades das Irmãs e o caráter fundamental do apoio das famílias tradicionais pessoenses na sua consolidação bem como as mudanças estruturais da instituição no decorrer das décadas para satisfazer o interesse das famílias locais em formar suas filhas; identificar e analisar as peculiaridades dessa instituição a partir das falas de ex-alunas, então alunas das décadas estudadas em depoimentos, em livros comemorativos, em cadernos, em agendas escolares, em redes sociais e em revistas de época que assinalam a contribuição deste modelo educacional para a sua formação.

Assim, questiona-se neste trabalho sobre a cultura escolar existente no Colégio Lourdinas, suas peculiaridades, seu público alvo, as vivências no interior da instituição, ou seja,

quais as relações sociais que se processavam naquele ambiente. Tem-se ainda como questão chave como a produção de memória existiu nesse espaço escolar bem como a receptividade da cultura escolar ali existente por parte das ex-alunas. Ao se pesquisar respostas para tais perguntas, se possibilita expressar traços do cotidiano escolar bem como da própria história da instituição escolar a partir das falas de pessoas que atuaram naquele contexto.

A tese supracitada desta investigação está, contudo, arraigada de questões ideológicas, que foram investigadas no presente estudo, uma vez que, ao se voltar para a família como sendo fundamental para a consolidação de uma instituição escolar religiosa, tem-se uma série de valores derivados da classe social, posicionamentos políticos, costumes e religião das famílias aqui elucidadas que precisam ser levados em consideração, de maneira que se possa compreender as motivações para que existisse o interesse pelo ensino tradicional católico por parte deste grupo. Assim, “captar as razões e sentimentos de uma temporalidade já escoada é ter em mente a alteridade do passado, com sua diferença de códigos e valores” (PESAVENTO, 2005, p.130).

Além disso, foram destacadas as relações de poder, sob a perspectiva foucaultiana, estabelecidas entre tais famílias, o Estado e as freiras, para que se conheça como essas relações foram sendo traçadas e, concomitantemente, como foram essenciais para que, paulatinamente, o Colégio Lourdinias fosse adquirindo condições de se estabilizar na cidade de João Pessoa.

A análise histórica deste trabalho, pensando especialmente o “não dito”, a partir da análise do discurso, permitiu ao leitor mais que um conhecimento sobre uma instituição nunca antes estudada academicamente como também um olhar crítico sobre sua história, de forma a desconstruir a idealização presente no discurso das religiosas que narram de forma romanceada sobre tal instituição, ou no de suas ex-alunas, que, nas suas entrelinhas, deixam transparecer a rigidez do ensino e a formação destinada a um público específico, ou seja, às crianças pertencentes a algumas famílias católicas pessoenses.

É interessante destacar que essa preocupação, por parte dessas famílias, com a educação de suas crianças se aproxima da seguinte visão:

Hoje, nossa sociedade depende e sabe que depende do sucesso do sistema educacional. Ela possui um sistema de educação, uma consciência de sua importância. Novas ciências, como a Psicanálise, a Pediatria, a Psicologia, consagraram-se aos problemas da infância e suas descobertas são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura de vulgarização. Nosso mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância (ARIËS, 1981, p.276).

Diferentemente do período medieval, as famílias, a partir da modernidade, passaram a ter uma noção diferenciada da infância e, por isso, valorizavam o sistema de educação. Quanto maior o seu poder aquisitivo, melhores oportunidades se apresentavam às famílias para darem a seus filhos uma educação privilegiada, restrita a um grupo específico. Neste contexto “a aprendizagem tradicional foi substituída pela escola, uma escola transformada, instrumento de disciplina severa, protegida pela justiça e pela política” (ARIÈS, 1981, p.277).

No colégio Lourdinhas, mesmo havendo algumas alunas contempladas com bolsa de estudos na instituição, é notório que, ainda hoje, a grande maioria pertence a um grupo social específico, de famílias abastadas que perpassam gerações e que veem na educação católica tradicional a melhor opção para seus filhos e netos. É interessante destacar que:

Essa nova preocupação com educação pouco a pouco iria instalar-se no seio da sociedade e transformá-la de fio a pavio. A família deixou de ser uma instituição do direito privado para uma transmissão dos bens e do nome e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas. Entre a geração física e a instituição jurídica existia um hiato, que a educação iria preencher (ARIÈS, 1981, p. 277).

A análise documental do Relato de fundação fez-se necessário para se compreender as principais dificuldades de implantação da instituição vivenciadas pelas Irmãs e o caráter fundamental do apoio de pais de alunos na sua consolidação. Da mesma forma, o livro “Vida da venerada Madre Maria do Jesus Crucificado”, de Félix Tournier (1984), evidenciou como a Congregação Religiosa surgiu e se consolidou na Europa, dando noções ao leitor de como surgiu esse grupo de religiosas na França e quais as suas principais peculiaridades. Alguns relatos de Petrópolis, juntamente com algumas referências bibliográficas, apresentam a chegada das Irmãs no Brasil, com o apoio das famílias, explicando como a educação francesa e católica era almejada por este público. Também se fez necessário um estudo de alguns materiais didáticos, como fontes documentais, a exemplo das agendas escolares, revista da época e um caderno sobre “Educação para o lar”; estes viabilizaram a compreensão do funcionamento dessa instituição e de suas práticas pedagógicas, cuja proposta tinha como foco a idealização da figura feminina, recatada e religiosa se faz presente. Os depoimentos de algumas ex-alunas de várias gerações (anos 40 até o ano 2000), em livros comemorativos, trouxeram um pouco da idealização desse modelo educacional e sua perpetuação entre as gerações que lá permaneceram. As informações sobre as ampliações físicas da instituição e mudanças legais,

ao longo destes 60 anos, informados no site⁵ da instituição e em texto organizado pela Irmã Rosana Varela, demonstram noções desse cotidiano administrativo escolar. As falas das Irmãs, presentes no Relatório, foram estudadas no intuito de se compreender que aspectos do tipo de ensino ali estabelecido agradaram as famílias locais bem como para evidenciar aspectos da lógica educacional do ensino tradicional mariano e o que ela oferece de subsídio para a sociedade pessoense.

A análise documental aqui proposta foi realizada a partir dos estudiosos da história da educação e de autores como Michel Foucault (2014), Roger Chartier (2002) e Michel de Certeau (1998), para viabilizar um estudo detalhado do Relato de Fundação, cartas, agendas escolares, cadernos, revistas, jornais e redes sociais, apontamentos de ex-diretora e fotografias. Em seguida, fez-se uma tabulação de informações, organizada por décadas, para sistematização de informações e também uma sistematização cronológica, para que se possibilitasse o estudo sobre a fundação da Congregação, os anos iniciais do Colégio Lourdinas, as mudanças estruturais e pedagógicas e, por fim, as memórias das ex-alunas, dos padres e das freiras, em diálogo com os autores já mencionados.

Para o desenvolvimento desta pesquisa doutoral, apresento cinco capítulos estruturados da seguinte maneira: O estudo introdutório, aqui exposto. A análise metodológica e conceitual foi discutida no segundo capítulo, intitulado “Debate epistemológico em questão: as categorias analíticas e o método escolhido para estudar o Colégio Lourdinas”, a partir de um estudo minucioso dos teóricos e do manuseamento de fontes⁶. No terceiro capítulo, intitulado “Lourdes e o surgimento do modelo educacional do Colégio Lourdinas da Parahyba do Norte”, foi realizada uma contextualização da criação da Congregação N. S. Lourdes, o egresso de suas representantes ao Rio de Janeiro e ao atual município de João Pessoa, a fim de se compreenderem os princípios basilares da Congregação e como estes foram aplicados ao cotidiano escolar do Colégio Lourdinas. No quarto capítulo, intitulado “O espaço escolar e seu contexto socioeconômico e político: mudanças e permanências estruturais e pedagógicas do Colégio Lourdinas”, estudou-se o Colégio Lourdinas, suas regras, mudanças e permanências ao longo dos anos. E, por fim, o quinto capítulo, “Entre memórias saudosistas e revelações subliminares: o público alvo do Colégio Lourdinas”, que se voltou para os depoimentos de ex-

⁵ O site é: < <https://lourdinas.com.br/> >

⁶ Esse manuseamento de fontes será melhor explorado nos capítulos posteriores ao capítulo teórico-metodológico. Para tanto, a descrição de cada uma delas será realizada à luz de teóricos que se voltam para análise documental e para a história da educação. Também será pensado como essas contribuirão para se ter uma ampla compreensão do significado desta instituição escolar para o público que dela se utilizava.

alunas que estudaram na instituição escolar e de alguns materiais didáticos que serão capazes de ilustrar aquilo que é perceptível na descrição de cada uma delas.

Este trabalho busca, portanto, contribuir com a linha de História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, com toda a comunidade acadêmica e interessados por conhecer a história do Colégio Lourdinas ao trazer uma abordagem que está diretamente ligada às histórias das instituições escolares da Paraíba e, assim, oportunizar a divulgação de um estudo sobre uma instituição tradicional católica da capital paraibana no século XX.

2 DEBATE EPISTEMOLÓGICO EM QUESTÃO: AS CATEGORIAS ANALÍTICAS E O MÉTODO ESCOLHIDO PARA ESTUDAR O COLÉGIO LOURDINAS

O capítulo dois desta tese se propõe a apresentar ao leitor as principais categorias analíticas que perpassam este trabalho bem como o método escolhido para o manuseamento e análise das diversas fontes aqui estudadas. Compreendem-se categorias analíticas como aquelas que retêm as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais (MINAYO, 2004).

Para tanto, a análise documental e imagética foi feita, a princípio, acompanhada de uma noção geral das fontes utilizadas nos capítulos posteriores. Assim, deu-se ao leitor uma noção inicial sobre como se realizou o manuseamento de uma variedade de fontes, atentando para a sua organização cronológica e discussões teóricas.

Após essa reflexão sobre os documentos utilizados na presente tese, construiu-se uma abordagem conceitual e histórica sobre as categorias cultura escolar e pedagogia tradicional, que são fundamentais na compreensão de uma instituição de viés católico e que apresenta peculiaridades no interior do seu espaço escolar. Isso facilitou a compreensão das relações sociais ali tecidas, em diálogo com teóricos que discutem realidades com certo grau de similaridades, as quais aqui se dispõe a estudar.

As categorias analíticas memória e instituição escolar também foram aqui estudadas, a fim de se compreenderem as peculiaridades institucionais e pontos de análise que se entrecruzam e servem de base para o presente objeto de estudo. A memória se faz fundamental para este estudo, pois o último capítulo traz as vozes de ex-alunas e então alunas, que se pautam nas suas recordações para descrever essa instituição. Enfim, este capítulo ampara os demais, no momento em que traz discussões conceituais e metodológicas que são fulcrais para as abordagens presentes nos capítulos posteriores.

2.1 MÉTODO E METODOLOGIA: A ANÁLISE DOCUMENTAL E IMAGÉTICA E SEUS PERCURSOS

As análises documental e imagética foram basilares no presente estudo, pois permitiram uma compreensão de como manusear as principais fontes que se tem em mãos, ou seja, documentos e fotografias. Em diálogo com autores que se voltam especialmente para análise de discurso e para as fontes iconográficas, pôde-se apresentar ao leitor como conseguir trabalhar

com uma massa documental dispersa, que se volta de forma diversa e fragmentada para a história do Colégio Lourdinhas.

A pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com seus objetivos de pesquisa” (GIL, 2008, p.51). Cabe, portanto, ao pesquisador um estudo cuidadoso de cada fonte explorada, pois as suas entrelinhas podem desvendar o passado de uma instituição, suas peculiaridades e as relações nela tecidas.

Entende-se por fontes históricas “os documentos, os vestígios e os testemunhos do passado humano” (PINSKY, 2010, p.7). Elas são, pois, fundamentais para os trabalhos situados na linha de pesquisa da história da educação. Para tanto, é preciso compreender que técnicas e métodos são utilizados pelos pesquisadores em seu contato com o documento, já que, diferentemente do olhar positivista, não se considera aqui que a fonte fala por si só (PINSKY, 2010).

A diversidade de materiais aqui utilizados para garantir uma análise histórica da instituição escolar estudada tornou compreensível a necessidade de “localizar, sistematizar, organizar, socializar e problematizar as fontes para pesquisa em história da educação” (VIDAL, 2005, p. 5). O manuseamento das fontes na história da educação requer um olhar minucioso do pesquisador, pois, segundo as recomendações da autora citada, tal olhar é necessário para que se possa ter uma compreensão daquilo que se almeja estudar. Assim, “O poder interpretativo do olho deve ser estimulado, para dar a ver e dar a ler as marcas do passado, que encerram outros significados para a representação do mundo” (PESAVENTO, 2005, p.132-133)

No caso da instituição aqui estudada, a ausência de fontes oriundas de arquivo possibilitou a diversificação ainda maior dessa apuração, pois foi preciso um debruçamento sobre cadernos, agendas, fotografias e depoimentos para conseguir complementar aquilo que é narrado pelos Relatos de Fundação e livros sobre o início da Congregação N. S. Lourdes. Isso ocorre porque “[...] fontes como fotografias, autobiografias, história oral e de vida, para citar algumas, pode ainda aumentar a compreensão desses *fazeres com* e da constituição de corporeidades nos sujeitos da escola” (VIDAL, 2005, p.17). Sabe-se, contudo, que “as respostas construídas sobre o tempo escoado são sempre provisórias, cumulativas, parciais, datadas, prováveis e que o historiador busca tornar sempre, o mais possível, verossímeis e convincentes” (PESAVENTO, 2005, p.130).

O método da análise de discurso pautado em uma abordagem histórica teve lugar especial nesta tese por dar condições de se refletir sobre o Colégio Lourdinhas e suas fontes históricas que se voltam, de uma maneira geral, para uma busca pelo convencimento dos

leitores. As alunas e seus pais tiveram acesso a um conjunto de informações focado nos valores cristãos, modelos de comportamentos e memórias institucionais, presentes em agendas, cadernos e livros comemorativos. Essa produção do discurso: “[..] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Leitor é aqui entendido como “produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares” (CHARTIER, 2002, p.121). Assim, mesmo diante dessas tentativas de controle, há elementos de resistência frente às ideias propagadas.

Entendem-se as produções textuais do Colégio Lourdinas como historicamente capazes de produzir um sentido e diferenciadamente construtoras de uma significação (CHARTIER, 2002). A leitura de tais produções pode ser considerada como “produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros” (CHARTIER, 2002, p. 123).

A maior parte das produções do Colégio Lourdinas é atribuída à própria instituição e busca, a partir de uma vontade de verdade, exercer “uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 18). Essa coerção se dá de tal forma que parece ter como objetivo “anular-se enquanto discurso e produzir na prática comportamentos ou condutas tidas como legítimas e úteis” (CHARTIER, 2002, p.135).

Sobre as intencionalidades do autor, contudo, é preciso pensar nessas produções institucionais da mesma forma como “o leitor é sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único e uma compreensão correta, a uma leitura autorizada” (CHARTIER, 2002, p.123). Desse modo, apesar da liberdade dos leitores, cabe aqui uma análise dos “condicionamentos que pretendem refreá-la” (CHARTIER, 2002, p. 123). Em cada fonte investigada, e em especial nas agendas escolares e no Relatos de Fundação, constata-se o desejo por trazer para o leitor uma memória saudosista e um passado irrepreensível. Outras fontes, entretanto, indicam que, mesmo a instituição produzindo tais memórias, há elementos de resistência presentes no discurso das ex-alunas registrado nos livros comemorativos.

Há, portanto, a presença de estratégias para que se tente impor uma ortodoxia do texto, ou seja, uma leitura de cunho forçado (CHARTIER, 2002). Cabe aqui uma análise da “teoria da recepção que postula uma relação direta, imediata entre o <<texto>> e o leitor, entre os <<sinais textuais>> manejados pelo autor e o <<horizonte de expectativa>> daqueles a quem se dirige” (CHARTIER, 2002, p.127).

É importante refletir ainda que a análise documental exige percepção e sensibilidade para enxergar os silenciamentos, as entrelinhas dos discursos e também a sua abrangência cada vez maior, pois

[...] embora os documentos escritos oficiais sejam importantíssimos para a pesquisa historiográfica, hoje a concepção de fonte está muito ampliada. Trabalha-se com fotos, com filmes, com cadernos escolares, com livros didáticos, com mobiliário escolar, com plantas de prédios, com o material didático, com diários, com os apontamentos pessoais, com correspondência particular e com uma infinidade de outros materiais que são tratados como fontes (SANFELICE, 2006, p.25-26)

A descrição de Sanfelice (2006) se remete não apenas à particularidade de uma fonte primária, mas a um universo diverso de fontes, autorizando a entender como tais agendas escolares, cadernos, Relato de Fundação, que também tiveram destaque no decorrer deste trabalho. É por isso que, além de se se dispor a discutir sobre a análise documental, pensa-se também especificamente na análise imagética.

Essa necessidade por coletar uma gama de fontes se dá porque “Não há prática escolar desligada das condições materiais de sua efetivação” (VIDAL, 2005, p.24). Assim:

Os objetos portam pistas das múltiplas maneiras como professores e alunos constituíram inteligibilidades e suscitam a investigação sobre as diferenciadas formas de sua apropriação, oferecendo ao pesquisador índices sobre as relações pretéritas dos sujeitos com a materialidade escolar, ou sobre a formalidade das práticas escolares, e fazendo-o recordar que as situações pedagógicas se constroem muito frequentemente por formas orais de socialização (VIDAL, 2005, p. 24)

O arcabouço imagético do Colégio Lourdinias revelou, entre outras coisas, o espaço da instituição, a vestimenta das freiras, dos sacerdotes e das primeiras alunas. Nessas fotos podem-se contemplar cenas do cotidiano da instituição que são sintomáticos, pois:

O pesquisador, quando analisa uma imagem fotográfica, deve relacionar aquele momento e o espaço que está na fotografia e o momento que ele está vivendo. Observar que a distribuição dos objetos no espaço fotográfico não é gratuita. O lugar dos corpos também não é considerado espontâneo, eles traduzem orientações: linhas de autoridade, de subordinação, de hierarquia, deixando claro a cultura e política de suas relações sociais (OLIVEIRA E BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p.7).

A visão dos autores sobre a fotografia alerta para a responsabilidade por observá-la minuciosamente, a fim de se contemplar, em cada registro, as relações hierárquicas e trazer

mais elementos, para o estudo em andamento, que ilustram aquilo que já se consegue apontar a partir das fontes coletadas.

De antemão, destaca-se que cada fotografia apresenta traços da instituição educacional que se moderniza de acordo com as necessidades do seu público alvo, ou seja, algumas famílias católicas pessoenses. As mudanças estruturais registradas também foram capazes de ilustrar as questões prementes ao espaço escolar e, assim, respaldar ainda mais os dados oferecidos pela Irmã Rosana Valéria, a quem já se fez referência anteriormente.

Em uma visão benjaminiana, a fotografia tem a capacidade de transformar “a vivência em objeto a ser apropriado pela câmera” (1994, p.104). A partir da fotografia, então, consegue-se captar cenas do cotidiano do Colégio Lourdinhas que refletem a sua realidade.

Ilustrando essa perspectiva, Benjamin (1994, p.104) chega a afirmar que: “Cada um de nós pode observar que uma imagem, uma escultura e principalmente um edifício são mais facilmente visíveis que a realidade”. Essa visão benjaminiana permitiu que se refletisse sobre a relevância do papel da fotografia, de modo que, ao se fixar nela, o indivíduo/o sujeito/ o observador tivesse a capacidade de compreender elementos para além da realidade.

Deve-se compreender, porém que, para tal visão, é fundamental a contextualização das imagens; deve-se, ainda, estar atento ao desejo de evidenciar a autenticidade no momento em que se apresentam essas fontes em relatos, livros e jornais (BURKE, 2004). Assim, no caso da instituição escolar aqui estudada, há uma intenção de fazer memória àqueles que compuseram esse passado e dar a ideia de que este foi exemplar, logo precisa ser celebrado. É, portanto, importante se compreender que:

Sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas *performances* especiais. Porém, exatamente por essa razão, eles fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação (BURKE, 2004, p. 34-35)

Para melhor visualização de como foi estudada a instituição escolar nas décadas de 40 a 90, foi criado um quadro contendo as fontes utilizadas, os dados a serem coletados e os teóricos utilizados em cada uma delas.

Quadro I – Fontes a serem manuseadas na tese de Doutorado

Período	Fontes	Dados	Teóricos
Século XIX	Cartas da Madre Fundadora (1864); Tournier (1984)	História da Congregação N. S. Lourdes;	Foucault (2014), Certeau (1998) e Melatian (2009)
Início do século XX	Instituto N. S Lourdes (2013); Halls.	Chegada da Congregação N. S. Lourdes; Relações hierárquicas e de gênero.	Foucault (2014) e Certeau (1998);
Anos 40	Relato de Fundação (1943) Varela (2011) Lourdes (1990) Lourdes (2000); Jornais da época; Registros fotográficos.	História da fundação do Colégio; Dados estruturais da escola na década de 40; Fala de ex-alunas;	Foucault (2014); Certeau (1998); Benjamin (1994) Halbwachs(2006)
Anos 50	Revista Flama (1953); Varela (2011); Redes sociais; Lourdes (1990); Lourdes (2000);	Falas de padres, freiras e alunas nos anos 50; Dados estruturais da instituição na década de 50; Falas de ex-alunas nos livros comemorativos e nas redes sociais;	Foucault (2014); Halbwachs(2006); Certeau (1998), Chartier (2002).
Anos 60	Varela (2011); Lourdes (1990); Lourdes (2000); Redes Sociais; Centenário da Congregação N. S. Lourdes Lourdinás (1963); Registros Fotográficos.	Dados estruturais da década de 60; Depoimento de ex-alunas nos livros e em redes sociais; Depoimento de padres e de lideranças masculinas;	Foucault (2014) Halbwachs (2006); Benjamim (1994); Certeau (2008), Chartier (2002) e autores que trabalham com cotidiano escolar;
Anos 70	Varela (2011); Lourdes (1990); Lourdes (2000);	Dados estruturais da década de 70; Fala de ex-alunas, caderno de ex-alunas sobre Educação para o lar;	Halbwachs(2006); Certeau (1998) e autores que trabalham com o cotidiano escolar;

	Caderno de ex-aluna (1976).		
Anos 80	Varela (2011); Lourdes (1990); Lourdes (2000); Agenda Escolar (1987); Registros fotográficos.	Dados estruturais da década de 80; Fala de ex-alunas; Fala de ex-professoras; Normas da instituição nas agendas escolares.	Foucault (2014); Halbwachs(2006); Benjamin (1994); Certeau (1998) e autores que trabalham com cotidiano escolar;
Anos 90	Varela (2011); Lourdes (1990); Lourdes (2000); Agenda Escolar (1998); Registros fotográficos.	Dados estruturais da década de 90; Fala de ex-alunas, fala de ex-professoras e normas da instituição nas agendas escolares.	Foucault (2014) Halbwachs(2006); Certeau (1998) e autores que trabalham com cotidiano escolar;

O quadro em questão visa demonstrar ao leitor quais fontes foram utilizadas sobre cada década a ser analisada, destacando elementos estruturais e pedagógicos oferecidos por cada uma delas. Mais que isso, ela resume também os autores que dialogarão com cada fonte a ser manuseada, a fim de se estudar o caráter religioso da educação, sem deixar de levar em consideração as peculiaridades do espaço escolar.

Relatos, Cartas, Cadernos e Agendas escolares foram exemplos de fontes a serem exploradas, que requerem do pesquisador lucidez e trabalho esmiuçador, a fim de que este seja capaz de extrair de cada fonte elementos que compõem o passado do Colégio Lourdinas, cuja base da história da instituição escolar se fez fundamental. Sobre as cartas é interessante destacar que:

Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura e uma época na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva (MALATIAN, 2009, p. 200).

Observa-se, concomitantemente, a riqueza da carta enquanto fonte, sem deixar de apresentar que esta tem que estar situada em uma dimensão histórica que precisa ser estudada em um contexto socioeconômico e cultural específico bem como se faz necessário pensar as

regras da escrita. Esse procedimento é aqui realizado no momento em que se pesquisam as cartas escritas pela madre fundadora e o cardeal Piccirilo, sem deixar de levar em consideração as especificidades da época.

Destacou-se aqui a necessidade de se estudar, nas entrelinhas do discurso, os papéis sociais dos homens e das mulheres no seio desta instituição. Para tanto, foi preciso em cada fonte analisar que:

A leitura implícita suposta e visada por tal trabalho pode ser caracterizada como uma leitura que exige sinais visíveis de identificação (como é caso de títulos antecipadores ou dos resumos recapitulativos ou ainda das gravuras, que funcionam como protocolo de leitura ou lugares de memória do texto) [...] (CHARTIER, 2002, p. 130).

Cada fonte suscitou questões pertinentes à linha de pesquisa da História da Educação e ao vasto campo de análise da história das instituições escolares, que já pré-estabelecem consigo dificuldades comuns a este tipo de estudo e as principais fontes que podem ser concedidas pelas instituições.

Os relatos e narrativas que servem de base para a compreensão da força performativa da história das instituições escolares precisam de um diálogo intenso com teóricos que trazem a possibilidade de se pensar o que existe nas entrelinhas de cada discurso, indo além do saudosismo e da idealização, comuns nas falas dos autores destes relatos. Tais relatos têm caráter precioso nesta pesquisa, pois “atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaço” (CERTEAU, 1998, p.199)

Há uma complexidade no estudo das instituições escolares de modo que apenas o cruzamento de fontes e de teóricos foi capaz de desvendar aspectos peculiares ao Colégio Lourdinas. O estudo da memória, da fotografia como fonte e do espaço escolar como objeto de estudo são exemplos de junções que foram aqui realizadas, a fim de que se reflita sobre o caminho percorrido para a compreensão da história do Colégio Lourdinas.

É relevante destacar ainda que o estudo sobre os atores sociais, como gestores, professores, freiras, padres, alunas e pais de alunas deixam transparecer o convívio tecido no seio das instituições escolares, no qual os papéis cabíveis aos homens e as mulheres são bastante sedimentados. As relações entre tais atores sociais foram aqui estudadas por trazerem contribuições na compreensão dessa instituição, seus laços identitários e particularidades. Para tanto, o discurso de cada um deles em livros comemorativos permite que se percebam alguns aspectos saudosistas e de conflito para além daquilo que é escrito.

As relações de poder existentes entre esses atores sociais se desenvolvem no seio dessa instituição, logo, compreender esse espaço escolar, a partir de Certeau (1998), pensando em suas mudanças, permanências e particularidades, também se fez chave metodológica para o estudo de sua história.

Nesse sentido, a leitura de Certeau (1998) se fez fundamental, nesta discussão de mudanças e permanências, por fazer refletir sobre as estratégias utilizadas pela instituição para se consolidar no poder ao longo dos anos. Essas estratégias, na sua perspectiva, são próprias de quem detém o poder sobre um determinado espaço e, assim, aqui consideradas como dotadas de capacidade de “produzir, mapear e impor” (CERTEAU, 1998, p.92). Em cada momento em que a instituição busca utilizar recursos que servem para a sua consolidação, ela está agindo de forma estratégica, e são essas ações que foram aqui discutidas.

Para compreender esta instituição escolar, foi preciso, portanto, além de estudar as fontes imagéticas e documentais em diálogo com autores, também estudar o ensino católico feminino, sua cultura escolar e pedagogia tradicional, própria deste contexto específico, como se verá no próximo item.

2.2 CULTURA ESCOLAR E PEDAGOGIA TRADICIONAL: ANÁLISE CONCEITUAL E HISTÓRICA

Para se estudar a história do Colégio Lourdinas foi preciso voltar o olhar para o seu funcionamento interno e para os seus sujeitos, pois foram eles que trouxeram a peculiaridade do grupo em questão. Os estudiosos da cultura escolar permitiram a tessitura de uma reflexão profunda do significado do cotidiano dessa instituição, que teve em seu cerne uma pedagogia de cunho católico tradicional autodenominada de cristocêntrica.

Antes de pensar o ensino tradicional, foi importante se refletir sobre o próprio conceito de tradição para se tornar compreensível o tipo de pedagogia predominante no colégio Lourdinas. Assim, compreende-se a tradição “inventada” como:

[...] conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente: uma continuidade em relação ao passado (HOBBSAWM, 1997, p.9).

Essa visão de Hobsbawm (1997) pode se relacionar com o Colégio Lourdinias pelo desejo de perpetuação de uma tradição que proporciona a esta instituição a possibilidade de ser modelo para várias gerações. Nesta concepção, o passado, que pode ser real ou forjado, tende a impor práticas fixas como a repetição. Os costumes são vistos exercendo a função de motor e de volante. É válido destacar que, apesar de não impedir mudanças, é “tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade história [...]” (HOBBSAWN, 1997, p.10).

O saudosismo presente no discurso das pessoas que fizeram parte dessa instituição e também a ênfase nos valores religiosos são capazes de explicitar uma busca por apresentar valores e normas a serem seguidos sem questionamentos. Assim há, notoriamente, a presença de um estudo pautado na tradição e em uma pedagogia condizente com este pensamento.

A ênfase no passado e na tradição institucional torna perceptível que, no interior dessa cultura escolar, apesar de primar por algumas inovações, não se deixa de se evocarem valores e normas transmitidas pelos antepassados. Cada livro comemorativo traz consigo depoimentos de avós e de mães que matricularam seus filhos por uma questão de confiar na tradição desse Colégio que, até 1999, se direcionava à educação religiosa de meninas.

Por pedagogia tradicional entende-se o “agrupamento de assuntos para serem memorizados ou um conjunto de exercícios para serem praticados à exaustão” (AHLERT, 2004, p.288). Nela, está presente a seguinte estrutura: “transmissão, verificação e registros de conteúdos” (AHLERT, 2004, p.292).

Esse tipo de ensino responsabilizava o aluno pelo seu processo de aprendizagem, uma vez que, nesta perspectiva, aprender o conteúdo após a exposição deste por parte do professor depende da sua vontade. Situação perceptível em alguns detalhes: a) na disposição das cadeiras do Colégio Lourdinias, colocadas em fileiras, em nível um pouco abaixo do local onde se coloca o professor b) nos discursos de freiras, padres e até ex-alunas, pois frisam em seus depoimentos a figura do professor como o transmissor do conhecimento, logo dono do saber; c) e a necessidade de um esforço contínuo por parte das alunas que está presente nas orientações das agendas escolares.

O ensino católico tende a desenvolver uma proposta tradicional no Brasil desde o período Colonial, a partir da atuação dos jesuítas. Esse modelo educacional foi construído a partir de uma proposta cristocêntrica e contou com o apoio de algumas famílias e também dos políticos. É tanto que, no período imperial, a introdução de um ensino laico no Seminário de Olinda, por Azeredo Coutinho, incomodou os grupos mais tradicionais da Igreja Católica que

discordavam das ideias liberais ali introduzidas. Predominava, nesse período, uma educação de cunho aristocrático que preparava a elite. (AZEVEDO, 1976).

Após a Constituição de 1891, a Igreja devia:

[...] através de um discurso calcado na manutenção da tradição e na união da família, procurar sensibilizar a sociedade brasileira. Evidentemente, num país em que a quase totalidade da população sempre se declarou católica e onde, durante muito tempo, a Igreja foi a única responsável pelo código moral e ético disponível no país, a sociedade podia ser considerada como uma forte aliada (BOSCHILIA, 2000, p.2) de quem? Da Igreja? A citação não completa a informação?

Essa preocupação estava na visão de que a defesa da escola pública, proposta pela Constituição Federal de 1891, comprometia a hegemonia católica no campo educacional e religioso e também poderia afetar a autoridade espiritual da instituição. Como, nessa época, se reservou à União o direito de criar instituições de ensino superior e secundário, para os estados, portanto, coube a responsabilidade de prover e legislar sob a educação primária. Essa descentralização favoreceu a Igreja, que fez sua política junto aos governos estaduais menos radicais em relação ao clero (BOSCHILIA, 2000). Sobre esse período, Sturz (1995, p.449) afirma que:

Na Constituição de 1890, a Igreja e o Estado foram separados no Brasil. Embora a Igreja tenha resistido a isso com todas as suas forças, provavelmente foi a melhor coisa que lhe pode ter acontecido. Livre da tutela do Estado e incapaz de exercer influência, a Igreja teve a oportunidade de voltar-se para a liderança Romana e desenvolver-se como uma religião. No fim do Império, havia somente 12 dioceses no Brasil. Dez anos depois o número subiria para 52. Em 1966 havia 243 prelados em 230 dioceses.

O apoio do governo estadual era perceptível, pela pretensão política de manter o sistema escolar⁷ dentro de suas funções conservadoras e para garantir sua própria estabilidade governamental. Isso ocorria não apenas pela proteção da família e da Igreja mas pela busca por conter o projeto nacionalista que viesse a se contrapor à sua dominação. Existia, pois, uma relação amistosa entre a maioria dos políticos e as autoridades eclesiásticas (BOSCHILIA, 2000). Isso favoreceu a propagação de um ensino católico destinado a um público seletivo que primava pela proposta cristocêntrica na educação de seus filhos.

⁷ Prática observável com a chegada das Irmãs Lourdinias em João Pessoa e a relação amistosa entre elas e os políticos locais, como veremos no capítulo seguinte.

Diante desse apoio, é tangível um esforço contínuo de se manter no meio educacional a partir de uma proposta cristocêntrica. “Daí a elaboração de estratégias para sua efetiva divulgação e ou implantação em dadas épocas e circunstâncias” (SILVA e SANTOS, 2012, p.77). Sobre essa resistência da Igreja Católica, Saviani (2013, p. 179) comenta que:

[...] o processo de mobilização da Igreja Católica preencheu as duas condições que define para caracterizar a resistência ativa, a saber: a) quanto à forma, a exigência de que a resistência se manifesta não apenas individualmente, mas por meio de organizações coletivas; b) quanto ao conteúdo, a formulação de alternativas às medidas em vigor.

As Escolas, neste contexto, foram consideradas como instituições que passaram pelo processo de recatolização doutrinária. Entre os anos de 1889 a 1937, foi registrada a presença de Colégios internatos vinculados a Congregações Religiosas na Paraíba que criticavam princípios educacionais que não estavam alinhados a qualquer credo e, especialmente, à Igreja Católica. Entre tais Colégios estão: Colégio N. S. das Neves (1895, João Pessoa); Colégio Diocesano Pio X (1894, João Pessoa); Colégio Santa Rita (1907, Areia), Colégio Sagrado Coração de Jesus (1932, Campina Grande), Escola Normal e Gratuita (1922, Bananeiras), Colégio N. S. Lourdes (1928, Cajazeiras), Colégio N. S. Rosário (1922, Alagoa Grande) (SILVA e SANTOS, 2012)

O apoio de Dom Adalto de Miranda Henriques é uma peculiaridade que se aproxima da partida das Irmãs Lourdinas para a Parahyba do Norte, depois também com o apoio de Dom Moisés Coelho.

As instituições educacionais religiosas acima citadas, além de terem a perspectiva da pedagogia tradicional como foco, apresentavam/ainda apresentam uma cultura escolar que lhe era/é peculiar. Partindo para um olhar sobre a cultura local, percebeu-se a articulação entre as famílias, o Estado e da Igreja, para que essas instituições católicas fossem aqui introduzidas para atender especificamente a um público que primasse pela educação tradicional religiosa.

Assim, a cultura escolar pode ser considerada como aporte para estudar a cotidianidade do espaço interno das práticas escolares (GONÇALVES e FARIA FILHO, 2005, p. 31). Foi preciso, no entanto, para essa abordagem:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, e por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na

sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. (MAGALHÃES, 1999, p. 2).

Essa abordagem permitiu abrir espaço para uma compreensão da dinâmica interna do espaço escolar, levando em consideração também que os “Processos educativos são parte de um processo cultural mais amplo” (GONÇALVES e FARIA FILHO, 2005, p. 32). Dessa forma, apontou-se para uma necessidade de se estudarem as instituições escolares para além das lógicas internas, pois essas instituições estão inseridas na sociedade e repercutem na própria convivência de grupos sociais, já que:

No seu interior existe uma cultura em processo de formação que, ainda que possa ser considerada particular, pela especificidade das variadas práticas dos sujeitos que ocupam esse espaço, articula-se com outras práticas culturais mais amplas da sociedade (GONÇALVES e FARIA FILHO, 2005, p. 32).

No caso do Colégio Lourdinias, não se pode deixar de levar em consideração para quem foi destinado o modelo educacional ali implantado bem como o fato de que este modelo de ensino tratou de uma educação pautada em uma lógica católica que esteve sob o direcionamento de religiosas.

No seio desta cultura escolar, cujo fundamento religioso católico apareceu na condução das atividades diárias, observou-se como este se fez fundamental para a manutenção da disciplina dos chamados corpos dóceis, cuja leitura foucaultiana teve lugar especial.

Olhando a cultura escolar com base no estudo dos disciplinamentos explorados na obra *Vigiar e Punir*, de Foucault (ano), percebeu-se como a estrutura de um convento influencia na estrutura da escola e nas práticas ali observáveis. Destacam-se aqui os Conventos por terem sido o ambiente cujo modelo educacional foi o mais vivenciado pelas Irmãs que estiveram à frente das escolas católicas da Paraíba. A rigidez dos horários e as exigências de um comportamento exemplar, presente nos discursos de cada pessoa que fez parte desse cotidiano escolar, faziam parte, então, como pano de fundo, de um modelo educacional inspirado na estrutura dessas instituições religiosas. Coube aqui pensar que:

O olhar para as práticas cotidianas da escola fixa-se nos acontecimentos silenciosos de seu funcionamento interno. Silenciosos seja pela ausência de documentos, ou documentos pouco conservados, seja, ainda, por não terem sido encontrados (GONÇALVES e FARIA FILHO, 2005, p. 33)

A ausência de documentos de um ensino pautado na tradição e no modelo católico requereu um olhar criativo para as entrelinhas das poucas fontes disponibilizadas. Cada fala, cada ênfase ao ensino tradicional e apelo à rigidez disciplinar assinalam traços dessa cultura escolar que não pode ser desvinculada do contexto educacional paraibano, pois, como se observou aqui, não foi apenas o Colégio Lourdinias que teve o apoio das famílias, da Igreja e do Estado para a sua consolidação – que também deriva de uma política de recatolização presente no país como um todo após a Constituição de 1891.

Enfim, unem-se aqui os conceitos de cultura escolar e de ensino tradicional, por considerar a sua interdependência, já que não se pode falar de práticas do cotidiano escolar sem destacar o peso da tradição presente nas falas e na própria estrutura educacional da instituição. Da mesma forma, seguiu-se à análise, pensando nos significados de uma instituição escolar que também requereu um olhar cauteloso para as suas particularidades, as quais precisaram ser pensadas em diálogo com o estudo da memória, já que foi possível investigar as falas daqueles que fizeram parte do contexto escolar sob análise.

2.3 INSTITUIÇÃO ESCOLAR E MEMÓRIA COLETIVA: CAMINHOS PARA UMA DISCUSSÃO DE UMA EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Os conceitos de instituição escolar e de memória coletiva foram fundamentais para o presente trabalho, pois promoveram uma reflexão profunda do Colégio Lourdinias enquanto instituição educacional e seu significado para um grupo de pessoas, a partir da perpetuação de sua memória em falas de ex-alunas que lá estudaram. Assim,

[...] a perspectiva de análise da História das Instituições Educacionais almeja dar conta dos vários sujeitos envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, por meio da busca da apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos (GATTI JÚNIOR, 2007, p. 184).

Para se conseguir captar a multidimensionalidade necessária na pesquisa da história das instituições escolares, coube uma pesquisa profunda sobre os diversos aspectos da instituição, que incluíram as memórias dos seus atores sociais, as fotografias concedidas, as mudanças arquitetônicas e o seu aparato legal.

Entende-se aqui instituição como “sistema de práticas com seus agentes e com os meios e instrumentos por eles operadas tendo em vista as finalidades por elas perseguidas” (SAVIANI, 2005, p. 28). Diante de tantas fontes aqui analisadas, buscou-se compreender quem foram esses agentes que operaram nesta instituição escolar, que meios e instrumentos utilizaram e quais as finalidades por eles perseguidas. De forma específica:

No plano histórico, uma instituição educativa é uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos, mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projectando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais. É um lugar de permanentes tensões. As instituições educativas são projectos arquitectados e desenvolvidos a partir de quadros sócio-culturais (MAGALHÃES, 1998, p. 61-62).

A princípio, identificaram-se na documentação referente ao Colégio Lourdinias os seguintes aspectos: a) as famílias mais interessadas que lutaram para que esta instituição fosse aceita; b) os mais diversos recursos para que ela se consolidasse; c) e o notório anseio de um grupo prestigiado que queria uma educação religiosa destinada as suas filhas.

Isso ocorre no momento em que foi pensada ainda a ligação da instituição escolar com a Igreja Católica, já que tal instituição forma as alunas religiosamente também ao ofertar catequese e educação católica e ao dedicar um capítulo para apresentar a ocupação profissional de ex-alunas do Colégio Lourdinias no decorrer das décadas de 40 a 90.

A instituição tem como características fundamentais o fato de ser criada para permanecer atuante e pela capacidade de satisfazer às necessidades humanas. Particularmente, a criação do Colégio Lourdinias na Parahyba do Norte tem o intuito de ser basilar na educação religiosa feminina, satisfazendo às necessidades e interesses de algumas famílias locais.

Na ótica de Buffa (2005), as instituições escolares são impregnadas de valores de época, cabendo ao pesquisador realizar uma interpretação que não é apenas descritiva. Nesta perspectiva, Werle (2007) destaca como o texto explorado é repleto de intencionalidades que precisam ser consideradas.

Tanto a visão de Buffa (2005) como de Werle (2007) fazem pensar, metodologicamente, como se deve ter cautela ao se acessar uma documentação, refletindo nesta como repleta de intencionalidades. Para tanto, a cada instante que se menciona um determinado documento, busca-se compreender os motivos pelos quais um ator social tem um posicionamento diante de algumas questões presentes no cotidiano escolar. Fontes como o Relato de Fundação e a Revista Flama apresentam, por exemplo, posicionamentos religiosos, que explorados, baseando-se em Foucault e em Chartier, permitiram uma visão ampliada daquilo que não está aparente, que

reflete os valores de uma época bem como denunciam um único discurso vindo de diversos sujeitos.

Essa forma de agir perante a documentação, penetrando nas entrelinhas do discurso desses atores sociais, permite ir além do caráter descritivo e romanceado presente nas fontes oferecidas pelas Irmãs que propagam para seus alunos a ideia de um passado heroico que, visto a contrapelo, traz à baila novas possibilidades de interpretação de um determinado documento.

Assim, compor narrativas de diferentes momentos de existência da instituição escolar é papel do estudioso da história das instituições escolares (WERLE, 2007). Esse estudo se justifica, porque:

Os historiadores, dentre outras razões, apontam que suas preocupações não são apenas as de registrar o passado e/ou o presente, por meio de uma narrativa baseada em fontes, mas de compreender e interpretar a própria educação praticada em uma dada sociedade e que se utiliza das instituições escolares como um espaço privilegiado para executá-la. A singularidade das instituições educativas mostra e esconde como ocorreu e/ou ocorre o fenômeno educativo escolar de uma sociedade (grifos da autora, SANFELICE, 2006, p.24).

O “mostrar” e o “esconder” do fenômeno educativo, no caso específico do Colégio Lourdinhas, está presente no silenciamento das fontes e nas pequenas aberturas, cuja intencionalidade, provavelmente, foi a de trazer para a academia apenas uma memória heroica. Daí a relevância de um arcabouço teórico capaz de ir além daquilo que é divulgado pelas freiras no momento em que, por exemplo, na fala presente de cada documento romanceado são perceptíveis as marcas das relações de subordinação.

Tal estudo foi possível apenas a partir das fontes concedidas pelas Irmãs e por algumas ex-alunas e funcionárias que, ousadamente, forneceram documentos sobre a instituição. Sobretudo, destacaram-se aqui as seguintes características, fundamentais na compreensão de uma instituição escolar.

1. Origem, criação, construção e instalação; 2. Prédio (projeto, implantação, estilo e organização do espaço); 3. Mestres e funcionários (perfil); 4. Clientela (alunos, ex-alunos); 5. Saber (conteúdos escolares); 7. Evolução; 8. Vida (cultura escolar: prédio, alunos, professores e administradores, normas). Vinculam-se a estas categorias, evidentemente, outras, como a de organização e vida econômica, política e cultural da cidade e, sobretudo, o destino profissional dos alunos (GATTI JÚNIOR, 2007, p.186).

Os itens 1 e 2 mencionados por Gatti Júnior (2008) estão presentes nos dados contidos no Relato de Fundação da Instituição que foi escrito para a Madre Provincial no ano de 1943. Os atores sociais apresentados nos itens 3 e 4 foram refletidos a partir do Relato de Fundação,

da Revista Flama, do livro (não publicado) da diretora Rosana Valéria e também nos livros comemorativos de 50 e 60 anos da instituição, que contêm depoimentos indicativos deste público em questão. O livro de Rosana Valéria contemplou ainda os itens 7 e 8 no momento em que revelou as mudanças do prédio, o número de alunos no decorrer das décadas. Da mesma maneira, as regras institucionais foram encontradas, especialmente, nas agendas escolares dos anos 80 e 90, que, com linguagem acessível, apresentava aos alunos suas obrigações e normas a serem seguidas. A organização, vida econômica, política e cultural da cidade foram vistas através do Relato de Fundação e dos jornais da época, que contêm informações sobre o que estava ocorrendo naquele período. O aparato legal também foi fundamental nesta discussão, a fim de se compreenderem as regras da instituição, pautando-se no que estava previsto nacional e localmente para todas as demais instituições. O destino das alunas foi refletido a partir de uma pesquisa sobre os depoimentos em livros comemorativos ou em redes sociais⁸, pois, a partir do seu nome completo, conseguiu-se ter acesso ao seu currículo profissional e ainda sobre a sua própria família.

Assim, as fontes oferecidas foram capazes de gerar uma reflexão sobre um passado, tão omitido pelas religiosas, e as relações de poder existentes desde o próprio surgimento da Congregação.

[...] a riqueza dos resultados de uma investigação, no âmbito da História das Instituições Escolares, provém tanto da capacidade de análise do pesquisador, de seu conhecimento amplo do contexto histórico e social que deu origem e possibilitou a continuidade do funcionamento de uma escola, quanto do conjunto de evidências a que o pesquisador consiga ter acesso ou mesmo do número de depoimentos que consiga recolher, com a correspondente construção de documentos, em prol da compreensão da realidade pedagógica vivenciada na instituição escolar ou no conjunto de escolas que está a examinar (GATTI JÚNIOR e GATTI, 2015, p.353).

Com grande dificuldade, as fontes aqui mencionadas permitiram que se refletisse sobre o sentido da criação de uma instituição, suas particularidades e suas mudanças estruturais no decorrer de uma época. O cuidado metodológico permitiu desvendar o não dito, a resistência e a particularidade do Colégio Lourdinhas em relação as outras escolas. Isso se justifica porque:

Não é incomum encontrar instituições sem registros de seu passado, desprezando-o; com lapsos de documentação referentes a longos períodos ou nas quais uma ou outra pessoa domina a documentação apropriando-se da memória institucional como se fosse proprietária do passado institucional do qual muitas vezes nem foi ator ativo. (WERLE, 2004, p.110)

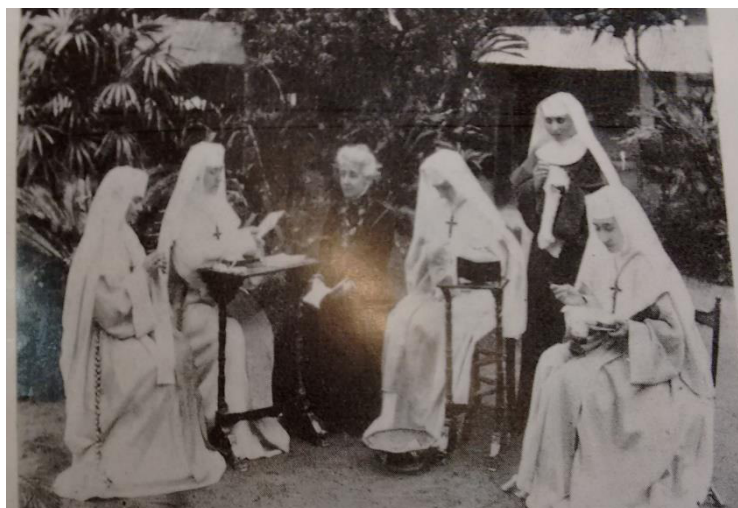
⁸ Na rede social Orkut há uma comunidade dedicada às ex-alunas. Nela, abre-se um fórum voltado para alunas que estudaram na década de 50 e é lá que elas estabelecem uma comunicação entre si.

Como um quebra-cabeça, foi-se, paulatinamente, “montando” a história do Colégio Lourdinhas pensando nas omissões, silêncios e falas entrecortadas, de modo que se iniciou o capítulo 3 pela própria fundação da Congregação Nossa Senhora de Lourdes, por expressar consigo uma lógica religiosa de submissão e resistência por parte das principais lideranças religiosas da instituição estudada, ou seja, as freiras e as lideranças religiosas masculinas.

Neste sentido, estas fontes/testemunhos do sensível de um outro tempo reforçariam a ideia de que o conhecimento do passado é sempre indireto, tato de aproximação com uma ausência e uma lacuna que se quer preencher. Mesmo que se admita que a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, não só pelo método, mas sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado, onde os homens sentiam e agiam de forma diferente (PESAVENTO, 2005, p.132).

A chegada de freiras no Rio de Janeiro a pedido da Baronesa do Ibirá-Mirim permite se compreender que, o próprio egresso das religiosas ao Brasil, com o apoio de algumas famílias, sinaliza a que público elas estariam destinadas. Essa documentação disponível no Instituto de Petrópolis, no Rio de Janeiro, levou a pensar que as próprias freiras paraibanas que lá estudaram também faziam parte de famílias com condições financeiras privilegiadas, que destinavam as filhas ou para a vida religiosa ou para o casamento (ALGRANTI, 1993). De imediato, pode-se apresentar uma fotografia do Livro Centenário de Lourdes (1963, S/d) que registra a baronesa do Ibirá-Mirim em companhia das Irmãs fundadoras de Petrópolis-RJ atenta ao que uma das freiras estava lendo.

Figura 1- Baronesa do Ibirá-Mirim com Irmãs de Petrópolis



Fonte: (BOAS, 1963, s/d)

Essa análise também foi contemplada no capítulo seguinte para dar ao leitor uma ideia do percurso feito pelas religiosas até chegar a Parahyba do Norte. As freiras parecem dar total atenção à baronesa, que demonstrava empenho para que elas aqui permanecessem.

O Relato de Fundação do Colégio Lourdinhas possibilitou que, após se conhecer sobre a história da Congregação N. S. Lourdes e a chegada de algumas freiras no Rio de Janeiro, se verificasse todo o apoio de algumas famílias pessoenses e a luta para que elas tivessem um local adequado para melhor acomodar as suas filhas como alunas. Este relato contém informações até o ano de 1943. Este foi alvo de análise nos capítulos 2 e 3, pois indicam tanto a chegada das Irmãs em território paraibano como também as questões de ordem administrativa elucidadas/apresentadas no capítulo quatro. Especificamente, o Relato de Fundação tem como característica peculiar o fato de se tratar de um Relato de Viagem em que as freiras descrevem os detalhes da sua chegada em João Pessoa. Assim:

Consideramos que os relatos de viagem possam subsidiar o trabalho do historiador de uma maneira bastante diversa de qualquer outro tipo de registro documental, porque eles trazem uma especificidade única: são produzidos com uma intencionalidade que não deixa dúvidas sobre a importância do eu como narrador. (PIMENTEL, 2001, p. 98)

A intencionalidade de trazer para a Madre notícias da viagem e da chegada em João Pessoa revestem essa análise de um cunho basilar, pois assinalam as falas de sujeitos que fazem parte da fundação do Colégio estudado, ou seja, são as vozes das freiras, para demonstrar como todo o seu discurso religioso e romanceado precisa ser minuciosamente investigado para que se compreenda a tessitura das relações sociais e históricas desse grupo nesse período. É interessante destacar neste relato o fato de estar direcionado à Madre, pois “antes de qualquer coisa, devemos nos perguntar quem é o escritor do relato ou quem “ele quer ser” (JUNQUEIRA, 2011, p.47). Assim, este relato foi preconizador também da imagem que as religiosas buscavam apresentar para alguém que estava em um lugar de superioridade na hierarquia, ou seja, a Madre.

As lacunas dos anos posteriores foram preenchidas a partir de um livro não publicado pela Irmã Valéria, que prenuncia as mudanças estruturais da instituição e número de alunos no decorrer das décadas de 40 a 90 do século XX. Além disso, a Revista Flama traz aspectos dos anos 50 que são indicadores das práticas pedagógicas da instituição e traz cenas do cotidiano peculiares de uma época. O caderno e o boletim de uma ex-aluna mostram para o leitor a educação para o lar, própria desse período, e a sua matriz curricular. As agendas escolares dos

anos 80 e 90, unidas aos depoimentos de ex-alunas e professoras, possibilita que a pesquisa consiga vislumbrar cenas do cotidiano dessa instituição. Todas essas fontes serão objeto de reflexão também no capítulo 4, por apresentarem administrativa e pedagogicamente cenas do espaço escolar.

Os depoimentos de mulheres dos anos 50 e 60 presentes na rede social Orkut também ilustram um pouco deste cotidiano – o depoimento de duas ex-alunas que estudaram dos anos 40 a 60 também iluminam esta pesquisa. O olhar específico para pais de alunos e ex-alunos estará presente no capítulo 4, a fim de se esclarecer ao leitor como os estudantes recebiam a educação oferecida pela instituição.

Identifica-se, a partir de toda essa massa documental esmaecida, alguns atores sociais que foram de fundamental importância na compreensão do cotidiano escolar de uma instituição. Assim, apresentam-se aqui as diretoras da instituição no decorrer de 60 anos, ressaltando-se, especialmente no discurso de cada ex-aluna, a sua rigidez e a forte base religiosa da instituição a qual aqui estudamos. Alguns depoimentos de ex-alunas que estudaram em décadas distintas também foram explorados, a fim de se compreender o significado da instituição para cada geração. Um público alvo que se destacou ainda foi o das ex-professoras do Colégio Lourdinias. Como foram alunas, atentou para a escolha dessas profissionais tendo em vista terem conhecimento das principais regras do referido Colégio. Também se trouxe, no decorrer de cada década, o discurso das famílias, que tradicionalmente matriculavam filhos e netos nesta instituição, a fim de se conhecerem as motivações para sua perpetuação como investidores na pedagogia da escola em estudo como prática corriqueira e o significado deste Colégio para além de conhecimentos formais. Os depoimentos de algumas freiras e padres foram fundamentais na compreensão das regras institucionais e na forma como se assegurava a submissão das freiras aos ditames da Igreja Católica.

O quantitativo de alunos e as mudanças estruturais da instituição, unidas às leituras de espaço escolar e ao aparato legal da época, serviram para compreender como funcionava a instituição, suas principais adequações, a fim de se adaptar à realidade do público feminino católico que usufruía de seus serviços escolares.

Sem o arcabouço teórico de autores como Foucault, Benjamim e Certeau, todos os documentos estariam limitados a um amontoado de informações, cujos micropoderes passariam imperceptíveis. Foi necessário, portanto, um olhar aguçado para cada uma das pistas oferecidas pelas Irmãs e funcionárias da instituição, levando em consideração ainda que:

Uma instituição escolar avança, projeta-se para dentro de um grupo social. Produz memórias ou imaginários. Mobiliza ou desmobiliza grupos de pessoas e famílias; assinala sua presença em comemorações, torna-se notícia na mídia, ou seja, é muito, mas muito mais mesmo do que um prédio que agrupa sujeitos para trabalharem, ensinarem, aprenderem (SANFELICE, 2006, p.25).

A capacidade de esta instituição produzir memórias viabilizou a possibilidade de se dar a ela um sentido amplo, pois, para além dos ensinamentos das disciplinas didáticas, o Colégio exerceu e exerce uma relação direta com a história das pessoas que lá conviveram, ou seja, as famílias e os funcionários da instituição. Sobre isso, Le Goff (1990, p.423) esclarece que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Aqui, esta atualização de impressões ou informações passadas foi pesquisada nos depoimentos de ex-alunas da instituição, professoras e religiosas e contribuíram para que se estudasse o passado dessa instituição escolar a partir do discurso desses sujeitos tão pertinentes a esse estudo, ao se levar em consideração que: “Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual (LE GOFF, 1990, p.206)”.

Assim, a relevância deste olhar está na compreensão de que “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p.426).

Essa memória retraída, no caso específico da instituição aqui estudada, pode ser identificada no romanceamento das falas, mas apenas nas entrelinhas do discurso. Em sua superfície, entretanto, essas falas procuraram transmitir a ideia de que a instituição primava por ordem e disciplina e apresentava um modelo educacional rígido, a que as estudantes precisavam se adequar.

O transbordamento dessas memórias esteve em cada colocação feita pelos sujeitos daquela época os quais remetem a regras institucionais e ao cotidiano escolar e que significam o tipo de educação ali implantado.

As comemorações e os noticiários da mídia presentes nessa produção de memória permitiram que se pudesse conhecê-la em sua particularidade. Para tanto, foi relevante compreender que:

Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou e de muitas outras coisas. Mas o essencial é tentar responder à questão de fundo: o que esta instituição singular instituiu? O que ela instituiu para si, para seus sujeitos e para a sociedade na qual está inserida? Mais radicalmente ainda: qual é o sentido do que foi instituído? (SANFELICE, 2006, p.24)

Os questionamentos supracitados fizeram refletir sobre a complexidade do trabalho com instituições escolares, pois exigem do pesquisador o conhecimento sobre o que de fato o Colégio instituiu, o seu significado para a sociedade e o sentido da sua construção. O aparato de Halbwachs (2006) e de Foucault (2014) leva a refletir sobre as memórias desses atores sociais, a repressão silenciosa dessas relações e a resistência presente de forma quase imperceptível em algumas falas.

É interessante destacar que as falas individuais das mulheres que foram alunas exprimem a memória de um grupo que lá estudou. Baseando-se na leitura de Halbwachs (2006), pôde-se compreender como as emoções, os sentimentos, as ideias e as reflexões, apesar de parecerem próprios daquilo que é sentido por uma única ex-aluna, é compartilhado por várias gerações que têm em comum o fato de terem estudado no Colégio Lourdinias.

Os conceitos de instituição escolar e de memória permitiu que se aprofundasse a análise sobre o Colégio Lourdinias no momento em que esclarecem o significado de se ter algo instituído na educação e direcionado a um grupo específico e, concomitantemente, viabiliza a compreensão de como as falas de ex-alunas servem como fontes que expressam cenas de um espaço escolar com características peculiares – já discutidas no item anterior: o foco na proposta cristocêntrica e a ênfase no ensino tradicional.

Essa instituição ocupa um lugar especial de memória para a história da educação paraibana no momento em que preconiza o passado de diversas gerações que ali estudaram e que buscaram no modelo educacional religioso feminino um lugar ideal para educar suas filhas.

Enfim, observaram-se no decorrer das décadas de 40 a 90, as especificidades do Colégio Lourdinias, dando destaque especial ao seu caráter religioso, feminino, pensando a instituição de uma forma ampla, ao vê-la como tendo à sua frente freiras marcadas pelos ideais de uma

Congregação Mariana, que precisou sofrer alterações ao longo dos anos para satisfazer às necessidades do seu público. Sobre a Congregação N. S. Lourdes, a chegada ao Rio de Janeiro e na Paraíba, dedicou-se o próximo capítulo.

3 LOURDES E O SURGIMENTO DO MODELO EDUCACIONAL DO COLÉGIO LOURDINAS DA PARAHYBA DO NORTE

Para se compreender com profundidade os aspectos socioculturais e religiosos que movem o Colégio Lourdin, em João Pessoa, cabe aqui uma análise do início da fundação da própria Congregação da Imaculada Conceição de N. S. Lourdes, pois esta fundação esclarece seus princípios, suas ações sociais e as relações entre freiras e lideranças religiosas masculinas que foram, paulatinamente, se sedimentando no comportamento das futuras educadoras que aqui estiveram.

Assim, discute-se, aqui, como essas Irmãs se relacionavam entre si e com as autoridades eclesiais da Igreja. Destaca-se, especialmente, a Madre Fundadora, Eugenie Ducombs, seu afastamento por parte do diretor, Pe. Peydessus, e a comunicação com o Cardeal Piccirillo, pois expressam cenas do cotidiano da época. Para tanto, o livro *Vida da Venerada Madre Maria de Jesus Crucificado*, de Félix Tournier (1984), voltado para a vida da Madre Maria do Jesus Crucificado, contém documentos que apresentam o cenário da época e que foram fundamentais para a compreensão deste contexto. Também foram encontrados em sites, textos e trabalhos escolares do Colégio Lourdin informações relevantes sobre o cotidiano das religiosas.

Os aspectos em discussão no decorrer deste trabalho foram reveladores do pensamento católico que conseguiram fundamentar a lógica internalizada do discurso das Irmãs que chegaram ao Brasil, embarcando no Rio de Janeiro e, posteriormente, integrando-se ao grupo de Irmãs destinadas a João Pessoa.

3.1 A FREIRA, O CONVENTO E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA: HISTÓRIAS, SIGNIFICADOS E PERTENCIMENTOS

Considerando que a educação promovida pelo Colégio Lourdin tem à sua frente mulheres freiras, busca-se aqui o significado de ter como liderança uma mulher religiosa. Para tanto, cabe neste trabalho ressaltar o processo de isolamento social em oposição ao casamento, presente desde o início das primeiras comunidades cristãs, com a presença dos primeiros mosteiros⁹ femininos.

⁹ Os mosteiros, do grego *monatérion*, significa viver só, ou seja, mantém consigo o ideal de vida contemplativa sob a liderança de um abade ou abadessa. Geralmente eram construídos fora do povoado. As pessoas que ali adentravam eram denominadas de monges ou monjas e residiam nas abadias. Já a palavra convento vem do latim

Sobre essas mulheres que adentram os monastérios, percebe-se, a princípio, que elas passam por um processo de separação do mundo, que é “pelo menos teoricamente, total e definitiva em resultado da renúncia aos bens e aos prazeres do corpo” (CASA GRANDE, 1990, p. 125). Considera-se, ainda que:

As mulheres guardadas são amadas e protegidas como um bem inestimável, escondidas como um tesouro frágil e precioso, vigiadas como um perigo imanente, encerradas como um mal de outro modo não evitável. Esta série complexa de intervenções vão da repressão mais rígida ao cuidado mais amoroso, deve ser praticada desde a infância e, portanto, acompanhar a mulher, seja ela leiga ou religiosa, em todas as fases de sua vida (CASA GRANDE, 1990, p.121)

Há um perceptível desejo de controlar as mulheres e uma visão sobre elas como sexo frágil. Para os monastérios, Casa Grande (1990) aponta que eram destinadas às mulheres consideradas como menos atraentes ou desonradas. O pai precisava cobrar pelo dote de cada uma delas – a vida religiosa funcionava como uma alternativa interessante para legitimar a função social de suas filhas.

Desde o ano de 640, há registro dos primeiros Conventos em Veneza, na chamada área da laguna. Neste período, a comunidade beneditina¹⁰ de San Giovanni Evangelista foi fundada na Ilha de Torcello. O processo de expansão dessas Casas ocorreu a partir do século IX, quando tiveram origem algumas comunidades esquecidas e também as famosas casas de San Zaccaria e San Lorenzo (LAVEN, 2003).

Ainda nos séculos VII e VIII, foi registrada também a construção de instituições femininas por todos os lados, sob a intercessão dos chamados homens da religião. No ano de 755, o Concílio de Verneuil estabeleceu que tais mulheres poderiam seguir ou a regra beneditina ou a ordem canônica. O incentivo ao claustro era tão intenso que abadessas ou outras religiosas apenas podiam deixar a comunidade se convocadas pelo rei (WEMPLE, 1990).

Entre o século IX ao XI houve um incentivo à clausura das monjas na Gália e na Itália. As monjas passaram a fazer votos de obediência, castidade e pobreza para entrar no mosteiro (WEMPLE, 1990). Paulatinamente, os mosteiros foram adquirindo especificidades de funcionamento, que estabeleciam para as mulheres que ali adentravam regras de comportamento condizentes àquelas que se voltaram para a vida religiosa.

Carlos Magno ordenou que fossem construídos claustros nos mosteiros. É, portanto, a valorização de isolamento social presente na visão medieval sobre a vida religiosa e que estava

conventum e significa ajuntamento e está diretamente relacionado à vida comum. Frades (irmãos) e freiras (irmãs) vivem, portanto, em comunhão.

¹⁰ Santa Escolástica foi apontada como propagadora da ordem beneditina entre as mulheres.

muitas vezes restrita a um público elitizado, pois o critério mais importante de entrada nos mosteiros era a riqueza e não a santidade. Alguns nobres construíam mosteiros em atenção às suas filhas para homenageá-las, quando seus filhos morriam em batalhas (WEMPLE, 1990).

Ainda no século X, tanto mulheres leigas quanto religiosas não podiam tocar nos vasos sagrados ou paramentos consagrados. Isso anuncia a visão sobre as mulheres por parte da Igreja nesse período, já identificando a ideia de exclusão feminina de algumas funções (WEMPLE, 1990).

É interessante refletir, entretanto, sobre o século XII, época em que os mosteiros proporcionaram uma nova perspectiva de vida para as mulheres, pois estas puderam aprender a ler e escrever; tendo os mosteiros como solução, muitas fugiam da violência física dos seus cônjuges, lá, então, podiam viver piedosamente e também fugir de um casamento indesejado (RÉGNIER-BOHLER, 1990). O prestígio social das religiosas também teve outro motivo: “no meio conventual desde há muitos anos as mulheres entregavam traduções e no século XII são numerosos os mosteiros que gozam do prestígio de produzir manuscritos” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p.542).

Sobre o século XIII, Fernandes (1992, p. 18) destaca que “as comunidades religiosas femininas reger-se-ão por estatutos consideravelmente diferentes dos das masculinas, e multiplicar-se-ão por todo o Ocidente” (FERNANDES, 1992, p.18). Há, portanto, uma expansão da vida religiosa neste período e uma estratégia aplicada para dar às mulheres uma função social que não se limitasse ao casamento.

Em Portugal, ressalta-se no século XVI a presença de Conventos que seguiam a ordem Clarissa (FERNANDES, 1992). Isso significa que estes seguiam uma linha franciscana, já que Santa Clara ficou conhecida por propagar a vivência franciscana entre as freiras.

Já no Brasil colonial percebe-se um desinteresse para tais construções, devido ao investimento necessário para viabilizá-las e uma grande quantidade de recolhimentos como forma de compensar a ausência de um local para encaminhar uma mulher da elite que não conseguisse casamento, fosse pela falta de pretendente com condições financeiras equivalente ou por insubmissão. (NUNES, 1994). Padre Malagrida foi o responsável por diversas construções de recolhimentos que não tinham a exigência de votos.

Em 1576, tem-se o registro do primeiro convento erigido por uma mulher da ordem terceira franciscana. Essa construção foi atribuída à Irmã Maria Rosa, em Olinda. Já em 1677, registra-se o primeiro mosteiro do Brasil, localizado na Bahia. Este Convento é Santa Clara do Desterro. Assim, há uma força considerável da ordem franciscana no contexto brasileiro, pois

foi comum aqui a propagação de Conventos seguindo o modelo franciscano ou a Ordem das Clarissas (FERNANDES,1992).

Paulatinamente, esses Conventos foram se solidificando, mas, tal como no contexto europeu, as mulheres da elite tinham maiores oportunidades, já que, mesmo despertando vocações para o isolamento e a vida religiosa, existiram mulheres que precisavam dessa condição de freiras para justificar a ausência de um casamento. Os pais dessas mulheres foram os maiores investidores desse tipo de construção (NUNES, 1994). Situação que não se diferencia muito do Convento de Lourdes que, no século XIX, precisou do respaldo dos padres para que fosse considerado como uma ordem legítima e do apoio de pessoas mais ricas para garantir a sua manutenção, já que as freiras faziam voto de pobreza.

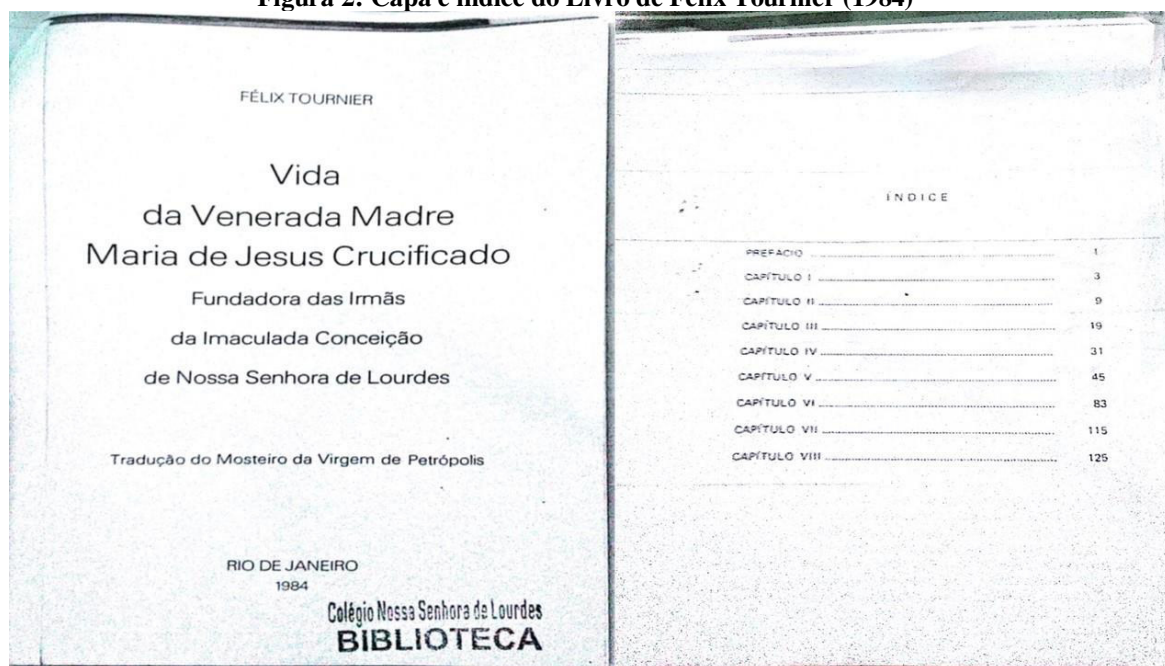
3.1.2 A história da congregação N. S. Lourdes e o egresso das irmãs ao Rio de Janeiro: o livro de Tournier (1984) e o relato de Petrópolis – RJ

O livro *Vida da Venerada Madre Maria de Jesus Crucificado* (1984), de autoria de Félix Tournier, apresenta aspectos socioculturais e religiosos da fundação da ordem religiosa Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Lourdes que foram capazes de explicar sua relevância para o modelo educacional implantado no Brasil e, especialmente, na Parahyba do Norte. Nesse livro, pode-se ter acesso ao conturbado período da Romanização, as hierarquias existentes entre padres, freiras, bispos e o Papa, e às primeiras ideias de Estatuto que serviram de base para as Lourdinas da Parahyba do Norte. Chama a atenção a postura da madre fundadora, no século XIX, que se comunicou por anos com o Cardeal Piccirillo em busca de orientações, principalmente ao ser expulsa da Comunidade.

O livro de Félix Tournier (1984), portanto, é peça chave na compreensão da base religiosa do Colégio Lourdinas, pois, além de narrar a história dessa Congregação, apresenta a falas das freiras, dos padres, dos bispos e do Cardeal da época, as quais detêm uma lógica patriarcal e os valores religiosos que se perpetuam na instituição escolar estudada.

Dividido em oito capítulos, o livro de Félix Tournier apresenta na capa e contracapa o título “Vida da Venerada Madre Maria do Jesus Crucificado fundadora da Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Lourdes” e registra que a responsabilidade da tradução foi do Mosteiro da Virgem de Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1984.

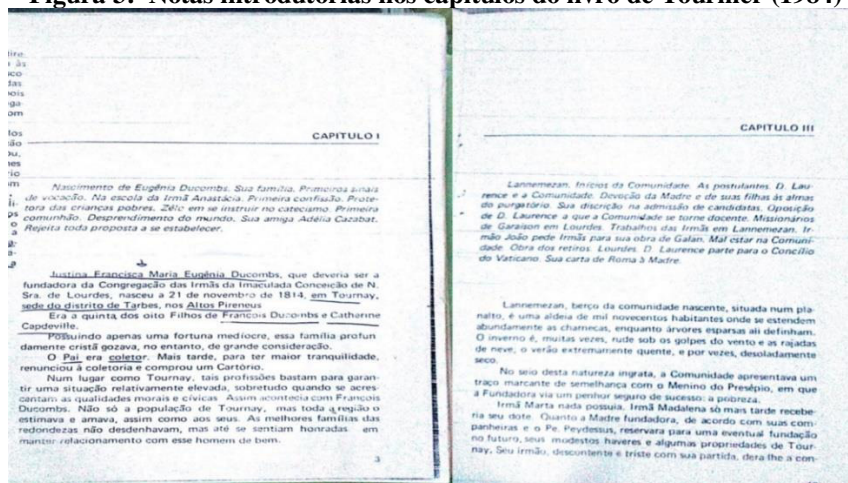
Figura 2: Capa e índice do Livro de Félix Tournier (1984)



Fonte: Tournier (1984)

O primeiro capítulo possui apenas duas páginas; o segundo seis páginas; o terceiro capítulo tem dez páginas; o quarto capítulo possui catorze páginas; o quinto capítulo e o sexto, os maiores de todos do livro, possuem trinta e duas páginas; o sétimo e o oitavo, que finaliza o livro, apresentam dez páginas cada um deles. Ou seja, há uma oscilação quanto ao número de páginas que são ampliadas ao se apresentar o quinto e o sexto capítulo, não obedecendo a uma uniformidade. Os capítulos não têm títulos, mas fazem menções ao que será narrado na abertura de cada um deles, como se pode identificar nos exemplos de capítulos adiante:

Figura 3: Notas introdutórias nos capítulos do livro de Tournier (1984)



Fonte: Tournier (1984)

O capítulo 1 (um) se volta para o nascimento da futura fundadora, a sua família, os sinais de vocação, a sua primeira confissão, sua vivência na escola da Irmã Anastácia, seu catecismo, primeira comunhão e desprendimento do mundo, ou seja, em um olhar, a partir de Certeau (2007), percebe-se a intenção de dar a sua biografia um cunho hagiográfico no momento em que se percebe, em cada parte de sua vida, sinais daquilo que o catolicismo considera como indícios de santidade.

O capítulo 2 (dois) se direciona para a vocação de Eugenie Ducombs, seu irmão que é sacerdote e se chama Pe. Remi, o contato da futura religiosa com o reverendo Pe. Peydessus, as suas viagens a Garaison, o seu noviciado com Elisa Abadie, as aparições em Lourdes e a fundação da obra por Dom Laurence.

O capítulo 3 (três) se volta para o início da comunidade em Lannemezan, a atuação de Dom Laurence e a sua visão sobre a admissão de candidatas, a oposição de Dom Laurence sobre a comunidade se tornar docente, a atuação dos missionários de Garaison em Lourdes, o trabalho das religiosas em Lannemezan, a obra dos retiros, o mal estar na comunidade e a carta de Dom Laurence à Madre Maria¹¹ quando ele parte para o Concílio do Vaticano. É neste capítulo que se consegue verificar os primeiros pontos de tensão da relação entre bispos, missionários e Irmãs.

O quarto capítulo apresenta o trabalho do Vigário de Sens, Dom Pichenot, os conselhos recebidos, a compra da propriedade de Lourdes, o retorno da Madre a Lannemezan, o início das atividades em Lourdes, o auxílio dos padres missionários, a primeira tomada do hábito em Lourdes, a consagração das religiosas para o serviço por D. Pichenot e a união das religiosas.

O quinto capítulo apresenta o diálogo do então Pe. Jesuíta D. Piccirillo com a Madre, a partir de menções as cartas, essas correspondências contribuíram para a propagação do culto de N.S. de Lourdes na Itália, onde o religioso residia. Há também um olhar minucioso para a relação da comunidade com Pe. Sempé, o descontentamento de algumas Irmãs em relação à Madre, o sofrimento da Madre e das suas filhas, a intervenção do bispo, a Peregrinação da Madre e algumas reflexões. É possível, portanto, perceber o cotidiano das religiosas e a peculiaridade das relações.

O sexto capítulo também destaca a troca de correspondências entre o Pe. Piccirillo e a Madre Maria, a demissão da Madre Maria, o pedido das Irmãs para obter a Madre Maria de volta, a fundação de Nimes, o pedido de eleições não aceito, a chegada do bispo Dom Jourdan, a reeleição da Madre e a oposição do Pe. Sempé sem conciliação.

¹¹ A partir daqui a referência à Madre será com o nome de Madre Maria, afinal Madre é título, logo o nome precisa ser registrado. Como o nome é muito longo, opta-se por manter apenas “Maria”.

O capítulo sete (7) narra sobre a situação difícil da Madre Maria em Lourdes, o abandono por todos, a sua ida a Galan, o afastamento definitivo para Tournay, as tardias ações de Dom Jourdan, as últimas ações para garantir a fundação em Nimes e a morte da religiosa.

O oitavo capítulo faz uma menção saudosa à memória da religiosa ao destacar a sua caridade, respeito aos sacerdotes, confiança em Deus e na mãe de Jesus, o respeito por Lourdes, a sua mortificação, o interesse pelas almas do purgatório e a sua obra. Essa finalização novamente pode ser associada com a abordagem hagiográfica de Certeau (2007), pois percebe na religiosa uma vida de santidade, doação e sofrimento próprio de uma mártir da fé.

O livro de Tournier (1984) fez com que se buscassem preencher as lacunas, pesquisando sobre a chegada das Irmãs em Petrópolis para depois, finalmente, chegar ao atual município de João Pessoa, dados estes disponíveis no site¹² da instituição no Rio de Janeiro, em um documento específico sobre este período (LOURDES, 2013). Uma característica interessante foi novamente a questão da história das famílias ricas presentes na chegada das Irmãs ao Brasil e o apoio financeiro daqueles que tinham interesse pela educação religiosa francesa destinada ao público feminino.

O livro comemorativo do aniversário do Instituto Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Lourdes (2013), em Petrópolis, é uma boa fonte de relato sobre como uma das freiras, Madre Therese, educada desde os treze anos em Lourdes, foi escolhida para ser a Madre Provincial da América do Sul e, assim, foi responsável pela vinda de algumas Irmãs ao Brasil. Nesse livro também se relata como a Madre Theresie se articulou junto à Baronesa do Ibirá-Mirim para conseguir donativos. Esta mesma Irmã foi a responsável pelo pedido de implantação do Noviciado Brasileiro, aceito pelo Papa Pio X. Foi a partir deste noviciado que freiras da atual capital paraibana tiveram a oportunidade de ter formação religiosa e de retornar à Parahyba do Norte para implantação do Colégio de N. Sra. de Lourdes.

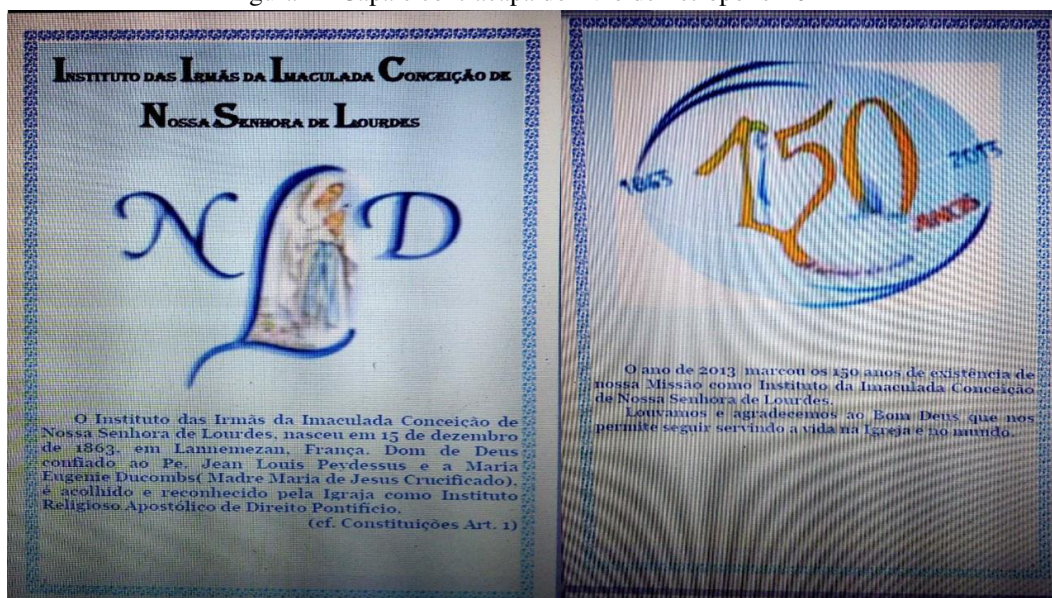
A capa do livro possui o nome Instituto das Irmãs da Imaculada Conceição Nossa Senhora de Lourdes, o símbolo da instituição com a imagem da mãe de Jesus e uma citação do artigo primeiro da Constituição, mencionando a criação do Instituto no dia quinze de dezembro de 1863, em Lannemezan, na França, reconhecido pela Igreja como Instituto Religioso Apostólico de Direito Pontifício confiado ao Pe. Peydessus e à Madre Maria do Jesus Crucificado.

Na Figura 4 da página seguinte vê-se a imagem de um globo, fazendo referência aos cento e cinquenta anos da instituição, no ano de 2013, e a presença da instituição no mundo; o

¹² O site que contém tal documento é: <<http://docplayer.com.br/8579216-Instituto-das-irmas-da-imaculada-conceicao-de-nossa-senhora-de-lourdes.html>>

texto após a imagem diz que esse ano (2013) é marcado por todo esse tempo de missão, seguido de louvação e agradecimento a Deus pela possibilidade de servir à vida na Igreja e também no mundo.

Figura 4 - Capa e contracapa do livro de Petrópolis-RJ



Fonte: Lourdes (2013)

A terceira página tem algumas imagens referentes ao carisma de testemunhar o amor de Deus, como sinal de vida e esperança; ao espírito de Simplicidade e Alegria; à espiritualidade Eucarístico Marial; ao lema “A Cristo por Maria” e à missão da instituição de contemplar Maria como modelo de acolhimento e fidelidade. As imagens são de algumas lideranças, de uma rosa desabrochada, de mãos que demonstram a partilha do pão e da aparição de Lourdes a uma beata.

Na página seguinte se verificam mais imagens que trazem cenas do cotidiano da instituição que se voltam para a assistência às famílias. Em seguida, há a imagem de Eugenie Ducombs, da instituição na França, discutindo parte do início da sua biografia. Na quinta e na sexta páginas, continua-se a narrativa sobre a vida da religiosa, omitindo-se, entretanto, os conflitos da época e informando apenas sua morte em Tournay. Também se traz um pouco sobre a vida do Pe. Peydessus, uma vez que ele também é considerado fundador da instituição. A fotografia do religioso e o prédio da instituição também são apresentados.

Ainda no final da sexta página e início da página sete, inicia-se o relato sobre a história do instituto. Na página 7 (sete) e início da página 8 (oito), se comenta sobre as aparições de Nossa Senhora, a cidade de Lourdes e se ilustram tais relatos com imagens de igrejas e locais onde tais acontecimentos ocorreram.

Nas páginas 8 (oito) e 9 (nove) se informa sobre a chegada do Instituto na América do Sul, apresentando-se mapas que ilustram tal acontecimento. Em seguida, ainda na página 9 (nove), se identifica uma fotografia da Madre Therèsie Silkler e a fundação do Instituto no Brasil. Esse relato segue até a página 19 (dezenove). Chamam a atenção algumas ilustrações presentes nessas páginas. Na página onze, apresenta-se a imagem das Irmãs com a Madre Maria, no ano de 1908, aos pés de Maria. Na imagem consta o nome de cada uma delas. Enquanto todas vestem o hábito branco, a Madre se destaca com o hábito preto. Na página 12 (doze), se apresenta um prédio doado pela baronesa do Ibirá-Mirim e a Casa do Rio de Janeiro que é inaugurada no ano de 1913. Na página treze também se apresenta a Casa de São Clemente. Ao lado se tem uma alusão ao cargo de Madre Therèsie como Superiora Provincial da América do Sul, ou seja, das casas do Brasil, Chile e Argentina e como este local passou a ser sede da Província Sul-Americana. Na página 14 (catorze) se tem uma imagem interna da Casa de São Clemente e se narra sobre as dificuldades para sua aquisição. Na página seguinte, consta a imagem de uma pomba branca, simbolizando a paz, e se faz uma menção de como, em 1932, foi possível se obter o financiamento dessa instituição. Na página dezesseis, menciona-se a casa de João Pessoa e a fundação do noviciado brasileiro na mesma época; há também a imagem de uma rosa desabrochando. Essas diversas flores são identificadas ainda entre as páginas dezessete a dezenove e simbolizam o crescimento dessa instituição por todo o Brasil.

Entre as páginas vinte a vinte e quatro, há uma descrição da vida de Bernadete, vidente que ficou conhecida pela aparição de Nossa Senhora, em Lourdes. Percebe-se, no detalhamento, um caráter hagiográfico da narrativa, que busca mostrar a sua predestinação à santidade desde a infância. Na página vinte, vê-se a imagem dela na gruta de N. S. de Lourdes, do moinho chamado de Boly, do quarto onde ela precisou residir no ano de 1857, dentro de uma antiga prisão denominada de calabouço, a pia batismal onde foi batizada em uma igreja paroquial, que desapareceu. Na página vinte e um, também se tem o registro de imagens significativas como a casa de sua antiga babá em Bartrès, o hospital em que ela estudou e fez catecismo no ano de 1860. No final da página vinte e um e na página vinte e dois, descrevem-se as dezessete aparições de Lourdes. As três imagens presentes nessas páginas são de vitrais, os quais representam o momento dessas aparições a Bernadete.

Entre as páginas vinte e cinco a vinte e nove, há uma descrição do nome das quinze Superiores-Gerais e suas Conselheiras. Cada Superiora relatada tem sua fotografia ilustrada. É perceptível a omissão das fotografias das conselheiras e o destaque a cada Madre que esteve na gestão.

Madre Maria aparece com véu preto e hábito branco e esteve à frente da instituição de 1862 a 1875. Irmã Marie Angele Vernes recebeu o título de vigária e esteve na direção da instituição entre os anos de 1875 a 1882. Não há fotografia dessa religiosa. Madre Marie Pelágie aparece em uma foto de corpo inteiro, com quatro conselheiras, registrada no ano de 1882, e mais quatro conselheiras no ano de 1895. Verifica-se, a partir dessas fotografias que algumas permanecem na gestão enquanto outras mudam de função: no ano de 1882, estavam M.M. Joseph, M.M. Valerie (secretária), M.M. Claire e M.M. Eustelle (ecônoma); no ano de 1895, estão M.M. Claire, M.M. Valerie, M.M. Joseph (ecônoma) e M.M. Ambroise. Na terceira gestão, a Madre Marie Louise Coustarot, com as conselheiras M.M. Valerie e M.M. de La. e como “conception” M.M. Birigtte, MM Claire, M.M. Madeleine e M.M. Rangedouge. A quarta gestão tem como maior liderança a Madre Marie Léon Ithurria, que teve conselheiras diferentes no ano de 1914 e de 1926. Na fotografia ela está de hábito branco e de pé.

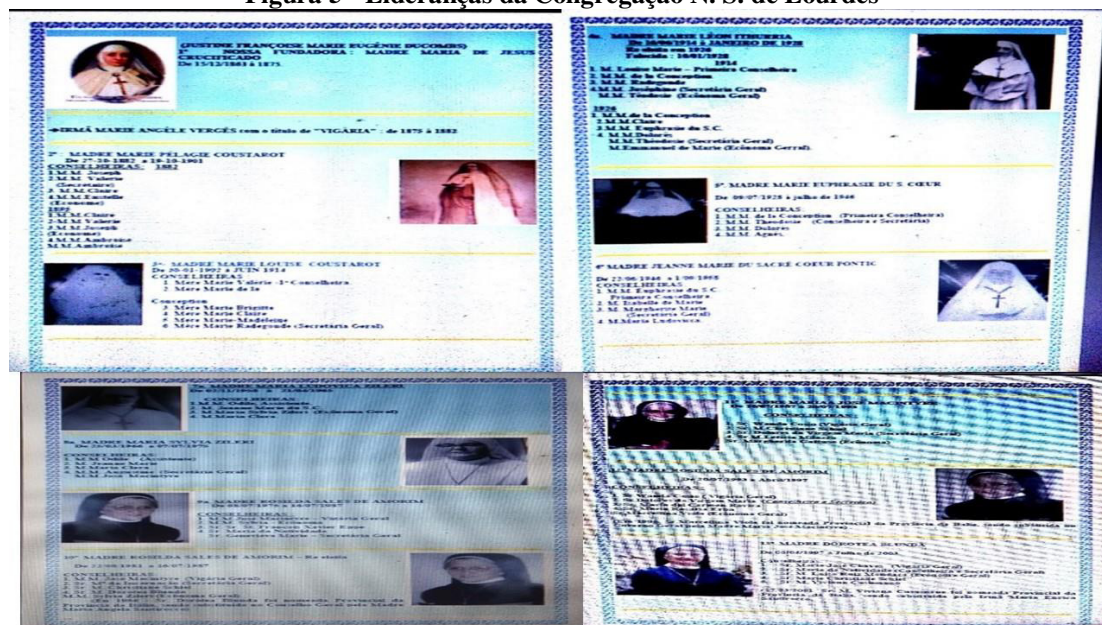
A quinta conselheira foi Madre Marie Euphrasie du S. Coeur, que aparece de hábito preto na fotografia. Esta teve as mesmas conselheiras entre os anos de 1928 a 1946. A sexta gestão estava sob a liderança de Madre Jeanne du Sacré Coeur Ponti; esta Irmã aparece de hábito branco, com grande crucifixo no peito; teve as mesmas conselheiras de 1946 a 1958. Algo curioso de sua gestão é o fato de uma das conselheiras ser a antiga diretora da Instituição, Madre Euphasie du S. Coeur. A sétima gestão é de Madre Maria Ludovica Zileri, que, na fotografia, aparece de branco com grande crucifixo pendurado ao peito. Esta Madre teve também como uma das conselheiras a diretora anterior: M. Jeanne Marie du S. Coeur. A oitava gestão foi de Madre Maria Sylvia Zileri, que foi conselheira da gestão anterior e que teve como uma de suas conselheiras M. Jeanne Marie, antiga gestora. Por duas gestões seguintes esteve à frente da direção a Madre Rosilda Sales Amorim, no período de 1975 a 1987 – esta teve a antiga gestora, MM. Sylvia Zileri, como Ecônoma-Geral.

A décima primeira gestão teve a direção de Maria José Macyntire, à frente da instituição entre os anos de 1987 a 1993, que já havia sido conselheira nas gestões da M. M. Sylvia Zileri. Chama a atenção, quando comparada com o olhar sisudo das demais, o sorriso da religiosa na fotografia e o hábito totalmente preto. As expressões faciais sérias se justificam pela visão patriarcal em relação às mulheres, pois predominava a noção de que:

[...] sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa seu sexo, vulcão da terra. Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço fechado e controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária (PERROT, 2005, p.477).

A décima segunda foi novamente a Madre Maria Rosilda Amorim (1993-1997), e isso demonstra a confiança das demais religiosas nesta última. A gestão seguinte foi de Madre Dorotéia Blunda, que governou entre os anos de 1997 a 2003 e que já havia sido conselheira na gestão de Madre Maria Rosilda Amorim, entre os anos de 1981 a 1987.

Figura 5 - Lideranças da Congregação N. S. de Lourdes



Fonte: (LOURDES, 2013)

A décima quarta gestão foi de Maria José Chaves, que esteve à frente da instituição entre os anos de 2003 a 2009. Chama a atenção que a Madre não aparece de hábito. A décima quinta gestão foi de Madre Loira Lazarotto, gestora no período de 2009 a 2015 – esta Irmã também não aparece de hábito.

Figura 6 - Lideranças recentes da Congregação N. S. de Lourdes



Fonte: Lourdes (2013)

A permanência de algumas religiosas em cargos demonstra que a instituição buscava colocar em situação de destaque aquelas que demonstrassem vocação. Assim, é compreensível o fato de uma religiosa que esteve na direção ou fosse conselheira fosse nomeada novamente na gestão posterior. Essa situação demonstra traços peculiares de Congregação, que tende a perpetuar algumas religiosas no poder através de locais estratégicos de atuação.

Também se verifica, a partir dessas fontes – fotografias e Relato de Fundação– quem era a Madre Provincial do Brasil com a qual as Irmãs se comunicam no Relato de Fundação, e constata-se que a sua trajetória de obediência à Igreja Católica fez com que a Congregação conseguisse o Beneplácito de Roma.

Estas novas informações apresentaram cada passo da Congregação antes de adentrar o território paraibano, permitindo que se tivesse uma visão para além do Relato de Fundação do Colégio Lourdinas, limitado a falar apenas sobre a saída das Irmãs de Petrópolis para o atual município de João Pessoa.

3.2 A FUNDAÇÃO DO COLÉGIO LOURDINAS E O EGRESSO DAS IRMÃS NO RIO DE JANEIRO: ASPECTOS HISTÓRICOS

A fundação de uma Congregação de Irmãs foi idealizada pelo Monsenhor Laurence, que, obedecendo a uma rígida hierarquia, comunicou seu interesse a Pe. Peydessus de buscar

mulheres que pudessem dela fazer parte de forma integral e na condição de religiosas. Era intenção do Monsenhor Laurence formar jovens pobres na virtude e no trabalho doméstico e também que tais religiosas fizessem constantes retiros e buscassem, a partir da oração, o alívio para as almas do purgatório. Chama a atenção, especialmente, esse cuidado em atender às moças pobres na virtude e no trabalho doméstico, pois apresenta o papel social feminino neste período e, concomitantemente, a contribuição posterior de religiosas nesta obra (LOURDES, 2013; TOURNIER, 1984).

Escolhidas pelo sacerdote em Garaison, Eugénie Ducombs, Elisa Abadie e Marie Maudret d'Auereillan foram acompanhadas por cerca de vinte anos antes de tomarem o hábito de religiosas. Destas três religiosas, Ducombs foi escolhida, *a posteriori*, para ser a Superiora fundadora da Congregação. Foi ela quem protagonizou situações de conflito com a hierarquia da Igreja. Daí sentiu-se a necessidade de destacar aspectos da sua história de vida, que expressam cenas do cotidiano das Irmãs, capazes de contribuir para a compreensão do perfil social exercido por mulheres que viriam para o Brasil fundar um modelo educacional pautado, principalmente, na educação religiosa feminina (TOURNIER, 1984).

Justina Francisca Maria Eugénie Ducombs¹³ é o nome civil da freira fundadora da Congregação. Sua história de vida, tal como a das Irmãs que aqui embarcaram, foi marcada por uma relação de submissão às lideranças masculinas da época, e, pode-se salientar, nas entrelinhas dos gestos e das falas, como foi recorrente os bispos e os padres definirem o papel social e religioso cabível às freiras de forma naturalizada. Assim, um sinal mínimo de autonomia observado no comportamento de Ducombs gerou um conflito direto com a hierarquia da Igreja e a existência de punições severas, como será visto mais adiante.

A primeira comunhão, aos 11 anos, no dia 15 de agosto de 1826, é apontada como marco da sua vida religiosa. Esta ênfase se dá, provavelmente, na busca de justificar¹⁴ como a vida eucarística moveria o cotidiano das Irmãs fazendo parte do seu carisma (TOURNIER, 1984).

Outro marco interessante foi o ano de 1840, pois Ducombs, ao ter um primeiro contato com Pe. Peydessus, em Garaison, conheceu a intenção do Bispo de Tarbes, D. Laurence, de fundar uma Congregação Religiosa e de contar com seu trabalho para dirigi-la.

A submissão às figuras masculinas sacerdotais é evidenciada também ao se considerar que Ducombs passou cerca de vinte anos de longa espera para receber o hábito das mãos do Monsenhor Laurence e, assim, ser chamada pelo nome religioso de Maria do Jesus Crucificado.

¹³ Nasceu em 1814, em Tournay, sede do distrito de Tabes, nos Altos Pireneus.

¹⁴ A prática dos biógrafos que visam trazer sinais de santidade em toda a vida de um indivíduo é comum nas hagiografias católicas (CERTEAU, 2007).

Esta espera demonstra que tais mulheres tinham, em uma leitura foucaultiana, corpos dóceis, ao se considerar como dócil “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p.134). Tais corpos se submetem por estarem presos a um interior de poderes apertados que tendem a lhes impor “limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2014, p.134).

Este poder, no caso específico das futuras Irmãs, é de fundo religioso e exercido especialmente pelos sacerdotes. Isso explica o porquê de antes de seguir sua vocação religiosa, Ducombs ter atuado junto ao seu irmão, o sacerdote Remy, cuja rigidez para com sua irmã não era diferente das demais autoridades religiosas. Aponta-se, especialmente, que Ducombs cuidava de crianças pobres e doentes, e longas horas eram dedicadas a Jesus na Eucaristia (TOURNIER, 1984).

A rigidez do seu irmão sacerdote e até a falta de elogios ao trabalho desempenhado pela freira demonstram o contexto de submissão, o qual fazia a religiosa se ver na obrigação de cumprir o que determinavam as lideranças masculinas. Essa situação confirma o olhar de Foucault (2014, p. 135), que ressalta os mecanismos de diversos grupos sociais cuja disciplina se faz fundamental para manter os corpos mais obedientes e, portanto, mais úteis. Da mesma forma, a maneira como Ducombs se retirou do convívio do irmão¹⁵ para seguir a orientação do Bispo demonstra a sua obediência ao que ela considera como “chamado divino”. É notório, contudo, o sofrimento demonstrado pela religiosa dividida entre a necessidade de atender ao pedido do Bispo D. Laurence, que buscou convencê-la a partir da história de Joana de Chantal¹⁶, e a situação delicada da saúde de seu irmão.

A autoridade exercida pelo Bispo, que estava acima do seu irmão em termos de hierarquia religiosa, foi, provavelmente, um dos motivos que a fez optar pelo distanciamento de seu irmão, unido ao seu antigo sonho de ser freira. Três meses após sua partida, o seu irmão faleceu, tendo, contudo, antes disso, recebido seus cuidados. Há, portanto, por parte da hierarquia católica, aquilo que Foucault (2014, p.135) considera como “uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos”. É interessante, contudo, destacar sobre essas religiosas que, apesar de toda demonstração de submissão, tiveram uma oportunidade que as mulheres não tinham naquela época: “Afora as mulheres pobres, as freiras foram as primeiras

¹⁵ O Irmão estava com saúde fragilizada e afirmava que sua morte se daria depois da sua saída.

¹⁶ Maiores informações sobre Joana de Chantal estão no site do Vaticano: BENTO XVI. *São Francisco de Sales*. Disponível em: <w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben_xvi_aud_20110302.pdf>. Acesso em : 10/08/2016.

a exercerem uma profissão, quando a maioria da população feminina era do lar” (NUNES, 1997, p.482).

Como já se apontou no início deste item, o chamado da Irmã Maria do Jesus Crucificado pelo Pe. Peydessus não foi exclusivo. Outras duas freiras também foram convocadas a fazerem parte da Congregação do Coração Sofredor e Imaculada Maria. Elisa Abadie, de família rica, também conheceu Pe. Peydessus, no ano de 1844, e recebeu o encargo de presidência das Filhas de Maria na Paróquia. O encontro desta religiosa também foi em Garaison, e Pe. Peydessus pediu que ela entrasse em contato com Ducombs. Ela tomou o nome de Maria Madalena. Marie Maudret d’Auereillan, de origem humilde e que era lavadeira, também conheceu Pe. Peydessus, que viu nela a possibilidade de atuar na futura Congregação. Ela tomou o nome de Marta¹⁷.

A idealização da obra, apesar de se amparar em mulheres religiosas, parte do sacerdote que legitima o trabalho de cada uma delas, dirige e atesta se estão aptas. Para que estas religiosas, de fato, vestissem o hábito, precisariam demonstrar, ao sacerdote, sua vocação, já que era ele quem aprovava ou não a sua atuação e as destinava para o lugar onde elas deveriam atuar. Cabia à religiosa, neste período, a obediência ao sacerdote. Obedecer-lhe era sinônimo de cumprimento da vontade divina. Essa necessidade de se justificar perante o sacerdote nos confirma a ideia de que “O pressuposto de partida é que o papel social não nasce casualmente, porém resulta de inúmeros fatores da vida cotidiana” (TEDESCHI, 2005, p. 140).

Não se pode deixar de levar em consideração ainda à devoção Nossa Senhora de Lourdes, neste período. O crescimento dessa devoção, a partir de 1858, se deu após as supostas aparições da mãe de Jesus a Bernadette. Essa situação definiu, inclusive, a cor do hábito das religiosas ao se encontrarem com Dom Laurence, pois passaram a vestir o manto branco e cintos azul. Tudo isto idealizado pelo então Bispo e prontamente obedecido pelas religiosas. Da mesma forma, deve-se destacar aqui que o dogma da Imaculada Conceição, instituído pelo Papa Pio IX a partir da Bula *Inefabilis Deus* em 1854, contribuiu para que fosse enfatizada nesta obra a Imaculada Conceição, sendo incorporado ao nome da Congregação, *a posteriori*.

Foi no ano de 1863 que Eugénie Ducombs, juntamente com Maria Elisa Abadie e Marie Maudret d’Auereillan, fez os primeiros votos na Capela de Garaison, recebendo o nome religioso de Maria do Jesus Crucificado. Narra-se que estava na cerimônia grande número de fiéis e de sacerdotes. Além disso, Pe. Peydessus se encarregou de deixá-las em Lannemezan em uma parte da Casa Diocesana onde o Irmão João residia com os pobres. Este Irmão João, porém, se retirou para Galan, uma vez que o atual espaço agora se tornara pequeno para a

¹⁷ Vejam-se as perícopes bíblicas: Lucas 10.38-42; João 11.1-45.

continuidade de sua obra. Havia, pelo que pode notar, hierarquias explícitas nessas relações religiosas – o Padre Peydessus apenas encaminhava tais mulheres àquilo que era solicitado pelo Bispo (TOURNIER, 1984), sem consulta prévia a quem as iria receber.

Apenas nove meses depois, as Irmãs fizeram os chamados votos perpétuos. A lentidão desse processo designa a rigorosidade por parte dos líderes em examinar a vocação de tais mulheres. Durante a celebração, a Irmã Maria de Jesus Crucificado passou a ser a Superiora da Casa (TOURNIER, 1984).

Cercadas de rituais, que ocorriam de forma lenta, enfrentando provações cotidianas, as Irmãs trabalhavam sob a liderança dos sacerdotes, autoridades das quais precisavam para sua formação ter legitimidade. É tanto que a Irmã Maria do Jesus Crucificado tinha quarenta e nove (49) anos quando fez os votos perpétuos, o que aguardava desde a adolescência. Após os primeiros votos perpétuos, deu-se início aos primeiros desafios das Irmãs.

Entre os desafios enfrentados pelas Irmãs, houve a falta de apoio financeiro por parte da Igreja e a necessidade de mecanismos de sobrevivência. Com poucos recursos, narra-se que as Irmãs precisavam trabalhar para viver e que, muitas vezes, passavam até fome. Vale destacar que Pe. Peydessus pedia para que as religiosas encarassem tal situação como provação divina e afirmava que suas obras e boas ações poderiam salvar muitas almas do purgatório (TOURNIER, 1984).

A chegada de seis postulantes, no ano de 1864, fez o bispo alertar, por carta, a Madre sobre três pontos que ele julgava essenciais para a vida religiosa: a obediência, a dedicação e o sacrifício. Em outra ocasião, o Bispo alertou sobre a necessidade de um regulamento a ser rigorosamente seguido (TOURNIER, 1984).

O mecanismo de controle existente na orientação do Bispo se revela no momento em que ele determina que as religiosas deveriam pautar seu cotidiano nos três pré-requisitos que ele já apresentara em carta: na obediência, na dedicação e no sacrifício. Tais pré-requisitos garantiriam a ele que a obra atendesse às suas expectativas pelo “bom” comportamento que necessariamente elas precisavam demonstrar. O regulamento sugerido pela autoridade eclesial indica o desejo do religioso por ter total conhecimento sobre todas as atividades ali desenvolvidas e, assim, permanecer, mesmo que distante, com controle total sobre a obra por ele idealizada.

Apesar das cobranças, as dificuldades financeiras enfrentadas pelas Irmãs demonstravam a falta de assistência básica por parte dos sacerdotes, que atribuíam tais dificuldades à provisão divina. Estas seriam sanadas no momento em que rezassem 6 pais-

nossos e 6 ave-marias, direcionados às almas do purgatório, assim, receberiam benefícios anônimos – alimentos ou o pagamento de uma determinada despesa.

As postulantes receberam o hábito em 1867 e se dirigiram para Galan, a fim de atuar na obra do Irmão João. Mesmo diante da ida de tais religiosas, outras mulheres, entretanto, procuravam as Irmãs, e isso preocupava o Pe. Peydessus por causa das condições financeiras das religiosas e por não saber como elas poderiam se ocupar. Maria do Jesus Crucificado, contudo, vendo o crescimento da devoção em Lourdes manifestava o desejo de transferir-se para buscar executar tal ação (TOURNIER, 1984).

Com o falecimento de Dom Laurence e o apoio demonstrado em uma última carta¹⁸ sobre a ida das Irmãs a Lourdes, Pe. Peydessus encorajou a Madre a entrar em contato com o Vigário-Geral de Sens, D. Pichenot, a fim de que isto fosse possível. Com o apoio manifestado por D. Pichenot, as Irmãs foram transferidas para Lourdes e denominadas de Imaculada Conceição de N. S. de Lourdes. Apesar de se preocuparem por comunicar com antecedência ao Pe. Peydessus, D. Pichenot considerou desnecessária tal comunicação. Esta situação evidencia, novamente, a hierarquia existente entre as lideranças masculinas que exerciam funções mais elevadas.

A obediência extrema das Irmãs a tais autoridades chega a tal ponto que, mesmo diante da ausência de condições financeiras para comprar uma casa, as freiras, orientadas por D. Pichenot, se deslocaram até Lourdes buscando efetuar essa compra, conseguindo-a com a Sra. Duponts, já conhecida das freiras por causa de uma cerimônia fúnebre de que participaram. Pe. Sempé, liderança dos missionários, na ocasião, tentou comprar a casa, mas Duponts afirmou que já tinha feito contato com a freira.

A compra fez com que Pe. Peydessus ficasse desapontado com as religiosas por não o consultar e questionasse tal atitude: “Como, minha filha, disse-lhe ele ao abordá-la, pôde fazer tal ato de vontade própria? Teria perdido a submissão?” (TOURNIER, 1984, p.34). Esta fala dele denota esta necessidade de submissão exigida de uma freira. Estando, contudo, a hierarquia acima de tal discurso, ele demonstra compreensão, pois ela comunicou que recebeu orientação por parte de D. Pichenot. Essa situação demonstra aquilo que está internalizado no cotidiano de tais relações sociais, uma vez que existia a hierarquia entre as lideranças masculinas e a resignação e obediência que cabia às religiosas. Além disso, anuncia uma troca de correspondências que eram necessárias, pois, ao se enviar uma carta, o indivíduo “Criava e

¹⁸ Carta do dia 8 de Janeiro de 1870 (TOURNIER, 1984).

sustentava um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explícito um pedido de resposta na conversação realizada a distância” (MALATIAN, 2009, p. 197).

Durante seu estabelecimento em Lourdes, os aconselhamentos da Irmã Maria do Jesus Crucificado com o diretor de Florença, Cardeal Carlos Piccirillo, demonstram a tentativa recorrente de criar um Estatuto para a instituição recém-fundada, obtendo apoio de tal liderança jesuíta. É interessante destacar que o livro utilizado só traz a fala do Cardeal Piccirillo e que com base em suas respostas à Madre é que se tem uma noção daquilo que foi por ela proposto, desabafado ou solicitado. Em uma das cartas, ele evidencia a preocupação por ela se basear em uma comunidade feminina:

Para um trabalho tão importante é preciso que tenhais orientações. Em primeiro lugar, tomai as Regras das Filhas de Maria, das Dames du Sacre-Coeur que são impressas na França. As regras das Filhas de Maria vos esclarecerão muito sobre os ofícios próprios a vosso instituto. As regras das Dames du Sacre-Coeur são tudo que pode extrair das Regras dos Jesuítas para uma comunidade de mulheres¹⁹.

Esta carta indica fortemente cenas deste cotidiano e a comunicação deste período por correspondências. Elas trazem consigo aspectos dessa instituição e a base religiosa que fundamenta cada discurso, contribuindo mais uma vez para compreensão da visão de mundo deste grupo social e do patriarcado como base de suas relações. Além disso, a troca de correspondências presentes no século XIX é própria da época, já que: “o XIX foi também o século das correspondências que se tornaram objeto de coleção e mesmo uma moda, com a formação dos tesouros de autógrafos, que atendiam o gosto antiquário” (MALATIAN, 2009, p. 196)

É interessante considerar ainda como “as cartas expressavam a vida privada segundo regras de boas maneiras e apresentavam uma imagem de si controladora da espontaneidade e da revelação da intimidade” (MALATIAN, 2009, p.197).

Há, nesta fala, portanto, a declaração de que há diferenciações entre comunidades masculinas e femininas. Daí a preocupação de aconselhar que elas se inspirassem em uma comunidade que já tinha feito tais adaptações ao consultarem as regras jesuítas. A busca por estabelecer hierarquia entre elas e funções específicas também foi perceptível na fala do Cardeal, considerando como fundamental trazer, para cada uma, regras que precisavam ser cumpridas no decorrer de um dia.

Deve-se dar, sob formas de Regras à Superiora, à Enfermeira, à Porteira, à cozinheira, à mestra de Coro, àquela que cuida da Rouparia, etc., avisos úteis,

¹⁹ Carta escrita pelo Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença, no dia 13 de agosto de 1873 (TOURNIER, 1984, p.56).

práticos, detalhados com ordem de lê-los todos os meses e segui-los. Para compor essas Regras, o melhor sistema é consultar as outras comunidades e ouvir as Irmãs mais experientes em cada ofício sobre aquilo que pode ser aplicado à vossa Comunidade e sobre o que resta a acrescentar, assim como sobre o que não vos convém.²⁰

É a partir dessas regras que cada freira deveria cumprir que se tem conhecimento sobre o seu cotidiano. Dessa maneira, fica explícita a presença, por exemplo, da mestra do Coro e da enfermeira, o que evidencia os cuidados com a saúde, pois havia presença dessa profissional, e a música religiosa movendo o cotidiano da instituição, conforme se via pela presença da mestra. A consulta às Irmãs mais experientes sinaliza o respeito por aquelas que já estavam adaptadas com o cotidiano de uma Congregação.

Sobre as hierarquias, o cardeal Piccirillo destaca o cargo a ser assumido pela superiora por três anos, com faculdade de reeleição, e alerta que a Superiora-Geral Vitalícia não é admitida pelas Congregações Romanas, com exceção das fundadoras. Ele sugere ainda que as superioras locais seriam eleitas pela geral, depois ouvidas suas conselheiras. Colocava ainda que:

Se a Comunidade está restrita a duas ou três casas, se as Irmãs podem ir uma à outra, dever-se-á fazer do seguinte modo. Todas as irmãs que tiverem terminado o noviciado e passados três anos na Comunidade se reúnam em Capítulos em cada Casa para nomear, com pluralidade absoluta de vozes, uma, duas ou três Irmãs eleitoras. Essas Irmãs eleitoras irão à Casa Mãe para nomear a Geral que deve ter dois terços, de vozes. Feita essa regularidade, seja submetida a um Superior Eclesiástico que julgue da regularidade da eleição e que pode opor seu voto. Nesse caso, é refeito o escrutínio. Recebida a aprovação do Ordinário, instala-se a superiora e canta-se o Te Deum, depois do que todas as Irmãs vão beijar-lhe a mão²¹.

O lugar de destaque do superior eclesiástico na fala do Cardeal corrobora a ideia de total submissão das congregações femininas aos religiosos, uma vez que o aparato de regras criadas pelas Irmãs para escolherem a sua Superiora Geral não impedia que uma autoridade masculina, caso julgasse necessário, desfizesse a votação realizada pelas Irmãs.

É visível ainda a necessidade de renovação dos votos por parte das Irmãs sendo, portanto, alvo de questionamentos a existência do voto vitalício. Sobre o noviciado é orientado que:

²⁰ Carta escrita pelo Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença, no dia 13 de agosto de 1873. (TOURNIER, 1984, p.57).

²¹ Carta escrita pelo Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença, no dia 13 de agosto de 1873. (TOURNIER, 1984, p.58).

É a coisa que mais se deve cuidar. Durante o noviciado, é preciso que as jovens noviças constituam uma pequena comunidade à parte, que tenham exercícios particulares de piedade; que ouçam a explicação das Regras de suas Mestras; que não recebam demasiadas visitas. Que não tenham Ofício, mas sejam simplesmente auxiliares. – Convém que só uma Casa tenha noviças, em outras palavras, o Noviciado seja um só para todas. – É durante o Noviciado que se deverá dar a instrução necessária às noviças que em geral dela precisarão²².

Este cuidado com as noviças designa o desejo de que elas fossem testadas para, de fato, se identificar se existia vocação para serem religiosas. Isso ocorria porque a desobediência à hierarquia por parte de algumas delas era, como já se pode perceber, inadmissível. Com isso, observá-las evitaria futuros transtornos para as Irmãs. Em uma ótica foucaultiana, confirma-se a ideia do caráter imanente do poder aos diversos tipos de relações entre os grupos sociais (FOUCAULT, 1988).

Provavelmente, a busca por manter certa autonomia, criando um Estatuto e estabelecendo diálogo com o diretor de Florença, incomodou o Pe. Sempé, que solicitou ao Pe. Peydessus o afastamento da Superiora por um (1) mês. É interessante apontar, de antemão, que tal situação de afastamento, foi gerada, conforme a Madre, por uma rivalidade com uma das Irmãs.

A forma como Pe. Peydessus pediu para afastá-la por um mês e obteve como reação o medo da Madre e o pedido de fazer uma novena antes de tal afastamento fez com que o religioso fosse ao extremo de sua autoridade. Pe. Peydessus solicitou que esta se retirasse para sempre do recinto. Isso confirma a ideia de que a história da vida religiosa feminina “é marcada por submissão, transgressões, passibilidade e criatividade” (NUNES, 1997, p.483). A obediência da religiosa não foi, todavia, imediata, já que ela pediu para rezar uma novena antes disso.

A busca pela submissão feminina por parte das lideranças masculinas é observável no discurso do próprio Cardeal, ao orientar sobre a necessidade das Irmãs se manterem submissas às autoridades masculinas. Assim se justifica a decisão dos religiosos:

É que, apesar de toda sua boa vontade, o Pe. Sempé não conseguira conquistar a confiança das Irmãs que, quase todas lhe escapavam para se unirem tanto mais à Madre quanto mais se procurava afastá-las dela. Para o diretor só havia uma solução: tirar à Madre o governo da Comunidade. Enquanto ela estivesse lá sua ação ficaria paralisada; era o que a experiência lhe dizia²³.

²² Carta escrita pelo Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença, no dia 13 de agosto de 1873. (TOURNIER, 1984, p.57).

²³ Carta escrita pelo Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença, no dia 29 de agosto de 1874. (TOURNIER, 1984, p.74).

Esta situação indica um desejo dos religiosos em se sobressaírem às religiosas e manter o controle sobre suas ações; demonstra também que, na condição de autoridade eclesial, o Cardeal mantém-se de acordo com a obediência à hierarquia. Há, então, uma relação de poder entre freiras e padres que, como sugere Foucault (1988), é proveniente de todos os lugares.

A obediência à Madre Maria por parte das freiras, destacada pelo sacerdote, transparece ainda no sentimento de identidade entre elas, revelando também que nem tudo aquilo que era determinado pelos sacerdotes era acatado. Este sentimento de identidade entre as Irmãs fica mais explícito na reação das freiras no momento em que Pe. Peydessus diz que a Madre deveria se retirar de Lourdes e que não poderia mais ter qualquer tipo de comunicação com as demais freiras, estando como sepultada para elas.

Na verdade, a emoção foi grande de parte a parte quando a Madre se despediu das filhas. Algumas tremiam, outras lançavam gritos e se esforçavam por retê-la. Mas a fundadora com a sua habitual mansidão ordenou-lhes que ficassem calmas, receiando (sic) lançar o escândalo no Noviciado. Uma Irmã ousou fazer censuras ao Pe. Peydessus, lembrando-lhe as palavras que ele próprio havia dito algum tempo antes para garantir às Irmãs que a Fundadora era e continuaria a ser sua Madre e Superiora Geral enquanto vivesse²⁴ (TOURNIER, 1984, p.75).

Essa contraposição demonstra ainda a resistência presente no comportamento das Irmãs que é espontânea²⁵ e que, em uma ótica foucaultiana, existe no campo estratégico das relações de poder. Além disso, faz com que se reflita como as religiosas não “podem ser tomadas por passivas receptoras do discurso masculino e seguidoras fiéis de práticas determinadas por eles” (NUNES, 1997, p.482)

A última instrução para a religiosa que se destinaria para Lannemezan demonstra o ápice da relação de força exercido pelas lideranças religiosas masculinas e o desejo de se manter com total poder sobre as demais Irmãs: “Considerai-vos como no sepulcro e morta em tudo, não deveis imiscuir em nada, absolutamente nada” (TOURNIER, 1984, p.76). Confirma-se a ideia de que “o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1988, p.89-90).

²⁴ Carta escrita pelo Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença, no dia 29 de agosto de 1874. (TOURNIER, 1984, p.75).

²⁵ Foucault (1988) aponta a presença de diversos tipos de resistências, destacando as seguintes: “possíveis, necessárias, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício” (FOUCAULT, 1988, p. 91).

Diante dessa situação, a Madre resolveu, como de costume, se aconselhar com o Cardeal Piccirillo que buscou consolá-la pensando nas perseguições sofridas por Jesus e a oportunidade de vivenciá-la.

Além disso, é perceptível na resposta do Cardeal, que ela cogitou a possibilidade de fazer um recurso dirigido ao Papa. Essa atitude demonstra que as Irmãs não aceitavam todas as ordens a ela impostas. Ao aconselhá-la, o Cardeal, contudo, se pautou na hierarquia da Igreja, e, conhecendo os trâmites burocráticos, fez a seguinte recomendação:

O recurso que desejais fazer ao Santo Padre está em vosso direito mas não vejo que esteja em vosso interesse. O bispo de Tarbes, consultado pela Congregação dos Bispos e Regulares responderia de maneira a não voltar atrás e vossa desgraça se agravaria. Por conseguinte, deveis tomar um caminho inteiramente diferente, para sairdes dessa condição penosa. Um caso semelhante ao vosso ocorreu numa diocese da Alemanha, foi deposta por seu Bispo. Era a fundadora e a Geral da Comunidade, não aprovada pela Santa Sé. Recorreu ao Santo Padre que mandou estudar a questão e, depois das informações recebidas do bispo, confirmou o decreto de deposição. A Superiora veio a Roma, pleiteou sua causa de viva voz, informou todos os Cardeais da Congregação perdeu nisso um ano e nada obteve, a não ser a ordem mais absoluta de se submeter. Não o quis e voltou ao mundo²⁶

O Cardeal Piccirillo recomendou ainda que ela escrevesse uma carta endereçada ao Pe. Peydessus e ao Bispo, pedindo a renúncia do seu cargo de Superiora, reforçando ainda mais a submissão que a Igreja solicita das freiras, considerando especialmente como as comunidades dependiam do seu Bispo quando não tinham o beneplácito de Roma. Ele afirmou ainda que a carta do Bispo deveria ser entregue posteriormente, já que ela, na sua concepção, precisava pedir a autorização do seu diretor antes de se comunicar com o Bispo.

O discurso do Cardeal indica que a Igreja tem todo um conjunto de poderes exercidos pelas autoridades eclesiais; demonstra ainda a inutilidade de se buscar respaldo com poderes que se sobressaem aos padres e bispos, pois este compõe a hierarquia da Igreja que buscava manter pensamento uniforme. Assim, restava à freira se conformar com a ordem dada pelo seu diretor, Pe. Peydessus.

Essa observação foi tão pertinente que, de fato, a Madre, seguindo os conselhos do Cardeal, agiu dessa forma, mas, diante do silêncio do Pe. Peydessus, encaminhou a carta ao Bispo que, se alegrando com a notícia, comunicou a Peydessus. Considerando que a Irmã tomou a decisão sem consultá-lo, o religioso demonstrou insatisfação para com a religiosa e pediu que

²⁶ Carta escrita pelo Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença no dia 19 de setembro de 1874. (TOURNIER, 1984, p.77).

ela renunciasse ao cargo de fundadora. Acolhendo tudo aquilo que tinha dialogado com o Cardeal, a freira aceitou prontamente tal pedido.

A alegria do Bispo explicita o seu desejo pela obediência e humildade da religiosa e a condição de submissão esperado em sua atitude. Concomitantemente, a revolta do Pe. Peydessus por ela não ter esperado sua resposta mostra que, na sua visão, ela ultrapassou a sua autoridade, comunicando-se diretamente com o Bispo.

A preocupação com a obra de Lourdes fez com que o Pe. Piccirillo incentivasse a ida da Madre a Nimes e que aproveitasse o convite do Pe. Serre para que ela assumisse a obra dos sufrágios. Este incentivo se deu porque era do seu conhecimento que, para uma obra ser aprovada e consolidada, requeria-se que as Comunidades existissem em diferentes Dioceses.

Apesar dessa preocupação, na qualidade de conselheiro, Pe. Piccirillo buscou em suas cartas, consolar a Irmã e trazer sempre perícopes bíblicas que servissem de conforto para a situação que ora vivia a Irmã, então com a saúde fragilizada, conforme se pode verificar quando faz referência à Carta de Pe. Serre: “A carta do Pe. Serre muito me afligiu. Ela me fala de vossa moléstia do coração e do peito” (TOURNIER, 1984, p.99).

Comovido com tal situação, Pe. Piccirillo escreveu uma carta para a Irmã comunicando que pediu ao Santo Padre uma benção especial contando a atual situação da religiosa. A resposta do Papa Pio IX²⁷ reforça a necessidade de se seguir a hierarquia, já que transmitiu a seguinte mensagem: “quando transmitirdes minha benção encorajai-a de minha parte à obediência e à humildade; ela vai ficar muito contente e verá a tempestade se acalmar” (TOURNIER, 1984, p.103).

O estabelecimento da Madre em Nimes também foi frustrado pelo então bispo, considerando tais Irmãs como sendo desconhecidas. Tal situação mostra a força dos bispos em detrimento da dependência total das freiras a estes religiosos. O abatimento da freira e a vontade de seguir outra vocação religiosa demonstram sua tentativa de permanecer na vida eclesial mesmo que com outro carisma. A obediência ao Pe. Piccirillo e os seus constantes aconselhamentos, entretanto, faziam com que a Irmã buscasse não contrariar a sua visão, permanecendo na sua condição atual. Os argumentos do Cardeal se voltavam desde a vocação religiosa ao exemplo que ela precisava dar para as demais religiosas que nela depositavam confiança.

²⁷ A obediência solicitada pelo Papa está diretamente associada ao ideal ultramontano reagindo aos ideais da Revolução Francesa e que foi fortalecido neste período. Além de buscar centralizar os poderes em torno da figura do Papa e suas figuras hierárquicas, Pio IX reforçava a ideia do catolicismo como único caminho para a felicidade terrena e salvação eterna (CORREIA, 2010).

O bispo que acabara de assumir, D. Jourdan, teve, porém, uma atitude diferenciada para com a Madre que, aconselhada pelo Cardeal, resolveu conversar sobre a situação da Comunidade de Lourdes. Buscando resolver a situação da Madre Maria, ele se volta para a Irmã Ecônoma, apontada como uma das peças chave para o afastamento da Madre, com a seguinte afirmativa:

Vejo com prazer que estais disposta a ser prudente, submissa e reservada em todas as coisas. Vossa parte foi grande em todo mal que sofreu a boa Madre. Tomaram a vós como pretexto para ataca-la, tornai-vos agora seu apoio e vosso escudo, por vossa resignação e caridade para com aqueles e aquelas que tenha podido parecer vossos inimigos e que, na realidade, só tenham sido os instrumentos da Providência para vos tornar a todas melhores pela provação que sofrestes. Rezei muito e pedi que rezassem pela comunidade. Estou ansioso por saber que voltastes todas para Lourdes e que a boa Madre retornou sua posição de Fundadora (TOURNIER, 1984, p.112).

Apesar da postura diferenciada por parte do Bispo, permanece no seu discurso a não responsabilização de outras lideranças masculinas pela situação da Madre. Pelo contrário, parte-se do princípio de que as atitudes rigorosas das autoridades eclesiais foram provações divinas que estas deveriam enfrentar e reclamou-se apenas da Irmã Ecônoma uma postura diferente responsabilizando-a por grande parte do sofrimento da Madre.

O bispo também foi até o Convento e conversou com as Irmãs sobre a possibilidade de se fazer eleição para uma nova Superiora. Com exceção de duas ou três Irmãs, todas falaram sobre o desejo por ter a madre fundadora de volta, o que demonstra a autoridade da religiosa sobre elas e o respeito que tinha adquirido junto à sua comunidade.

A busca por fazer com que a Madre voltasse à sua função foi, todavia, alvo de grande revolta por parte do Pe. Sempé e demais religiosos a ele fiéis, ameaçando inclusive de se retirar do local caso isso ocorresse. Tal mal-estar demonstra a dominação masculina²⁸ e de hierarquia presentes nos papéis sociais desempenhados por tais homens naquele contexto. Contornando tal situação, D. Jourdan tomou uma medida intermediária e anunciou que:

[...] como fundadora, a Madre seria sempre considerada e estimada; que era e permaneceria Superiora, mas que, para poupar suas forças esgotadas ser-lhe-ia dada uma auxiliar que se chamaria Irmã Vigária e que cuidaria da administração. Era reduzir a Fundadora a condição de Superiora Honorária (TOURNIER, 1984, p. 114)

²⁸ Sobre dominação masculina, leia-se: Bourdieu (2009)

A volta da Madre ao Convento não foi amistosa. Contrariando a opinião dos religiosos, o seu posicionamento²⁹, em uma reunião anual do Conselho de Obras da Comunidade, fez com que ela fosse duramente reprimida e se mantivesse confinada em seu pequeno quarto. Esta situação indica que era solicitada por parte das freiras a total obediência silenciosa aos seus líderes masculinos e que, ao menor sinal de questionamento, estas seriam castigadas. A então madre vigária foi responsável por esta relação conflituosa entre a Madre e os sacerdotes, em especial, ao Pe. Sempé, já que teceu críticas sobre a fundadora ao sacerdote e depois mostrou para a religiosa o papel que continha tais queixas.

Essas desavenças foram motivos suficientes para existir nova solicitação de afastamento da Madre. Os sacerdotes pediram para ela escolher entre Galan ou Lannezeman e ela optou por Galan. Ela retirou-se da Congregação e partiu, entretanto, para Tournay, onde criou um atelier para moças pobres na companhia de outras religiosas de Lourdes que com ela se afastaram: Irmã Maria Madalena, Irmã Eugenia, Irmã São João e Irmã Germana. Situação que indica a resistência dessas mulheres, ao saírem da Congregação. Essa atitude evidencia aquilo que Foucault (1988) considera como o rompimento de unidade e a suscitação de reagrupamentos.

Como se constata no livro *“Cartas, memórias, agenda e mensagens da Nossa Madre Fundadora”*³⁰ de Galan, Madre Maria do Jesus Crucificado escreveu uma carta que data de 5 de junho de 1876, documento no qual deixou clara sua satisfação por receber as Irmãs Germana e Bernadette. Fato interessante é que ela informa que esta última estava entediada em Lourdes e que morreria se lá permanecesse; também comenta sobre a Irmã estar magra e mudada. A tristeza pelo afastamento por parte da Madre é tão intensa que ela informa ainda que ficou doze dias de cama. Há uma alusão a questões do cotidiano, pois informa que, apesar de ter comprado uma cama em Lannemezan, sentia vergonha de pedir outra cama a Irmã, chamada Tereza, mesmo sua cama estando repleta de percevejos. Concomitantemente, além de agradecer as encomendas e a caridade para a sua destinatária, ela fala do empenho das religiosas em fazer o mês do Sagrado Coração de Jesus sem deixar de mencionar sua insatisfação por “se julgar pesada ao Frei João”.

²⁹ Não está claro na documentação o seu posicionamento, mas apenas a sua contraposição a decisões tomadas pelas lideranças religiosas.

³⁰ A resistência é observável também no comportamento da Madre Fundadora, que, mesmo diante da proibição de comunicação com as demais Irmãs, provavelmente escreveu às Irmãs, uma vez que foram encontradas, na Biblioteca do Colégio Lourdin, provas de troca de correspondências no livro *“Cartas, memórias, agenda e mensagens da Nossa Madre Fundadora”*. Isso revela que, apesar das imposições por parte da Igreja, existiam formas de resistência nas entrelinhas de cada discurso. Este livro contém 100 páginas e traz consigo uma tradução digitada de cartas da Madre Fundadora direcionadas à Irmã Augustine, algumas de suas atividades datadas que são denominadas pelas tradutoras por agendas e, por fim, mensagens reflexivas de cunho religioso.

A repercussão da saída das freiras revoltou o Bispo de tal forma que este pediu a excomunhão das religiosas, revogando tal sentença em seguida. Chegando a Tournay, ela comunicou sua demissão ao Pe. Peydessus. Diante de tanta repercussão, a saída das religiosas fez com que o Bispo passasse a examinar de perto os abusos da Comunidade de Lourdes tomando as seguintes atitudes: “Censurou veementemente as leituras, os Capítulos de Culpa e as aulas tais como eram praticadas no Convento, e o excesso de zelo do Diretor no exercício de seu cargo” (TOURNIER, 1984, p. 119).

Enquanto isso, as Irmãs que partiram para Tournay, com o apoio de D. Pichenot, educavam mulheres para a costura e para o ensinamento de preceitos religiosos encaminhando-as para a missa. Estes ensinamentos da época se aproximam do que seria almejado pelas Irmãs que viriam a posteriori e fundariam Colégios destinados, principalmente, ao público feminino.

A partir do livro *“Cartas, memórias, agenda e mensagens da Nossa Madre Fundadora”* constata-se que de Tournay, em maio de 1877, a Madre Maria manteve contato novamente com uma Irmã que ela chama de querida filha e informa que a mobília de Lourdes havia sido enviada, mas que ainda faltavam alguns objetos preciosos. Ela destaca ainda, na carta, que tentou resolver com o reverendíssimo padre sobre a mobília de Lannemezan, mas este preferiu que elas resolvessem entre si. Há também uma menção a sua tristeza por não conseguir se despedir das Irmãs de Lourdes antes de se dirigir a Tournay.

O zelo pelo hábito, próprio do papel social que elas acreditavam desempenhar na sociedade e na fé católica, fez com que ela solicitasse de D. Pichenot que se comunicasse com o Bispo de Nimes e assim fosse concedido o direito de morrerem como religiosas. A negação por parte do Bispo de Nimes e a morte de Pio IX causou grande abalo especialmente para Ducombs, que chegou a ter uma síncope, falecendo no dia 15 de fevereiro de 1878.

Algumas cidades francesas situada nos Altos Pirineus, que foram percorridas pelas Irmãs, como Lannemezan, Galan, Tournay e Lourdes foram aqui enumeradas. Para explicitar as distâncias entre elas, apresenta-se o mapa abaixo:



Entre os anos de 1875 e 1892, os países durante os anos que precederam a morte de Mader

Madam Maria Palacia foi nomeada superiora e, com ela, Superiora Geral entre as suas filhas.

Durante este período, em sua Madra Palácio, esteve à frente dessas instituições, feto

chegada da jovem alemã de 13 anos, Marie Therèsia, que viria no ano de 1908 para o Brasil como Superiora-Geral.

A jovem Marie Therèsia tomou o hábito com 15 anos após passar pelo noviciado. Don Bellere, então bispo de Tarbes e de Lourdes presidiu a cerimônia. Aos 17 anos, Irmã Therésia foi admitida à profissão religiosa temporária. Quatro anos depois, ela fez seus votos perpétuos e exerceu o cargo de Econôm-Geral por 3 anos e, posteriormente, foi diretora da Casa de Acolhimento. Todas estas etapas são capazes de apresentar um pouco da rigidez para uma pessoa se tornar freira, levando em consideração que ela entrou no Convento muito jovem (LOURDES, 2013).

A forma como Marie Therèsia obedeceu tais hierarquias provavelmente favoreceu para que ela fosse adquirindo cada vez mais responsabilidades com a instituição a ponto de ser escolhida para desenvolver suas atividades em terras brasileiras.

Essa presença de freiras, exercendo cargos, suscita a reflexão sobre a análise de Grossi (1990) voltada para o cotidiano das freiras. A autora comenta a vocação religiosa, o disciplinamento dos corpos, o rompimento com a família e também a busca da Igreja por se reproduzir material e simbolicamente. Tais características se fazem presentes nas freiras da Congregação N. S. de Lourdes. Além disso, como se pôde observar, algumas delas assumiram (e assumem) cargos administrativos e passam a ter um lugar de destaque na instituição. Sobre essa vocação religiosa, Fernandes (2004, p.327) comenta que:

O desejo de aderir à Vida Religiosa pode ser incentivado tanto a partir de uma trajetória religiosa em que se compartilha representações do catolicismo, quanto a partir da busca individual muitas vezes capitaneada pelas demandas subjetivas ou de realização pessoal, atribuição de sentido à vida e crença na eficácia simbólica das instituições religiosas como mediadoras da relação indivíduo e divindade. Nesse último caso, os indivíduos empenham esforços em garantir que tal eficácia seja publicizada a partir da idéia (sic), presente no discurso de rapazes e moças, de ser “sinal para o mundo”, ou seja, em apontar a existência de uma realidade outra, misteriosa, que transcende à ordem natural das coisas e que pode ser experimentada a partir de um ato de fé e paradoxalmente, da busca de institucionalização.

É relevante destacar, contudo, as diferenças entre os padres e freiras ao abraçarem a vocação religiosa, pois, enquanto os religiosos refletem sobre o abandono da vida profissional em nome de uma vocação, as freiras restringem-se a refletir sobre o casamento (GROSSI, 1990).

A situação de dominação de sacerdotes sobre freiras existentes na própria fundação do Convento que originou o Colégio Lourdinhas possibilita a compreensão de uma visão de mundo

religiosa que perpassa o modelo educacional dirigido pelas freiras às crianças. Verifica-se que essas relações não são prioritárias do universo europeu, mas adentram o Brasil, de modo que é do sacerdote a voz legitimadora do trabalho das Lourdinhas.

Naquele período, inclusive, uma situação favorável à vinda das freiras para o Brasil e o direcionamento de suas atividades para a educação foi a própria postura do então Papa Leão XIII, que buscou vincular a ação da Igreja para a infância e a juventude a partir da expansão da educação e da moral católica pelas Congregações (CORREIA, 2010). Visando garantir a reprodução do modelo de conduta, o Papa contava ainda com o “respaldo das famílias, também interessadas num controle mais efetivo sobre os filhos” (BOSCHILIA, 2005, p.94). Concomitantemente, no Brasil, a partir de 1890, D. Antônio de Macedo Costa, seguindo as orientações do Vaticano, buscou propagar no país a Reforma Ultramontana na República Laica. Para tanto, o envio de congregações religiosas femininas e masculinas para o Brasil foi contundente, ao passo que, nesse mesmo período, o estado laico admitia o ensino confessional para disseminação da educação cívica (CORREIA, 2010). Assim,

A estratégia principal da Igreja na época não visa diretamente ao povo e sim às famílias. É estabelecendo uma rede importante de colégios em todo o país que a Igreja conta cristianizar as famílias para que estas por sua vez ‘cristianizassem’ o povo, o Estado e a Legislação (BEOZZO, 1995, p.280).

No caso específico da Congregação de Nossa Senhora de Lourdes, ela contou com a peculiaridade maior de ter adentrado no país por intermédio da Baronesa do Ibirá-Mirim. Assim, a chegada das Irmãs no território brasileiro explica algumas adaptações sofridas por esta Congregação que está diretamente relacionada com o contexto sociocultural e econômico do Brasil e que tem fator determinante na escolha do público alvo que seria educado pelas religiosas.

A vinda das Irmãs para o território brasileiro ocorreu por ocasião de um pedido de D. Maria Carolina de Sousa, filha de Visconde de Mauá e baronesa do Ibirá-Mirim. A devoção à N. S. de Lourdes e a comemoração do centenário das aparições envolveram a baronesa que, no ano de 1908, se hospedara na Casa das Irmãs de N. S. de Lourdes.

Para tanto, ela precisou pedir autorização da então Superiora-Geral, Madre Marie Louise Coustarot, ao Bispo de Niterói e ao Bispo de Petrópolis. Tais autorizações foram concedidas e indicam que se perpassa por longos anos a total dependência de tais Congregações às autoridades eclesiais masculinas. Partindo o pedido de uma Baronesa, fica evidente também

que as famílias brasileiras tinham interesse por despertar vocações religiosas no País com a vinda das Irmãs.

O acolhimento dos familiares da Baronesa do Ibirá-Mirim para com as Irmãs embasa a reflexão de como a fé católica estava sedimentada, especialmente em algumas famílias brasileiras. As Irmãs saíram da França no dia 24 de setembro no navio *Atlantique* e chegaram ao Brasil no dia 12 de outubro (LOURDES, 2013).

Acompanharam a Madre Marie Thérésia na viagem para o Brasil, Madre Vincent de Marie, francesa, Madre Marie Eleonore, argentina, Madre Marie Celina, francesa e Irmã Marie Felícia. Elas se instalaram inicialmente na Santa Casa de Misericórdia e, no dia seguinte, se dirigiram ao Convento das Irmãs de Nossa Senhora do Amparo, permanecendo até o dia 30 de outubro. O acolhimento das religiosas do Amparo deixa explícita a capacidade de articulação da Baronesa e o sentimento de identidade entre as Congregações Religiosas Femininas (LOURDES, 2013).

As religiosas foram transferidas para o prédio n. 655, na Avenida Sete de Abril, que foi a princípio alugado. Posteriormente, o imóvel foi adquirido pela Baronesa do Ibirá-Mirim e doado para a Congregação. Tal doação mostra o apoio que as Irmãs tiveram no Brasil por parte de algumas famílias católicas brasileiras e a especial assistência das freiras a este público.

Durante sua estadia no Brasil, as Irmãs constituíram um Pensionato para senhoras e universitárias e tiveram como principais pastorais as catequeses nas Escolas Oficiais e Assistência aos Presídios. Até o ano de 1953, a comunidade foi chamada de Escola Santa Bernadete e, posteriormente, foi chamada de Instituto Nossa Senhora de Lourdes. Para se ter mais condições de compreender o trabalho social desempenhado pelas Irmãs, destacar-se-á especialmente uma de suas maiores lideranças no país, ou seja, Madre Thérésia, pois sua atuação foi fundamental para que a instituição se firmasse em terras cariocas e, posteriormente, na Parahyba.

Destacar Madre Thérésia na presente abordagem se faz esclarecedor, uma vez que foi com ela que as religiosas que foram até a Paraíba se comunicaram ao adentrarem o solo pessoense.

Diferentemente da Madre Maria, verifica-se nesta religiosa uma maior capacidade de articulação com as autoridades eclesiásticas e com as demais freiras bem como a aptidão de exercer diversas funções de destaque na Congregação de N.S. de Lourdes. Provavelmente, a sua obediência às hierarquias e o fato de estar desde criança entre as freiras contribuíram para a sua credibilidade entre tais lideranças.

É tanto que, no ano de 1911, ela foi chamada até Roma e responsabilizada por encaminhar duas vocações brasileiras, ou seja, Dircina de Araújo e Maria Carolina Bandeira de Melo. Além disso, no ano de 1913 foi a responsável para assumir uma Casa no Rio de Janeiro, na Rua São Clemente (LOURDES, 2013).

No ano de 1914, Madre Theodosie, ao assumir o cargo de ecônoma-geral, designou Madre Therésia para substituí-la na Casa Mãe³¹. Na ocasião Madre Marie Leon passou a ser a Superiora-Geral. Essas mudanças se deram no chamado 4º Capítulo Geral do Instituto, onde ocorriam tais eleições. Veja-se que a estrutura sugerida pelo Cardeal Piccirillo à Irmã Fundadora foi acolhida posteriormente.

Em 1916, a religiosa passou por uma situação complexa, pois os alemães atacaram a cidade de Verdun e, com o crescimento das hostilidades, sendo ela de nacionalidade alemã, precisou se retirar do território francês. Ela tentou permanecer na Suíça alemã, sem sucesso, e retornou ao lar paterno na Baviera.

Nesta época, seu pai estava com saúde frágil, vindo a falecer. Um mês depois do falecimento do seu pai, Madre Therésia conseguiu retornar à Suíça Alemã, onde ficou hospedada até o fim da Guerra em uma Casa Religiosa. No ano de 1919, ela viajou para Roma e um ano depois ela retornou ao Brasil, assumindo o cargo de Superiora, em Petrópolis substituindo Madre Euphrasie.

Madre Euphrasie foi para a Europa com três postulantes. É comum entre as freiras um constante deslocamento, que pode ser originário da ideia de missão e de expansão da obra de que elas faziam parte.

Sob a responsabilidade de Madre Therésia, no ano de 1922, foi criada a Comunidade e Colégio de Vila Isabel, na mansão do Visconde de Ouro Preto. A filha do Visconde, Irmã Maria Paula, doou terras para que o noviciado ali funcionasse. A sensibilidade da filha de um homem de poder aquisitivo elevado contribuiu com o estabelecimento da instituição e, neste caso específico, tal mulher era religiosa. É perceptível como este apoio de famílias ricas brasileiras permitiu que as religiosas fossem paulatinamente se firmando. A instituição tem sua égide a partir de tais articulações e isso contribuiu para definir que público as religiosas deveriam assistir no campo educacional.

De forma dinâmica, no ano de 1927, Madre Therésia exerceu outra função relevante na Comunidade que tinha caráter de destaque, ou seja, foi nomeada pelo Conselho Geral como Superiora Provincial da América do Sul, ou seja, das Casas do Brasil, Chile e Argentina. A sede

³¹ Neste mesmo ano, o então Papa Pio X elevou a Diocese da Paraíba a Arquidiocese, dignificando-a como Igreja Metropolitana, a partir da bula *Majus Religiones Incrementum* (CORREIA, 2010).

da província Sul-Americana, no ano de 1928, foi estabelecida na Casa de São Clemente no Rio de Janeiro. Neste mesmo período, a religiosa foi a Roma, voltando com a notícia de que deveria ser inaugurado o noviciado brasileiro autorizado pelo Papa Pio XI (LOURDES, 2013).

Vale destacar que o Papa Pio XI (1922-1939) é considerado o arauto da educação ultramontana e era quem impunha a regência da educação católica para a juventude da igreja nas escolas dessa religião. É na encíclica *Divini Ilius Magistri* que ele “delibera sobre um sistema católico de educação, dos programas de estudo e dos materiais de ensino” (CORREIA, 2010, p.42). Na sua perspectiva, a Igreja pode ser vista como mestre infalível, guardiã e intérprete das leis divinas.

É a partir do noviciado brasileiro que surgem algumas vocações paraibanas que, mais adiante, ao retornarem à Paraíba, estabeleceriam contato contínuo com a Madre Provincial. As jovens que foram ao Rio de Janeiro para serem freiras eram oriundas das famílias ricas que, como se verá, apoiaram o retorno das filhas ao solo paraibano. Antes de se voltar diretamente para a viagem a João Pessoa, discutir-se-á um pouco sobre o noviciado de Petrópolis, suas dificuldades de estabelecimento e o papel formador para as freiras.

Marcadas pelo ideal de providência divina e pela falta de apoio financeiro concreto por parte da Igreja, as freiras dependiam de doações das suas próprias famílias e de pais de alunos interessados pela educação por elas oferecida. Esta situação não é diferente ao se buscar um local para se fazer um noviciado. Coube, portanto, ao Papa a autorização para o seu funcionamento, mas a estruturação de um local preciso ficaria a cargo dos que apoiavam esta obra.

Um dos primeiros entraves vivenciados pelas Irmãs e, especialmente pela Madre Provincial Therèsia foi a negativa de renovação de contrato do aluguel da comunidade de São Clemente em agosto de 1928. Em um momento de instabilidade como aquele, a freira fez orações a São José em busca de uma providência, como era usual em um ambiente religioso. (LOURDES, 2013).

Juntamente com Madre Paula, Madre Therèsia visitou o local onde funcionava a Delegação da Tcheco-Eslováquia, na Rua de São Clemente, dirigindo-se ao responsável pela guarda da Casa. Interessando-se pelo local, ela conseguiu autorização do Ministro Esloveno para conhecê-lo, indicando, com isso, a sua capacidade de articulação (LOURDES, 2013).

Com autonomia, a religiosa conseguiu financiar a Casa, que pertencia a herdeiros. Para tanto, ela hipotecou as Casas de Petrópolis e a que estava para comprar. O financiamento foi conseguido por C. Rocha Fragoso, com taxa de 12% e prazo de dois anos para ser

regulamentado. Esta situação assinala a capacidade de liderança da freira, motivada pela experiência, provavelmente, pelos diversos cargos ocupados por ela na instituição.

O espaço adquirido foi readaptado de modo a ter a Capela, o Colégio e o Pensionato de Senhoras. Estrutura esta que se aproximaria da instituição de João Pessoa servindo, possivelmente, de inspiração.

Madre Thérèsie, enquanto Madre Provincial, fazia questão de acompanhar cada postulante e noviça. Berengelle Mindelo (Irmã Maria Inês) e Nanete Mindelo (Irmã Maria Debora) eram paraibanas postulantes na época da inauguração do Noviciado Brasileiro que atuaram intensamente em João Pessoa a posteriori.

O sentimento de identidade entre elas era perceptível diante da mobilização das Irmãs para quitarem as dívidas da construção. Assim, elas organizaram festas, concertos, confeccionaram obras, venderam objetos feitos na Casa. Como na França, as religiosas brasileiras também recebiam donativos de seus benfeitores, e isso contribuía para amenizar suas dificuldades.

O apoio dos pais de alunos no Rio de Janeiro também teve seu aspecto relevante³² na manutenção da instituição, a exemplo do Advogado Hugo Abranches, pai de alunas, que se responsabilizou por cada passo necessário para adquirir a Casa de São Clemente. A forma como a instituição de ensino era apreciada por algumas famílias cariocas está representada, após o ano de 1932, pelo aumento do número de alunos no Colégio e prosperidade do pensionato.

As contribuições financeiras das famílias das freiras podem ser observadas também no ano de 1935, pois foi nesta época que Madre Aimée e Madre Thérèsie Lucena receberam herança da família e, assim, conseguiram construir um novo prédio, com quatro salas de aulas, um pátio, um largo corredor e dependência para o funcionamento do Colégio. Esse prédio foi inaugurado em 1936. As Irmãs puderam contar também com o apoio do casal Dr. Moreira Magalhães e Dona Amélia Moreira Magalhães, que se propuseram a construir, com recursos próprios, uma capela.

É nítido, portanto, no noviciado e na criação do colégio, o apoio de três grupos bem específicos, as famílias das freiras, os pais de alunas e pessoas ricas admiradoras dessa obra. Além disso, é visível também, e necessária, a busca da sobrevivência pessoal por parte das próprias freiras que, com algumas atividades internas, conseguiam adquirir verbas para sua

³² Como foi comum durante a fundação do Colégio Lourdinhas em João Pessoa.

própria manutenção. Esta situação se aproxima daquela constatada no município de João Pessoa.

3.3 AS IRMÃS LOURDINAS: PERFIL, FÉ E DEVOÇÃO

Advindas de Petrópolis, as Irmãs Lourdinas têm lugar de destaque na presente pesquisa por serem elas as educadoras e dirigentes que vieram para a atual capital paraibana em busca de fundar e estabelecer o Colégio. Para tanto, deve-se compreender que “é dentro da sociedade, como resultados de processos sociais, que o indivíduo se torna uma pessoa, que ele atinge uma personalidade e se aferra a ela, e que ele leva adiante dos vários projetos que constituem sua vida” (BERGER, 1985, p.15). É interessante, portanto, estudar o lugar social das religiosas, a visão que as freiras têm de si mesmas e as suas relações com alunos, sacerdotes e pais de alunos, a fim de se ter uma visão minuciosa de quem eram as mulheres que estavam à frente do Colégio Lourdinas.

Cabe aqui assinalar, inicialmente, as suas características enquanto congregação religiosa, pois elas explicam as suas reações perante as dificuldades encontradas, capacidade de serem acolhidas pelos pais de alunos, articulações políticas e o tipo de modelo educacional estabelecido.

É tangível, a princípio, no comportamento das freiras, durante a sua viagem para o atual município de João Pessoa, a ideia de providência divina enraizada em seus discursos e a apropriação de perícopes bíblicas, ou seja, recortes de passagens bíblicas como fundamentadores de grande parte dos argumentos utilizados.

A disposição em atuar em diversas funções, a ênfase na necessidade da humildade que deveriam ter em cada momento de suas vidas, a exemplo da figura de Jesus e de Maria, serão estudadas nas falas das religiosas, mais adiante.

Toda lógica de domesticação dos corpos e de disciplinamento derivadas de tais apropriações também será aqui considerada, a fim de dar suporte para que se compreenda o lugar das Irmãs Lourdinas em diálogo com os pais de alunos, sacerdotes e políticos paraibanos.

Enfim, apresentar-se-á aqui um estudo pensando no disciplinamento dos corpos e na identidade, pois estes quesitos são fundamentais na compreensão do Colégio Lourdinas e, especificamente aqui, de suas dirigentes e mestras. Antes disso, destacou-se o Relato de Fundação como principal fonte para se compreender a chegada das Irmãs na Parahyba do Norte.

O Relato da Fundação do Colégio de N. Sra. de Lourdes João Pessoa - Parahyba do Norte (1943)³³ é uma fonte de cunho fundamental para a presente pesquisa, pois traz uma descrição de como as Irmãs Lourdinias chegaram à Parahyba do Norte, apresentando detalhadamente as ocorrências dos três primeiros anos em que elas se mantiveram aqui. Nesse relato, se consegue contemplar algumas particularidades desta instituição, ou seja, as situações de confronto com o poder local e o apoio das famílias tradicionais de João Pessoa. Sua relevância está na compreensão de que “A origem de cada instituição escolar, quando decifrada, costuma nos oferecer várias surpresas” (SANFELICE, 2006, p.23).

No Relato não consta a informação sobre qual Irmã foi responsável pela sua tradução. Em formato de viagem, ele é escrito por Madre Maria Evangelina, Irmã Maria Inês, Irmã Maria José da Eucaristia, Irmã Ana Maria do Sagrado Coração, Irmã Maria da Paz e Irmã Maria das Neves, ou seja, pelas religiosas que chegaram à Parahyba do Norte no ano de 1939 e direcionado à Madre Provincial.

Cartas, depoimentos ilustram o Relato que tem o desejo implícito de destacar seus êxitos e a vocação religiosa em cada frase que se colocava. A riqueza de detalhes demonstra que os registros eram feitos diariamente, a fim de que as informações não fossem esquecidas.

O Relato de Fundação contém quarenta páginas e está subdividido em alguns títulos curtos da seguinte forma: Introdução (p.1), As preparações (p.1), Quem irá? (p.2), A partida - A viagem (p.2-3), Chegada (p.3-4); Em casa (p. 4), Os benfeitores (p.4-5), Abertura das classes (p.5-6), Semana Santa na Paraíba (p.6), Primeira visita de Dom Moisés (p.6), Duas primeiras pedras (p.6-7), Ata do lançamento da 1ª pedra (p.7), O dia seguinte (p.7), Deixemos ribombar a tormenta (p.8), As coisas vão melhorar (p.8), Deixemos aos cuidados de Jesus(p.8), A segunda primeira pedra (p.9), Ata de posse (p.9), Três fotos pitorescas (p.9-10), Tudo vai terminar bem (p.10), Vejamos o que aconteceu (p.10), Novas interrupções do trabalho (p.10-11), Tudo a Jesus - Hóstia por Maria Imaculada (p.11-13), No palácio e na prefeitura (p.13-14), O eclipse (p.14), Antes das férias (p.14), As premissas da fundação (p.15), A primeira festa de nossa superiora na Paraíba (p.15), Um novo regime (1941) (p. 15-16), A visita do Senhor Interventor (p.16-17), O Retiro (p.17-18), Uma visita “imaginária” ao Colégio das Lourdinias (p.18-20), O desfile - A festa de Deus (p.20), A mudança (p.20), O grande dia (p.20-21), A benção do Santíssimo (p.22), Ainda no mesmo dia (p.22), O colégio protestante (p.22-23), A primeira Comunhão (p.23), O Sr. Ruy Carneiro veio visitar o novo Colégio (p.23-24), A festa do alumínio (p.24),

³³ O Relato apresenta diversos depoimentos sobre a chegada das Irmãs Lourdinias em João Pessoa entre os anos de 1940 a 1943 e que relatam o quadro de instabilidade política deste período.

Cura pela homeopatia (p.24-25), Pelas missões (p.25), A festa do capelão (p.25), São Francisco reviveu no século XX (p.26), Conversação (p.26), Adeus! (p.27), De dezembro de 1941 a fevereiro de 1942 (p.27), Feliz natal (p. 27-28), O ponto de interrogação (p.28), Os planos de Deus não são sempre iguais aos dos homens (p.28-29); 1942 A volta de Nossa Madre Evangelina (p.29), Uma carta recreativa (29-30), Segundo dia de viagem, Terceiro dia de viagem, dia 02 de fevereiro, dia 04 de fevereiro, O Colégio (p.32-33), A implantação das estações do caminho na Cruz na Nossa Capela, A confiança é recompensada, O retiro das Noelistas (p.34-35), Entronização do Sagrado Coração (p.35), Visitantes noturnos (p.35-36), A questão do terreno (p.36-37), Tudo a Jesus - Hóstia por Maria Imaculada. Grande Retiro de 1942 (p.38), Votos perpétuos (p.39), Um sonho que se tornou realidade (p.39-40), Um presente (p.40), O corpo docente do Ginásio (p.40-42).

Cada item desse Relato de Fundação segue uma narrativa descritiva de forma romanceada, sobre o passado da instituição, que requer um olhar apurado sobre a intencionalidade das autoras e também sobre as entrelinhas do discurso. Para tanto, todos os trechos aqui selecionados apresentam a história dos três primeiros anos dessa instituição e terão o diálogo contínuo com teóricos que trabalham com análise de discurso e também com o Relato como fonte.

Das páginas um a quatro, constata-se um relato introdutório que informa sobre a partida do Rio de Janeiro até a chegada em João Pessoa das primeiras freiras que começam as primeiras articulações políticas para a vinda definitiva das religiosas e, em seguida, narra a organização da ida definitiva das Irmãs escolhidas para adentrar o solo paraibano até a sua chegada no primeiro prédio em que as freiras se instalaram. Das páginas quatro a nove, reconhece-se um desejo de apresentar os benfeitores, a abertura de classes, a visita de Dom Moisés e o lançamento das pedras fundamentais. Um marco para as Irmãs foi a saída de Argemiro de Figueiredo como interventor, pois este demonstrava apoio à instituição; nas páginas onze a catorze, as freiras narram sobre a mobilização dos pais para resolver tal situação, a troca de mensagens com Rui Carneiro, então interventor. Das páginas catorze a vinte, se descreve a organização do primeiro prédio, a chegada de Nanete diretamente do Convento de Mangueira, o retiro espiritual e o aumento do número de alunos e a consequente impossibilidade de permanecer no mesmo local. Das páginas vinte a vinte e cinco, narra-se desde a mudança para o novo prédio, a visita de Rui Carneiro, pequenas histórias do cotidiano e as festas diversas desse contexto. Das páginas vinte e quatro a vinte e nove, apresentam-se as dificuldades de estabilização da instituição, a ida da Madre Evangelina ao Rio de Janeiro. Das páginas vinte e nove a trinta e dois, segue nova narrativa de viagem que apresenta o retorno da Madre com

mais três Irmãs e cada detalhe destes momentos vivenciados no navio até chegarem ao Colégio. Entre as páginas trinta e três a trinta e seis, são visíveis cenas do contexto educacional e religioso, como as aulas de canto e também o retiro das Irmãs Noelistas. Das páginas trinta e sete a quarenta, tem-se a transcrição de telegramas de Ruy Carneiro, de seu assessor Dr. Paulo Lyra, voltados para a doação do terreno à instituição e todo o processo burocrático. Das páginas quarenta a quarenta e dois, há uma narrativa focada na implementação do Curso Ginásial no Colégio Lourdinias.

Marcados pela fé mariana e por dificuldades preeminentes de estabilização na capital paraibana, os relatos, de autoria das Irmãs que vieram do Rio de Janeiro para capital paraibana, evidenciam as relações sociais, educacionais, políticas e a religiosidade como pontos fundamentais para que a instituição se firmasse na localidade.

O caráter tradicional da instituição e as regras próprias da tradição católica e das leis vigentes terão lugar de destaque nesta pesquisa, no intuito de trazer mais elementos que contribuam com a história da educação e que revelem o modelo educacional destinado ao grupo social em questão.

A própria estrutura do Relato, ou seja, a narrativa dos detalhes da chegada de Petrópolis à Parahyba do Norte e de como funcionava a instituição, tomando como base a visão de Certeau (1998), é fundamental para se ter uma noção da visão do espaço escolar pelas Irmãs que assinam o documento. A visita imaginária a cada detalhe da instituição escolar traz a noção particular do espaço de quem relata, a visão idealizada própria de uma mulher que funda um determinado local e que o analisa a partir de seus laços identitários particulares. Isso ocorre porque:

Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros (CERTEAU, 1998, p.203).

Este relato refletido sem arcabouço teórico apenas parece um amontoado de datas e notas com exaltações a famílias pessoenses e aos políticos que contribuíram para a sua fundação, mas, percebendo as relações micropolíticas, ele muda radicalmente de sentido. Daí a necessidade de um sólido aparato teórico para dialogar com as fontes disponibilizadas. De antemão,

[...] podemos dizer que se produz um trabalho historiográfico das Instituições Escolares para interpretar o sentido daquilo que elas formaram, educaram, instruíram, criaram e fundaram, enfim, o sentido da sua identidade e da sua singularidade (SANFELICE, 2006, p. 24).

É a partir de um olhar pautado no sentido da identidade e singularidade do Colégio Lourdinas que se consegue captar, por exemplo, como a instituição conta com o apoio de famílias com forte mobilização dos pais de alunos, que exigem do governo a mudança do prédio para melhor atender a suas filhas. Isso faz refletir como:

O tecido narrativo onde predominam os descritores de itinerários é, portanto, pontuado de descritores do tipo mapa que têm como função indicar ou um efeito obtido pelo percurso (“Você vê...”), ou um dado que postula como seu limite (“há uma parede”), sua possibilidade (“há uma porta”) ou uma operação (“há um sentido único”) etc. A cadeia de operações espacializantes parece toda pontilhada de referências ao que produz (uma representação de lugares) ou ao que implica (uma ordem local). Tem-se assim a estrutura do relato de viagem: história de caminhada e gestas são marcadas pela “citação” dos lugares que daí resultam ou que as autorizam (CERTEAU, 1998, p. 205).

Toda esta descrição de Certeau (1998) é pertinente à fonte aqui destacada, pois as freiras, com riqueza de detalhes, trazem particularidades dos locais percorridos durante a vinda à Parahyba do Norte e do próprio prédio da instituição escolar. O fato de a fala das freiras ser destinada à Madre Provincial dá uma ideia daquilo que elas buscam transmitir para a sua maior liderança, pois buscam discutir/expor os aspectos positivos do seu cotidiano e as dificuldades vencidas.

Além disso, é nítido no Relatório a liderança das freiras e as características que satisfazem aos clientes da instituição, pois:

O público de uma instituição escolar traz para dentro dela uma certa cultura e um conjunto de valores que podem estar muito próximos ou muito distantes da cultura escolar oficial. Isto faz com que os desafios pedagógicos de cada instituição sejam únicos, o que interfere profundamente no projeto pedagógico de cada unidade escolar (SANFELICE, 2006, p.23).

O conjunto de valores e a cultura do grupo em questão são notórias no Relato, cujas minúcias descritivas permitem que se compreendam as particularidades desta instituição e o fato de ela ser exclusivamente voltada para o público feminino até os anos 90.

São identificáveis também as relações de subordinação das freiras em relação aos padres e o sentimento de identidade feminina e religiosa entre elas. Supõe-se que essa visão de mundo seja depois sedimentada no comportamento das crianças que lá estudaram. No que diz respeito a essa submissão, pode-se considerar que “a identidade nunca se firma isoladamente, porém, se dá de uma forma dialética de sujeição e de dominação” (LEMOS, 2012, p. 25).

É preciso refletir ainda sobre a interação entre freiras e capelão, alunas e freiras, alunas e capelão, de modo que se possa compreender como o modelo educacional é capaz de contribuir na sedimentação da visão do significado do ser mulher e do ser homem em uma sociedade patriarcal. Essa contextualização faz parte do universo da cultura escolar que,

[...] não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhes são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. (JULIA, 2001, p.10-11).

Esse conjunto de normas aqui discutidas é observável também, especialmente, a partir dos dados oferecidos pela Irmã Rosana Valéria, pois contém consigo elementos administrativos que contribuem com a análise do cotidiano escolar.

A devoção à Maria e a ênfase em Jesus eucarístico, sentimentos próprios das congregações marianas, se fazem presentes nos discursos das Irmãs e movem o *ethos* e a visão de mundo das religiosas. Compreende-se aqui o *ethos* de um povo como o “tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos, e a visão de mundo como o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem” (GEERTZ, 2008, p.66-67). Na apresentação do documento em questão constata-se elementos da visão de mundo e do *ethos* do grupo em questão que são internalizados pelas religiosas:

Dignai-nos, amável Mãe, ó Nossa Senhora de Lourdes, derramar vossas bênçãos sobre a obra que haveis iniciado. Que este “grão de mostarda”, semeado por vossas mãos virginais, germine, cresça, torne-se uma grande árvore, onde virão se refugiar os pássaros de céu, as almas bem-amadas de vosso Jesus! (LOURDES, 1943, p.1).

O pequeno trecho é preconizador não apenas da devoção à Nossa Senhora de Lourdes e à Jesus Cristo, ele traz uma primeira apropriação bíblica ao se referir à fé como grão de mostarda, presente em Lc. 17, 5-6.

Aparece ainda no pequeno trecho, de forma indireta, os dogmas marianos³⁴, que veem na pureza virginal de Maria um sinal de ausência de pecado e capacidade por interceder pelas freiras, unidos ao sentido da fé, mesmo pequena como um grão de mostarda, sendo capaz de fazer obras milagrosas com a devoção à Maria. Lógica própria deste e de outros grupos sociais de cunho religioso.

No caso aqui específico do grupo sobre o qual estudou-se, a devoção é à Nossa Senhora de Lourdes. Vê-se nela a capacidade de derramar bênçãos sobre a obra que estava prestes a se iniciar na Parahyba do Norte. Ao se afirmar que esta obra seria direcionada às almas bem-amadas de Jesus, encara-se o trabalho a ser desempenhado na Parahyba do Norte como sendo vontade divina e pede-se o auxílio de Maria. Transparece o diálogo entre o contexto histórico, ou seja, a fundação do Colégio Lourdinas, com a devoção a Jesus e à Maria. A fé mariana e na figura de Jesus era notoriamente aquilo que identificava as Irmãs Lourdinas enquanto grupo. A ideia de almas bem amadas também transparece na exclusividade deste grupo enquanto tal assim como uma ideia de seleção divina e de predestinação ao cumprimento da missão a elas confiadas, mostrando como elas se veem perante o restante da sociedade no momento em que são as escolhidas, ou seja, as bem amadas. A narrativa sobre a embarcação das freiras rumo à Parahyba do Norte diz:

A querida irmã Catarina agitava seu lenço branco... dizia-se que ela queria enviar toda a sua alma à Paraíba. Bem depressa, já não se distinguia mais do que silhuetas escuras e, por um instinto natural de criança que tem medo, nós nos voltamos para nossa mãe do Céu: “*Ave, Maris Stella!*” (Salve, Estrela do Mar!) (LOURDES, 1943, p.2)

Reconhece-se que além da fé mariana, que levam as religiosas a orar para acalantar o medo do mar, há uma demonstração de identidade³⁵ entre as freiras que sofrem por não estarem indo à Paraíba junto com as que partiram. É por isso, provavelmente, que se afirma que Irmã Catarina enviaria toda a sua alma para o local onde estavam sendo direcionadas as demais. Entende-se aqui que:

³⁴ O dogma mariano de *Theotokos* surgiu no Concílio de Éfeso em 431 e afirma que Maria é a mãe de Deus; O dogma sobre a virgindade perpétua de Maria surgiu no *Concílio de Constantinopla* (563), sendo reforçado no *Concílio Lateranense* (1179); O dogma da Imaculada Conceição, derivado da Bula *Ineffabiles Deus*, foi criado, em 1854, pelo Papa Pio IX, e teve influência oriental por reforçar a ideia de pureza de Maria. O dogma referente à *Assunção de Maria aos céus*, datado de 1950, fez parte da constituição apostólica do papa Pio XII; acredita-se que Maria não teve uma morte comum, reforçando ainda mais a ideia de que ela não teve pecado (LIMA, 2014).

³⁵ As identidades não se firmam de maneira isolada, mas de uma forma dialética de sujeição e de dominação (LEMOS, 2012).

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p.75)

Há, como em outros grupos religiosos, uma notória solidariedade entre as freiras e um sentimento de pertencimento à congregação religiosa em questão por professarem os mesmos princípios religiosos e terem o mesmo entendimento do significado da evangelização a partir da educação. Isso demonstra como, de fato, o registro diário da viagem contém “mais do que informações, sensações provocadas pelo que se via” (PIMENTEL, 2001, p.93)

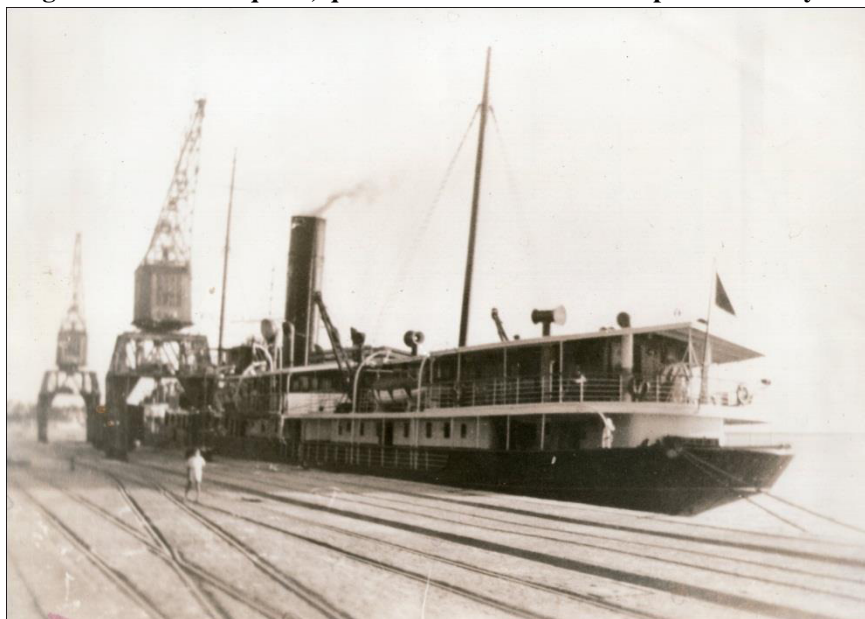
A raça, a religião, a língua e a história são elementos de coesão e de solidariedade que constituem o significado de uma identidade étnica (D’ADESKY, 2001). A religião tem um lugar especial por se tratar de um sistema gerador de sociabilidade, de coesão e de comunidade (OLIVEIRA, 2012). Entre as Irmãs, há uma relação que vai além da religião, pois todas fazem parte de um grupo restrito, por seguirem os mesmos princípios congregacionais.

A constante vida regrada de orações e silêncios, tão observáveis na rotina de outros conventos discutidos por Algranti (1993), marcam os traços identitários das Irmãs Lourdinhas. A viagem à Parahyba do Norte manifesta traços da lógica interna do grupo, uma vez que são compartilhados em seus depoimentos:

Meditação, Ofício, Terço, nada foi omitido por nós, que não sentimos o mal do mar. A oração da tarde era feita em comum sobre a ponte, sob o belo céu estrelado. Logo após, começava o “grande silêncio”, escrupulosamente guardado, como no convento (LOURDES, 1943, p.2).

As orações contínuas enumeradas pelas freiras e a descrição das paisagens trazem noções daquilo que elas queriam apresentar para a Madre, enquanto dotadas de comportamento exemplar bem como o desejo por detalhar tudo o que estavam vivenciando para a sua maior liderança religiosa, ou seja, a Madre Provincial.

Figura 7 - Navio Itaquera, que trouxe as Irmãs de Petrópolis à Parahyba do Norte



Fonte: Arquivo Pessoal Ir. Rosana Valéria Varela.

É provavelmente o sentimento de identidade entre o grupo e de submissão à Madre Provincial que influencia na insistência em afirmar que todas as orações eram realizadas mesmo estando em alto mar. Tudo isso demonstrava o desejo de se apresentarem como mulheres obedientes ao que a Congregação Religiosa francesa professava. A ênfase no silêncio presente na rotina do Convento manifesta um caráter meditativo próprio deste local de onde elas partem e que elas buscam trazer para o seu cotidiano no navio. Essa dimensão da identidade precisa ser, todavia, observada como:

[...] uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e lingüística (sic) - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (SILVA, 2008, p. 80).

A figura de Jesus é tão valorizada no relato feito pelas Irmãs que o próprio documento aqui mencionado é dedicado a Jesus eucarístico, no momento em que se faz a seguinte prece: “Ao vosso Coração Eucarístico, ó bom Jesus, consagramos estas lembranças, pequeno testemunho de amor e de reconhecimento”. (LOURDES, 1943, p.1).

Esta devoção a Jesus também é observável quando se narra o início de sua viagem, no momento em que as religiosas passam pelo Corcovado e fazem a seguinte afirmativa:

“Eis o Corcovado!”... Passamos muito perto dele!

O Cristo Redentor, com os braços abertos, parecia querer abraçar-nos pela última vez. Ele nos mostrava o horizonte. “Ide!” – Dizia-nos, em sua linguagem muda... palavra que todas nós tínhamos compreendido (LOURDES, 1943, p.2).

Unindo a descrição da paisagem do Corcovado à apropriação do Evangelho de Marcos, 16, as Irmãs demonstram o impacto visual da imagem que representa Jesus tão presente no cotidiano delas, por virem do Rio de Janeiro e também a visão da ida à Paraíba do Norte como missão evangelizadora a partir do ensino. Refletindo-se a partir de Frago e Escolano (2001), este aparato religioso das Irmãs e ideia missionária, é cognoscível que tais aspectos refletem no currículo invisível e silencioso dos que lá passaram a estudar, sendo a base educacional da instituição aqui estudada, portanto, expressamente religiosa. Todos esses elementos permitem que se compreenda a visão de mundo das freiras que encararam a ida à Paraíba como missão evangelizadora e que adequaram suas leituras bíblicas ao momento que estavam vivenciando. Essa apropriação da missão evangelizadora perceptível, presente no discurso das freiras e em diferentes perícopes bíblicas dos Evangelhos, reforça a ideia de que a Bíblia em si tem uma “possibilidade praticamente infinita de sua atualização” (BENATTE, 2007, p. 62).

A infinita atualização da Bíblia se justifica mediante o fato de que os textos canônicos geram novos modos de ver coisas antigas e novas coisas que nunca foram contempladas anteriormente. Assim, mesmo diante das mais variadas leituras em relação a um determinado texto, encontram-se nele novas respostas para algo manifestado pela sua própria indeterminação, que o impede de ser exaurido (LIMA, 2014, p. 66).

Na visão de mundo das Irmãs, portanto, é perceptível que a figura de Jesus exerce papel central em cada narrativa. A fé na ideia de que Cristo está presente na eucaristia é enfatizada em todos os discursos das religiosas. Isso explica o seu carisma que segue o seguinte lema: *‘Tudo a Jesus Hóstia por Maria Imaculada’*. Tal pensamento alimenta o cotidiano das Irmãs e da própria instituição, de cunho tradicional católico mariano, por elas dirigida.

Em suas narrativas, une-se a perícopa bíblica³⁶ à tradição católica ao se pensar o Santíssimo Sacramento como sendo fundamental para as suas vidas consagradas. Tal situação é visível no seguinte trecho correspondente ao período da viagem à capital da Paraíba: “Fizemos uma visita a N. Senhor, na catedral, e à igreja dos franciscanos. Após algumas horas agradáveis no convento do Desterro, reanimamos um pouco as forças” (LOURDES, 1943, p.2).

³⁶ Aqui faz-se alusão à Ceia de Jesus com seus discípulos, narrada em Mt. 26. 1-28.

Há uma preocupação das Irmãs em narrar para a Madre Provincial que a figura de Jesus sacramentado é tão fundamental para as suas vidas que elas se reanimam no momento em que ficam diante dele. A descrição do sagrado feita por Otto (2009) como inefável e majestoso permite que se pense na dimensão do significado de Jesus Eucarístico para esta Congregação Religiosa, já que sob tal pensamento pensa-se que, de fato, a hóstia consagrada representa a personificação de Jesus na terra.

No trecho a seguir, constata-se como a presença de Jesus eucarístico significa Deus presente entre elas: “Enfim, as pessoas amigas se retiraram e nos vimos sozinhas pela primeira vez em nosso convento... Sozinhas? É verdade! O Hóspede Divino do tabernáculo não estava ainda entre nós!” (LOURDES, 1943, p.3). O lamento perceptível em tal constatação leva a uma delas a narrar à Madre Provincial como a figura de Jesus eucarístico é fundamental para o cotidiano das freiras e é capaz de moldar suas relações sociais.

O reencontro com Jesus eucarístico na missa, contudo, torna clara a necessidade de expor o significado de sua “ausência” na sua morada, já que é comemorado de forma contundente pelas Irmãs ao se fazer a seguinte afirmativa: “Na manhã seguinte, 03 de março, o reverendo Padre Carlos Coelho veio celebrar a Santa Missa. Como foi delicioso para todas nós esse reencontro com Jesus Hóstia, após a separação de oito dias!” (LOURDES, 1943, p.3)

A comparação da ausência de Jesus eucarístico com a perda de um ente querido é o ápice da busca por demonstrar a força que este tinha na vida das religiosas:

Aqueles que se veem obrigados a viver em um lugar onde desapareceu, pela morte, um ente querido, poderão fazer uma fraca ideia do que é para as religiosas Adoradoras a vida sem Jesus Eucarístico.

“Vem, Senhor Jesus, vem sem tardar”! Era a nossa prece de todos os instantes (LOURDES, 1943, p.6).

Todas essas questões presentes nos discursos das próprias religiosas permitem que se tenha uma ideia da necessidade de se narrar sobre a fé eucarística como ponto fundamental de suas ações. Nesta perspectiva, a prece “Vem, Senhor Jesus, vem sem tardar” possibilita que se adentrem na lógica religiosa da Congregação Religiosa e seus símbolos sagrados ao ponto de considerá-los fundamentais para a compreensão da educação ali implementada.

Figura 8 - Irmã diante do Santíssimo na Capela do Colégio Lourdinas nos anos 40



Fonte: Lourdes (1990)

A disciplina vigilante para com o Santíssimo Sacramento, perceptível em outras congregações, é nítida no seguinte relato:

No dia 05 de julho, primeira sexta-feira do mês, o Hóspede Divino toma posse do seu tabernáculo e, no domingo seguinte, nós tivemos, pela primeira vez, a exposição do Santíssimo Sacramento. As dezesseis horas e meia de adoração foram divididas entre seis adoradoras, cada uma faria duas ou três vezes homenagem ao Nosso Senhor.

Muitos obstáculos aconteceram para impedir que nós tivéssemos a exposição diária, por isso os domingos deveriam ser dias, para nós, de dupla festa (LOURDES, 1943, p.7).

A vida regrada das Irmãs era similar à de outros conventos, e a ideia de que o divino estava no sacrário movia o pensamento das religiosas que em cada momento de seu dia descreviam como buscavam manter suas mentes ocupadas.

Ocupação permanente, vida metódica, e gestos controlados são princípios estritamente ordenados nas regras e regulamentos da vida religiosa. Repletos de simbolismo, os olhos baixos, o tom de voz, as genuflexões e os movimentos do corpo eram julgados pela comunidade com rigor. (ALGRANTI, 1993, p. 195)

Como se vê, o comportamento contemplativo e regrado não era privilégio do que é narrado pelas Irmãs Lourdinas como suas práticas diárias, já que faz parte do comportamento das freiras de maneira geral. Da mesma forma, o toque do sino regulava os horários da vida religiosa feminina no Brasil:

O tempo escoava lentamente entre um toque e outro, alertando as reclusas quando iniciar ou concluir uma atividade. O sino dividia as horas do dia e da noite, o tempo individual do tempo comunitário. Era ele que rompia o silêncio profundo que envolvia todos. Silêncio e reclusão absolutos – os dois princípios maiores da vida contemplativa – eram impostos às mulheres reclusas em todas as instituições estudadas. (ALGRANTI, 1993, p.192-193)

O silenciar, as orações constantes das religiosas e a visão masculina do divino refletem-se ainda na própria submissão às figuras masculinas sacerdotais, justificáveis por serem eles os intermediários entre elas e a figura de Jesus Hóstia, que é visto como sendo transformado em corpo de Cristo no altar a partir do chamado mistério da transubstanciação, ou seja, as substâncias do pão e do vinho são transformadas em corpo e sangue em cada missa. Isso justifica o motivo pelo qual a teóloga feminista e religiosa Ivone Gebara (1992, p.51) considera que “A relação com o homem, sobretudo, nos meios religiosos é sempre uma relação de um superior a um inferior” e compreende que:

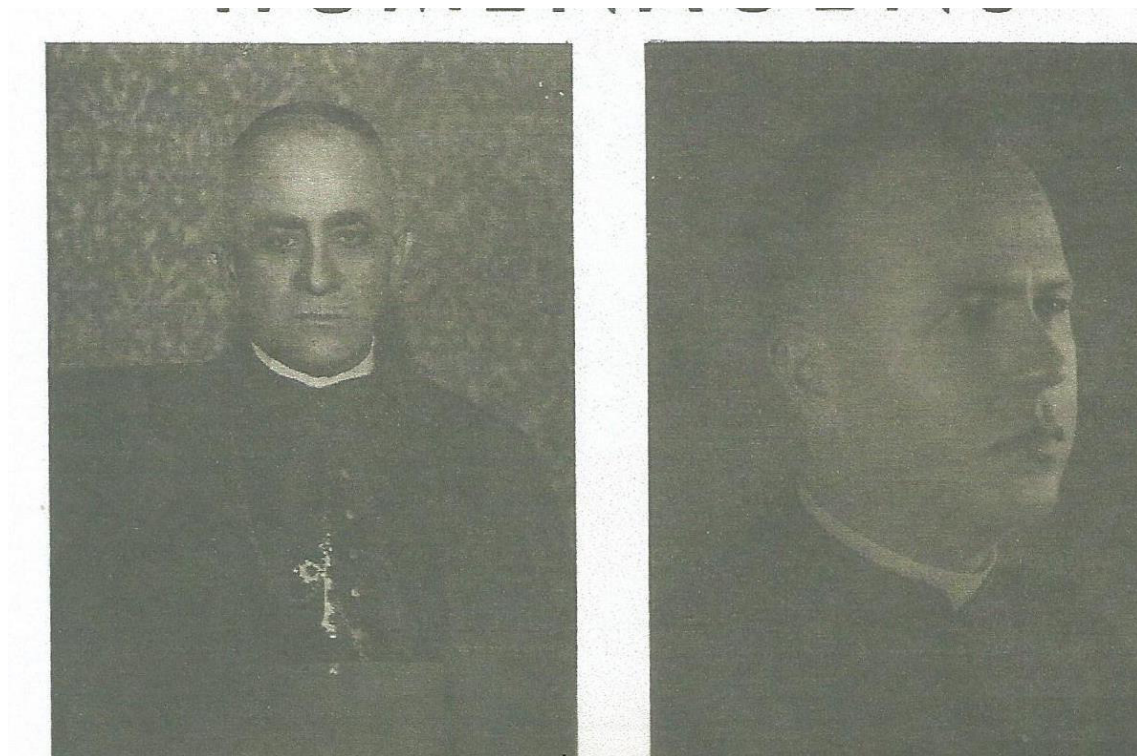
A imagem de um Deus fora de nós podia ser facilmente identificada à imagem do homem como legislador do comportamento da mulher. Daí a submissão da mulher e da religiosa em particular aos pontos de vista do clero ou dos teólogos sobre aquilo que era foro interno ou pertencia ao domínio da vida cotidiana (GEBARA, 1992, p. 47).

A naturalização presente no discurso das Irmãs Lourdinas sobre o lugar de autoridade da figura masculina religiosa leva ao questionamento sobre os papéis sociais que cumprem os sacerdotes e as freiras neste contexto de fundação do Colégio Lourdinas e os valores internalizados por ambos. De antemão, considera-se que os papéis considerados como próprios dos homens e das mulheres tratam de construções socioculturais que se dão a partir das experiências dos indivíduos (SCOTT, 1990). Tais aspectos, verificados a partir de Frago e Escolano (2001), esclarecem elementos socioculturais do espaço escolar que só são passíveis de investigação a partir da análise das entrelinhas do discurso.

No caso específico da experiência existente entre religiosas e sacerdotes no Colégio Lourdinas, é perceptível como a legitimação masculina é demonstrada pelo discurso das Irmãs

em cada momento em que elas se voltaram, em especial, para duas figuras: o arcebispo Dom. Moisés Coelho e o seu irmão, o capelão da instituição, Pe. Carlos Coelho.

Figura 9: Dom Moisés e Pe. Carlos nos anos 40



(LOURDES, 1990, p.16)

O sentido social construído pela diferença biológica é uma das chaves de análise imprescindíveis para se compreender a força simbólica exercida pelas determinações construídas de maneira sociocultural. Identifica-se, de maneira geral, como as sociedades respondem no contexto social sobre o que cabe ao homem e à mulher, a partir de um discurso cada vez mais naturalizado da realidade.

Tal naturalização revigora, mesmo diante de uma série de funções acumuladas pelas religiosas no interior do Colégio Lourdinas, a dependência da figura masculina com relação àquilo que elas mais prezavam (ou seja, Jesus Hóstia) e garante uma contínua relação de dependência dos sacerdotes supracitados.

Pe. Carlos e Dom Moisés, pelo que se apresenta no discurso das Irmãs, não se destacaram, contudo, no cotidiano das freiras apenas como celebrantes da Santa Missa, pois também acumulavam funções religiosas de cunho diretivo que reforçavam ainda mais a relação

de submissão por parte das religiosas, presente nos olhares, nos gestos, na disposição do espaço e nas falas.

Dom Moisés, em especial, aparece no discurso das Irmãs como maior interessado na vinda das freiras. É tanto que, ao iniciar o Relatório, afirma-se: “Elas foram encarregadas de uma importante missão: tratava-se da fundação, há muito tempo solicitada por Sua Excelência o Arcebispo da Paraíba, D. Moisés Coelho” (LOURDES, 1943, p.1 grifo nosso).

Vê-se que existiu um contato inicial do sacerdote com as Irmãs e um interesse profundo de que o modelo tradicional católico oferecido pelas religiosas atendesse às necessidades das famílias locais que, em sua maioria, eram católicas. O intuito de educar as filhas de famílias católicas indica o interesse por fortalecer os laços identitários entre o religioso e este grupo social, a partir da cultura escolar e a busca por fazer com que a educação católica fosse valorizada na vida dos futuros fiéis.

O interesse do Arcebispo pela permanência das Irmãs fica explícito especialmente no momento de entrave político, ou seja, mediante a inicial recusa de Ruy Carneiro por doar o terreno para construção do novo prédio para a instituição. Diante dessa situação de inconsistência da permanência das Lourdinas, as Irmãs relatam que:

O Arcebispo Dom Moisés protesta, ele não quer ouvir falar de tal coisa. “As obras de Deus são sempre provadas pelas contradições”, diz ele para encorajar as Irmãs. No fim de tudo ressurgirá... “Não, as Lourdinas não deixarão a Paraíba!” E acrescenta: “Esta ideia me faz mal à cabeça!” (LOURDES, 1943, p.8, grifos nossos)

A visão de tal situação como inadmissível por parte do Arcebispo explica o seu particular interesse para que essa instituição permanecesse. Além disso, as apropriações bíblicas fazem com que se perceba a busca por animar as religiosas e sua fé de que tudo seria solucionado por se tratar de, na sua visão, ser uma obra de Deus. Há, portanto, tal como já visto no discurso das Irmãs, uma junção entre o contexto histórico vivenciado pelo grupo social com a fé católica professada pelo religioso.

O encorajamento e o pedido pela implantação da instituição evidenciam seu interesse pelo estabelecimento de uma educação religiosa solidificada na Parahyba do Norte. A educação religiosa na sua visão, provavelmente, cumpriria o papel de manter os futuros fiéis seguindo rigidamente os ensinamentos da tradição católica. Essa situação transparece na ênfase dada à importância do catecismo e da primeira comunhão dos alunos. Estas cerimônias também eram atribuídas a uma autoridade masculina, um sacerdote, ou seja, Pe. Carlos Coelho.

A responsabilidade de Pe. Carlos pelas aulas de Catecismo junto aos Seminaristas, por exemplo, dá a eles um lugar de destaque na formação religiosa dos estudantes que ali estudaram no período em questão.

O Padre Carlos fazia, por dia, duas conferências para as crianças do 2º ao 6º ano e um seminarista, Alfredo Barbosa, estimulava o fervor de umas cinquenta crianças que se preparavam para a 1ª Comunhão (LOURDES, 1943, p.17).

Na descrição das Irmãs o estímulo ao fervor das crianças comprova o motivo pelo qual havia um concreto interesse por parte do bispo de implantar o Colégio Lourdinas na atual cidade de João Pessoa. Era de fato a propagação da fé católica que estava em jogo. Tal propagação se deu pela própria reverência das devotas aos sacerdotes. Isto facilitou a distribuição das funções institucionais e a própria vinda das Irmãs ao território paraibano.

Figura 10 - Alunas na entrada do Colégio Lourdinas



Fonte: Arquivo Pessoal Rosana Valéria.

O estímulo ao fervor por parte dos religiosos permite ainda que se considere a função religiosa do Pe. Carlos no seio daquele estabelecimento, pois caberia a ele, junto ao seminarista, a condução das crianças a um momento que, para as Irmãs, seria fundamental para a vida dessas crianças enquanto cristãs, ou seja, a primeira comunhão. Não se pode, dessa forma, desvincular esta fé em Jesus hóstia com o tipo de ensino ali utilizado, bem como a forma que é cabível a uma figura masculina este papel.

A responsabilidade do Pe. Carlos para com as crianças se dá de forma consistente. Percebe-se no discurso das Irmãs uma relação de confiança e de admiração que dá à figura desse sacerdote maior respaldo para a sua função religiosa e para o papel social ali desempenhado. Constata-se que a lógica educacional das Irmãs se equipara a de outras escolas tradicionais católicas, pois seus princípios estão pautados “em fatores de ordem afetivo-espiritualista, preocupando-se com a sobrevivência institucional e a manutenção de uma certa hegemonia social da Igreja” (ALVES, 1991, p. 152).

A admiração pelo Pe. Capelão é notória nos elogios feitos à sua homilia. O seu lugar de destaque nas cerimônias e nas aulas de catecismo permite a percepção de que tal situação é naturalizada no cotidiano das religiosas.

Assim, era a partir dele que se faziam as crianças comungantes. A freira narra sobre a Primeira Comunhão dos primeiros alunos de forma romanceada e detalhista:

Enquanto se entoava o cântico “Vinde, vinde”, as crianças entraram na Capela. Esta estava cheia. Podia-se, apenas, mover. Um coro de crianças cantou durante o Ofertório, a Elevação e a Comunhão.

No Evangelho, o Padre Capelão fez um curto, mas belo sermão dirigido aos primeiros comungantes.

Chegou o momento mais solene. Cinquenta pequenos anjos, bem recolhidos, se aproximam da Mesa Santa. Que teriam dito a Jesus nesse curto momento, enquanto, de cabeça baixa, olhos fechados, pareciam longe do mundo?

Pouca coisa, sem dúvida. Nada de extraordinário. Mas Jesus está satisfeito com os corações angélicos dessas pequenas almas, onde as coisas do mundo ainda não penetraram. A Flor de Lis Divina se alegra com as flores de lis... Como Ele deve sorrir com a pequena Gilka, bela criança de cinco anos, a qual, ao ver sua irmã maior receber o Bom Deus, queria também dividir essa alegria e demonstrava seu desejo, choramingando (LOURDES, 1943, p.23) (grifo nosso).

A ritualística da missa narrada pelas Irmãs e a visão de criança como alma angelical são traços pertinentes e explicam a emoção de ver as crianças recebendo aquilo que para elas há de mais precioso, ou seja, Jesus Hóstia. O modelo educacional católico é internalizado pelas Irmãs, e como costumeiramente é comum, elogia-se e admira-se o discurso do padre capelão. Naturaliza-se, portanto, a ideia de que seria ele quem deveria ser o responsável por dar a comunhão às crianças e por pregar durante a homilia sobre a importância da eucaristia para o católico.

Referente real e simbólico, o espaço escolar, no caso aqui específico, educa a partir de valores religiosos, e os rituais católicos estão presentes no cotidiano de alunos, pais e

professores. São esses símbolos que sedimentam as relações sociais entre estes indivíduos. Fundamentando-se na abordagem de Frago e Escolano (2001), reconhece-se que toda a força desempenhada pelo ensino católico compõe a memória dos alunos que ali estudaram. Além disso, a ideia de funções destinadas aos sacerdotes e às freiras também é solidificada na memória dos alunos e naturalizada a partir da internalização de tais princípios.

Assim, em outras cerimônias, o lugar de destaque da figura masculina também é observável. A hierarquia pode ser constatada na própria disposição dos corpos durante algumas celebrações como se narra:

O Padre Carlos está na frente do cortejo.

Os membros do clero o seguem. Depois, nossa Superiora, a Assistente, as Irmãs, as crianças do Colégio e o povo. Perdão, essa última palavra é pouco delicada. Podia dizer: o representante do Interventor, as autoridades, as pessoas amigas, os parentes dos alunos.

Fomos imediatamente à Capela. Em seguida, cada parte da casa foi visitada e recebeu a Bênção de Nosso Senhor (LOURDES, 1943, p.16).

O cortejo supracitado ocorreu durante a inauguração do novo prédio onde as Irmãs narram estar aguardando ansiosamente a presença de seu capelão para iniciar a celebração. A hierarquia aparece de maneira silenciosa e naturalizada pelos presentes ao se constatar que o clero, as Irmãs e os demais acompanhantes vieram sequencialmente para a entrada na capela. A família é outro elemento notório no discurso das Irmãs. É contundente a afirmação de que não deveria chamar aos presentes de povo, isso porque se trata de membros das famílias locais.

A função religiosa do sacerdote capelão não se restringe, contudo, à celebração da Missa, ao preparo das crianças para a primeira eucaristia ou às inaugurações, mas se estende ao compromisso de trazer palavras de estímulo para as Irmãs que ali chegaram sob a solicitação do Arcebispo. Exemplo disso está na alegria que as Irmãs demonstraram ao saber que o Pe. Capelão seria um dos seus pregadores:

No dia 23 de junho nós entramos em retiro. Teremos só seis dias. Era preciso se contentar. No ano passado não tivemos nem esses poucos dias! .

O Padre Capelão será o “pregador”. A boa notícia é recebida com alegria. A perspectiva de alguns dias de recolhimento, passá-los todo com Jesus, é uma graça singular (LOURDES, 1943, p.11).

A responsabilidade de Padre Carlos por dirigir o retiro das Irmãs na narrativa dá ao leitor a ideia de que ele esteve novamente em um lugar de destaque, capaz de trazer para as religiosas orientações necessárias de convivência, como se pode ver nas temáticas por ele

escolhidas no retiro das religiosas. As meditações feitas por eles foram anotadas pelas Irmãs (LOURDES, 1943, p.13):

1º Dia

1. Os diferentes degraus da vida de união com Deus.
2. União das duas Naturezas na Pessoa do Verbo – Modelo de nossa adesão ao Cristo.
3. O valor de uma alma medida pela capacidade de renúncia.

2º Dia

1. A Obediência
2. A Castidade
3. O “porquê” dos sacrifícios que nos impõe a vida Religiosa.

3º Dia

1. A Missão de Educadora
2. Alguns princípios sobre a Educação.

4º Dia

1. A formação do aluno
2. A vida litúrgica
3. A concepção cristã da vida

5º Dia

1. A morte
2. A caridade universal - pela oração
3. A verdadeira piedade.

6º Dia

1. Em que consiste a santidade
2. A Eucaristia, fonte da verdadeira felicidade
3. Considerações sobre as palavras de Elisabete Leseur: “Toda alma que se eleva, eleva o mundo”

Cada um dos temas pontuados sedimenta a ideia que se tem do modelo educacional existente no Colégio recém fundado. Confirma-se a centralidade da formação católica na educação ali implantada e a autoridade exercida pelo capelão ao pregar para as religiosas. O ideal cristão perpassa toda a discussão do Retiro, e a necessidade de propagar a fé católica para os alunos aparece de forma contundente. A vida piedosa das Irmãs e a necessidade da obediência são temas ressaltados que fazem parte do universo simbólico de diversas congregações religiosas marianas (ALGRANTI, 1993).

A celebração dos votos perpétuos das Irmãs Lourdinas, dirigida pelo Arcebispo, expõe o seu importante papel na vida das freiras, a sua função religiosa e a constante participação no cotidiano das Irmãs, nos anos iniciais da instituição.

No dia 8 de dezembro 1942, o Monsenhor Arcebispo, D. Moisés Coelho, preside a primeira cerimônia de votos perpétuos realizada em nossa pequena capela.

Não queremos deixar nenhuma lembrança muito pessoal, pois estávamos felizes como eleitas do Senhor. Nós nos limitamos a dizer que não é só no céu que podemos gozar de novo a alegria experimentada neste inesquecível dia. A eternidade nos será muito para cantarmos o *Magnificat* de nosso reconhecimento ao Bom Deus (LOURDES, 1943, p.29).

Pe. Carlos e Dom Moisés são, portanto, figuras de destaque em todo o Relatório. Em todas as cerimônias especiais, o lugar de relevo de ambos demonstra a capacidade de sacralização em cada evento de maneira inquestionável pelas Irmãs. Estes dois líderes ocupam lugar de destaque na cerimônia de inauguração da primeira pedra do local onde seria construído e estabelecido o Colégio Lourdinas. As Irmãs fazem a seguinte afirmativa:

Sua Excelência, Dom Moisés Coelho, com mitra e capa “d’asperge”, preside a cerimônia, a bênção da pedra fundamental da futura Igreja. Em seguida, se dirige para o local do novo colégio.

Os corações das Lourdinas vibram de emoção quando a grande pedra, e o tubo fechado com a ata, descem majestosamente na vala.

Poucos imaginaram que o bloco seria muito breve acordado de seu sono...

- Silêncio! O Reverendo Padre Carlos vai falar!

Procura um local mais alto, algo que sirva de púlpito... Eis um pouco de pedras... E ele sobe.

Suas belas palavras causam uma boa impressão à audiência - as Irmãs se emocionam (LOURDES, 1943, p.5).

É interessante destacar que a presença de Dom Moisés e de Pe. Carlos em uma inauguração expõe a relevância do evento para a cidade, já que são autoridades legitimadoras que participam do ritual. A descrição dos paramentos do bispo, da emoção das Irmãs e do discurso do Pe. Carlos reforçam a demonstração do respeito e admiração que as religiosas tinham para com ambos e o lugar social dessas lideranças na sociedade.

A demonstração de respeito para com a figura sacerdotal não é privilégio de Pe. Carlos e do Arcebispo Moisés. Situação semelhante se vê na descrição do Retiro das religiosas no ano de 1942, liderado por Pe. Jerônimo de Castro, de Recife:

Aproximadamente às duas horas da tarde, um carro parou diante da porta do Colégio. Um venerável padre desce lentamente. É o padre Jerônimo de Castro, que vem de Recife pregar o retiro anual da pequena comunidade da Paraíba. Tem um amável sorriso, que ilumina habitualmente sua fisionomia, dando a impressão de alegria do coração, por estar com as “queridas Lourdinas”.

Durante os setes dias tivemos a felicidade de meditar sua palestra transbordante do amor de Deus. As conferências tinham como tema Jesus Hóstia, sem, no entanto, esquecer a nossa Mãe do Céu.

As palavras que este coração de santo falava às Religiosas são de inteiro abandono a Nosso Senhor. O bom padre Jerônimo se arrastava um pouco quando andava, mas seu espírito “voava” direto ao Coração de Jesus e queria levar as almas a esse local de amor. Como tudo que é bom, os dias de retiro passaram muito depressa. No dia 29 de junho, Bendigamos ao Senhor, que vem nos dizer que é a hora de descer do Tabor (LOURDES, 1943, p.29).

Como é observável em outros momentos, há no Relatório em questão uma busca contínua por se descrever em detalhes cenas do cotidiano e as apropriações bíblicas e da tradição católica. Merece relevo neste relato a descrição da fisionomia do Pe. Jerônimo, já que se atribui a ele o amável sorriso que elas entendiam como alegria de se fazer presente naquele momento.

As apropriações bíblicas e da teologia católica são notórias no momento em que afirmam que sua pregação era transbordante do amor de Deus. Mais que isso, fica explícita ainda a fé já aqui estudada em Jesus Hóstia e em Nossa Senhora. A forma como se fala que seu espírito voava direto ao coração de Jesus indica a ideia de que a figura do sacerdote tinha contato direto com o sagrado e era capaz de levá-las a tal momento. A satisfação é demonstrada quando se descreve que o seu término se dá por terem elas que descer do Tabor. Há, portanto, uma comparação do retiro com a perícopes bíblicas Mt. 17,1-9, que se volta para a transfiguração de Jesus diante de Pedro, Thiago e João e a necessidade de eles descerem do Monte Tabor. Uma atualização da perícopes bíblica é descrita de modo comparativo, portanto, exaltando a liderança religiosa vinda de Recife e que sacraliza o Retiro das religiosas.

Enfim, todas as lideranças mencionadas são apresentadas no discurso das Irmãs como capazes de levá-las a Jesus Hóstia e a Maria. Há, para com essas lideranças, sinais de devoção, respeito e temor, já que está incrustado na mentalidade das Irmãs que cabe ao sacerdote legitimar eventos importantes e, em especial, a própria transubstanciação que ocorre em cada missa. Cabe, contudo, no próximo item, uma ideia geral do comportamento das Irmãs para além dos rituais.

O Retiro de Carnaval do ano de 1942, de vinte e sete jovens noelistas no Colégio Lourdinhas, expressa o contato de dois grupos que foram cruciais na busca incessante para defender a responsabilidade da educação pela família e na valorização da propagação da doutrina cristã em detrimento do ensino laico.

As noelistas chegaram à Paraíba no ano de 1931, atendendo ao pedido de D. Adalto, bispo que antecedeu D. Moisés Coelho. Tal movimento era composto por leigas de famílias, cuja sede

do movimento era francesa. Essas mulheres pautavam sua conduta naquilo que determinava a Revista Noel e também nos conselhos determinados por um protetor. Na época em que elas tiveram esse contato inicial com as Irmãs Lourdinas, seu protetor era D. Moisés Coelho (COSTA, 2015). A ideia de “protetor” é indicadora de como as lideranças masculinas de fato estiveram à frente dos movimentos de mulheres leigas, tal como das freiras, e também demonstram mais um traço comum entre os dois grupos, ou seja, a direção espiritual de D. Moisés Coelho.

Os traços em comum e as peculiaridades justificam a narrativa à Madre Provincial da alegria que era para as Irmãs receberem tais mulheres. Concomitantemente, o respeito para com as Irmãs e a hierarquia entre elas pode ser perceptível em um simples trecho no qual as noelistas pedem às Irmãs:

- Adeus! Reze por mim! Sim! Sim!
 - Espero que você vá se converter!
 - Assim seja!
 - Não esqueça a intenção particular que lhe recomendei! Não! Não!...
 (LOURDES, 1943, p.34)

Na sutileza deste diálogo, está o pedido de oração por parte das leigas e o conselho de conversão advindo das freiras. Há, concomitantemente, uma identificação de ambos os grupos por se tratarem de mulheres católicas e que tinham o interesse de propagar a fé católica, sem deixar de traçar nas entrelinhas de cada frase uma relação hierárquica, pois, enquanto o grupo está na condição de leiga, o outro está como de dedicação religiosa integral. Nessa relação entre freiras e leigas, a condição hierárquica faz um grupo se sobrepor ao outro enquanto função religiosa. Percebe-se também a admiração das freiras pela dedicação das noelistas: “De manhã, quando as religiosas desceram para a meditação, ficaram surpresas de ver algumas Noelistas, as mais fervorosas, lhes precederem aos pés de Nosso Senhor” (LOURDES, 1943, p.34).

Da mesma forma, a reverência para com as Irmãs Lourdinas é o que contribui para as leigas não reclamem do desconforto dos quartos onde dormiam. As freiras, por sua vez, reconheciam tal comportamento resignado, como se pode verificar no seguinte trecho:

Edificamo-nos com a renúncia que faziam as pobres senhoritas, sacrifício de fechar-se num quarto como o interior das minas. Nenhuma reclamação. As Noelistas, com os rostos sorridentes, saudavam as Irmãs no começo do dia. Já tinham esquecido a manhã quente e a noite anterior.

Uma vez, Ir. Maria das Neves escutou este comentário: “Esses quartos não são arejados, mas as Irmãs são tão boas, gentis, que não se pode reclamar” (LOURDES, 1943, p.34).

Neste contexto, a presença de Pe. Carlos Coelho em quatro conferências demonstra a necessidade de legitimação de uma figura masculina para se dirigir às leigas durante as palestras dos Retiros. O silenciar das noelistas com a sua chegada demonstra sinais de obediência à sua presença enquanto liderança masculina, pois, diante de um momento de descontração: “Ao entrar o padre Carlos, um ligeiro estremecimento agita cada alma, que se trai por uma súbita mudança na fisionomia. Todas se dirigem, quase em silêncio, para a Capela” (LOURDES, 1943, p.34 *grifo nosso*). Isso ocorre porque “o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento” (PERROT, 2005, p.9). É por isso que:

[...] sua postura normal é a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio de fala, mas também é expressão gestual ou escriturária. O corpo das mulheres, sua cabeça, seus rostos devem às vezes ser cobertos e até mesmo velados (PERROT, 2005, p.10).

Isso demonstra ainda que o respeito e a submissão à figura do sacerdote são compartilhados por outros grupos religiosos tendo, portanto, aspectos da visão de mundo próximos aos das Irmãs Lourdinas.

No silêncio e na agitação diante de sua presença, transparece a autoridade do sacerdote sobre as freiras e a convicção de que sua presença é sinônimo de respeito e de necessária obediência a sua pessoa. A vergonha pelo comportamento descontraído explicita como a conversa é sinal de desobediência e que as freiras não precisavam ser repreendidas para de imediato silenciarem e voltarem para a Capela, pois seus corpos já tinham enraizado a lógica da dominação. Por outro lado, na ausência do padre elas tinham outro tipo de comportamento pautado, provavelmente, na identidade que elas tinham entre si enquanto religiosas.

Sobre o tipo de Retiro realizado naquela circunstância, narra-se para a Madre Provincial, a partir de uma apropriação bíblica, que este tinha o estilo de Marta em Betânia. Apropriando-se da passagem bíblica Lc. 10,38-42, verifica-se que tal como Marta era dedicada ao trabalho em detrimento das orações prolongadas, as Irmãs deram prioridade a essa postura nesse Retiro, apesar de, na perícopes bíblica, Jesus repreender Marta por estar preocupada com servi-lo nos mínimos detalhes enquanto Maria, sua irmã, preferia ficar ao lado de Jesus

dialogando. A opção pela imitação da conduta de Marta é esclarecida no seguinte trecho: “O trabalho é uma oração quando o santificamos pela pureza de intenção” (LOURDES, 1943, p.34).

A ênfase na figura de Marta provavelmente se deu por considerar as leigas como mulheres da ação que estavam dispostas a propagar ao evangelho e a lutar contra as ideias modernas da época. A identidade de ambos os grupos é notória ao se descrever a alegria demonstrada com a presença de cada uma delas durante o fim do retiro e ao fato de aguardarem o ano seguinte. “A bela manhã de Páscoa chega, enfim, com algumas brincadeiras para as Noelistas! Por toda casa ressoavam a alegria e barulhentas risadas. Todas estavam muito contentes e todas nos diziam: “Adeus! Até 1943”” (LOURDES, 1943, p.35). Outra lógica identitária das Irmãs Lourdinias é a da humildade, e esta teve grande contributo no estabelecimento de cada uma delas em solo paraibano.

Na pesquisa de Algranti (1993), se constata comportamentos de religiosas do período colonial no Sudeste que se assemelham às freiras Lourdinias, justificáveis pelo voto da pobreza e pela resignação almejada por ambas as ordens religiosas. Exemplo disso está na visão de que deveriam demonstrar em seu comportamento humildade e rigidez com todas as atividades a realizar no decorrer de um dia.

Eram os familiares, juntamente com a Igreja, os incentivadores vocacionais das religiosas³⁷, de modo que o ideal religioso movia a conduta das Irmãs, fazendo com que, ao adentrarem os conventos, abrissem mão dos seus bens pessoais. Isso ocorria porque, de um modo geral, o indivíduo interioriza aquilo que a sociedade determina, a partir do fio tênue da conversação. Tal conversação ocorre entre os indivíduos e interlocutores importantes como pais, cônjuges, amigos e mestres (BERGER, 1985).

O apoio dos familiares³⁸ na vocação das Irmãs Lourdinias se manifestava na acolhida às religiosas durante a sua vinda à Parahyba do Norte, e na admiração a sua lógica religiosa da necessidade de humildade, exigida pela moral piedosa das freiras.

Essa moral religiosa voltada para a ideia de que estas mulheres precisavam ser humildes e servir a Deus se materializava em seu discurso relativo às diversas tarefas domésticas que tinham de desempenhar. Em sua visão estavam apenas cumprindo com suas respectivas obrigações.

³⁷ Constata-se que as Irmãs de diversos conventos quando não estão ali por vocação estão porque os pais não conseguiram um pretendente com a sua mesma condição financeira que a sua família, vendo na vida religiosa uma justificativa social (NUNES, 1994).

³⁸ Exemplo do apoio da família está na atitude de Angelina Baltar, irmã da freira Angelita. Angelina hospedou duas Irmãs logo na primeira vinda a João Pessoa.

- Quem é esta irmã que está enchendo os filtros? Não é a Ir. Ana Maria?
 - Sim. Ela se multiplica. É a criatura mais dedicada que conheci! Não desiste diante de nenhum trabalho. É uma verdadeira “*Joannes fac totum*”, como chama o grande autor dramático inglês William Shakespeare.
- Lava e enche os filtros cada dia, cuida das plantas, é uma excelente amiga do balde e da vassoura, é ela que mantém o andar térreo em ordem, corrige uma vintena de deveres de classe todos os dias, faz as listas descritivas do colégio, fala com os pais das crianças, matricula os novos alunos, prepara as crianças do catecismo para a Primeira Comunhão – e, apesar de todo esse trabalho (sem falar da suas classes), sempre a veremos fiel aos seus deveres de piedade e à Hora santa, nas quintas-feiras, das 4 às 5 horas.
- É uma alma extraordinária! Depois de tudo, escutam os repetir: “Eu não sou boa para nada. Sou uma pobre velha” (LOURDES, 1943, p.14).

A quantidade de atribuições da Irmã Ana Maria, diretora da instituição, confirma a rigorosidade pelo preenchimento dos seus horários, o que costumeiramente se constata nas congregações religiosas. Os votos de pobreza e humildade são comprovados pela sua disposição ao trabalho e a contundente afirmação de que ela apenas cumpre as tarefas que lhe cabem ao dizer “Eu não sou boa para nada. Sou uma pobre velha”.

A admiração das Irmãs que escrevem sobre a Ir. Ana Maria faz dela modelo religioso e permite que se perceba ainda que tal perfil não era comum a todas as religiosas, pois, se assim fosse, não seria necessário apresentá-la como referência no relatório para a Madre Provincial.

Todas as atribuições acima citadas difundem três aspectos do cotidiano das religiosas: os afazeres domésticos, a educação dos alunos e a vida religiosa. Assim, consegue-se apreender que faziam parte do cotidiano da instituição a correção dos deveres de casa, a matrícula dos novos alunos, a primeira comunhão e os chamados deveres de piedade.

Cenas como esta permitem se entender que, a partir do discurso podem ser constatados elementos do espaço escolar, estes dotados de elementos socioculturais que compõem as ações ali desenvolvidas (FRAGO e ESCOLANO, 2001). No caso específico, é notória a junção de elementos católicos entrelaçados com o modelo de educação tradicional desse período.

A comparação com *Joannes fac totum*, da obra de Shakespeare, também comprova domínios literários das Irmãs e a busca por estabelecer comparações para que a Madre Provincial conseguisse vislumbrar a sua dedicação à instituição por parte da Irmã Ana Maria.

As celas, que também eram comuns em outros conventos³⁹, e a improvisação nas condições de dormida demonstram um tom de felicidade por estarem fazendo a vontade divina. Além disso, as risadas e brincadeiras difundem a identidade do grupo e o compartilhamento de

³⁹ Como foi estudado por Alganti (1993).

ideias comuns. Essa alegria por improvisar a própria dormida se dá pela lógica religiosa de se estar fazendo a obra divina além de buscar solucionar a falta de espaço para acomodar o grande número de matriculados naquele momento (LOURDES, 1943, p.12).

:

1. Chegou o final das férias. No dia 02 de fevereiro terá lugar a volta às atividades. A Irmã Diretora não saiu mais de sua sede no parlatório, porque as matrículas eram feitas de manhã à tarde. Teremos espaço para conter todas as crianças que se apresentam?
2. De 80, o número subiu para 100, 120, 130...
3. A alegria de ver crescer o número aumenta a preocupação de não se saber se poderemos acomodar as crianças. “Cederemos nosso dormitório”. Decide, enfim, a Nossa Madre – “Dormiremos em redes”.
4. - Muito bem!
5. As camas são transportadas ao térreo. Camas, colchões, travesseiros... As malas, que a prudência nos dizia para guardar no dormitório – descemos também.
6. Assim, teremos duas classes a mais.
7. Nossa clausura se limitava a um quarto sem janela, com três portas que se conservavam fechadas durante todo o dia. Nele se guardavam os pequenos armários, algumas malas, a cama de Irmã Ana Maria e tudo o que não se podia guardar nas classes... incluindo os ratos – se bem que estes estavam por toda parte.
8. À noite, na hora de dormir, cada Irmã pegava suas coisas e sua rede e pendurava-a nos armadores. Depois, suspensas entre o céu e a terra – dizemos melhor, entre o piso e o teto – dormíamos o sono dos justos.
9. Nossa Madre dormia no pequeno quarto que fora antes a sala de Irmã Ana Maria; Irmã Maria das Neves prefere ficar no “buraco” chamado de depósito das malas; as outras se arrumavam melhor nas classes.

De maneira geral, a descrição cuidadosa das Irmãs sobre cenas do seu cotidiano e a ansiedade por ver o crescimento da instituição demonstram seu empenho em buscar solução para todos os obstáculos. Motivadas principalmente pela visão de mundo religiosa e pela apropriação bíblica, elas consideravam o trabalho ali desempenhado como um tipo de evangelização, e era uma alegria ainda a lógica sacrificial para cumprir aquilo que elas acreditavam que seria a vontade divina. A Irmã Maria das Neves, descrita pela sua humildade no relato acima, é homenageada pela instituição nos anos 90 e apontada como primeira professora do Jardim II, ela foi eleita diretora para os anos de 1965 a 1968.

Figura 11 - Irmã Maria das Neves nos anos 40



Fonte: (LOURDES, 1990)

A partir do capítulo três da presente tese, discorre-se sobre a lógica religiosa das Irmãs Lourdinas, sua submissão aos padres e o tipo de educação que elas idealizavam para as crianças de algumas famílias locais. No capítulo a seguir, ter-se-á uma visão mais pormenorizada para aqueles que contribuíram para que essa fundação fosse possível, mesmo diante de divergências políticas iniciais.

4. O ESPAÇO ESCOLAR E SEU CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS ESTRUTURAIS E PEDAGÓGICAS DO COLÉGIO LOURDINAS

O modelo educacional estabelecido pelo Colégio Lourdinas se deu em consonância com a busca incessante da Igreja Católica de fazer frente ao ensino laico. Após a proclamação da República, a prática de bispos na busca para solidificar a educação católica com a vinda de Congregações Religiosas europeias é inspirada no ideal ultramontano cujas “[...] ações são justificadas em prol da construção e manutenção de espaços de instrução declaradamente cristãos, ou normatizações oficiais de como deveria ser educado um bom devoto” (SILVA e SANTOS, 2012, p. 77).

No caso específico da Parahyba do Norte, essa prática foi constante na postura de Dom Adalto⁴⁰ e, posteriormente, de Dom Moisés Coelho, dando prosseguimento ao incentivo da vinda de religiosas europeias, movimento próprio desse período, uma vez que:

[...] restaria à Igreja Católica se dispor a oferecer opções à distensão patrocinada pelo processo de mundanidade da instrução. Diga-se, a partir da matização patrocinada pela religião civil contratualista, e seus modelos de instrução não cristocêntricos. Neste caso, laicos. (SILVA e SANTOS, 2012, p. 78).

O capítulo quatro delimitou o modelo de ensino tradicional católico implantado pelas Irmãs Lourdinas. Assim, após uma análise estrutural e administrativa das principais dificuldades enfrentadas pelas Irmãs, a partir de um contexto sociocultural e econômico específico, observou-se o que, de fato, se ensinava na instituição ao longo de sessenta anos de atuação, dedicadas principalmente ao público feminino. Vale destacar que: “As instituições têm um espaço físico demarcado frente às demais e, internamente, as diferentes propostas pedagógicas, administrativas e de disciplinamento também estabelecem demarcações, criando níveis, especificações expressas materialmente” (WERLE, 2004, p.111).

De antemão, se destacam dois pontos neste contexto: a) a visão de mundo patriarcal e religiosa, que tende a naturalizar comportamentos destinados ao público feminino e a impor os valores cristãos católicos; b) em uma leitura foucaultiana, a forma como o tempo disciplinar tende a se impor às práticas pedagógicas desta instituição. Isso porque as Lourdinas cumpriam

⁴⁰ Sobre o primeiro bispo da Paraíba, veja-se: César (2012).

aquilo que a Igreja, a família e o Estado almejavam como modelo educacional para as filhas das famílias ricas da cidade.

Esse contexto específico foi analisado ainda em diálogo com a realidade comum das décadas estudadas e seus respectivos aparatos legais, a fim de se compreender como tal cotidiano escolar foi influenciado diretamente pelo contexto sociocultural e econômico das pessoas que dele faziam parte. Originária de uma política que se perpetua antes da era Vargas é preciso se considerar que:

[...] Getúlio Vargas sedimentou alianças com o clero brasileiro, então liderado por D. Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro, fato que imprimiu fortes marcas eclesiais à Constituição de 1934 do Estado Novo. Consubstanciado nos processos de colonização, evangelização e educação, o catolicismo no Brasil, tornou-se fundante das identidades, tendo como aliados o sistema político-econômico de base oligárquica, a tradição cultural lusa e a estrutura familiar patriarcal (CORREIA, 2010, p. 21).

Todo o modelo educacional daquela época precisa ser compreendido a partir das influências da Igreja Católica, da base oligárquica do sistema político-econômico e também da estrutura familiar patriarcal, pois foi pautando-se nessas influências e interesses que estavam por trás do ensino propagado pelas Irmãs Lourdinas que se teve a compreensão de suas práticas pedagógicas e de suas motivações internas. Afinal, são as instituições escolares que cumprem o papel social de formar o perfil de um determinado grupo.

Enfim, buscou-se, neste terceiro capítulo, apresentar as especificidades da educação promovida pelo Colégio Lourdinas, para esclarecer as motivações e o grande interesse das famílias locais em sua implementação.

4.1 A BASE RELIGIOSA EDUCACIONAL E OS TRÂMITES BUROCRÁTICOS: A PARTIDA DAS IRMÃS LOURDINAS PARA A PARAÍBA

O Relato de Fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes permite que se observe minuciosamente como, antes de se fixarem na capital paraibana, no ano de 1940, mais exatamente em novembro de 1939, Irmã Maria Inês e sua prima, Irmã Maria Angelita de Jesus Crucificado, vieram pessoalmente, a fim de resolver os trâmites burocráticos. Sobre tal vinda, consta-se no Relato que:

Era preciso falar com o arcebispo sobre a documentação do terreno, consultar pessoas competentes sobre a construção do prédio destinado aos cursos primário e secundário, visitar o local da futura construção, observar a

vizinhança, a distância do terreno até o centro da cidade, os meios de transporte ou locomoção etc. (LOURDES, 1943, p.1).

Além disso, a documentação evidencia que a fundação requeria delas a realização de uma visita ao Palácio Episcopal para solicitar a autorização do então interventor Argemiro de Figueiredo⁴¹ que, apesar de não estar presente durante a visita, garantiu, conforme Flávio Ribeiro⁴², que o Governo se encarregaria desta questão. Em dezembro, após preparada a documentação, as referidas Irmãs voltaram ao Rio de Janeiro, conscientes de que a Escola seria fundada em fevereiro de 1940.

A acolhida das famílias tradicionais da Parahyba durante a chegada das Irmãs Lourdinhas para resolver os primeiros trâmites burocráticos confirmam o interesse para que estas conseguissem atuar de forma exitosa na capital, atendendo a suas filhas. Supõe-se que este empenho das famílias tenha sido justificável porque, tendo as freiras à frente da educação das meninas, garantia-se o controle da sexualidade e a possibilidade de se estabelecerem laços de amizade com pessoas da mesma classe social.

Três carros foram postos à nossa disposição. No primeiro, Nossa Madre vai com Nanete e uma das Irmãs (Ir. Maria José). No segundo, Irmã Inês e Irmã M^a da Paz, até a casa de D. Débora. O terceiro conduzia Irmã Ana Maria e Irmã M^a das Neves à casa do Sr. Navarro.
D. Sinhá e D. Angelina nos acolheram com imensa alegria.

A alegria e a disponibilidade dessas famílias, portanto, comprovam como o ensino tradicional católico interessava à família dominante. É inegável, contudo, que as Irmãs também eram oriundas de famílias com poder aquisitivo alto dos pais e cumpriam a função social que cabia às mulheres, caso não conseguissem casamento com pessoas da mesma classe social⁴³, já que o espaço social garantido para as mulheres era o casamento ou a vida religiosa. Esse espaço

⁴¹ Interventor durante os anos de 1937 a 1940, Argemiro de Figueiredo criou 17 grupos escolares e beneficiou os que ali existiam com reformas (PINHEIRO, 2013). Conforme Decreto 735 de 1º de abril de 1937, ou seja, no início de sua gestão: Art. 1º - Ficam creados os seguintes Grupos Escolares: “Gentil Lins”, em Sapé; “Dr. José Maria”, em Pilar; “Dr. Appolonio Zenayde”, em Piancó; “Professor Luiz Aprigio”, em Mamanguape; “Professor Clementino Procopio”, em Campina Grande e “Dr. José Leite”, em Conceição, todos de 2.^a categoria; “Monsenhor Salles”, em Galante e “Dr. José Tavares”, em Queimadas, ao municipio de Campina Grande, de 3.^a categoria. [...].

⁴² “Em 1937, já durante o Estado Novo (1937-1945), Flávio Ribeiro integrou o Conselho de Administração do Estado. De 1937 a 1941, presidiu a Associação Comercial da Paraíba, tendo ocupado ainda, de 1939 a 1940, a presidência do Departamento Administrativo do Estado”.

Disponível em:

<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/COUHO,TIN%20Fl%C3%A1vio%20Ribeiro.pdf>> Acesso em: 10/05/2015.

⁴³ Consultar Algranti (1993).

social, provavelmente, deveria ser transmitido pelas freiras às suas futuras alunas, já que a escola era responsável por formar este grupo específico.

O anseio da Igreja em firmar o Colégio Lourdinas em João Pessoa e o suporte por parte do Governo⁴⁴ corroboram como a educação religiosa contava com os apoios institucionais de várias instâncias. Mais que isso, fica explícito o interesse por se trazer um ensino diferenciado, em especial para as meninas que seriam amparadas na fé católica. Evidencia-se, ainda, como o apoio de cada instituição social foi fundamental para que o Colégio conseguisse ser estruturado. Dessa maneira, exercem um papel social, nesse contexto, as Irmãs, como responsáveis pela direção e organização do local, a Arquidiocese, responsável pela autorização e documentação do terreno e o próprio Governo, para autorizar o funcionamento da instituição.

É interessante considerar que o governo estadual da Paraíba estava formado por pessoas que agiam conforme seus interesses pessoais. A decisão de apoiar as Irmãs por parte de uma instituição laica se dava pelo interesse de atender ao que almejava uma classe social privilegiada, a que eles também pertenciam, e de se professar a fé católica por ver nela um papel fundamental para a educação das meninas. Assim, é preciso se compreender o Estado para além da instituição, enxergando nele um grupo de pessoas que interagem entre si e que se utilizam dos seus cargos políticos para atender a seus interesses pessoais. Não há, portanto, mesmo diante da Constituição de 1937, a visão separatista entre a Igreja e o Estado. Pelo contrário, o fato de a Constituição de 1937 afirmar que o Estado deve apoiar a iniciativa privada garante que as pessoas que dele fazem parte, em sua maioria, não hesitem em apoiar o Colégio Lourdinas. Sobre esse período, Sturz (1995, p. 449-450) comenta que:

O Brasil da primeira república viu-se incapaz de controlar distúrbios civis e movimentos revolucionários dos anos 20. Como resultado, Getúlio Vargas reintegrou a Igreja no cenário político em 1930, como um meio de legitimizar seu controle do Estado. Embora a Igreja desfrutasse de uma certa influência política durante o Estado Novo, ela perdeu contato com as massas. Não foi capaz, também, de elevar-se acima do mesmo papel subordinado exercido sob o padroado no século XIX. Mesmo assim, ela mostrou algum poder ao impedir Getúlio de incluir o divórcio na Constituição de 1938.

Refletir sobre o contexto político brasileiro garante a compreensão abrangente sobre a permanente ligação entre Igreja e Estado. Assim, por mais que se falasse em estado laico como ideal republicano, é irrefutável a percepção da Igreja como moralizadora da sociedade e, principalmente, no campo da educação, onde essa função se torna mais evidente, pois é na Escola que as crianças têm as primeiras relações sociais.

⁴⁴ O apoio à iniciativa de ensino privado estava previsto na Constituição de 1937.

Compreendendo o Colégio Lourdinas baseando-se nas necessidades do seu tempo, pode-se salientar que, durante o retorno ao Rio de Janeiro, após meses, as Irmãs se depararam com mais uma novidade: a busca pela implantação do Curso Ginásial no Colégio Lourdinas. Assim, ficou definido que era preciso ter nível superior para lecionar na instituição. Para atender a essa necessidade, apenas a Irmã Maria José e a Irmã Ana Maria poderiam partir imediatamente para a Parahyba do Norte.

Utilizando-se de um discurso religioso voltado para a providência divina, consta no Relatório que as Irmãs⁴⁵ que ficaram no Rio de Janeiro tiveram a oportunidade de se inscrever na Faculdade das Ursulinas⁴⁶, no mesmo período que lhes foi impossibilitado, temporariamente, de serem professoras na capital paraibana.

Assim, enquanto as Irmãs se preparavam para terem condições de lecionar, as demais se encaminharam para João Pessoa no Navio Ita, trazendo descrições eloquentes de todos os lugares percorridos, como já se antecipou no capítulo anterior. Sobre o primeiro local onde deveria ser instalado o Colégio, conta-se no Relatório:

Três salas foram transformadas em classes. Em dois dormitórios, as camas mais atraentes do que os “beliches do Ita”, convidavam ao repouso. No refeitório, bolos e não sei quantas coisas nos saudavam amavelmente. Estávamos radiantes com todo aquele carinho! (LOURDES, 1943, p. 4)

A forma como se descreve o lugar onde elas se instalaram na Rua Walfredo Leal e a afirmação de que “bolos e não sei quantas coisas nos saudavam amavelmente” reforçam a satisfação pelo tratamento a elas dispensado bem como o acolhimento das famílias pela chegada daquelas que educariam suas filhas. Essa situação é descrita no momento em que elas afirmam estarem “radiantes com todo aquele carinho” (LOURDES, 1943, p.3). Além disso, a divulgação em jornais sobre a sua chegada demonstra que este fato se configura como um marco para a famílias locais: “Os jornais publicaram que as novas religiosas haviam chegado, mas não receberiam visitas naquele domingo” (LOURDES, 1943, p.3).

De fato, a ampla divulgação nos jornais da época sobre a chegada das Irmãs indica um marco para este grupo social privilegiado, manifestando grandes expectativas para com o

⁴⁵ “Irmã Maria Cecília e Irmã Angelita fizeram o sacrifício de não ir por algum tempo alegrar seus corações de “paraibanas” e se doarem com amor aos seus novos deveres” (LOURDES, 1943, p.2)

⁴⁶ A universidade de Santa Úrsula é contemporânea do Colégio Lourdinas, pois foi instituída no Rio de Janeiro em 1939 pelas Irmãs da Ordem de Santa Úrsula. Na época, ela era denominada de Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Santa Úrsula. Sobre isso, veja-se o site da instituição: <<http://www.usu.br/nossahistoria>>.

estabelecimento das religiosas, por provavelmente aguardarem um modelo educacional diferenciado e exclusivista para tais crianças.

Figura 12 - Irmãs fundadoras e Madre Evangelina chegando à Parahyba do Norte



Fonte: Lourdes (1990, p.12)

Na fotografia acima, destaque do hábito preto que era sinônimo da hierarquia presente nas relações estabelecidas entre as religiosas – o hábito diferenciado indicava a condição de Madre Superior na Congregação. Enquanto isso, as demais ao utilizarem o mesmo tipo/cor de hábito refletem a sua condição similar enquanto religiosas e o sentimento de identidade entre o grupo.

O apoio financeiro ao estabelecimento das Irmãs partiu especialmente das pessoas com vida religiosa, dos familiares das religiosas com posses e dos devotos. Assim, além de todo acolhimento relatado pelas Irmãs ao narrarem sobre a sua chegada à atual cidade de João Pessoa e a descrição do apoio de Flávio Ribeiro e de Júlia Freire⁴⁷, há uma menção criteriosa àqueles que ajudaram a Congregação financeiramente:

Dom Moisés Coelho, o arcebispo, 10 contos para compras das carteiras; ofereceu, ainda, alguns móveis para nossa casa;

A família de Irmã Inês e Irmã Angelita:

D. Aninha - Débora, D. Berenice, Nanete; Dr. Flaviano e D. Yayázinha, tio e tia de Irmã Inês; D. Sinhá e D. Angelina Baltar; Sr. Afrísio, Sr. Fernando Baltar; Sr. Alcides e D. Bernadete Baltar; Sr. Peixoto, Margarida e Abílio Baltar Peixoto;

As famílias da Sra. Cavalcanti, da Sra. M^a Cecília, da Sra. M^a Aparecida e da Sra. M^a das Neves (LOURDES, 1943, p.4)

⁴⁷ Júlia Freire foi fundadora e diretora do Colégio Santa Júlia que mantinha cursos primários e secundários em regime de internato e semi-internato (SANTOS, 2010). Foi ela quem fez a doação do primeiro prédio da instituição.

Todos estes indivíduos que contribuíram na construção do Colégio podem ser considerados como basilares na consolidação institucional, pois foi, a partir desse conjunto de iniciativas, que se conseguiu estruturar a instituição e garantir o seu funcionamento. Assim, a instituição, por ter a credibilidade necessária para garantir seu funcionamento, dado seus fins religiosos e pedagógicos destinados a uma classe social diferenciada, mobilizou membros das famílias e da Igreja para ter condições estruturais de funcionamento.

O apoio da Igreja à instituição escolar se deu explicitamente pela necessidade de aumentar o número de fiéis, doutrinando-os pela educação das freiras. D. Berenice, citada entre as pessoas que apoiaram as Irmãs, era esposa de Flávio Ribeiro e parente da Irmã Maria das Neves⁴⁸. Nesta época, a política e a religião tinham os mesmos interesses pela implantação de uma educação religiosa em território pessoense. Isso porque quem compunha o Estado (Flávio Ribeiro) tinha laços familiares e religiosos com o Colégio Lourdinas. Assim, é notório como falar de política e de religião é se referir às famílias das crianças que estudariam naquela instituição ou das freiras que a administrariam, ou seja, de pessoas que direta ou indiretamente tinham interesse que a instituição se firmasse na atual capital paraibana.

Nos jornais de época publicou-se que Angelina Baltar tinha ligação familiar com a Irmã Angelita e foi quem se responsabilizou pelas matrículas no Colégio Lourdinas. Dessa forma, o apoio dos familiares das freiras neste período foi essencial.

Figura 13 Angelina Baltar



Fonte: Lourdes (1990)

A gratidão a Angelina Baltar e a memória da fundação da instituição são cognoscíveis no livro comemorativo de 50 anos da instituição ao se evidenciar a sua fotografia e apoio à instituição. É tanto que Fernando, Bernadete e Abílio Baltar também apoiaram financeiramente

⁴⁸ Tal parentesco está dito em conversa informal com uma das freiras da instituição e confirmada por biografia sobre a vida de Flávio Ribeiro e no depoimento de Glauce Burity analisado no capítulo 4.

as Irmãs por fazerem parte da família de uma delas. Essa lógica de apoio dos familiares das freiras se repete nos familiares de Irmã Inês, como é mencionado também no Relato de Fundação (1943). Constata-se, portanto, que a mobilização destas famílias foi substancial na consolidação do Colégio Lourdinas e que a sua ligação com as freiras contribuía no fortalecimento institucional.

Não se pode perder de vista o lugar social das religiosas que eram oriundas de famílias ricas que valorizavam a vida religiosa feminina e que tinham interesse que as suas filhas fossem por elas educadas.

Figura 14 - Primeiras alunas do Colégio Lourdinas nos anos 40



Fonte: Lourdes (1990, p.14)

A fotografia acima evidencia uma busca das religiosas por recordar a fundação da instituição, registrando para a comunidade escolar seus primeiros alunos. O uniforme das crianças demonstra mais uma vez uma identidade com o Colégio. Assim, esta farda era um sinal de identificação de que estas crianças estudavam no Colégio Lourdinas. É necessário explicitar que:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles" (SILVA, 2000, p. 81).

De início, foram matriculados “12 no jardim, 13 no 1º ano, 10 no 2º e 3º ano e 9 nas 5ª e 6ª séries” (LOURDES, 1943, p.5). O número de alunos inicial, ainda que tivessem animado as Irmãs trouxe, posteriormente, angústias, movidas pela falta de estrutura do prédio em questão, como será visto no item a seguir. Angústia esta que foi compartilhada pelos pais das crianças que, tendo interesse no modelo educacional católico para o público feminino, apoiaram as religiosas na busca por um novo prédio.

Compreendendo a instituição como sendo ligada a uma realidade encontrada em seus arredores, é a partir dela que se sabe como o modelo educacional ali implantado repercutiu no cenário pessoense e foi capaz de atender a uma demanda de um grupo específico interessado, ou seja, a famílias locais identificadas pelos sobrenomes ditos importantes⁴⁹.

O prédio escolar é um elemento importante na busca de identidade da instituição educacional, funcionando como agente físico ativo nas subjetividades e na materialidade da cidade. Expressa uma visão da funcionalidade institucional presente no momento em que foi erigido, trazendo um fardo de história pelas relações e vivências construídas em seu interior e arredores (WERLE, 2004, p. 111).

As Irmãs Lourdinas, ao verificarem o aumento do número de matriculados, se queixavam que o prédio não tinha uma estrutura adequada e, conforme relato, muitos pais começaram a reclamar da distância do bonde e das dificuldades que teriam em dias de chuva. Além disso, entre as várias dificuldades, é destacado em Relatório:

A prefeitura se recusa a prestar sua colaboração no serviço de saneamento. A situação para a construção exigia um depósito de 20 contos, que o estado, nestas condições, não podia impor. Também falta material. As circunstâncias políticas são um obstáculo à aquisição imediata na Europa (LOURDES, 1943, p.7).

Foi neste contexto que apareceu a imbricada relação entre Igreja e Estado no Brasil, ainda nesse período, pois Flavio Ribeiro exigiu de Argemiro Figueiredo que este providenciasse “as despesas de suas exigências para o assentamento” ou fizesse “uma doação às Lourdinas de um novo terreno, mais perto do centro da cidade” (LOURDES, 1943, p.7).

A visão da concessão estatal obrigatória do prédio é perceptível no momento em que se atribuem a ele o seguinte questionamento: “Que dirá o Rio de Janeiro se as Irmãs se virem

⁴⁹ O estudo de Linda Lewin sobre política e parentela permitiu que tais sobrenomes fossem identificados no Relato das Irmãs.

obrigadas a retornar porque o governante da Paraíba lhes negou a ajuda para a construção de um estabelecimento de educação na nossa cidade?” (LOURDES, 1943, p.7).

Havia, portanto, uma pressão social existente no discurso político de Flávio Ribeiro movido, provavelmente, pela ligação histórica entre Igreja e Estado e pelo apoio da iniciativa privada, prevista na Constituição de 1937. Tal visão foi consolidada no momento em que Argemiro Figueiredo trouxe para o Estado a responsabilidade de garantir a educação religiosa católica dos alunos.

A institucionalidade material da escola não é um aspecto circunscrito à comunidade escolar - alunos, professores, administradores, funcionários, pais -, mas ampliado para a cidade. A materialidade da escola tem significado não apenas para a própria instituição mas para os moradores e instituições das cercanias, mesmo que não tenham estudado, trabalhado ou enviado seus filhos ou netos para aquela escola. Na cidade situa-se e pertence o prédio escolar. Analisar instituições escolares implica atentar ao ambiente no qual a escola se insere, às ruas e demais prédios, à vizinhança, bairro, cidade, às demais escolas, aos cidadãos da cidade. Memória institucional não é apenas memória da instituição escolar, de seus agentes, e das demais instituições educativas com que manteve relacionamentos, mas é memória da cidade (WERLE, 2004, p. 113).

A partir de Werle (2004), tem-se uma ampla dimensão da instituição escolar, refletindo assim sua relevância para o grupo social ao qual ela se destina. A influência política daquele grupo social era fator determinante para que a sua implantação mobilizasse também o governo local.

A autonomia política, contudo, também tem seu grau de relatividade⁵⁰, de modo que nem todos os políticos pensavam que tal apoio era realmente necessário; muitos se pautavam no argumento contundente de que a estrutura do prédio escolhido na Av. Eptácio Pessoa era a mais adequada.

Analizando esta mudança almejada pelas Irmãs, e em se pautando na leitura de Frago e Escolano (2001), verifica-se como o elemento da “localização” sinaliza aspectos que identificam o cliente do Colégio Lourdin. No caso aqui específico, esta opção pela Eptácio Pessoa, lugar que evidencia a opulência pessoense, leva a compreender que era interessante para o grupo em questão colocar a instituição em lugar de destaque na cidade, já que o público assistido por ela detinha poder aquisitivo diferenciado e era de famílias com sobrenomes importantes. Esse poder aquisitivo possibilitava ainda tais famílias a exigirem do Estado a doação do prédio em questão. Esta análise é fundamental, já que a escola:

⁵⁰ Sobre autonomia relativa veja-se o livro “O poder simbólico” de Pierre Bourdieu.

[...] enquanto instituição ocupa um espaço e um lugar. Um espaço projetado ou não para tal uso, mas dado, que está ali, e um lugar por ser um espaço ocupado e utilizado. Por isso, sua análise e compreensão, a partir dessa perspectiva requerem algumas considerações prévias sobre as relações entre o espaço e a atividade humana, a escola como lugar e a dimensão espacial dos estabelecimentos docentes (FRAGO e ESCOLANO, 2001, p. 62).

Essa questão espacial, no caso aqui específico, apresenta conflitos no início da fundação do Colégio Lourdinhas de modo que, no momento em que Argemiro de Figueiredo se retirou para Campina Grande e foi substituído por Ruy Carneiro⁵¹, mudou-se, temporariamente, a conjuntura das Irmãs Lourdinhas. Assim, mesmo diante da cerimônia de fundação ocorrida em 29 de agosto de 1940, o fato de Argemiro de Figueiredo não conceder por escrito o prédio por ele doado, gerou instabilidade das religiosas, já que tiveram que enfrentar o desacordo inicial do prefeito Dr. Francisco Cícero e do próprio Ruy Carneiro. Foi a família que teve papel fundamental durante tais negociações.

É notória a oposição inicial do governador Ruy Carneiro e do prefeito Francisco Cícero à construção do novo prédio para o Colégio Lourdinhas. A situação demonstrava um conflito de interesses entre as freiras e o poder estatal. Vale destacar que é preciso olhar com cautela esse documento, pois há nele incutido o interesse das freiras e o olhar negativo para com a recusa inicial dos governantes.

Neste campo cujos interesses se contrapõem, convergem e divergem, pode-se dar relevo à mobilização de pais de alunos e os seus devidos argumentos, pois o apoio das famílias tradicionais locais evidenciou o seu interesse pela proposta educacional religiosa das Irmãs Lourdinhas. O momento de maior demonstração de apoio se dá no abaixo assinado que solicita do governo um novo prédio para a instituição. Diante de tantas adversidades existentes na concessão do prédio às Irmãs Lourdinhas, se destaca o papel dos pais de alunos na mobilização em prol da instituição.

A princípio chama a atenção o fato de que este público exercia influência pelo seu status social, já que se tratava de pessoas com sobrenomes de famílias tradicionais no campo político e econômico da Paraíba⁵² e que:

Para os políticos da oligarquia da Paraíba, o pertencer a uma parentela, uma família extensa, constituía a sua mais importante afiliação organizacional. As

⁵¹ Sobre o período da interventoria de Ruy Carneiro durante os anos de 1940 a 1945, veja-se: Silva (2013)

⁵² Veja-se o livro Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso de oligarquia de base familiar da autora Linda Lewin (1993).

suas cartas particulares confirmavam de maneira explícita, ou nas entrelinhas, que a política se enraizava numa base familiar (LEWIN, 1993, p. 113)

A base familiar é discutida por Linda Lewin (1993), a partir de um estudo profundo sobre a política paraibana no período colonial, imperial e republicano, destacando a parentela, e refletindo sobre as relações sociais presentes nos anos 40. Para a autora, o próprio conceito de família tradicional expõe uma barreira de cor e de classe social e ascendência portuguesa.

Em sua análise, a autora identifica que um político pode reivindicar sua autoridade baseando-se em um grupo de parentes que historicamente exerceu influência política e militar na Paraíba.

Assim, ao se constatar o registro dos nomes na comissão formada por Odilon Bezerra Cavalcanti, Otacílio Coutinho, João Medeiros e João Vasconcelos, identifica-se toda a influência dos seus sobrenomes neste período, já que se perpetuam na atualidade⁵³, e o interesse da gestão por não se contrapor aos seus interesses, já que exerciam influência sobre o campo político e econômico paraibano.

Estas famílias imbricadas de voz ativa na Paraíba conseguiram mobilizar 100 pessoas para assinar o documento destinado ao então governador Ruy Carneiro em defesa da construção do novo prédio para o Colégio Lourdinhas. Otacílio Coutinho esteve à frente da Comissão, conforme o próprio relato das Irmãs, e é seu nome que primeiro consta no documento transcrito pelas religiosas.

Constam também neste documento detalhes sobre a vinda das Irmãs Lourdinhas para João Pessoa, dando destaque especial sobre o processo de implantação do Colégio e os confrontos com as autoridades locais. Nele podem-se identificar, inicialmente, como as famílias tradicionais concebiam a implantação da tão desejada escola:

A convite de S. Exa., Arcebispo D. Moisés Coelho, e sendo o desejo das famílias paraibanas, as Irmãs de Nossa Senhora de Lourdes, educadoras brasileiras, decidiram instalar nesta capital um colégio para ensinar aos filhos desta cidade, segundo os princípios da formação moral e religiosa das famílias brasileiras e da nossa legislação educacional (COUTINHO, 1941. p.12-13)

⁵³ Otacílio Coutinho era agropecuarista e comerciante de algodão e sisal. Também um dos fundadores do Asilo da Mendicidade da Carneiro da Cunha, ou seja, do atual *Lar da providência*, e seu nome foi encontrado em livro sobre nomes de ruas da cidade de João Pessoa (COUTINHO, 2001). Dr. João Medeiros era casado com Eunice Londres de Medeiros, era pediatra e ex-aluno do Colégio N.S. das Neves. Apoiava crianças pobres do benemérito Zé Coutinho (SANTIAGO, 2000). Não conseguimos obter dados de Odilon Bezerra Cavalcanti, mas seu sobrenome é mencionado por Linda Lewin (1993), ao apresentar as principais oligarquias pessoenses. O nome de Dr. João Vasconcelos é encontrado em consultórios médicos da cidade de João Pessoa, o que indica a perpetuação de seus parentes na área de saúde.

Veja-se que a ideia de uma formação moral e religiosa das famílias brasileiras esclarece que é a moral católica que interessa a Otacílio Coutinho e demais familiares que assinaram o documento. Omite-se, estrategicamente, a ideia de famílias ricas ao falar das “famílias brasileiras”, de maneira geral, para buscar convencer o poder político. Tal abaixo assinado foi uma forma de garantir os interesses de classe de um grupo social privilegiado que almeja desfrutar da educação oferecida pelo Colégio Lourdinhas.

O entrelaçamento de poderes é nítido no momento em que se estuda que essas famílias cobram do Estado condições para seus filhos terem acesso a uma educação religiosa.

Os argumentos relativos à construção do Colégio no bairro Tambiá são formulados de forma consistente tal como a crítica voltada para a não colaboração do Prefeito em relação ao saneamento básico.

É conveniente fazer aqui menção que o departamento de saneamento da cidade foi consultado e fez um consentimento verbal e declarou que a respectiva licença seria fácil.

Acontece que, agora, o Senhor Prefeito, o Dr. Francisco Cícero, se opõe à construção atual e quer conciliar a situação cedendo, da parte do Estado, um novo terreno.

Pedimos a V. Excelência para examinar bem, com atenção, o seguinte: uma nova mudança de local do colégio acarretará perdas para as Irmãs, além do tempo, que não poderia ser recuperado. O Sr. Prefeito sugeriu, então, dois novos terrenos, um dos quais seria comprado pelo Estado e doado ao colégio. Entretanto, viu-se que um desses terrenos era em local inconveniente para o colégio, por causa da distância que deveria ser percorrida pelos alunos de Tambiá, uma vez que se acha localizado nas proximidades da Av. João Machado, perto do Orfanato Dom Eurico; o outro Terreno deveria ser comprado ao Sr. Valfredo Guedes Pereira ao preço de 100 contos (LOURDES, 1943, p.9).

Há um intermédio das famílias entre a educação religiosa e o Estado ao ponto de saírem em defesa das Irmãs, analisando tecnicamente a área almejada por elas. Esta iniciativa expressa o interesse de uma classe por uma educação tradicional e por um prédio com boa estrutura.

Uma descrição que ratifica as condições financeiras dos grupos que assinaram o documento em questão é o seguinte:

As Irmãs preferiram a localização do colégio em Tambiá, porque era a única parte da cidade que não tinha estabelecimento dessa natureza. O terreno onde o colégio será construído será servido por bondes e ônibus, a pedido do colégio, que poderá contar com 300 alunos, mais ou menos, entre crianças de famílias que poderão manter seus filhos em colégios particulares. (grifo nosso, LOURDES, 1943, p.12)

A possibilidade de manter os filhos em colégios particulares, enumerada por Otacílio Coutinho, expõe a condição financeira das pessoas que estavam reivindicando estrutura para os seus filhos e, concomitantemente, sua influência social. O fato de Otacílio Coutinho conseguir colher cem assinaturas, indo de casa em casa mobilizar os pais, demonstra a sua capacidade de articulação com as famílias. Mais que isso, torna notório que seus interesses são compactuados por outras famílias ricas pessoenses, atendendo à necessidade de uma classe.

Este desejo é provavelmente atendido por não ser interessante para o interventor se contrapor a um grupo dominante e para evitar que o seu poder se fragilizasse. A perda do apoio político por parte de um interventor que estava iniciando seu governo e, ao mesmo tempo, a contraposição a uma obra que teve apoio do governo anterior na pessoa de Argemiro Figueiredo não era interessante e criaria um mal-estar possível de ser evitado. Simultaneamente, constata-se que as próprias famílias que reivindicam sabiam o poder que tinham e por isso utilizavam-se de sua influência para conseguirem atendimento aos seus interesses pessoais.

Conforme relatos das Irmãs, foram os argumentos de Dr. Janduhy Carneiro⁵⁴, irmão do interventor, a pedido do Bispo, todavia, que foram capazes de convencer Ruy Carneiro sobre a importância da doação do terreno à Congregação de Nossa Senhora de Lourdes.

Havia, possivelmente um emaranhado de interesses, porém, que convergiam entre si e que foram fundamentais para a decisão de Ruy Carneiro. Veja-se que o apoio de Janduhy Carneiro foi a pedido do Bispo. Presencia-se neste período uma forte ligação que se perpetua entre Igreja e Estado, cujas famílias têm papel fundamental, já que desfrutavam dos dois cenários sociais fazendo parte de um grupo político⁵⁵ dotado de uma moral católica que se queria propagar aos filhos a partir do Colégio Lourdinhas.

Constata-se, portanto, um jogo de poderes no qual o diálogo entre a instância religiosa e demais forças políticas se fazia fundamental no atendimento às necessidades da instituição em questão.

Assim, em outubro, Dr. João Medeiros foi ao Colégio, enviado pelo então governador, Ruy Carneiro, a fim de comunicar às Irmãs a boa notícia. Solucionada essa questão, após carta das religiosas, o Prefeito Dr. Francisco Cícero também resolveu melhorar as condições do esgoto que tanto preocupava as Irmãs. Diante de todo esse preparo estrutural, que contou com o apoio especial dos pais de alunos, parte-se para um destaque especial ao significado da

⁵⁴ Janduhy Carneiro foi responsável pelo Departamento da Saúde durante a Gestão de Ruy Carneiro. Ele ficou conhecido pelas práticas assistencialistas (SILVA, 2013).

⁵⁵ Há uma ligação familiar entre os pais de alunos e os políticos da época, a exemplo de Flávio Ribeiro, cuja esposa era parente da Irmã Inês.

instituição para os discentes a partir de relatos de ex-alunas e então alunas, registrados nos livros comemorativos de 50 e 60 anos da instituição.

4.2 O INÍCIO DAS ATIVIDADES DO COLÉGIO LOURDINAS: LIMITAÇÕES DA ESTRUTURA FÍSICA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Resolvidos os impasses de implantação inicial, os relatos das Irmãs se voltam para o modelo educacional tradicional ali instalado, enquanto se terminavam os ajustes do prédio doado para a Congregação das Irmãs de Lourdes. Neste contexto educacional, e visível a fé católica no recinto, que é marcada pelas constantes menções às orações realizadas no Santíssimo e no ofício de Nossa Senhora da Conceição⁵⁶, no encerramento de cada dia de trabalho.

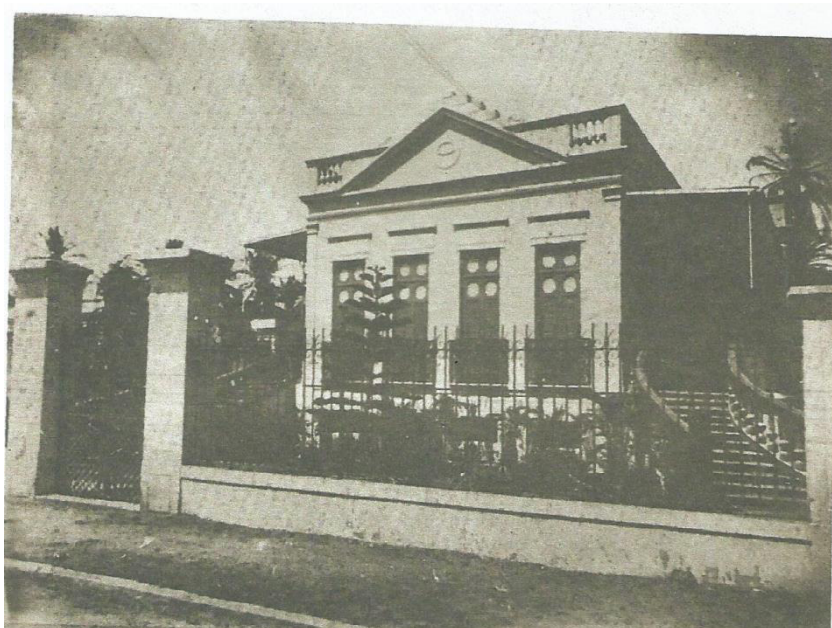
Fatos que trazem peculiaridades, conforme relatos, do cotidiano desta instituição e dos mecanismos de controle próprios das instituições escolares, especialmente daquelas de caráter religioso. Assim, a base de toda estrutura ali vigente era mariana e eram as Irmãs que estavam à frente de todas as atividades. As dificuldades vivenciadas tinham como discurso consolador a ideia de provação, de providência divina e de fé na virgem Maria.

Diante de tantas limitações referentes ao processo de construção, as salas de aula eram, preliminarmente, improvisadas. Uma delas, que correspondia ao pré-escolar e ao 1º ano, ocupou um grande salão ao lado da capela; até a sacristia foi, improvisadamente utilizada para se dar aula particular⁵⁷. As Irmãs destacam ainda que, no início de suas atividades, havia classes heterogêneas, já que se tinha, em uma mesma classe ou sala, “um aluno do 2º ano, dois do 3º, um do 4º ano e um do 6º ano” (LOURDES, 1943, p.18). Além disso, uma única professora era responsável pelas turmas de 1º e 3º ano.

⁵⁶ O Santíssimo é o local onde é guardada a hóstia consagrada. Para os católicos, considerando o mistério da eucaristia, ela é considerada a presença de Jesus vivo e por isso são dirigidas orações de adoração. O ofício de Nossa Senhora da Conceição é uma oração em que se pede a proteção de Maria, alvo de devoção especial das freiras.

⁵⁷ No período em questão, é importante destacar a presença de alguns meninos de até nove anos, atendendo à solicitação da comunidade. Essa necessidade (que necessidade?) é notória ao se mencionar uma mãe de aluno, Aline B. Cavalcanti, que muito contribuiu, nas conversas com o Interventor, para obtenção do prédio das Lourdinhas, e que, por sua vez, estava, conforme Relato, satisfeita com os avanços do seu filho Gabriel, de 11, anos que a Irmã Ana Maria tomou como aluno particular.

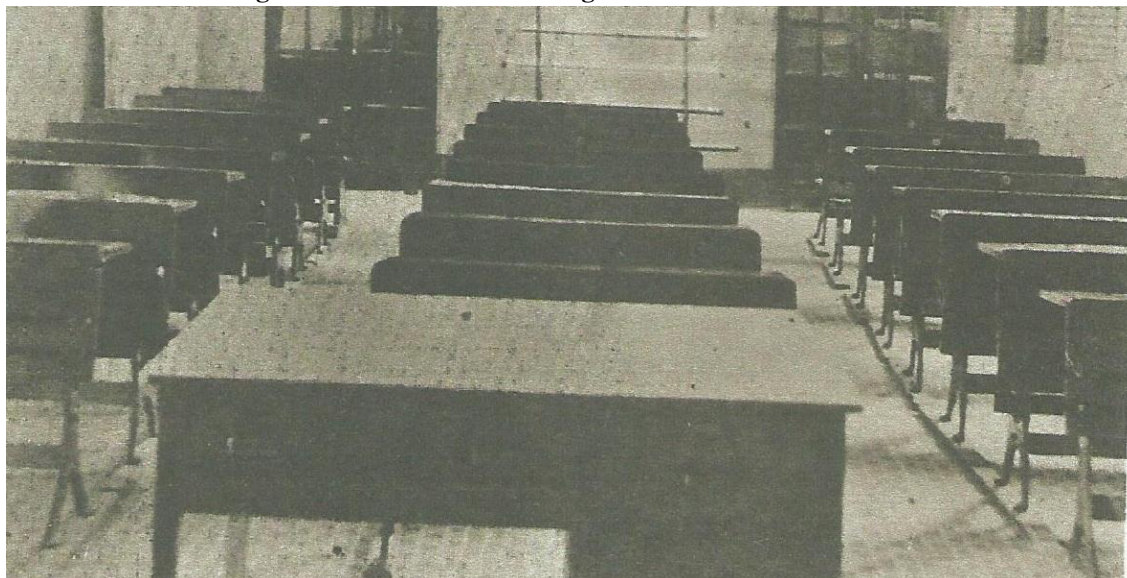
Figura 15 - Primeiro prédio do Colégio Lourdinas em 1942



Fonte: Lourdes (1990, p.11).

Tais dificuldades, contudo, não minimizavam o rigor disciplinar próprio do ensino tradicional, repetição do modelo que as Irmãs tinham apreendido no Convento de Petrópolis. O silêncio nas salas era o que se esperava de tal rigor. Tal situação pode ser vista no elogio realizado sobre este aspecto em uma das turmas ao se fazer a seguinte exclamação: “Que silêncio! Podia se dizer que não há ninguém aí! As crianças do 2º ano são muito gentis. É a mestra mesmo que diz.” (LOURDES, 1943, p.19).

Figura 16 Sala de aula do Colégio Lourdinas 1942



Fonte: Lourdes (1990, p.13)

As carteiras enfileiradas, fotografadas no primeiro prédio do Colégio Lourdinhas, reforçam a ideia de transmissão do conhecimento por parte do professor e o dever de o aluno se limitar a ouvi-lo para acúmulo de informações.

Por outro lado, esse silêncio como forma de docilizar os corpos, mencionado com exclusividade para a turma do segundo ano, indica que se trata de um caso particular dentro da instituição e possibilita se pensar que nem todas as salas de aula do Colégio Lourdinhas tinham essa postura. Desse modo, em uma lógica disciplinadora, embasada nos estudos de Foucault (2014), conclui-se que a distração e a perturbação incomodam as freiras. É tanto que se enfatiza o caráter exemplar dos alunos do 2º ano e não se faz referência aos demais, pois possivelmente essas alunas encontraram táticas para subverterem a ordem imposta.

Também é perceptível a questão disciplinar no seguinte trecho: “O colégio contava com 85 alunos, gentis crianças que davam *pouco trabalho* quanto à questão disciplinar” (Grifo nosso, LOURDES, 1943, p.11). Reforça-se, portanto, a ideia de que era desejo das freiras manter a ordem no recinto tal qual aprenderam no Convento, para manter as discentes sob seu controle. Em uma ótica foucaultiana, os Conventos, de uma maneira geral, servem de inspiração para o modelo educacional implantado ao longo dos anos. A arquitetura, inclusive, é favorável ao panóptico, na compreensão de Foucault, no momento em que as freiras conseguiam contemplar do primeiro andar toda a instituição escolar. A menção ao “pouco trabalho” que as crianças davam indica, contudo, que havia resistência às imposições das religiosas, mesmo que em pouca quantidade.

Atentos ao “não dito”, podemos reconhecer a presença da indisciplina, que é minimizada no discurso de uma das Irmãs, cuja intenção, possivelmente, não era expor este cenário, mas dizer que existia uma Irmã que cuidava até mesmo dos machucados das crianças:

Uma criança bateu no nariz de sua companheira. A vítima, chorando, corre para junto da Irmã Maria José. – Vou dizer à mamãe! – Diz, soluçando. – Que está acontecendo? – Pergunta a Irmã Homeopata. – Ó, não chore mais! Tenho um excelente remédio, que vai passar a dor. O resultado foi esplêndido. Com ligeiras fricções e uma gota da homeopatia sobre o pobre nariz doente, a criança, curada, tornou à recreação (grifo nosso, LOURDES, 1943, p.19).

Ansiosas por comentar no Relatório destinado à Madre Provincial sobre um remédio de nome anty-papyrus que a Irmã utilizava em todos os tipos de doenças que presenciava no recinto, as freiras deixam “escapar”, no seu cuidadoso discurso, que nem sempre o rigor disciplinar se dava de maneira totalizante na instituição, já que, por mais vigilantes que fossem,

não conseguiam impedir que uma criança agredisse a outra. Há, portanto, um evidente caso de indisciplina no momento em que uma criança bate no nariz da colega.

Neste contexto de rigor disciplinar, tem-se ainda por parte das religiosas o contato contínuo com os pais, a fim de mostrar a eficácia do trabalho desenvolvido, pois eles deviam ser fiéis à religião, e as Irmãs precisavam trazer as ovelhas para que não se perdessem (Mt, 18, 10-14). A indução da participação dos pais por parte das religiosas é verificada durante a exposição dos trabalhos em um dia de domingo após a missa:

Antes do término das aulas, decidimos fazer uma pequena exposição dos trabalhos escolares. Desde o mês de agosto, Nanete consagrava as tardes de domingo à preparação das capas dos álbuns para as 1ª, 5ª e 6ª classes; Maria Luíza Freitas, Terezinha Sales e Iolanda Marques ajudavam desde longo tempo Irmã Ana Maria e Irmã Maria das Neves a organizar os trabalhos das classes. As Irmãs tiveram, relativamente, pouco trabalho graças aos bons anjos que as ajudavam.

No dia 23 de novembro, durante o recreio da noite, prepara-se a classe para a exposição da manhã. Dois armários, uma mesa e algumas carteiras deveriam conter cadernos de todos os tipos, de todas as cores... Nada de belas toalhas sobre as mesas, bem entendido, estamos em fundação.

No domingo, após a missa, uma multidão de gente se precipita ao “Salão de exposição” (LOURDES, 1943, p.11).

A menção às pessoas que ajudaram às freiras nessa exposição sinaliza o interesse de mulheres das famílias ricas mostrarem o trabalho da instituição escolar religiosa e a credibilidade da educação de cunho religioso entre aquelas que se disponibilizavam em contribuir.

A ida à missa por parte dos pais identifica ainda um contexto social em que a educação religiosa estava diretamente ligada à profissão de fé dos membros das famílias, servindo de respaldo para aquilo que eles almejavam aos seus filhos. Indo à missa, os pais eram considerados como exemplo, ou seja, como modelo de pessoas que as crianças precisavam seguir. Cavia, portanto, às religiosas, divulgar este trabalho para satisfazer às expectativas dos pais de alunos, a fim de conseguir matricular mais discentes:

Os pais ficaram maravilhados com os trabalhos de seus filhos. Só se escutam elogios. Felizmente as Irmãs sabem muito bem a quem devem os elogios.

A Irmã Diretora, escondida num quarto vizinho, mexia a cabeça repetindo: “A Santíssima Virgem nos concedeu espantosamente a sua proteção!”

Isto era por demais evidente! (LOURDES, 1943, p.11)

Não se pode compreender o Colégio Lourdinas sem pensar na necessidade de manutenção, na busca por agradar os pais e na fé mariana que movia freiras, pais e alunos. Era esse cenário disciplinar e religioso que, provavelmente, garantia a satisfação dos pais para com essa instituição europeia. No trecho supracitado, ao se referenciar a proteção mariana, passa-se a ideia de que a ajuda vinha do sobrenatural, mas a ajuda estava na verdade relacionada às estratégias de que as freiras faziam uso para cooptar mais aliados e fiéis.

A rigidez do horário, a presença de oração para iniciar as atividades e a presença do chamado “dever de casa”, típico de colégio tradicional, demonstram cenas daquele cotidiano escolar, marcado pela disciplina, pelo modelo católico de ensino, mantendo um ritmo escolar que em muito se assemelhava à disciplina existente de um Convento. É possível se identificar em Foucault, na sua obra *Vigiar e Punir*, a rotina como elemento capaz de transformar os corpos dóceis. Os costumes comuns ao Colégio Lourdinas, ou seja, a rotina, permitem que se reflita como os grupos enfatizam a importância da tradição, como bem expressa o fragmento a seguir:

É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume (HOBBSAWN, 1997, p. 11).

A satisfação da comunidade com o tipo de educação tradicional ali estabelecido pode ser identificada pelo aumento considerável do número de alunos no ano inicial da instituição na capital paraibana, o que acarreta, conforme relato, preocupação a uma das Irmãs.

A Irmã Maria das Neves tem destaque especial nos relatos por ser ela a responsável por preparar os trabalhos manuais de suas sete salas, considerando-se quão trabalhoso era para ela organizar os bordados de oitenta crianças. Esse esforço para atender a todas as turmas confirma a ideia de Foucault (2014) sobre a luta contra a ociosidade e o não aproveitamento adequado do tempo próprio, na perspectiva religiosa. Dessa forma, a postura da religiosa está diretamente vinculada a uma lógica internalizada por ela de rigor disciplinar, próprio da educação que ela recebera no Convento.

Maria de Lourdes Navarro, Irmã de Maria das Neves, é mencionada como professora da classe intermediária e também como sua ajudante e professora de ginástica. O grau de parentesco entre as freiras e outras mulheres que iam assumindo funções na instituição sugere um Colégio em que se perpetua o controle de famílias. O acúmulo de funções é próprio da busca pela eficácia do tempo e está também relacionado à característica das instituições que estão no início de suas atividades, como o Colégio Lourdinas.

Vale destacar que é a partir da Constituição de 1937 que a educação física passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras. Após a regulamentação da área de educação física, o Decreto 1212/1939 estabelece diretrizes para a formação profissional na Escola Nacional de Educação Física e Desporto na atual UFRJ. Desse modo, constata--se que as Irmãs estavam atentas às exigências da época, buscando entre seus familiares, pessoas preparadas para exercer as funções que se apresentavam como novas no universo escolar de então.

Era comum na época⁵⁸, além das aulas de ginástica, o ensino de desenho no Colégio Lourdinias; este era de grande aceitação entre os alunos.

É tangível, portanto, que, quando se localizava no prédio menor, o Colégio Lourdinias buscava improvisar o espaço, atender às necessidades legais exigidas para as Escolas e trazer parentes para ocupar as funções necessárias a uma instituição escolar. Passadas essas limitações estruturais, verifica-se outro cenário educacional. Daí a importância de se estudar a estrutura física do local para se compreender a disposição das salas de aulas, limitações e improvisos.

4.3 NOVOS TEMPOS E NOVAS PERSPECTIVAS: A INAUGURAÇÃO DO PRÉDIO DO COLÉGIO LOURDINAS

Um grande marco para a vida de todos os que faziam parte do Colégio Lourdinias foi a inauguração do novo prédio, cujas fotografias da época foram concedidas pela Irmã Rosana Valéria.

Figura 17- Fachada do Prédio do Colégio Lourdinias em construção



Fonte: Arquivo pessoal Ir. Rosana Valéria Varela

⁵⁸ Sobre a introdução do desenho e dos trabalhos manuais como componentes curriculares no curso ginásial das escolas brasileiras, veja-se: art. 10 do *Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942*.

Figura 18 - Entrada do Colégio Lourdinas durante a construção



Fonte: Arquivo pessoal Ir. Rosana Valéria Varela

Situado na Avenida Epitácio Pessoa, até hoje podendo ser considerada uma das principais avenidas da cidade, o prédio da instituição escolar teve lugar de destaque e, paulatinamente, foram sendo construídos novos pavilhões de acordo com o aumento do número de alunas e as exigências de seus pais. A imagem explicita o momento em que se levantou o muro e também as primeiras acomodações onde funcionariam a recepção, a diretoria, a secretaria e as primeiras salas de aula.

Com melhores acomodações, as Irmãs puderam receber cerca de 180 alunos, ou seja, o triplo de discentes acomodados no primeiro ano de funcionamento e, assim, proporcionarem melhores condições para os seus discentes, organizando seu espaço de forma mais adequada às exigências da época. Este fato foi comunicado por telegrama às autoridades que contribuíram com essa conquista e estas responderam imediatamente à Madre Evangelina (LOURDES, 1943, p. 22):

“A notícia me trouxe consolação e conforto. Congratulações. Bênçãos”

Moisés, Arcebispo.

“Agradecemos a gentileza do telegrama, nós desejamos felicidade às Religiosas e aos alunos deste Estabelecimento. Saudações”

Ruy Carneiro

“Agradeço, sensibilizado, o expressivo telegrama; faço votos de prosperidade Colégio Nossa Senhora de Lourdes e felicitações pessoais aos Mestres e alunos. Saudações”

Argemiro Figueiredo

As congratulações das lideranças, além de demonstrarem a consideração das Irmãs ao noticiarem as autoridades que apoiaram tal investimento, deixaram notar a capacidade de articulação de tais religiosas bem como a relação de respeito e admiração das lideranças pela instituição recém-criada. Supõe-se que essas teias de relações se faziam presentes mediante a responsabilidade da instituição em relação aos filhos de pessoas que pertenciam a um grupo social privilegiado.

Dessa maneira, o empenho das autoridades religiosas e políticas na criação de uma instituição voltada para as meninas ricas se dava ancorado pelo pensamento de que o modelo europeu católico de educação contribuiria para a formação desse público. A alegria manifestada pelas autoridades, observável nos telegramas, originava-se pelo êxito quando do incentivo à vinda das Irmãs para a cidade e pelo alívio mediante o atendimento às necessidades de uma classe influenciadora da vida social e política da época.

Neste contexto, cumpre papel estratégico a Madre Superiora, Evangelina, cuja capacidade de liderança era visível. A sua ausência é sentida pelas Irmãs de tal modo que a expectativa pelo seu retorno, conforme relato, foi intensa.

Temos razão de crer que Madre Evangelina não irá tão depressa como o Araraquara, pois ficará ainda muito tempo ligada a esse querido Colégio, que fundou, que viu construir, e onde existe sua presença em cada peça, em cada parte. Suas cinco filhas da Paraíba a seguirão em espírito. Durante os recreios sua ausência era mais sentida, refletíamos sobre a hora de sua chegada ao Rio. Provávamos o efeito da alegria vivido pelas Madres e Irmãs ao recebê-la. Seguíamos sua visita à Mangueira, pensávamos nas histórias contadas por ela, provocando risadas em todas, e comemos, em espírito, os doces deliciosos que foram levados no fundo da mala. Esperando o dia de sua volta, feliz regresso, nós procurávamos ser bem fiéis aos nossos deveres e dóceis à Irmã Maria Inês, que não se sentia obrigada a nos dizer, como a pequena que nos divertia tanto: “Vai embora” (LOURDES, 1943, p.27).

A hierarquia do Convento se refletia nas relações entre as Irmãs no Colégio. Os laços identitários e hierárquicos entre elas faziam com que elas se autodenominassem como filhas da Madre Evangelina.



Fonte: Lourdes (1990, p.16)

De hábito branco e grande crucifixo no pescoço, Madre Evangelina reflete aquilo que sua Congregação transmite no decorrer dos anos. Assim, a presença de cada uma delas traz traços identitários de um grupo que é conduzido por uma Congregação com princípios religiosos específicos que foram propagados para as alunas que lá estudaram.

Concomitantemente, a disciplina, já estudada em outros momentos em uma ótica foucaultiana, as faz se afirmarem como dóceis à Irmã Inês e fiéis aos seus deveres.

Um lugar é a ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se tomam em conta os vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais, ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 1998, p. 201-202).

As Irmãs tinham autonomia, entretanto, para conduzir as atividades, mesmo sem a presença de Madre Evangelina, pois as aulas funcionavam normalmente, com a estruturação das salas de aula feita de acordo com a capacidade da escola. Sobre isso, assim discorre o documento fonte:

Irmã Maria Zélia se ocupava dos 5º e 6º anos, pela manhã, e do 3º ano, à tarde; Irmã Aparecida, do 2º ano dos meninos, manhã, e das meninas, tarde; Irmã Inês se responsabilizará pela disciplina da classe intermediária dos meninos, pela manhã; e Irmã Ana Maria, da mesma classe das meninas, à tarde. Existia tanta virtude escondida aqui, no Colégio da Paraíba! Nós tínhamos medo de revelar. Podiam pensar que estávamos brincando! Irmã Maria das Neves ensinava às flores do Jardim, Irmã Regina lecionava trabalhos manuais em todas as classes. Creuza ministrava na turma do 1º ano. O que ainda falta? Irmã Maria José, no 4º ano. As Irmãs Maria das Neves e Regina tinham um emprego “complementar”. Saía, uma de cada vez, duas vezes por dia no ônibus (a sopa) do colégio. Não encontrando ninguém que pudesse acompanhar as crianças, as pobres Irmãs foram obrigadas a se impor esse sacrifício. D. Santinha de Sá vem todos os dias para o canto orfeônico e a ginástica clássica. Interessava-se muito pelos seus alunos e era devotada, de todo coração, às crianças (LOURDES, 1943, p.30).

Entende-se, a partir do Relato, que as freiras se desdobravam para ocupar o papel de mestras em quase todas as salas. Essa situação marca um mecanismo de controle e demonstra o cuidado para que grande parte do ensino se mantivesse sob sua responsabilidade e vigilância. Apenas Creusa e D. Santinha Sá são apontadas como docentes que não eram religiosas, mas que eram certamente pessoas da confiança das Irmãs que ocupavam lugar de destaque na sociedade pessoense.

A partir do Relato de fundação, confirma-se a existência de maiores acomodações, quando comparadas às descritas no prédio anterior, e um cenário típico de um ensino tradicional que obedece à estrutura prevista para o ensino primário.

Apesar de aparentemente as freiras serem as autoridades máximas do recinto, confirma-se uma submissão notória às figuras religiosas masculinas, pois eram da responsabilidade do Capelão, Padre Carlos, as conferências dos Retiros, as celebrações das missas, o Ensino Religioso e as aulas do Catecismo. A reverência para com ele é demonstrada em cada menção às suas celebrações e presença no Colégio.

Dessa forma, parafraseando Foucault (1988), no silêncio das disposições das salas, nos gestos de sacralização da figura religiosa masculina é que se percebe a trama das relações sociais, contexto em cujo escopo as identidades femininas e masculinas eram bem delimitadas, característica ensinada em sala de aula e cobrada no comportamento diário exigido para as crianças.

Religioso, religiosas e alunas normalizavam seus papéis sociais a partir de sua identidade de gênero⁵⁹. Essas visões de mundo articuladas cumpriam aquilo que era pensado para aquele grupo que ali estudava e atuava como missão.

Neste contexto, não sendo estanques, ou seja, separadas da sociedade brasileira e paraibana, não podemos deixar de destacar como alguns elementos legais do ensino também eram contemplados nas Lourdinas, a exemplo do canto orfeônico⁶⁰ não mencionado anteriormente e que aparece destacadamente nesse período de mudança de prédio. Menciona-se, inclusive, a aquisição de um piano nessa época, viabilizando tal atividade.

É relevante refletir, ainda, sobre essas o desejo dessas religiosas de buscar novas perspectivas profissionais para o ensino. Isso é notório ao se identificar como, no início da fundação do novo prédio, a Irmã Superiora foi ao Rio de Janeiro se informar sobre como poderia tornar aquele prédio como comercial. De imediato fica sabendo que tal pedido era inviável, pois “o Departamento de Educação exigia toda uma aparelhagem necessária aos três anos, essa era a única condição de se ter a licença implantando um museu, laboratório etc. – era a forma como o Colégio poderia ser equipado” (LOURDES, 1943, p.29).

Figura 20 - Museu do Colégio N. S. de Lourdes



Fonte: Arquivo Pessoal Ir. Rosana Valéria Varela

⁵⁹ Consultar Scott (1990).

⁶⁰ A disciplina de canto orfeônico tornou-se obrigatória no Brasil após as reformas de ensino de Francisco Campos (1931) e de Gustavo Capanema (1942). Em se tratando de uma instituição com raízes europeias, tal situação favoreceu a implementação do ensino com maior ênfase e rigidez.

A fotografia do Museu registra o cumprimento das exigências da época. Assim, por mais que seguissem uma normatização religiosa, precisavam, por uma questão de sobrevivência, seguir exatamente as determinações estatais.

Enfim, verifica-se uma teia de relações políticas, socioculturais e econômicas e estruturais que marcam a particularidade desse grupo em questão desde a sua fundação. Essas relações são capazes de contribuir para que compreendamos o cotidiano de uma escola tradicional e religiosa, cujos elementos específicos trazem à baila um cenário social marcado pelo patriarcado, ensino destinado, principalmente, ao público feminino e relações políticas contundentes. Cenário este que é ampliado no momento em que se decreta a criação do Curso Ginasial e as Irmãs de imediato buscam implementá-lo no Colégio Lourdinias.

4.4 A ESTRUTURA DO CURSO GINASIAL NO COLÉGIO LOURDINAS: ASPECTOS EDUCACIONAIS E RELIGIOSOS

A estruturação do Ginásio no Colégio Lourdinias se deu em consonância ao Decreto-lei 4244/1942, ou seja, da Lei Orgânica do Ensino Secundário. Vê-se que traços descritos pelas Irmãs sobre as disciplinas ministradas e a estrutura das salas de aula estão diretamente ligados às exigências legais desse decreto que é contemporâneo à tal implantação.

Conforme relato das Irmãs, é no dia 15 de fevereiro de 1943 que se tem o exame admissional do Colégio Lourdinias. Essa primeira edição contou com a participação de 38 alunos inscritos. O exame seguiu o que já estava determinado na Lei Orgânica do Ensino Secundário da época:

CAPÍTULO VI DOS EXAMES DE ADMISSÃO

Art. 34. Os exames de admissão poderão ser realizados em duas épocas, uma em dezembro e outra em fevereiro.

§ 1º O candidato a exames de admissão deverá fazer, na inscrição, prova das condições estabelecidas pelo art. 31, e pelas duas primeiras alíneas do art. 32, desta lei.

§ 2º Poderão inscrever-se aos exames de admissão de segunda época os candidatos que, em primeira época, os não tiverem prestado ou neles não tenham sido aprovados.

§ 3º O candidato não aprovado em exames de admissão num estabelecimento de ensino secundário não poderá repeti-lo em outro, na mesma época.

É interessante destacar que os aspectos educacionais e religiosos do curso ginasial se entrelaçam, conforme se observa na transcrição a seguir:

Ginásio!

Esse título, que precisávamos, foi adquirido do dia para a noite! Fruto das orações bem fervorosas, unidas à perseverança e esforço enérgico de nossa Madre Superiora. Os obstáculos surgiram diante dela como ondas imensas. Uma vontade menos audaz não teria nunca ultrapassado! Portanto, Nossa Madre se manteve firme, não deixando o leme de seu ideal. Sua perspicácia e habilidade lhe davam a solução de casos verdadeiramente difíceis (LOURDES, 1943, p.29-30).

O pequeno trecho sinaliza não apenas a união entre educação e fé, mas a obediência à hierarquia e o papel da Madre nesse momento decisivo do Colégio Lourdinhas. A caracterização da Madre como perspicaz e habilidosa demonstra a confiança nesta liderança e, concomitantemente, a sua importância em um modelo educacional, tradicional, católico, que segue o ritmo disciplinador do Convento.

A imagem abaixo, adquirida com ajuda da Irmã Rosana Valéria, permite que se tenha uma noção de como se vestiam as primeiras alunas do curso ginásial:

Figura 21 - Alunas do Curso Ginásial



Fonte: Arquivo pessoal de Irmã Rosana Valéria

Identifica-se a presença de meninas brancas, de jardineira, dispostas em fila; a postura corporal demonstra toda a disciplinarização dos corpos. A instituição precisava satisfazer aos interesses não apenas de seus pais para se manter, mas também do que era exigido pelas leis nacionais. Assim, estruturação física da escola precisava estar de acordo com as exigências do Departamento de Educação. Caberia às freiras apresentarem fotografias do museu, do laboratório, da sala de geografia e de outros compartimentos que são omitidos no seu relato.

É apresentado no Relato, ainda, que as salas de aula destinadas ao Ginásio foram conseguidas com verbas dos benfeitores. Isso mostra como as famílias se dispunham a contribuir financeiramente para que o modelo educacional católico fosse propagado. Sem o apoio financeiro de um grupo seletivo, essa instituição não teria condições de fazer tal

implementação. Toda a mobilização para sua criação deixa evidente quão fortemente os pais queriam que suas filhas tivessem uma educação europeia, destinada a elas com exclusividade. Exemplo da disponibilidade das pessoas ricas da Parahyba do Norte está na menção aos seguintes nomes: “A boa mãe, D. Débora, ofereceu dez contos para a construção das classes e Dr. Odilon Maroja, seu tio, fez igual doação. Dr. Renato Ribeiro e seus irmãos deram oito contos” (LOURDES, 1943, p. 30).

A contribuição de uma Irmã Assistente, a partir de uma herança adquirida, expressa mais uma vez que as próprias freiras também eram provenientes de famílias ricas e que, portanto, suas famílias tinham condições financeiras para realizar tais doações. Este apoio à vocação religiosa da família nuclear é próprio de uma sociedade que destina as mulheres para o casamento com pessoas de igual condição social ou para o Convento. A Irmã assistente é mencionada por fazer várias ligações destinadas a pessoas de sua família, pedindo doações para a construção das salas de aulas. Desse modo, fica claro como a instituição contava com o apoio dos parentes das freiras que eram provenientes das famílias ricas e para sua manutenção e crescimento.

A ligação das freiras com políticos da época e pessoas das famílias locais está evidente na menção aos pedidos da Irmã Inês ao seu tio, Dr. Flaviano Ribeiro. Neste caso específico, a devoção à Nossa Senhora de Lourdes foi relevante para se adquirir fundos.

Faltava, ainda, o Dr. Flaviano Ribeiro, que pensava estar salvo dos “apelos” da Irmã Inês. Porém, o “apelo” esperava o dia. Isto aconteceu quando foi exigido um gabinete para o Ginásio.

“Não posso dar nada”, declarou o Dr. Flaviano, achando que sua sobrinha tinha pedido demais. Aconteceu que a filha caiu seriamente doente, quase chegando às portas da eternidade. O pobre pai, desesperado pela incapacidade das ciências, faz o voto de dar cinco contos ao Colégio se a Virgem de Lourdes a curasse.

E a Virgem curou sua filha. O Colégio recebeu os cinco contos! (LOURDES, 1943, p. 30)

A questão religiosa movia, portanto, o pensamento da sociedade de tal forma que ajudar a instituição significava fazer a vontade divina. É curioso como o desejo da recompensa está relacionado com o fato de o sagrado ser visto como capaz de reger a vida das pessoas. É tanto que Flaviano Ribeiro, ao ver sua filha doente, fez promessa para ajudar a instituição em caso de sua melhora.

Dr. Flávio Ribeiro, provavelmente pela sua ligação familiar, demonstrava interesse em contribuir com o funcionamento do Colégio Lourdinas desde a sua égide. O seu posicionamento permaneceu o mesmo durante a construção do ginásio, já que: “se encarregou de construir nove

salas de banho e um vestuário, com suas próprias posses. Agora, faltava terminar as classes e a cobertura do auditório” (LOURDES, 1943, p. 30).

Todas as práticas pedagógicas existentes ali, arraigadas de normas disciplinares e de preceitos religiosos, faziam parte de um modelo educacional destinado às famílias ricas da época. As menções à Irmã Ana Maria, diretora do Ginásio, dão uma noção da rigidez da instituição e daquilo que ela representava para os alunos, uma vez que: “quando percebiam a sua presença, reinava o silêncio” (LOURDES, 1943, p.31). Lógica esta que, numa perspectiva foucaultiana, traz mais uma vez o adestramento do comportamento dos jovens de forma ainda mais eficaz nas escolas cuja direção está nas mãos de freiras.

Figura 22 - Irmã Ana Maria



Fonte: Lourdes (1990)

Essa afirmação, contudo, abre espaço para se questionar sobre o comportamento de tais discentes na sua ausência, principalmente ao considerarmos a seguinte descrição ao seu respeito:

Parece que ainda vemos, com seu pequeno caderno na mão, percorrendo as galerias, parando diante das classes para tirar pontos de “ordem” daquelas crianças que não estavam obedecendo ao regulamento. Seus conselhos, para as alunas do Ginásio, não foram menos apreciados do que o “Boa noite” salesiano nos Oratórios de D. Bosco. Um dia, os maiores mesmo declararão (LOURDES, 1943, p. 31).

A retirada de pontos mencionada em Relatório pelas Irmãs é um mecanismo de controle já apresentado por Foucault (2014). Esse mecanismo servia para que as meninas seguissem as regras institucionais, caso contrário seriam punidas com baixo desempenho escolar, contrariando, inclusive, aquilo que os pais almejavam ao matricular suas filhas em um Colégio religioso. Assim, a resistência ao ensino tradicional por parte das crianças do Ginásio gerava queda da nota como instrumento de punição.

A imposição do silêncio e da obediência é característica própria de instituições escolares que adotam o ritmo de um Convento como modelo para transformar aqueles corpos rebeldes em corpos dóceis. A comparação do aconselhamento da Irmã Ana Maria com as alunas nos oratórios de D. Bosco denuncia uma visão positivamente rígida, que era compartilhada pelas demais, sobre a religiosa, haja vista a admiração que demonstram no discurso reproduzido logo anteriormente acima.

Educadas em um modelo de educação engessado e controlador, as freiras exerciam papel central em sua manutenção, reproduzindo exigência de condutas de obediência e submissão na orientação do cotidiano escolar sob seu domínio. Esse tipo de educação religiosa presente no ginásio contava ainda com o apoio de uma figura já conhecida pelas Irmãs, o Pe. Carlos, que ministrava o ensino de religião. A responsabilidade desta disciplina realizada por um sacerdote atende ao que é solicitado inclusive pelo Decreto 4244/1942

CAPÍTULO VI

DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Art. 21. O ensino de religião constitui parte integrante da educação adolescência, sendo lícito aos estabelecimentos de ensino secundário incluí-lo nos estudos do primeiro e do segundo ciclo.

Parágrafo único. Os programas de ensino de religião e o seu regime didático serão fixados pela autoridade eclesiástica.

No caso específico do ensino ministrado pelo Pe. Carlos ao Ginásio constata-se uma fé piedosa voltada para a solidariedade ao próximo, que culmina com a introdução da missa dialogada:

Sua doutrina, fundada na liturgia, era própria para formar os alunos numa piedade sólida, essa piedade ajudava a resistir e a ser praticada em outros lugares. Foi por sua iniciativa que introduzimos em nossa Capela a “Missa Dialogada” para as crianças (LOURDES, 1943, p. 32).

É necessário mencionar a presença de duas Irmãs que vieram do Rio de Janeiro para contribuir com a fundação do ginásio: Maria Augusta e Maria Beatriz. A transferência das professoras de francês e de português, respectivamente, de sua terra natal, provocou reações nas freiras, apresentando um pouco de seu lado humano, as quais, embora sofrendo, encaravam a situação como missão:

Irmã Beatriz chorou muito tempo o “tanque de Mangueira”. Para lembrar esse tempo feliz, quando ela se refrescava na “água bendita” do Rio, ela aguava com suas lágrimas o travesseiro, o banco da capela, sua costura e mesmo o pão no refeitório.

Felizmente, o tempo se encarregou de chegar às feridas que a “saudade da minha terra” tinha aberto na alma de nossa boa Irmã Beatriz. Pouco a pouco, ela estava plena de alegria, com aquela frase: “Tudo de bom nos vem” (para empregar a expressão de Salomão referindo-se à Sabedoria). (LOURDES, 1943, p.30)

O pranto da Irmã mostra, possivelmente, a realidade de grande parte das Irmãs ao abandonarem suas famílias para se dedicarem a uma ação social da Igreja, um afastamento causado fosse pela falta de um bom homem para casar fosse pela vocação ao serviço religioso. A superação demonstrada pela Irmã Beatriz provavelmente se deu a partir da apropriação bíblica, do apoio das demais colegas que viviam sob a mesma missão e da internalização das regras da instituição e de seus mecanismos de controle, cujo discurso se amparava na fé católica.

As freiras buscavam para o Ginásio professores com registro, seguindo, portanto, as orientações do Departamento de Educação. Trata-se de exigência da Lei Orgânica do Ensino Secundário, que determinava no parágrafo 3, do artigo 79: “Dos candidatos ao exercício do magistério nos estabelecimentos de ensino secundário reconhecidos exigir-se-á prévia inscrição, que se fará mediante prova de habilitação, no competente registro do Ministério da Educação.” (grifo nosso). Enquanto esses professores não eram contratados, as Irmãs assumiam as aulas. A Irmã Maria José, por exemplo, exerceu a função de professora de latim temporariamente, sendo denominada pelas demais de “tapa buraco”, sempre assumindo as mais diferentes funções, pela sua disponibilidade já observável desde a fundação da instituição. Outra religiosa que também era docente foi a Irmã Maria Zélia, responsável pelo componente curricular Matemática.

As Irmãs também contrataram professores laicos, cujas habilidades eram fundamentais para se levar adiante o ginásio. O componente curricular Desenho era exercido por D. Dulce Ramalho. Sobre esta última, deu-se um pequeno infortúnio que provocou risos em todos:

Era um dia de inverno, quer dizer: chovia! A senhora Ramalho deixou sua sombrinha na sala de entrada e subiu para o Ginásio. Nesse momento, D. Zilda Vasconcelos, que conversava com a Diretora, se levanta para sair. Com uma grande amabilidade, Ir. Ana Maria lhe ofereceu a primeira sombrinha que seus olhos viam – precisamente a de D. Dulce. E a senhora, cheia de reconhecimento, corre para pegar o bonde. “Toc... Toc... Toc...” escutam-se as pisadas de D. Dulce. Vai direto buscar a sua sombrinha. Mas, onde está? Só uma coisa tinha que fazer: procurar a Diretora. A senhora sabia onde. Não houve tempo para terminar a pergunta. Quer ver se Zilda não levou? Exclamou a pobre Irmã Ana toda “aperreada”. Felizmente, D. Dulce não chamou a polícia e o caso foi resolvido diplomaticamente (LOURDES, 1943, p. 31).

Por esse relato, percebe-se a satisfação das irmãs ao narrarem, à Madre Provincial, detalhes de suas vidas, relatos do cotidiano, especialmente os momentos hilários compartilhados entre elas.

O canto orfeônico, presente desde o jardim da infância, também foi identificado no ensino ginásial, cuja professora era D. Ambrosina de Sá, apelidada de Santana. Une-se novamente tal ensino com o aspecto religioso da escola, pois: “Em setembro, no dia da Primeira Comunhão, um coro escolhido, composto por 40 alunos, cantou na Santa Missa “*Jesus rex admirabilis*” “*O Gloriosa Girginum*” e “*Lábaro Santo*” (LOURDES, 1943, p.31). Dessa maneira, não havia como separar os aspectos pedagógicos desta instituição com todo o aparato religioso movendo a realidade de todos que ali estavam.

Apesar de reconhecerem a excelente atuação do Professor de Geografia, Clóvis Lina, elas compreendiam que o acúmulo de trabalho e também, conseqüentemente, de faltas, impedia que ele desenvolvesse um ensino mais eficiente. A admissão de um profissional com essa característica provavelmente se deu pela dificuldade, na época, de encontrar professores com registro, pois, mediante todo o rigor demonstrado pelas Irmãs no cotidiano escolar, um professor com este perfil seria inviável.

Todas as disciplinas acima mencionadas atendem criteriosamente ao que é determinado pela Lei Orgânica Secundária, excetuando-se a disciplina de História, que não aparece no Relato das Irmãs, embora se veja sua menção no Art. 10, abaixo transcrito:

Art. 10. O curso ginásial abrangerá o ensino das seguintes disciplinas:

I. Línguas:

1. Português.
2. Latim
3. Francês.
4. Inglês.

II. Ciências:

5. Matemática.

- 6. Ciências naturais.
- 7. História geral.
- 8. História da Brasil.
- 9. Geografia geral.
- 10. Geografia do Brasil.

III. Artes:

- 11. Trabalhos manuais.
- 12. Desenho.
- 13. Canto orfeônico.

A partir desta distribuição, nota-se que os ensinos de desenho, do canto orfeônico e dos trabalhos manuais, mencionados pelas Irmãs, faziam parte do ensino de Artes que deveria ser ofertado pelo Ginásio, conforme a legislação do ensino secundário. Há também a divisão dessas disciplinas, por série, presentes no artigo 11. Isso esclarece dados que não são apresentados pelas Irmãs, mas como fazia parte do aparato legal era, provavelmente, cumprido à risca por elas.

Art. 11. As disciplinas indicadas no artigo anterior terão a seguinte seriação:

Primeira série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Matemática. 5) História geral. 6) Geografia geral. 7) Trabalhos manuais. 8) Desenho. 9) Canto orfeônico.

Segunda série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) História geral. 7) Geografia geral. 8) Trabalhos manuais. 9) Desenho. 10) Canto orfeônico.

Terceira série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) Ciências naturais. 7) História do Brasil. 8) Geografia do Brasil. 9) Desenho. 10) Canto orfeônico.

Quarta série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) Ciências naturais. 7) História do Brasil. 8) Geografia do Brasil. 9) Desenho. 10) Canto orfeônico.

Vale destacar que ficou sob a responsabilidade dos padres a função de fiscais do ginásio do Colégio Lourdinas. Merecem destaque aqui os elogios ao Monsenhor Raposo pela sua cordialidade, o que indica que nem todos os sacerdotes tinham a mesma postura para com as religiosas. Sobre ele, destaca-se:

Monsenhor Mário Raposo – Nosso primeiro fiscal. Mário Raposo conquistou a simpatia geral, graças às suas boas maneiras e cortesia. Ele iniciou a Irmã Diretora no mistério e funcionamento do Ginásio, depois dizia que “ela sabia mais do que ele” (LOURDES, 1943, p.31).

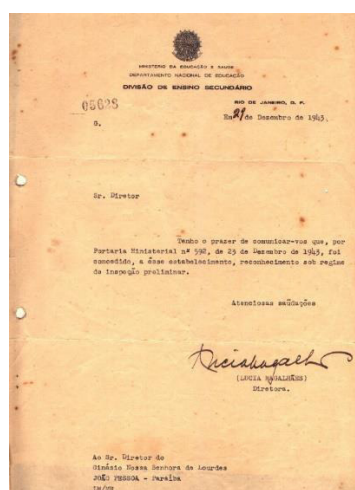
A mesma receptividade não teve Monsenhor Virgílio Londres da Nóbrega, apontado como religioso que tirou grande proveito das lições de latim e de francês, e que, de fato, exercia seu papel de fiscalizador e que manteve certa distância das alunas como é perceptível no discurso das Irmãs:

Podia-se comparar o Monsenhor Virgílio e os alunos do Ginásio a uma camada de água sobre uma camada de óleo. Ele estava sempre “afastado”, sobre o pedestal de sua superioridade e sua honorável atitude, sem conseguir a estima, somente o respeito das jovens alunas. Do “alto” de seu posto, seguia com interesse os progressos dos alunos e oferecia a cada mês um prêmio ao primeiro da classe. Em geral, fazia o oferecimento de um livro, seco e bruscamente, exceto no primeiro dia, quando ele “improvisou” um pequeno discurso para Célia Montenegro Abath e para Lenira Ferreira Soares, antes de entregar a estas um lindo volume do “Inocência”, de Taunay (LOURDES, 1943, p. 31).

É interessante observar como o ar de superioridade do Monsenhor incomodava as Irmãs e que elas distinguiam a estima de respeito. A relação hierárquica garante aos padres novamente lugar de destaque na instituição, já que são eles os responsáveis por monitorar o andamento das atividades do Colégio Lourdinhas. As leituras clássicas da época, presenteadas pelo sacerdote, expressam um cotidiano que tendia a incentivar as alunas a lerem.

O período posterior ao ano de 1943 é possível de ser estudado a partir dos apontamentos de Rosana Varela, que traz um olhar descritivo da instituição e um acervo fotográfico e documental que contribuem com essa temática. Ela também nos concedeu um relevante documento que expõe o desfecho desta luta pela implantação do Curso Ginasial.

Figura 23 - Portaria ministerial n. 592



Fonte: Arquivo pessoal Rosana Valéria Varela

A portaria ministerial n. 592, expedida por Lúcia Magalhães, Diretora de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Saúde, concede ao Colégio Lourdinas o reconhecimento sob inspeção de regime preliminar.

Buscou-se aqui refletir sobre o espaço escolar e suas peculiaridades, a partir dos apontamentos não publicados da ex-diretora Rosana Valéria Varela (2011) e de documentos que instituem o Ginásio no Colégio Lourdinas.

O Relato de Fundação, como já foi visto, contém elementos que manifestam como foi configurada a sua construção e mudança de prédio. Cada detalhe dessa construção, se visto a partir de Certeau (1998), denuncia como o espaço contém consigo uma complexa rede de relações sociais de pessoas com laços identitários entre si e com interesse em que a escola seja direcionada especificamente à representação feminina das famílias locais.

Todas as mudanças espaciais que a instituição sofreu até os anos 90 e a disponibilização do número de matriculados em cada uma dessas décadas (anos 40, 50, 60, 70, 80 e 90) estão presentes no livro concedido, em primeira mão, por Rosana Valéria. Estes apontamentos, quando refletidos a partir da abordagem de Certeau (1998), fazem com que se pense nas adequações do espaço a novas realidades e como a instituição vai se expandindo com o passar dos anos, buscando conservar os valores religiosos e atender às solicitações do público que dela desfruta.

Tais apontamentos contêm, ainda, as mudanças da direção, os documentos que consolidaram a criação da instituição e suas inspeções técnicas. Dados fundamentais para quem trabalha com história da instituição e que servirão de base para uma leitura completa desse espaço escolar. De antemão, destaca-se como a figura de uma freira à frente da escola, atuando com rigidez, faz deste modelo educacional algo diferenciado, como é descrito pelas ex-alunas com frequência nos livros comemorativos.

As adequações que este espaço escolar sofre no decorrer de sessenta (60) anos explicitam as mudanças da sociedade, contudo, há traços de perpetuações que também serão levados em consideração já que se trata de uma escola religiosa e que, portanto, valoriza aquilo que a Congregação N. S. de Lourdes determina. Isso justifica como a Capela da instituição foi construída, contando, principalmente, com o suporte de religiosos e das famílias dos alunos. A Capela do Colégio Lourdinas é cópia de uma Igreja europeia cujo nome não foi informado na documentação. Este detalhe sinaliza também a ligação sedimentada dessa instituição com o ensino europeu de sua Congregação.

Na primeira página do apontamento de Rosana Varela (2011), esclarece-se que, até 1892, a Paraíba pertencia à Arquidiocese de Olinda. Apenas em 1914, o Papa Pio X elevou a Paraíba à categoria de Arquidiocese. Esse marco inicial documentado em seu texto demonstra a vinculação do Colégio Lourdinas com a história da Igreja Católica nesse Estado. Essa vinculação da história do Colégio com a Arquidiocese é justificável ao pensarmos que, após a morte de Dom Adalto, em 1935, Dom Moisés assumiu a Arquidiocese e contribuiu com a vinda das freiras para fundar o referido Colégio. É importante acrescentar que, paralelo a isso, o clérigo investia na educação profissional de meninos pobres.

De forma ilustrativa, Rosana Varela tem o cuidado de trazer fotografias de Dom Adalto, de Dom Moisés e das Irmãs Inês e Angelita, as primeiras religiosas a entrarem em contato com Dom Moisés. Para explicitar a chegada das Freiras, na página dois (2) ela cita o discurso de Pe. Carlos para as alunas concluintes:

“Naquela manhã de março de 1940, a Madre Maria Evangelina e suas companheiras Madre Inês e as Irmãs Ana Maria, Maria José, Maria das Neves e Maria da Paz chegavam à Paraíba com o ardor e confiança dos fundadores, trazendo uma bandeira e uma esperança. Aquela meia dúzia de freiras vinha fundar em nossa cidade um colégio.” (Pe. Carlos Coelho apud VARELA, 2011, p. 2)

Como ilustração, essa mesma página também traz, ainda, a fotografia do navio em que as Irmãs vieram, das Irmãs fundadoras e daquelas que mais deram suporte para a sua vinda, ou seja, Angelina Baltar e Noêmia Ribeiro. De forma descritiva, a autora apresenta os dados do início das atividades do Colégio Lourdinas, ao afirmar que “As atividades educativas tiveram início no dia 04 de março (segunda-feira) no prédio a rua Monsenhor Valfredo Leal, nº476. Tinham, então, 45 alunas, sendo 12 no jardim da Infância, 13 no 1º ano primário, 10 no 2º e 3º ano primário e 9 no 5º ano” (VARELA, 2011, p.2).

Na página três (3) se lê-se o relato a construção do primeiro prédio do Colégio Lourdinas, na Av. Eptácio Pessoa, doado pelo, então presidente, Argemiro Figueiredo. Descrevendo os avanços dessa obra, ela afirma que:

Nesta primeira etapa, foi construído o pavilhão central, somente na parte térrea, com exceção do alojamento das religiosas que ficou no 2º andar, foi posteriormente edificado o pavimento superior em toda a extensão da casa. Em seguida em 1943, vieram as construções dos banheiros, vestuários, do pavilhão de abrigo e de uma garagem. Todo o prédio foi pintado da cor creme clara, permitindo, desse modo, a difusão uniforme da luz (VARELA, 2011, p.2).

Ainda na página três (3) se apresenta o anúncio da doação do prédio no jornal *A Imprensa*, no dia 24 de agosto de 1941. As ilustrações dessa página enriquecem tal relato, pois se apresenta a foto de Argemiro Figueiredo, a fachada do primeiro prédio na Rua Monsenhor Walfredo Leal, a fachada do prédio atual naquele período e também as alunas na frente do segundo prédio durante a sua inauguração. Há ainda uma descrição dessa inauguração ao se trazerem as seguintes informações: “À cerimônia compareceram o Sr. Ascendino Leite, representante do Interventor Federal interino, prof. Joaquim Santiago, diretor do Departamento de Educação, membros do clero, famílias e alunas daquele estabelecimento de ensino” (VARELA, 2011, p. 3).

Na página quatro (4), registra-se um estudo histórico da instituição, destacando a Irmã Ana Maria como a primeira diretora do ginásio, e o funcionamento da escola em dois turnos, sob regime de externato. É na sua direção que o Colégio recebe a inspeção preliminar para garantir o funcionamento do ginásio no dia 23 de dezembro de 1943. Neste mesmo ano, narra-se sobre a mudança na direção mediante o afastamento da religiosa Ana Maria para fazer seus votos perpétuos no Rio de Janeiro. A Irmã Maria Cecília de Jesus assume o cargo e, neste mesmo ano, inaugura-se a 3ª série ginásial. A incompatibilidade do cargo de direção com o de mestra de Latim e Português acarretou nova mudança na gestão da escola, sendo a Irmã Maria Cecília substituída pela Irmã Maria das Neves. Destaca-se no ano de 1946 o reconhecimento do curso ginásial em 31 de dezembro, a partir do decreto nº. 22396 do então Presidente da República Eurico Gaspar Dutra Clemente Mariani Bittencourt, e também a conclusão da primeira turma do Curso Ginásial. Outro destaque dessa página é a saída do Pe. Carlos, por se tornar Bispo de Nazaré, no ano de 1948. As ilustrações dessa página são as fotografias da Irmã Ana Maria e de Pe. Carlos. Isso demonstra o interesse em enfatizar aqueles que estiveram na fundação da instituição.

Na página cinco (5), inicia-se comentando sobre a aprovação do curso colegial no ano de 1950, pelo Ministério da Educação e da Saúde. Essa página apresenta, ainda, dados mais gerais da instituição no decorrer de décadas, como a espera pela construção de uma capela, o aumento do número de alunos nos anos 80 e a mudança de direção nos anos 90. Não há ilustrações nesta página, ou seja, há apenas uma descrição geral dos principais acontecimentos neste longo período.

Na página seis (6), há um destaque especial para os banheiros adaptados e construção de rampas, verificando-se a existência de um projeto de inclusão⁶¹. Buscando finalizar suas ideias, a autora, Rosana Varela, destaca algumas características institucionais que permanecem ao longo dos anos, apresentando o lema do Colégio Lourdinhas:

- INFORMANDO com segurança;
- FORMANDO com competência;
- PREPARANDO para a cidadania;
- VIVENCIANDO os princípios cristãos - do amor, do respeito, da solidariedade e da justiça.

Esse lema deixa explícito o foco religioso nos princípios cristãos da instituição e na cidadania e competência. Em seguida, fala-se um pouco sobre o desenvolvimento de sua infraestrutura para melhorar o ensino. Seu cotidiano escolar é descrito na seguinte passagem:

Voltado para um sólido Ensino de Qualidade, o Colégio promove, ainda, atividades que envolvem os alunos no Anúncio da Palavra de Deus (Anunciadores da Palavra), excursões culturais, simulados, Provão de conhecimentos, Projeto de Formação continuada e realizações de eventos, tais como: Mostra de Conhecimentos, Olimpíadas de Matemática, Jogos Internos, Festival de Dança etc.

A dinamicidade da instituição demonstra uma adequação à realidade das alunas e um desejo de tornar o seu ensino como alvo da preferência dos seus pais, porém o atendimento às novas demandas da sociedade não significa que tenham ocorrido modificações, de fato, na postura administrativa com o passar dos anos, já que permanece uma exaltação ao passado e a visão religiosa que lhe fora sempre peculiar. Na página sete (7), continua a menção a todas as Irmãs que foram diretoras da instituição, desde a sua égide.

Nesses 70 anos de existência o Colégio Nossa senhora de Lourdes foi dirigido pelas seguintes diretoras:

1940-1942 - Irmã Ana Maria do Sagrado Coração
 1943-1944 - Irmã Maria Cecília de Jesus
 1944(final) -1957- Irmã Maria das Neves
 1958-1964 - Irmã Maria Emerenciana de Jesus
 1965-1968 - Irmã Maria das Neves
 1969-1975 - Irmã Celis
 1976-1981 - Irmã Maria das Vitórias
 1982-1990 - Irmã Áurea Torres
 1991-1994 -Irmã Maria José Chaves

⁶¹ Essa adequação as crianças com deficiência, ou seja, esse olhar inclusivo adotado pela instituição cumpre aquilo que está estabelecido tanto na LDB/96 quanto na CF/88, ou seja, são frutos daquilo que está previsto no aparato legal brasileiro.

1995- fevereiro de 1997 - Irmã Maria Cândida
 1997-2001 - Irmã socorro Albuquerque
 2002-2008(agosto) - Irmã M^a Suelly Germano Santos.
 2008(setembro) – 2011- Ir. Rosana Valéria

Todos esses aspectos, em diálogo com pesquisas que se voltam para o espaço escolar, possibilitaram uma compreensão maior do significado físico de uma instituição escolar que está diretamente interligada com os aspectos culturais, políticos e pedagógicos.

Entre os anos de 1943 a 1944, quem esteve à frente da instituição foi a Irmã Maria Cecília de Jesus, seguida da Irmã Maria das Neves, que dirigiu o Colégio até o ano de 1958.

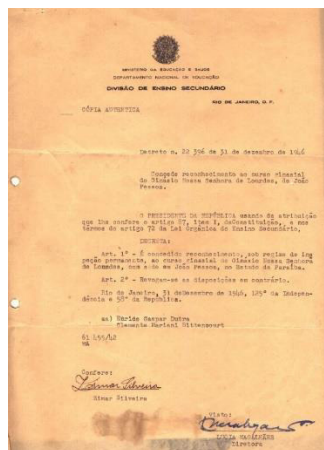
Figura 24 - Fachada do Colégio Lourdinias no ano de 1945



Fonte:. Arquivo pessoal Ir. Rosana Valéria Varela

Um marco do ano de 1946, mencionado em livros comemorativos, foi a primeira formatura da instituição. Ela indica a consolidação do Curso Ginásial registrado no seguinte documento concedido pela Irmã Rosana Valéria.

Figura 25 - Decreto 22.396/1946



Fonte: Arquivo Pessoal Irmã Rosana Valéria

O Decreto 22.396 de 31 dezembro de 1946 concede, sob regime de inspeção permanente, o reconhecimento à instituição por parte do então Presidente Eurico Gaspar Dutra, com base no artigo 87, item 1, da Constituição e no artigo 72 da Lei Orgânica de Ensino Secundário.

Esse modelo educacional, além de ter direta ligação com a Lei Orgânica, já mencionada anteriormente, sofre influência da Constituinte de 1946, pois:

Na Constituinte de 1946, a Escola Católica, sustentada por parcela significativa da Igreja e de seu episcopado, defende a liberdade de ensino e o inalienável direito da família em optar pela educação dos filhos, custeada, se necessário fosse, pelo poder público. Fortifica-se a consciência de se assumir com ardor a tarefa de melhoria das escolas católicas para preparar famílias cristãs capazes de influenciar a Sociedade. A maioria das escolas católicas persevera no modelo tradicional, academicista e de matriz humanista, enquanto alguns, sob influência da Escola Nova, propugnam o método montessoriano adaptado por Hélène de Lenval através do Pe. Faure do Institut Catholique de Paris (ALVES, 2005, p.3).

O ritual da formatura desse mesmo ano demonstra um marco na vida estudantil, que é comemorado pelas religiosas e pelos familiares.

Figura 26 - Discurso de Pe. Carlos (Paraninfo). Turma concluinte de 1946



Fonte: Arquivo pessoal Rosana Valéria Varela

Aqui se verifica a escolha de uma liderança masculina como o paraninfo da turma, a quem as Irmãs são submissas e, conforme Relato de Fundação, com verdadeira devoção. Confirma-se, portanto, que tal reverência não se limita às relações entre freiras e padres, mas

que também são propagadas pelas discentes, haja vista o lugar de destaque na Cerimônia por parte do sacerdote.

Figura 27 - Discurso da oradora 1946



Fonte: Arquivo pessoal Rosana Valéria Varela

Como é comum em uma cerimônia de colação de grau, a figura da oradora indica toda a emoção da Cerimônia, pois há escolha de uma representante para expressar o significado da conquista, ou seja, a conclusão do curso, para cada uma delas naquela ocasião.

Figura 28 - Cerimônia de Conclusão do Curso Ginásial - 1946



Fonte: Arquivo pessoal Rosana Valéria Varela

As fotografias da formatura são reveladoras do cotidiano escolar e da cultura em formação dessa instituição. A partir desse evento, pode-se perceber a valorização da conclusão de etapas e dos rituais comemorativos similares aos religiosos. Também se pode observar que se trata de um momento de encontro entre as pessoas das famílias abastadas da cidade de João Pessoa, que têm como traço comum o fato de suas filhas ali estudarem.

Essa fonte permite que se reflita sobre a história da instituição escolar, a partir de documentos imagéticos que expõem um ritual de passagem compartilhado por todos os que fazem parte do Colégio Lourdinas. As vestimentas diferenciadas indicam o significado daquele momento para os presentes e a sua condição social.

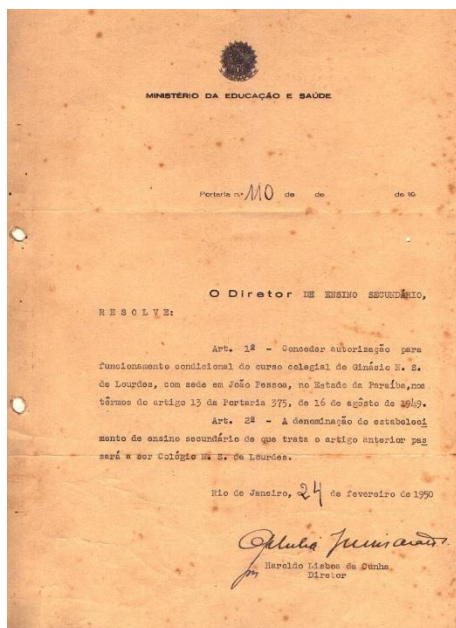
Também revelam traços de uma memória coletiva, pois esse dia provavelmente é relembrado pelas pessoas que compartilharam desse momento, seja como aluna, genitor(a) ou como parte da direção da instituição ou de seu corpo docente. A presença de autoridades demonstra o status social ocupado pelo Colégio Lourdinas e sua valorização por parte da elite, uma vez que a escola era responsável pela manutenção dos padrões sociais de um seletivo e privilegiado grupo, que acreditavam nos ensinamentos das freiras, repassados de forma conservadora e pautados em uma metodologia extremamente tradicional.

É interessante pensar como o Colégio Lourdinas sofre influência dos acontecimentos do seu tempo, acompanhando as discussões do cenário nacional. É importante situá-la, portanto, como escola católica que prepara as famílias cristãs para viverem em sociedade, prática esta que sofre algumas modificações nos anos 50 e 60, como veremos adiante.

4.5 O COLÉGIO LOURDINAS ENTRE AS DÉCADAS 50 A 90: MUDANÇAS ESTRUTURAIS E FUNCIONAMENTO DA FACULDADE

A autorização do Curso ginasial e a denominação do estabelecimento do ensino secundário, nos termos do artigo 13 da Portaria 375 de 16 de agosto de 1949, foi um grande marco no ano de 1950. Comprova-se tal ato, a partir da Portaria n. 110 de 24 de fevereiro de 1950 do Ministério da Educação e Saúde, que foi assinada pelo então diretor de Ensino Secundário Haroldo Lisboa da Cunha.

Figura 29 - Portaria n. 110 de 24 de fevereiro de 1950



Arquivo Pessoal Irmã Rosana Valéria Varela

Na década de 50, mais especificamente no ano de 1955, inicia-se um projeto para a construção da Capela do Colégio Lourdinas, o qual conta com a Benção da pedra fundamental de D. Carlos Coelho, no dia 11 de fevereiro de 1955.

A capela foi inspirada em uma Igreja europeia e foi apresentada por Madre Evangelina ao engenheiro pernambucano Manuel Santos da Figueira, responsável pela elaboração do projeto. É apenas no ano de 1961 que tem início a construção da Capela.

Figura 30 - Capela do Colégio Lourdinas em construção



Fonte: Arquivo Pessoal Ir. Rosana Valéria Varela

As freiras, pelo que se pode inferir da fotografia, pareciam estar constantemente monitorando as obras, a fim de que fossem construídas com rapidez e da maneira como elas desejavam. Essa suspeita se dá pela postura das religiosas frente à construção do próprio prédio da instituição, pois estavam constantemente atentas à construção e ao andamento da obra.

Figura 31- Irmãs caminhando próximo a Capela em construção do Colégio Lourdinas



Fonte: Arquivo Pessoal Irmã Rosana Valéria Varela

A arrecadação financeira para tal empreendimento, como era de costume, contou com o apoio dos pais de alunos e das próprias Irmãs, que realizaram trabalhos e festas na ocasião. Essa mobilização sugere ainda um cenário escolar em que as famílias, ao apoiar uma educação religiosa, buscava investir, de fato, na construção de uma capela nos moldes europeus⁶².

Figura 32 - Capela em construção



Fonte: Arquivo Pessoal Rosana Valéria.

Entre os anos de 1954 a 1968, funcionou no Colégio Lourdinas a Faculdade de Filosofia e de Jornalismo. A Faculdade de Filosofia teve sua fundação em 1954 e foi extinta no ano de 1968, e a Faculdade de Jornalismo, fundada em 1957, foi extinta em 1964. Essa situação demonstra como esta instituição acompanhou grande parte das jovens alunas até o nível

⁶² O engenheiro Manuel Santos da Figueira, faleceu, no entanto, no ano de 1964, e a obra só retornou no ano de 1969, durante a gestão de Irmã Maria das Vitórias, sendo concluída apenas em 1973 (VARELA, 2011).

superior. É provável, então, que as mulheres que iniciaram seus estudos nos anos 40 cursaram faculdade nos anos 60, como é o caso de duas irmãs consanguíneas da família Navarro⁶³.

Vale destacar que, entre os anos de 1958 a 1964, quem dirigiu a instituição foi a Irmã Maria Emerenciana de Jesus, prima da ex-aluna Glauce Burity. Faremos menção ao depoimento da Irmã Maria Emerenciana no próximo capítulo. Já entre os anos de 1965 a 1969, quem esteve na direção foi a Irmã Maria das Neves, que será mencionada mais adiante como incentivadora do esporte e que é lembrada nos livros comemorativos pelo bom trabalho realizado.

Figura 33 - Irmã Emerenciana



Arquivo Pessoal Rosana Varela

Figura 34 - Irmã Maria das Neves



Fonte: Arquivo Pessoal da Irmã Rosana Varela

No ano de 1960, também foi fundada a Escola Doméstica Noturna e, 9 (nove) anos depois, a Escola Ginásial Doméstica. Estas escolas demonstram que existia um tipo de ensino destinado exclusivamente aos mais pobres e que, portanto, havia um distanciamento de classes sociais. Assim, por mais que alguns tentem considerar tal iniciativa como uma atitude inclusiva das Irmãs, o caráter específico deste tipo de ensino é notoriamente de cunho segregador, pois a Escola Doméstica atendia especificamente a outro público, não existindo, portanto, um contato direto com a educação oferecida para as crianças de família rica.

No ano de 1969, é relevante destacar que a instituição tinha 50 alunos no jardim da Infância, 412 no primário, 227 no Ginásial e 39 no Curso Normal, num total de 728 educandos.

⁶³ Estas ex-alunas serão mencionadas no próximo capítulo.

As chamadas obras anexas tinham 420 alunos na Escola Profissional São José, 328 alunos na Escola Doméstica N. Sra. de Lourdes e 33 alunos no Ginásio Doméstico Noturno. Todas essas ampliações estruturais e pedagógicas por parte do Colégio Lourdinhas contaram com o apoio da Igreja Católica e eram legitimadas pelos padres.

No ano de 1970, as alunas das Lourdinhas estavam distribuídas da seguinte forma: o ensino Normal tinha 14 discentes; o ensino Científico, 22; o ensino Ginásial, 224; o ensino Primário, 410; e o Jardim da Infância, 60 alunos. 730 alunos, portanto, em sua totalidade. As obras anexas, ou seja, a Escola Noturna de N. S de Lourdes e o ginásio Noturno de N. S. de Lourdes totalizavam 213 alunos. Tudo isso ocorreu sob a liderança da Irmã Celis.

Figura 35 - Irmã Celis (Dirigiu a instituição entre 1969-1975)



Fonte: Arquivo pessoal Rosana Valéria Varela

A gestão das Irmãs tinha duração de aproximadamente seis anos. Provavelmente, aquelas que mais se destacavam conseguiam chegar ao cargo de maior liderança da instituição e, *a posteriori*, galgar outros espaços na Congregação N. S. de Lourdes. Sob a liderança da Irmã Maria das Vitórias, esta instituição obteve algumas conquistas em meados desta década.

Figura 36 - Irmã Maria das Vitórias (dirigiu a instituição entre 1976-1981)



Fonte: Arquivo Pessoal de Irmã Rosana Varela

Essa década contou, ainda, com a inauguração da Capela, em setembro de 1973 e o com reconhecimento do Colégio Lourdinas como sendo de Utilidade Pública Federal pelo Decreto nº. 72.820, de 21 de setembro de 1973.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º. São declaradas de utilidade pública, nos termos do artigo 1º, da Lei nº 91, de 28 de agosto de 1935, combinado com o artigo 1º, do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 50.517, de 2 de maio de 1961, as seguintes instruções:

MJ. 1.385-73 - Instituição Cultural Educativa e de Assistência Social (I.C.E.A.S.), com sede em João Pessoa, Estado da Paraíba;⁶⁴

Vale destacar que a Instituição Cultural Educativa e de Assistência Social (ICEAS) é a mantenedora dos Colégios: Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Escola Profissional São José e Escola Noturna Nossa Senhora de Lourdes.

É importante destacar a matriz curricular do Colégio Lourdinas nos anos 70. O boletim da aluna Cristina Cavalcanti, da 7ª série no ano de 1976⁶⁵, comprova que as notas eram realizadas por conceitos e que as disciplinas estudadas eram: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Fisiológicas e Biológicas, Estudos Sociais, Educação Religiosa; Moral e Cívica, Inglês, Francês e Ed. Artística. Reconhece-se, no próprio boletim, a ausência dos seguintes componentes curriculares: Geografia, História, OSPB e Desenho, justificada pela situação política da época: a Ditadura Militar.

⁶⁴ Disponível em : < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d72820impressao.htm > Acesso em 10/02/2016.

⁶⁵ Este caderno será melhor analisado no capítulo 4, pois ter-se-á uma discussão específica para a recepção do ensino por parte das ex-alunas.

Figura 37- Fachada do Colégio Lourdinas no ano de 1976



Fonte: Arquivo pessoal de Irmã Rosana Varela

A rigidez da instituição, agregada aos valores próprios da Ditadura Militar, sedimentou a ideia de um ensino católico apropriado para as mulheres e de cunho tradicional. A imponência no prédio de arquitetura neoclássica, em avenida de destaque na cidade de João Pessoa, chamava a atenção de pais que desejavam dar uma educação católica para as suas filhas. Até os anos noventa ainda foram realizadas novas construções de pavimentos com salas de aulas para acomodar as alunas.

De cunho restritivo e tecnicista, esperava-se do público feminino uma formação de caráter limitado, voltado para a educação doméstica e religiosa. Assim, o cenário nacional fortaleceu nesta época aquilo que já era promovido pelo ensino tradicional católico. Tal situação perpassa os anos 80 de tal forma que as regras institucionais são perceptíveis nas agendas escolares.

No ano de 1980, o Colégio Lourdinas contava com 1900 alunos, sendo 1200, das Lourdinas; 350, da Escola Profissionalizante São José; e 350, da Escola Noturna. A primeira fase do 1º grau recebia alunos dos dois sexos. A segunda fase apenas estudantes do sexo feminino. O segundo grau era profissionalizante, com cursos de Secretariado e Laboratório (VARELA, 2011).

A não aceitação, pelas Irmãs, de meninos para a segunda fase, ou seja, para o momento em que meninos e meninas já estavam entrando na adolescência, nos mostra o cuidado que se tinha com o contato entre sexos opostos. Esta restrição buscava evitar, provavelmente, que os jovens se relacionassem e “atrapalhassem” as regras disciplinares da escola. Isso permite que

se observe como a separação entre meninos e meninas é secular e, ainda, como as Irmãs continuavam com a tradição.

Concomitantemente, captam-se dois fatores que manifestam o cenário da época: a) os cursos profissionalizantes foram incentivados durante a Ditadura Militar; b) este ensino profissionalizante foi destinado à Escola São José, ou seja, voltado para crianças pobres que precisavam ingressar no mercado de trabalho.

Paulatinamente, nos anos 90, as religiosas foram aceitando a presença de meninos na instituição, mesmo que fosse durante a primeira fase. Subentende-se que tudo isso foi um meio de atender ao público alvo, ou seja, os pais de alunos.

Adequando-se às exigências do seu tempo, inaugurou-se no dia 1 de setembro de 1983 a quadra de esporte do Colégio Lourdinias. Tal situação demonstra que, mesmo não abrindo mão de certos princípios religiosos, as religiosas precisavam estar atentas àquilo de que seus clientes precisavam. Isso porque a instituição escolar precisava cumprir o papel de formar uma determinada classe social. As Irmãs passaram, com isso, a cuidar não apenas da mente das crianças com seus ensinamentos, mas também do corpo.

Figura 38 - Inauguração da Quadra do Colégio Lourdinias



Fonte: Arquivo pessoal da Ir. Rosana Valéria Varela

A educação cristocêntrica unida ao caráter modernizador da instituição pode ser identificada no momento em que se verifica a inauguração da quadra marcada por uma missa. Dessa forma, discutir essas mudanças estruturais da instituição é conhecê-la em sua profundidade.

A criação da quadra⁶⁶ rendeu homenagens à Irmã Maria das Neves, pois esta religiosa era considerada pela comunidade escolar como incentivadora do esporte. Analisando o contexto a partir de Certeau (1998), concebe-se essa preocupação da religiosa mais como uma estratégia da instituição por resistir diante das exigências sociais do seu tempo. Ao verificar a necessidade esportiva da época, investe-se na aquisição de uma quadra, tendo em vista que agradará aos que circulam neste espaço e pode ser considerado como forma de a escola permanecer como instituição de destaque na cidade.

Essa estratégia surtiu tanto efeito que, no final dos anos 80, o Colégio Lourdinias contava com o número de 2.200 alunas e precisou que ampliasse o prédio para atender a esta nova demanda. Assim, no início de 1988, a então diretora Irmã Áurea Torres deu início ao quarto pavimento, contendo auditório e salas de aula no primeiro andar e cantina, pátio e duas salas, no térreo. A obra foi concluída no ano de 1989 (VARELA, 2011).

Figura 39 - Irmã Áurea (1982-1990)



Arquivo pessoal Ir. Rosana Valéria Varela

Nos anos oitenta (80) do século XX, nota-se como as agendas escolares eram consideradas como meio de comunicação entre direção, professores e pais de alunos, devendo estar sempre em dia. Diariamente solicitava-se que os pais das alunas assinassem sua agenda. Tal procedimento evidencia a busca pela total participação da família no cotidiano escolar e a

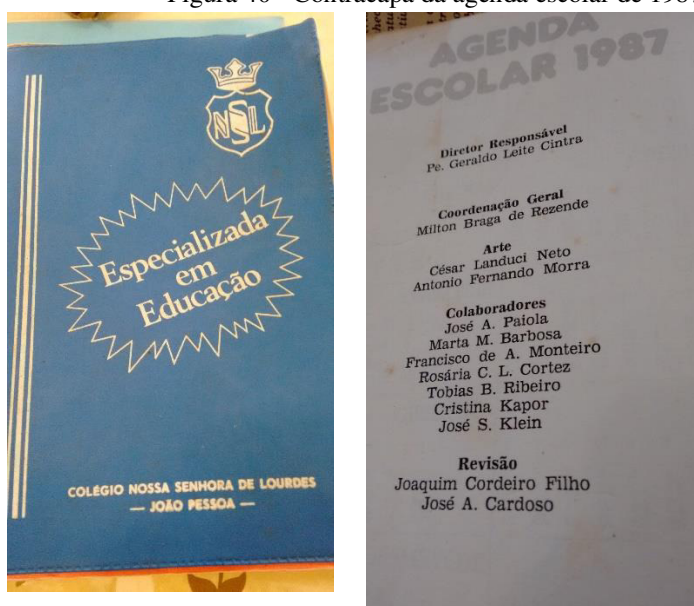
⁶⁶ Na década 70, do século XX, surgiu, também na Avenida Epiácio Pessoa, a escola chamada Instituto Presidente Epiácio Pessoa, que ficou conhecida pelo investimento das práticas esportivas. Isso, provavelmente, estimulou o Colégio Lourdinias a investir nas práticas esportivas para não perder seu público para esta nova Escola. BOTELHO, Sérgio. Memória pessoense.: IPEP. Disponível em: <<http://blogdopedromarinho.com/?p=single&id=68721>> Acesso em 10/02/2018

exigência de que estes pais se mantivessem atualizados. Desse modo, em uma ótica foucaultiana, a agenda escolar também funcionava como mecanismo de controle do comportamento dos alunos a fim de que fosse garantida a sua disciplina.

O diálogo contínuo com os pais permitia que eles estivessem cientes que, ao terem escolhido esta instituição para educar suas filhas, elas precisariam se habituar à rigidez do ensino e também ao contato contínuo para solucionar qualquer desvio de conduta. Tudo o que estava escrito na Agenda Escolar (1987) era destinado não só às discentes, mas aos seus pais, os quais também deveriam conhecer as regras institucionais, as preocupações sociais da época, a ênfase religiosa e a história da fundação, para que se adequassem à tradição do Colégio Lourdinas. Isso é compreensível ao se refletir como, obedecendo à lógica tradicional: “[...] essas rotinas funcionam melhor quando transformadas em hábito, em procedimentos automáticos ou até mesmo em reflexos, elas necessitam ser imutáveis” (HOBBSAWN, 1997, p.11).

As agendas escolares do Colégio Lourdinas, além de conterem consigo as regras institucionais que precisam ser seguidas pelas alunas, traziam um incentivo à autoavaliação. Este é um fator impulsionador para que a utilizemos como fonte indicadora das suas regras, seus valores e o incentivo ao aluno por conseguir ter um comportamento que atenda às expectativas da instituição.

Figura 40 - Contracapa da agenda escolar de 1987



Fonte: Lourdes (1987)

Na capa da Agenda escolar (1987), já se constata uma busca por exaltar a instituição, pois, além do símbolo e do nome da escola, se coloca no meio da capa o nome “Especializada em Educação”. Na página seguinte, o saudosismo e o desejo de trazer elementos de sua história, evocando a tradição, são perceptíveis na foto da Madre fundadora, a omissão de sua expulsão e a ligação com a construção do colégio na atualidade, ao se afirmar:

“[...] a pequena semente plantada em Lourdes, transpôs o Atlântico chegando às terras brasileiras a 12 de outubro de 1908, em Petrópolis-RJ. Daí a Congregação divulgou-se pelos demais Estados do Brasil, chegando a nossa cidade - João Pessoa - a 4 de março de 1940” (LOURDES, 1987, p.1)

Em seguida, a evocação da tradição tem o elemento religioso como agregador, pois se tem a oração a Nossa Senhora de Lourdes em seguida. Na página seguinte, o aluno é tido como participante do seu próprio crescimento e colaboração para uma sociedade mais humana, apontando os seguintes pontos como fundamentais:

- a. Aceitar a filosofia do Colégio, respeitando os princípios cristãos;
- b. Valorizar seu colégio através de atitudes dignas, esforço nos estudos, respeito aos professores, colegas e funcionários, mantendo a ordem em todas as dependências e zelando pela conservação do patrimônio escolar (carteiras, bibliotecas, material didático etc.);
- c. Apresentar-se, pontualmente às aulas, uniformizado e com todo o material necessário para o dia;
- d. Colaborar para que o Colégio seja um ambiente de paz, disciplina, ordem, amizade e muito aprendizado nos estudos (LOURDES, 1987, p.2).

A disciplina e a ordem evocadas na agenda escolar são peculiares ao ensino tradicional, que, unidas ao respeito e aos princípios cristãos enfatizados logo no início, dão uma noção das regras existentes no interior dessa instituição, ratificando o que está em outras fontes de outras épocas e indicando as suas permanências no decorrer das décadas.

Essa visão ainda está mais evidenciada em um dos princípios e objetivos do Colégio N. S. de Lourdes, presentes em sua agenda escolar, ao se alertar para a necessidade de “criar pontos de referência entre CIÊNCIA e FÉ, FÉ e vida, para toda a comunidade educativa participe de clima impregnado de Evangelho” (LOURDES, 1987, p.3). Há, portanto, uma percepção religiosa da instituição sobre a atuação na área de educação, pois adotam uma perspectiva missionária e evangelizadora.

Unida à percepção religiosa, identifica-se uma exigência pela manutenção de um padrão de qualidade acima da média, evidenciado no item “Sistema de Avaliação e Aprendizagem”

para o qual se exige a média oito (8,0), ou seja, um total de 32 pontos nos quatro períodos do ano letivo.

Uma das observações gerais responsabiliza os pais ou responsáveis pelo acompanhamento da vida escolar do seu filho, seu rendimento escolar, e solicita que busque manter o contato com a Direção e a Coordenação. Nas páginas quatro e cinco, tem-se respectivamente, o calendário letivo do ano de 1987 e a identidade do aluno. A exigência da assinatura ao final da descrição dos dados dos alunos evidencia a preocupação do acompanhamento de cada um deles, alertando-os para estarem cientes de todas as atividades da instituição.

A Campanha da Fraternidade de 1987 é apresentada nas páginas seguintes para as alunas como convite à reflexão sobre o menor abandonado. O compromisso cristão é utilizado como forte argumento para garantir o envolvimento de todos. Aqui se consegue identificar a edição da Editora Salesiana Dom Bosco, e isso mostra o contato entre as instituições católicas e o desejo de sedimentação de um ensino destinado a um público exclusivo.

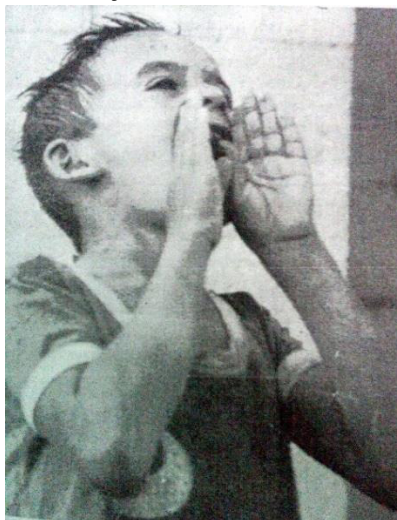
A metodologia de estudo também é alvo de reflexão nas páginas de nove (09) a doze (12) e, para tanto, destacam-se os seguintes pontos: Que método estudar; Conceitos fundamentais; Condições básicas para estudar; Como estudar em casa; Como aprender em sala de aula; Como proceder nas provas; Como ler um livro e Por quê e para quê estudar. Todas essas orientações demonstram uma preocupação de fazer com que o aluno obtenha êxito nos estudos mantendo-se focado, evitando distrações, “colas” e com a importância de se ler um livro, interrogando-o.

Em seguida, entre as páginas onze (11) a dezessete (17), há um calendário maior expondo os dias de feriado do ano de 1987, um espaço para o aluno colocar o horário das aulas e também outro espaço para se colocarem as notas conceituais. Das páginas dezoito (18) a vinte e três (23), há espaços que servem para garantir a comunicação entre pais e educadores.

Como o mês de janeiro era destinado a férias, não há espaço para as anotações e, sim, apenas menções a perícopes bíblicas e citações de duas lideranças religiosas. A primeira delas é do Cardel Mercier: “Para unir é preciso amar, para amar é preciso conhecer, para conhecer é preciso ir ao encontro do outro”. A segunda, de D. Luciano M. de Almeida, afirma: “O amor resume tudo. Porque onde há amor a criança vai se sentindo amada. E essa é a solução para o mundo. Este mundo é muito frio, egoísta, invejoso, e é pela criança que nós vamos poder renová-lo”.

Os dez princípios da Declaração Universal dos Direitos da Criança, proclamados pela Assembleia Geral da ONU, são apresentados e ilustrados com fotografia de uma criança com as mãos na boca em sinal reivindicativo.

Figura 41- Criança em sinal reivindicativo



Fonte: Lourdes (1987)

As páginas que seguem contêm dois dias de um mês e, na sequência, cada uma delas apresenta frases curtas de lideranças religiosas. No decorrer de um mês, seis frases de efeito são utilizadas como orientação para as estudantes. Logo abaixo dessas frases, apresenta-se o dia da semana. Para cada dia da semana, há menções às datas comemorativas e a perícopes bíblicas; isso reforça a intenção de inserir no comportamento das crianças a leitura da Bíblia e os ensinamentos cristãos. Ao final de cada uma dessas perícopes, há textos que fazem uma reflexão crítica da atualidade.

No mês de março, há o texto parcial de Peter Taçom, retirado do jornal da Unicef, intitulado “Herói ou bandido”, em cujo teor se verifica preocupação em se discutir criticamente sobre a situação de exclusão dos meninos de rua e a busca por soluções concretas. Como ilustração, há um menino negro tentando se equilibrar sobre um portão.

No mês de abril, tem-se o texto retirado do fascículo especial da série *Retratos do Brasil* (1986, p.14), intitulado “o dia a dia e os sonhos de jovens boia fria”. Nele há relatos curtos sobre crianças que trabalham no corte de cana, na faxina e dos boias frias das regiões canavieiras.

No mês de maio, há uma reflexão do Pe. Virgílio, retirado do livro *Desafios dos jovens* e intitulado “Não enterrem os jovens” que fala sobre os conflitos da juventude, a miragem do ter propagada pela mídia, a falta de sentido da vida e o uso de drogas, a falta de uma sociedade

justa e fraterna, o fato de o jovem não ser ouvido e também sobre a necessidade de se pensar neste público tanto quanto se investe na catequese das crianças dando sentido para as suas vidas.

O mês de junho contém o texto de Luciana M. de Almeida, do Boletim Pastoral do Menor “Para que os menores tenham vida”. Este texto fala sobre desigualdade social, a violência, a criminalidade, a lógica consumista da sociedade e a situação do menor abandonado. Tal tema se aproxima do texto em coautoria de Antônio Coelho, Claudete R. de Araújo e Odete Cirino, representando o mês de julho intitulado. Este texto é intitulado “As crianças invadiram as cidades” e assinala o aumento do número de crianças nas cidades, sem recursos, e o contexto de exclusão, violência e opressão.

No mês de agosto, há o texto de Milton B. Rezende intitulado “Prevenir ou reprimir”, que fala sobre as fugas de menores da FEBEM e como o seu ambiente não contribui para que haja mudança social. Em setembro, por sua vez, novamente se chama a atenção para o menor, a partir do texto do Cardeal Arns e de Paulo Evaristo intitulado “O menor não é ameaça, mas solução”. Aqui se dá relevo à necessidade de ações comunitárias, a ações de solidariedade, como, por exemplo, distribuição de sopa. Outubro apresenta um texto intitulado “Falam as crianças” e “meninos e meninas à III Semana Ecumênica do Menor” que reflete sobre as crianças que precisam trabalhar para levar pão a irmãos menores ainda famintos, faz uma reflexão sobre o posicionamento de virar as costas para as crianças e também sobre a falta de amor. Como ilustração, há várias crianças com cartazes reivindicativos. Da mesma forma, novembro traz uma reflexão crítica do jornalista Lourenço Diaféria, narrando sobre a presença de crianças nas ruas, as que estudam e que passeiam distraidamente e aquelas que são chamadas de guris suspeitos ou de moleques de rua e, assim, permite uma visão ponderada sobre a desigualdade social e a postura excludente de alguns.

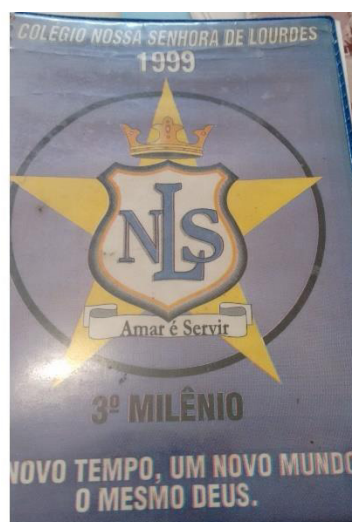
Por fim, o mês de dezembro contém uma poesia de Alfredo S. V. Coelho intitulada “Desafio”, ilustrada com um casal branco com uma criança recém-nascida, que pode ser compreendida como mensagem de esperança, que fala sobre a mudança de um destino e o amor.

Na antepenúltima página, consta, na Agenda de 1987, a oração da criança, a oração do jovem, a do credo dos direitos humanos e um raiar do sol, com plantas sem folhas e sem frutos. Enquanto a primeira oração é de autoria de alunos da 4ª série e se volta para o agradecimento do que se tem sem deixar de pedir por aqueles que nada têm, a oração do jovem é diferenciada e pede para que se concretizem os sonhos e que os esforços sejam atendidos. Já o credo dos direitos humanos enfatiza o direito à vida de todos e à dignidade humana; preocupa-se com a prisão arbitrária e pede para que todos tenham educação, liberdade de expressão e informação.

Na penúltima página, há músicas que tratam sobre a realidade do menor e que são intituladas, respectivamente, por “Conquista” de Alfredo Coelho e “Os Meninos” de Wando e Sérgio Lenke. Em cada uma delas, reforça-se a mensagem de esperança e a situação difícil de muitos deles que caminham sem expectativa. Por fim, a agenda é encerrada com o hino nacional, prática comum em livros didáticos das escolas públicas na atualidade.

Outra agenda escolar concedida pelas freiras foi a de 1999, que contém uma ênfase ao novo milênio, como se vê na sua capa:

Figura 42 - Capa da agenda escolar de 1999



Fonte: Lourdes (1999)

A mensagem inicial da agenda escolar de 1999 é de incentivo para que o aluno busque ter um bom desempenho na vida escolar e enxergar esse período como de vida plena, destacando Maria como protetora e orando para que o Senhor abençoe e guarde os estudantes neste ano letivo.

Na página seguinte, aponta o ano de 1922 como o início de suas atividades, ao invés do ano de 1939, e destaca para a formação intelectual, social e moral da escola, que oferece educação infantil, fundamental e de ensino médio, extracurricular e integral, sem deixar de informar sobre os laboratórios de química, física e biologia, a sala de vídeo, a biblioteca, computadores e acesso à internet, informatização acadêmica, capela, cantina, quadras poliesportivas, piscinas e academia de ginástica.

Em seguida, aponta como sede a rua 8 de dezembro n. 328, em Vila Isabel, e como mantenedora a Associação de Educação e Obras sociais, sob o número 5.272. Isso deixa transparecer que esta Agenda se destina à sede da instituição, no Rio de Janeiro, e não ao público

paraibano, com exclusividade. Ainda nesta página são destacados os direitos e deveres dos alunos que, em linhas gerais, buscam um relacionamento pautado no diálogo e no respeito às autoridades competentes.

Reforçando sobre as obrigações dos alunos, a página seguinte se volta para aquilo que é vedado ao estudante destacando-se a saída sem permissão do professor ou inspetor, os excessos nos recreios, o ato de fumar ou beber bebidas alcoólicas, a promoção de passeios sem autorização da escola, manifestações ofensivas dentro e fora da escola e, em seguida, se comenta um pouco sobre a história da instituição.

Adiante, tem-se um registro de todas as casas no Brasil, motivado, provavelmente, pelo caráter nacional da Agenda, que registra dezenove instituições, sendo sete colégios, sete paróquias, um convento, três casas de formação e uma casa de retiro.

As características do Colégio são apontadas na página seguinte e se enfatiza o seu caráter cristocêntrico, acolhedor, formador de personalidades fortes e responsáveis e com relacionamento franco e empenhado com a família. Na página posterior, tem-se os objetivos do planejamento pedagógico e a sua filosofia. Em ambos – objetivo pedagógico e filosofia da instituição –, se identifica a busca pelo olhar crítico da realidade social, o desenvolvimento de valores éticos, a participação política e a filosofia cristã.

Apresenta-se na página adiante, os cursos matutino e vespertino, os eventos e as atividades extracurriculares ofertados pela instituição. Mais além, ao se voltar a atenção para a Arte de estudar, citam-se algumas orientações: assistir às aulas, elaborar trabalhos e fazer cópias, ler em lugar tranquilo, reunir material necessário para o bom aprendizado, se concentrar, estruturar o trabalho com capa, introdução, desenvolvimento e conclusão, sem fazer cópia; orienta também o aluno para que se esforce por fazer uma letra legível, esclarecer dúvidas com os professores e tirar suas próprias conclusões. Na sequência, permanecem as orientações para os alunos elaborarem esquemas que organizem horários de estudos, o desenvolvimento do hábito da leitura, a anotação das tarefas e o cuidado por se trazer a agenda diariamente à escola, mantendo atualizados o quadro de controle de notas, as ocorrências disciplinares, os avisos e recados.

Enquanto a Agenda da década de oitenta, do século XX, enfatiza questões sociais e religiosas com textos, orações e perícopes bíblicas bem como enumerando as regras institucionais, a agenda da década de noventa, do século XX, permanece enfatizando tais questões, mas tem um cunho nacional no momento em que enfatiza todas as instituições educacionais Lourdinas do Brasil. Além disso, a estrutura física e os sinais de modernização são apresentados, é tanto que logo na capa se fala do novo milênio. É provavelmente, por isso,

perceptível uma hierarquia entre os próprios discentes incentivadas nas práticas pedagógicas, que já foram refletidas por Foucault (2014), ao apresentar neste tipo de educação, que molda os indivíduos, as comparações entre boas e más notas que tendem a classificá-los como bons e maus alunos.

A partir da estrutura da Agenda de 1999, é observável que a instituição tem a preocupação de organizar os horários dos alunos não apenas relativos às aulas mas a cursos que estes alunos faziam; há um espaço destinado aos convites para as reuniões com os pais e até mesmo uma sessão onde os alunos poderiam anotar aquilo que emprestaram ou que tomaram emprestado. Em cada mês, constata-se a presença de temas interessantes como a insolação em crianças, doação de sangue, alimentos vegetais. Essa modernização da Agenda de 1999 busca ativar a ideia de um novo milênio, em busca de novos conhecimentos para serem repassados pelos seus alunos.

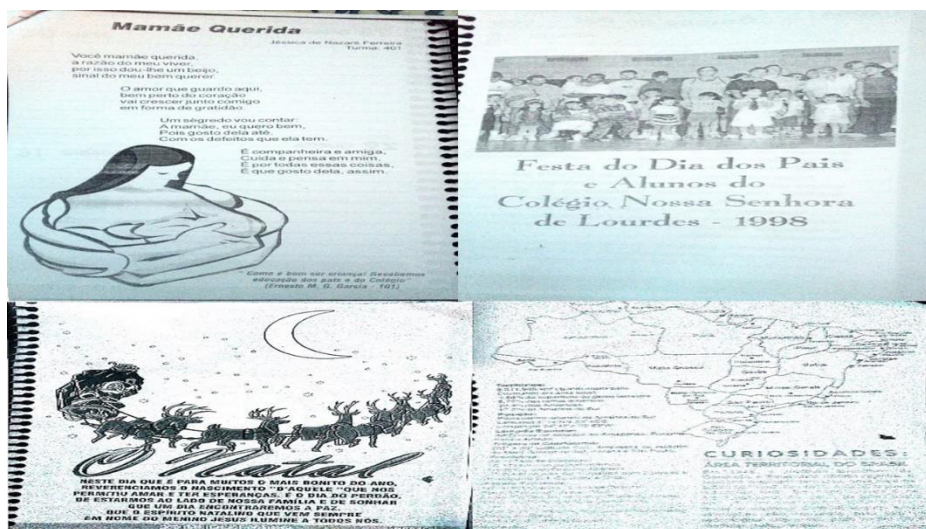
Figura 44 Estrutura da Agenda Escolar (1999)

Fonte: Lourdes (1999)

A instituição não deixa, contudo, de fazer menção às datas comemorativas tradicionais e também de propagar o nacionalismo ao trazer o Hino Nacional, o Hino à Bandeira Nacional

e o Hino da Independência. Há, portanto, uma agenda que agrega valores religiosos, nacionalistas, sem ignorar, entretanto, as questões do Novo Milênio.

Figura 45 - Datas comemorativas e nacionalismo na Agenda de 1999

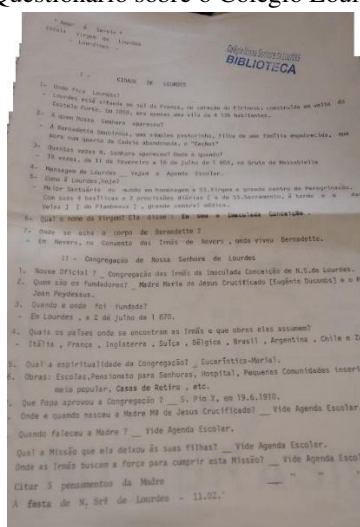


Fonte: Lourdes (1999)

As agendas escolares de 1987 e de 1999 dão uma noção sobre as práticas educativas almejado pelas Irmãs para as crianças, contendo orientações sobre os estudos individuais, a leitura de um livro e a metodologia de estudo desta instituição escolar.

Na agenda escolar do ano de 1987, foi encontrado um questionário que demonstra toda a idealização da Congregação Religiosa presente no discurso das freiras, que é repassada para os discentes, a fim de que seja tida como modelo de conduta.

Figura 46 - Questionário sobre o Colégio Lourdasinas



Fonte: Lourdes(1987)

É essa idealização, provavelmente, que fomenta o desejo de ex-alunas matricularem as suas filhas nesta instituição que é referencial para elas. Assim, debater-se-á neste item especialmente o destaque para a formação religiosa e idealizada desta instituição neste período.

Um questionário que estava dentro de uma agenda do ano de 1987 fez com que se refletisse sobre a idealização da Congregação, pois este questionário fala sobre a sua história, enumerando pontos que estão na agenda escolar. É interessante considerar que:

[...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (HOBSBAWN, 1997, p.10).

A exaltação à Madre Maria, presente no questionário, sugere um pouco de personalização da obra em sua figura; já o Pe. Peydessus não aparece mencionado em nenhum momento. Este destaque especial à Madre se dá provavelmente pela identificação das religiosas com ela e a necessidade de tê-la como padrão para as alunas. É tanto que se afirma que as respostas às seguintes questões estariam disponíveis na agenda escolar e para as quais as crianças precisariam se voltar para memorizarem tais dados.: “Onde e quando nasceu a Madre Maria do Jesus Crucificado? Quando faleceu a Madre? Qual a missão que ela deixou as suas filhas? Citar cinco pensamentos da Madre” (LOURDINAS, 1987).

Todas essas perguntas voltadas para uma personalidade demonstram um modelo de mulher que deveria ser seguido.

Antes de tal exaltação à religiosa, é válido ressaltar que o questionário traz à baila a suposta aparição de N. S de Lourdes, que é colocada em destaque de tal forma que se valoriza, principalmente, o aumento do número de pessoas ao se afirmar “Lourdes está situada no coração dos Pirineus, construída em volta do Castelo Forte. Em 1858 era apenas uma vila de 4.135 habitantes” (LOURDINAS, 1987). O questionário exige das crianças que se saiba ainda a quantidade de vezes que N. S. de Lourdes apareceu a Bernadette. A elas também se pede que conheçam a mensagem de Lourdes disponível nas suas agendas escolares.

De forma tradicional e metódica, na agenda ainda constam questões sobre os países onde as Irmãs da Congregação Imaculada Conceição de N. S. de Lourdes assumem obras⁶⁷, sobre a natureza dessas obras⁶⁸, sobre o tipo de espiritualidade assumido pelas Religiosas⁶⁹ e sobre o

⁶⁷ Os países são: Itália, França, Inglaterra, Suíça, Brasil, Argentina, Chile e Zaire.

⁶⁸ As obras já destacadas no decorrer deste trabalho são: escolas, pensionatos para senhoras, hospitais, pequenas comunidades.

⁶⁹ Como já foi visto, a espiritualidade eucarístico-mariana move as Irmãs.

nome do Papa que aprovou a Congregação. Na década posterior, percebem-se, entretanto, algumas mudanças de posicionamento, estas estão vinculadas à necessidade desse período.

Figura 47 - Visão panorâmica do Colégio Lourdinas



Fonte: Lourdes (1990)

Ao se refletir sobre os avanços e permanências desta instituição, refletimos sobre a complexidade desta instituição que se adequa ao seu tempo, porém mantém a ideia de se perpetuar como modelo educacional. De maneira geral, é relevante destacar sobre esta escola em particular que, “Se ela colaborou com as elites na manutenção da ordem estabelecida, ela também ofereceu resistência às classes hegemônicas, educou parcela das camadas populares e contribuiu de forma decisiva para a formação da nação brasileira.” (ALVES, 2005, p. 2).

Esse perfil de escola religiosa contempla aquilo que já foi analisado sobre essa instituição, que também educou parte das camadas populares a partir do ensino noturno e que, com isso, pode ser considerada como responsável pela formação da nação brasileira, pois seus ex-alunos atuam em sociedade exercendo suas profissões e trazendo consigo aquilo que essa instituição propagava.

Atentas às necessidades de seu tempo, quando Irmã Áurea Torres foi eleita provincial do Nordeste no ano de 1990, Irmã Maria José Chaves a substituiu no ano de 1991 e fez a escolinha de dança. Para tanto, construíram um espaço apropriado para esta modalidade esportiva que homenageou a falecida professora de Educação Física Regina Celi.

Figura 48 - Inauguração da sala de dança em 1994



Arquivo pessoal Rosana Valéria (S/D)

A imagem concedida por Irmã Rosana novamente apresenta uma figura masculina, como sempre à frente das Religiosas, cortando o laço que marca a inauguração da Escola de Dança. Modernidade e patriarcado, traços que perpassam essa instituição, estão presentes na imagem, embora também demonstrando adequação à realidade da época.

A agenda escolar do ano de 1999 também traz consigo um apelo aos pais sobre o acompanhamento diário da agenda escolar. Nesse material há menções sobre medidas a serem tomadas diante da inadequação do comportamento dos estudantes, conforme o art. 78, que é transcrito na agenda:

Art. 78 A critério da equipe Técnico-Pedagógica e conforme a gravidade e reincidência das faltas cometidas, serão aplicadas aos alunos:

- a) Advertência oral;
- b) Advertência escrita;
- c) Suspensão das aulas;
- d) Cancelamento de matrícula.

As regras explicitam um cotidiano escolar que nem sempre era aceito pelos discentes, que demonstram resistência ao ensino tradicional e às criteriosas medidas acima mencionadas.

Pensar deste modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não

são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas (CHARTIER, 2002, p.136).

É possível se verificar uma resistência implícita em cada ação no momento em que se tem a necessidade de se criar uma lei, pois subentende-se que as regras existem para organizar algo que está fugindo ao controle da instituição.

O Colégio menciona como falta grave aquilo que está disposto no artigo 92:

- I o desrespeito às autoridades escolares;
- II a produção de dano à propriedade alheia;
- III a inscrição de palavras, desenhos, atos e gestos que ofendam a moral e os bons costumes;
- IV o hábito de qualquer vício praticado nos muros do Colégio.

Neste período esteve à frente da direção Irmã Socorro Albuquerque (1997-2000). Um marco dessa época, mencionado por Irmã Rosana Valéria, foi a construção da Biblioteca São Tomás de Aquino e de um novo prédio para a educação infantil.

Tais construções evidenciam o crescimento da instituição que, buscando atender às necessidades do seu público alvo, cria um espaço propício à leitura e à realização da educação infantil.

A opção pelo nome de São Tomás de Aquino revela a mescla de uma adequação às necessidades do seu cotidiano com a base religiosa da instituição, ou seja, a instituição se moderniza, mas continua nomeando santos católicos como homenageados em seus estabelecimentos. Não se pode deixar de levar em consideração o caráter erudito da Igreja Católica e esta como precursora da educação brasileira. Quanto ao prédio da educação infantil, conforme a então gestora, a intenção era a de criar um espaço capaz de proporcionar aos seus alunos “um lugar agradável, com melhores condições para o desenvolvimento de atividades escolares (com salas mais amplas, espaços para recreação e um auditório), destinado a uma área de 2.157, 24 m²”.

Essas mudanças, mais do que agradarem as alunas, funcionam, contudo, como uma forma de garantir que eles não se voltem para outras instituições, mantendo-se no Colégio Lourdinas. O público em si, ou seja, pais de alunos e alunas serão discutidos no capítulo posterior trazendo, especialmente, o lugar das memórias nesta instituição escolar a partir dos livros comemorativos, redes sociais, caderno e revista.

5 OS RELATOS SAUDOSISTAS E AS ENTRELINHAS DAS MEMÓRIAS: O PÚBLICO ALVO (EU CHAMARIA DE “PARALELO”) DO COLÉGIO LOURDINAS

Para além da estrutura física e de suas mudanças ao longo dos anos, já discutidas anteriormente, apresentou-se aqui o público alvo para quem se direcionavam os ensinamentos da instituição ao longo de 60 anos, ou seja, os ex-alunos e os seus pais. É válido destacar que as mães de alunas foram alunas e, portanto, tem um forte laço identitário com o Colégio Lourdinas construído desde a época em que elas eram discentes.

As ex-alunas e suas mães tiveram destaque nesta análise, pois ajudaram a se compreender como era recebido o ensino desta instituição. Cada uma delas traz consigo aquilo que se espera da instituição (expresso nos relatos de pais de alunos) e a vivência pessoal e coletiva do tipo de ensino ofertado (expresso no discurso das alunas).

Outros atores sociais, como coordenadores e funcionários, também estão envolvidos neste cotidiano escolar, mas a análise dos registros de pais e de ex-alunas consegue evidenciar com mais intensidade as relações sociais presentes naquele espaço na perspectiva que neste estudo se interessa.

Todas essas interações sociais foram analisadas obedecendo à sequência cronológica do recorte temporal desta pesquisa, no intuito de apresentar as mudanças e permanências no decorrer das décadas. Também foram apresentadas as fontes históricas, como caderno, revista e livros comemorativos, aqui utilizadas, a fim de que o leitor saiba como se deu o manuseamento de cada uma delas para a compreensão desse contexto.

5.1 CADERNOS E DEPOIMENTOS: COTIDIANO ESCOLAR E MEMÓRIAS DE EX-ALUNAS E RELIGIOSAS

Ao se refletir sobre as fontes aqui em discussão, nota-se que, em apresentando as saudosas memórias, elas também demonstram as imposições institucionais de conduta moral sobre as estudantes, evidenciando uma visão patriarcal sobre o conceito de ser freira ou de ser mulher casada, mesmo diante das mudanças que a instituição sofre ao longo dos anos.

Considerando tal visão, foi concedido um documento que exalta a vida religiosa, servindo de estímulo para as alunas que, porventura, se identificassem com este estilo de vida.

O texto escrito por Irmã Maria Sara, *Ser Irmã da Imaculada Conceição de N. S. de Lourdes*, traz para as jovens vocacionadas memórias de um passado narrado de forma gloriosa, a fim de despertar o interesse de cada uma delas para a vida religiosa. Assim, a Irmã, logo na

apresentação, afirma: “Dedico-o à Virgem de Lourdes, pedindo por todas as jovens vocacionadas, para que a exemplo de Maria e da Madre Maria do Jesus Crucificado saibam chegar ao Cristo com o mesmo amor” (IRMÃ MARIA SARA, S/D, p. 1).

A religiosa busca despertar vocações, falando sobre o surgimento da Congregação N. S. de Lourdes, destacando o cumprimento da vontade dos seus fundadores. Isso é compreensível ao se afirmar que: “Fiel às suas origens e aos sinais dos tempos, o Instituto procura atingir seu fim concretizando sua missão na polivalência de obras Revistas pelos Fundadores a serviço da Igreja” (IRMÃ MARIA SARA, S/D, p.2).

É válido destacar as ilustrações das Irmãs em cada página do pequeno livro, pois compõem a mensagem religiosa que busca repassar para o público em questão e faz da história da fundação da congregação um meio de convencer as jovens a seguirem o caminho por elas trilhado, pois elas precisam de seguidoras para perpetuar sua história.

O documento *Ser Irmã da Imaculada Conceição de N. S. de Lourdes é levar todos a Cristo por Maria* contém treze (13) páginas e se inicia com a imagem da Gruta de N. S. Lourdes que é intitulada como “Berço de Nosso Instituto”. Não há menção à data de publicação, e a única pessoa mencionada é a Irmã Maria Sara que se identifica como responsável pelo item “Apresentação”. A apresentação é direcionada às jovens “de hoje”, sintetizando o significado do “ser Irmã da Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Lourdes, Lourdina” (p.1).

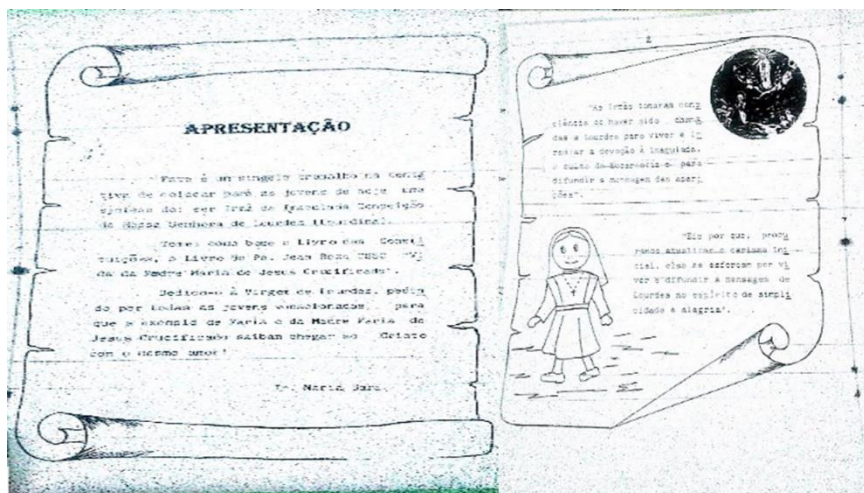
Figura 49 - Capa e Contra Capa do livro “Ser Irmã da Imaculada Conceição de NS Lourdes”



Fonte: Irmã Sara (S/d)

Evidencia-se, na segunda e terceira páginas, a presença de desenhos de uma freira ao lado de cada texto e da aparição de N. S. de Lourdes, na gruta, com a vidente Bernadette. Apesar da ausência de identificação de datas e de locais onde foi produzido o texto, verifica-se uma menção constante ao instituto, ou seja, supõe-se que este foi escrito em Petrópolis-RJ, primeiro local onde se fixaram as Irmãs Lourdinas no Brasil.

Figura 50 - Apresentação e início do livro de Irmã Sara



Fonte: Irmã Sara (S/d)

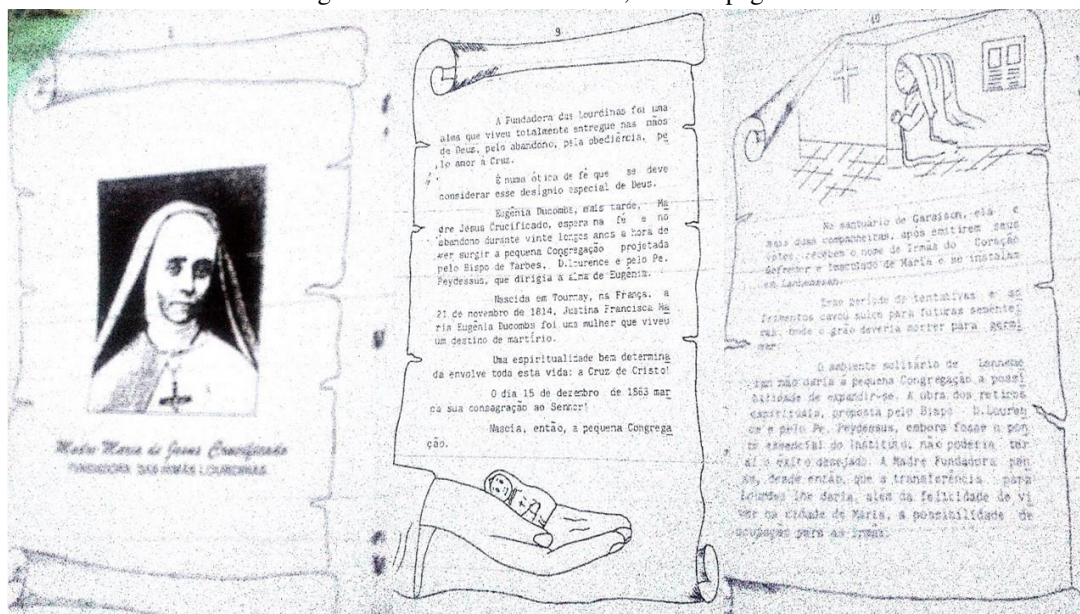
Na quarta página, há duas ilustrações que demonstram o cotidiano das religiosas, pois há um desenho de uma Irmã em oração e também da eucaristia e quatro velas (ver Figura 51 mais adiante). A Eucaristia assume uma relevância no discurso da religiosa, conforme visto em outros relatos estudados nos capítulos iniciais desta tese, quando se afirma:

Na Eucaristia as Irmãs encontram o alimento vital de sua oração e de seu apostolado.

Participando do Sacramento de Cristo, comungar o seu corpo, adorar a sua presença no seu Sacramento de Amor, permite-lhe orientar constantemente o seu coração para Jesus, realmente vivo em nosso meio, sob as aparências do pão e do vinho e nos nossos irmãos (IRMÃ MARIA SARA, s/d, p. 4).

A quinta página contém apenas a imagem da religiosa e uma ênfase à espiritualidade eucarística e Marial. A sexta página continua com a ilustração de uma freira e se dá ênfase à evangelização. Em seguida, na sétima página, a autora menciona a simplicidade das Irmãs e faz um questionamento que indica o desejo de destacar a fundação da instituição, pois indaga sobre quem foi a fundadora da congregação das Irmãs de Nossa Senhora de Lourdes. Irmã Sara também enumera as obras apostólicas das Irmãs, destacando a educação, o retiro e hospitalidade, as obras paroquiais, as missões e a assistência à família e menciona a fala de Madre Ducombs para as suas filhas como exemplo a ser seguido: “Minhas filhas, sejam simples e humildes na caridade e na oração” (DUCOMBS *apud* IRMÃ SARA, S/D, p.7).

Figura 52 - Livro de Irmã Sara, entre as páginas oito a onze



Fonte: Irmã Sara (S/d)

Na página onze (11), destacam-se o contato com D. Pichenot e a vinda definitiva das Irmãs para Lourdes, a imagem da aparição de N. S. de Lourdes e o foco inicial nos retiros e procissões. O relato sobre Irmã Ducombs é breve, mas evidencia os vinte anos de sua espera para se tornar freira, o estabelecimento em Lourdes após a morte de D. Laurence, as dificuldades financeiras e as divergências que a fizeram ficar recolhida em seu quarto. É interessante afirmar que as dificuldades financeiras são tidas como sinal de provação divina, como se verifica no seguinte trecho:

Tudo levava a crer que Deus queria as Religiosas em Lourdes: No dia 02 de julho de 1870 a pequena Congregação se transfere para Lourdes.

Mas as Irmãs precisavam de uma grande fé, pois as privações e as dificuldades eram realmente abundantes! Premidas pelas necessidades das reformas da casa, *passavam até fome*. Mas com essa “economia da fome” haviam conseguido reparar a velha torre, que formava depois de pronta um edifício de três andares encimado por um pequeno campanário onde colocaram a Imagem de Lourdes trazida de Lannezeman (grifo nosso, Irmã Maria Sara, S/D, p. 11).

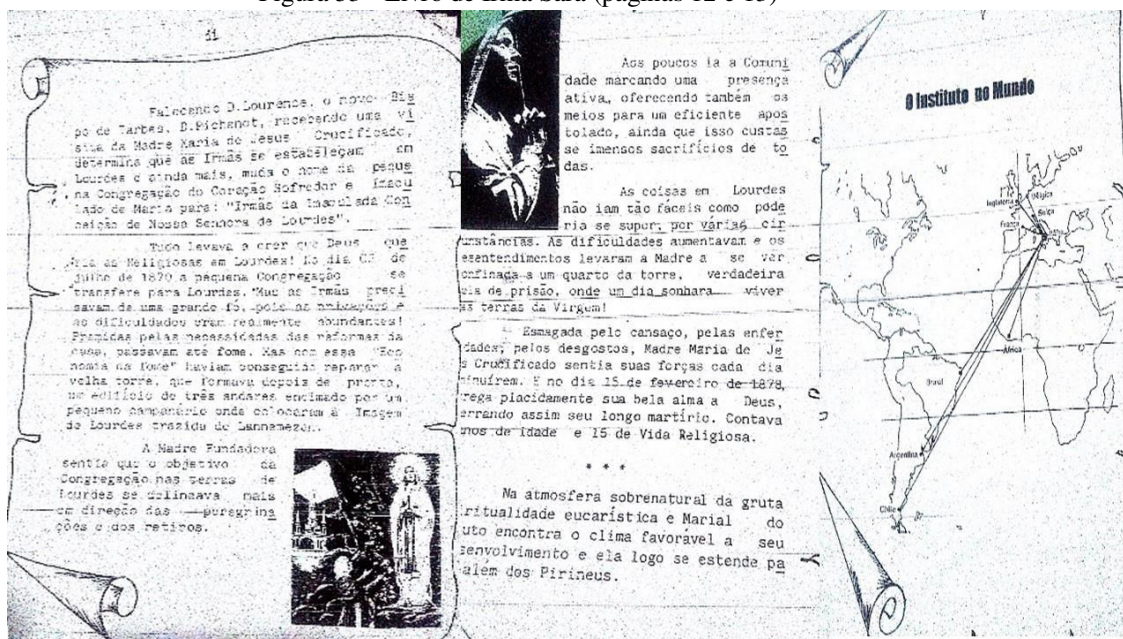
A página doze (12) traz um pouco do isolamento sofrido pela Madre Fundadora e a sua morte, em 1878, registrando dados de sua idade (64 anos) e do tempo de vida religiosa (15 anos). Irmã Sara não relata para as vocacionadas que Ducombs manteve-se afastada da Congregação por exigência do fundador e que, após o confinamento, ela saiu da Congregação e morreu sem o hábito. Sobre o confinamento e morte, apenas se afirma:

As coisas em Lourdes não iam tão fáceis como poderia se supor, por várias circunstâncias. As dificuldades aumentavam e os desentendimentos levaram a Madre a se ver confinada a um quarto da torre, verdadeira cela de prisão, onde um dia sonhara viver nas terras da Virgem.

Esmagada pelo cansaço, pelas enfermidades, pelos desgostos, Madre Maria de Jesus Crucificado sentia suas forças cada dia diminuir. E no dia 15 de fevereiro de 1878, entrega placidamente sua bela alma a Deus, encerrando assim seu longo martírio. Contava 64 anos de idade e 15 de Vida Religiosa (Irmã Sara, S/D, p. 12).

O silenciamento da Irmã Sara sobre dois fatos relevantes da vida da Madre fundadora denuncia o receio de apresentar não só as perseguições vivenciadas pela Religiosa mas também o fato de ela ter morrido sem o hábito e afastada da comunidade. Esse tipo de narrativa é comum nas hagiografias católicas, que têm o interesse de mostrar sinais de santidade de algumas figuras, devendo, pois, servirem de exemplo para as pessoas interessadas por tal vocação (CERTEAU, 2007). Por fim, a última página traz um mapa do Instituto pelo mundo e a sua atuação em diversos países.

Figura 53 - Livro de Irmã Sara (páginas 12 e 13)



Fonte: Irmã Sara (S/D)

Nessas páginas, documenta-se a idealização do passado da instituição – a memória seletiva é novamente observável – e a forma como o Colégio Lourdinhas educa as mulheres para a vida matrimonial ou religiosa. O conteúdo do texto restringe-se ao passado glorioso da instituição, sem discutir sobre a expulsão da Madre Fundadora. Essa prática é comum: a ideia de invenção de tradição apresentada por Hobsbawm (1997), primando por inculcar normas de

conduta e valores com base na manutenção do passado institucional. Nota-se, em cada meio de comunicação, uma tentativa constante de se manter a ideia de continuidade das gerações presentes com um passado celebrativo e condizente com aquilo que a instituição almejava que tivesse caráter permanente.

A vida religiosa, nesta perspectiva, é tida como de entrega a Deus e é apresentada de forma entusiasmada. A análise desse documento, pensando o patriarcado cristalizado no discurso, permite nova reflexão sobre o tipo de educação que a escola ofertava, voltado para o público feminino.

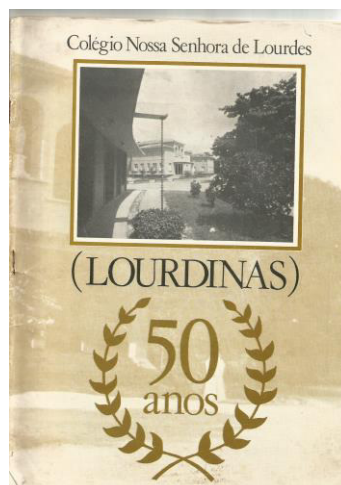
A história de Madre Maria também é exaltada em cada agenda escolar do Colégio Lourdinas e isso faz refletir sobre como a história da religiosa é contada, atendendo aos interesses de mostrar a fundadora como figura exemplar e modelo de obediência. Da mesma forma, as freiras, de maneira geral, não tecem críticas aos sacerdotes e sequer mencionam sua exigência de expulsão da religiosa. Tudo isso representa uma tentativa clara de exaltação de figuras tidas como santas, logo de poder inquestionável, este já naturalizado nas relações religiosas de então.

Enfim, mesmo sem data, o documento evidencia as possibilidades da função social feminina, ou seja, ou partiriam para uma vida conjugal ou teriam uma vida religiosa. Vê-se nesse documento sinais do desejo de:

[...] produzir na prática comportamentos ou condutas tidas por legítimos e úteis. As artes de bem morrer, os tratados de civilidade e os livros de prática são exemplos, entre outros, desses gêneros que pretendem incorporar nos indivíduos os gestos necessários ou convenientes (CHARTIER, 2002, p.135).

No livro comemorativo de 50 anos, tem-se uma capa com a fotografia da instituição em preto e branco e um símbolo, indicando o cinquentenário do Colégio Lourdinas:

Figura 54 - Capa do Livro comemorativo de 50 anos do Colégio Lourdinas



Fonte: Lourdes (1990)

Após a capa, na página 8 (oito) vê-se a foto do navio Itaquera, em Cabedelo, embarcação que trouxe as fundadoras para João Pessoa, um breve texto mencionando tal evento e o nome de cada religiosa: Madre Maria, Irmã Evangelina, Irmã Maria Inês, Irmã Maria das Neves, Irmã Maria José da Eucaristia. Na página seguinte há duas fotografias de pessoas que acolheram as Irmãs: Noêmia Ribeiro e Angelina Baltar⁷⁰.

Essa ênfase no navio demonstra que os autores do livro priorizaram apresentar o início da instituição em João Pessoa. A ausência de um autor para este livro sinaliza o desejo de institucionalizá-lo e de sedimentar a ideia de um pensamento unívoco entre aqueles que estão à frente do Colégio Lourdinas.

Na décima página, faz-se um diálogo entre passado e presente e chama-se a atenção para o fato de aquela escola que outrora iniciava com 45 alunos passar a ter, no ano de 1990, sob a direção de Irmã Áurea Torres 2.206 alunos e 212 professores. A formação integral do indivíduo e a sua visão como agente transformador da sociedade indicam o perfil da instituição naquele período, designando também uma busca por enfatizar o progresso da instituição a partir do considerável aumento do número de alunos quando comparados ao período de inauguração.

Na página seguinte, há uma fotografia do antigo prédio do Colégio Lourdinas, que, no ano de 1940, funcionava na Av. Walfredo Leal, n. 476. Na página doze 12, há uma fotografia das Irmãs fundadoras e, logo abaixo, há uma fotografia da biblioteca, no ano de 1942. Os registros fotográficos são predominantes neste livro por apresentarem objetos que faziam parte dos primeiros anos da instituição.

⁷⁰ As fotografias dessas mulheres e do navio já foram colocadas no capítulo anterior, imagens cedidas do Arquivo Pessoal da Irmã Rosana Valéria Varela (2011). As fotografias, inclusive, estão mais nítidas.

Na página 13 (treze) há uma fotografia das cadeiras enfileiradas⁷¹ e de uma Irmã rezando na Capela, diante do Sacrário, no ano de 1942. Essas imagens refletem o contexto religioso da época e o caráter tradicional do ensino. Na página 14 (catorze), há uma fotografia, do ano de 1940, das primeiras alunas da instituição. Nessa fotografia, em preto e branco, veem-se as meninas de farda. Esta é composição de uma jardineira sobre uma blusa branca e um lacinho da cor da jardineira. A foto é tirada em um momento descontraído, pois as meninas não estão em sala de aula, mas sentadas, juntinhas, em batentes. Logo abaixo, há uma foto do primeiro ônibus, datada de 1944. Tais fontes, em diálogo com o Relato de Fundação (1943), fazem ter uma noção panorâmica do cotidiano escolar, dando visibilidade ao cenário da época e suas características socioculturais e educacionais.

Na página 15 (quinze), há uma fotografia das primeiras concluintes, no ano de 1946, e do bispo Dom Moisés. Essa imagem indica a valorização da figura de um arcebispo, pois foi atribuído a ele o discurso e a entrega dos diplomas e não à Irmã Diretora. Logo abaixo tem-se uma visão panorâmica da instituição no ano de 1990. É constante, portanto, o diálogo entre passado e presente e o desejo de enfatizar o início da instituição a partir do registro fotográfico, recurso também utilizado pela Irmã Rosana Varela em seus apontamentos.

Na página 16 (dezesseis), identificam-se três fotografias. A primeira delas, do lado esquerdo, é uma fotografia de Dom Moisés Coelho, que é apresentado como idealizador da fundação do Colégio, e que no ano desta fonte já era falecido. Ao lado dessa fotografia, está a de Pe. Carlos Coelho, que foi o primeiro capelão da instituição identificado ainda como amigo da Congregação N. S. de Lourdes. Logo abaixo, consta a fotografia de Madre Evangelina, de hábito branco e com a informação de que ela foi a primeira Superiora e considerada como pessoa de grande simplicidade. Com esta pesquisa, foi possível conhecer a atuação de cada um desses personagens do Colégio Lourdinas, a partir do Relato de Fundação (1943), daí a relevância do entrecruzamento de fontes. Verificou-se também como a admiração e a submissão demonstrados pelas freiras daquele período permanecem na perspectiva de um olhar heroico desses sacerdotes e da própria Madre Evangelina.

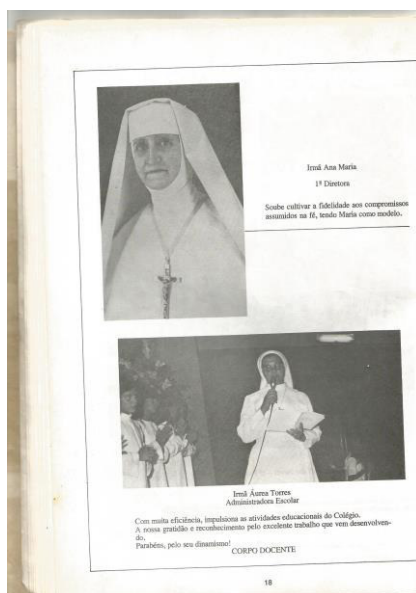
Na página dezessete (17), há uma fotografia de Irmã Maria das Neves, sentada em um barco, na areia da praia, com hábito preto e branco. Na legenda, informa-se que a Irmã foi a primeira professora do jardim de infância. Há também uma menção a sua vida como sendo dedicada à instituição escolar junto às gerações e pela maneira carinhosa como conduzia seu trabalho. Considerando que cada texto é escrito para um leitor, percebe-se a permanente busca

⁷¹ Também já foi apresentada no capítulo anterior.

por apresentar um passado heroico da instituição e um romanceamento de cada sujeito que esteve presente na sua fundação (CERTEAU, 2007).

Na página seguinte há duas fotografias. A primeira delas contém a Irmã Ana Maria, de hábito branco, primeira diretora da instituição, e, logo abaixo, da então diretora, Irmã Áurea Torres, que também estava de hábito branco. Chama a atenção na segunda fotografia a maneira como ela fala ao microfone, pois revela modernização e empoderamento. Ao seu lado, estão diversas crianças com vestes brancas de acólitos. O seu caráter dinâmico é discutido no texto. A postura de Irmã Áurea demonstra as mudanças no decorrer dos anos e as adaptações do Colégio Lourdin. A partir das informações das fontes entrecruzadas, verificam-se as tentativas de se adequar aos estudantes nos apontamentos de Rosana Varela (2011), que busca mostrar todas as mudanças estruturais da instituição, utilizando também os registros fotográficos.

Figura 55 - Irmã Ana Maria e Irmã Áurea



Fonte: Lourdes (1990)

Na página 19 (dezenove), abre-se uma secção denominada Mensagens, de ex-alunos, alunos, pais e amigos. Há um interesse de se apresentarem, portanto, as homenagens daqueles que fazem parte da instituição ou que admiram o seu trabalho – na verdade, trata-se de uma forma de demonstrar para os leitores o reconhecimento da sociedade para com este Colégio, ao longo dos cinquenta anos de sua história.

A primeira mensagem é da coordenadora Marlene Silvestre, que exalta a instituição como um ambiente familiar e harmônico que educa gerações. A ideia da tradição pode ser

observável no seu discurso no momento em que destaca o empenho “de todos na tarefa comum de transmitir às novas gerações o patrimônio moral e cultural que herdamos dos nossos antecessores” (SILVESTRE, 1990, p. 19).

Logo abaixo, há a mensagem da coordenadora Ivaneide de Araújo Cardoso. É válido ressaltar a menção ao aumento do número de alunos, tendo naquele período 62 turmas com 2200 alunos, bem como a forma como ela afirma ser papel da escola assumir, enquanto cristãos, os vários papéis na sociedade. As semanas culturais, semanas de formação e atividades artísticas e desportivas são apontadas pela coordenadora como mecanismos de atingir as famílias.

O texto “*De aluna à professora*”, de Regina Nobrega, na vigésima página, afirma que o ambiente da escola é similar à sua casa e vê seu lugar de professora como sendo a oportunidade de retribuir a todos aqueles que faziam parte do seu cotidiano escolar. A emoção de suas palavras e a descrição da instituição como cristã e humanista permite ver como esta se aproxima do perfil da instituição.

O Colégio Lourdinás busca aproveitar ex-alunas como professoras, provavelmente, pelo conhecimento prévio e vivência das normas institucionais.

Logo em seguida, na mesma página e na página posterior, no texto “Meu segundo lar” uma ex-aluna, Heliethi Pedrosa Ferreira, descreve sua origem humilde e a novidade para ela de estudar em uma escola que considera como uma das melhores da capital⁷². É possível refletir, nessas mensagens, como na relação entre as Irmãs e as alunas transparecem a compreensão, a formação, o respeito e o carinho entre elas. Há também uma possibilidade de averiguar as resistências às ordens estabelecidas nas ocasiões em que se mencionam os momentos de fraqueza e a compreensão das religiosas.

Essa aluna também foi professora da instituição. O fato de ser de origem humilde preocupou a jovem por não saber como iria ser tratada, mas a visão da instituição como segundo lar sinaliza sua satisfação pessoal por ali ter estudado.

Sua fala é diferenciada, não apenas por se tratar de uma ex-aluna de origem humilde, mas por destacar que a instituição não deveria se incomodar com a “ingratidão, desamor e crítica de alguns” (FERREIRA, 1990, p. 21), o que demonstra que nem todos estavam satisfeitos com o modelo tradicional de ensino e que existia, sim, resistência por parte dos alunos.

⁷² São exemplos de Colégios de destaque na época, que inclusive parabenizaram as freiras pelos cinquenta anos de gestão: o Colégio Visão, Colégio Pinóquio, o Colégio Instituto Presidente Pessoa e o Colégio Pio X.

Além disso, de forma diferencial, a docente destaca ainda que há ex-alunas da instituição que se destacaram no ramo da saúde, da política, da engenharia, nas atividades socioeducativas e também como religiosas. Tais sucessos ilustram que se estava conseguindo alcançar os objetivos institucionais e, a partir do depoimento de cada uma delas, a gratidão para com a instituição.

Algumas Irmãs, como Maria das Neves, Tarcísia, Angelina, Sibéria, Solange, Maria das Vitórias, Coelis, Cordélia, Alice, Adélia, Mercedes, Elizabeth e Solange foram mencionadas como sendo inesquecíveis pela estudante. Alguns nomes nem sempre aparecem nos demais documentos, que se restringem a destacar especialmente as gestoras. Como docente, ela destaca as palavras de apoio e de incentivo que recebeu das religiosas, mas explicita que precisou sair do emprego.

O texto “Lourdinias, 50 anos, educando gerações” é de autoria de Gerônimo Vilar, pai de aluna, que narra como em cada uma delas está a família, a comunidade e a sociedade. Seus discursos valorizam tanto a estrutura da escola, ou seja, biblioteca, laboratórios, praça de esporte e auditório, como também a formação cristã proporcionada pela instituição. Confirma-se, a partir desta reflexão, que o Colégio Lourdinias se adequava aos interesses das famílias, melhorando sua estrutura no decorrer dos anos e mantendo a valorização da formação cristã.

Em seguida, tem-se os depoimentos de Danielle Egypto, então presidente do Centro Cívico e aluna do 2º ano C, e de Anne Katheline, aluna do 8º C. Enquanto Danielle Egypto se volta especialmente para o tempo em que ela lá estudou, o depoimento de Anne Katheline associa a história da instituição com a de cada uma das alunas, dialogando com o passado e o presente.

Finalizando esta sessão, se encontra o texto do Pe. Fernando Abath, que é deixado por último, provavelmente por uma comum supervalorização das lideranças sacerdotais e um desejo de fazer com que seja reservado um lugar especial a sua fala. O seu discurso nos dá uma noção de como ele, nessa época, conviveu de perto com a instituição, proferindo palestras, celebrando a primeira eucaristia de algumas alunas, de colação de grau e de abertura de Campanhas da Fraternidade. Isso manifesta uma dependência aos sacerdotes e o destaque especial à figura masculina, que permanece forte no cotidiano escolar dessa instituição.

Após o texto do sacerdote, em outra sessão, tem-se a mensagem da ex-aluna Eloiza Maria Andrade Vieira, dos anos 80, que sinaliza uma nostalgia da época em que ela estudava na instituição. Seu discurso mostra a prática dos centros cívicos na instituição com representações estudantis, porque ela menciona que fez parte do Centro Cívico Duque de Caxias.

Na página 23 (vinte e três), estão as congratulações pelos cinquenta anos da instituição assinadas pelo segundo secretário da Câmara Municipal de João Pessoa do Estado da Paraíba, em nome da Câmara Legislativa. Isso demonstra o prestígio da instituição em João Pessoa perante os poderes públicos e as famílias.

Em seguida, há uma poesia de autoria de Irmã Leônia. O fato de ela assinar o documento como autora demonstra as mudanças da época porque, nos anos cinquenta, as freiras escrevem na Revista Flama e se identificam apenas como “Uma Religiosa” sem dizer o nome. Tal poesia enaltece o passado da instituição, as religiosas que lá estiveram nos anos quarenta e contribuíram para que o Colégio completasse cinquenta anos.

Nota-se que, após o depoimento da Irmã Leônia, há novamente outra homenagem que parte de políticos. O Requerimento 190, advindo da Câmara dos Vereadores, dá congratulações pelos cinquenta anos da instituição fazendo referência às freiras, aos discentes e docentes e, especialmente, à Irmã Maria das Neves como fundadora.

Essa ordem de discursos, representa um desejo de chamar a atenção dos leitores, ou seja, dos pais de alunos, para o prestígio que esta instituição tinha com os governantes do período para que estes se sintam seguros por terem optado por este Colégio para educar seus filhos.

Logo adiante, tem-se o depoimento de Giselda Dutra e, na página seguinte, o de Nadja Palitot, que serão analisados no próximo item e que indicam mais uma vez a visibilidade de ex-alunas que legitimam a trajetória da instituição e que buscam dar aos leitores a noção de que pessoas consideradas de famílias ditas importantes também lá estudaram e são reconhecidas como bem-sucedidas.

Entre as páginas 26 (vinte e seis) a 29 (vinte e nove), apresenta-se uma seção com telegramas de Carmelita Tavares, Carmem Isabel Silva, Claudete Rocha Dantas de Oliveira Lima, Mariana, Márcia e Marli Uchoa, Odésio Sousa Medeiros, Convento de Lourdes, Irmã Rosilda e Província S. Clemente, Colégio das Neves, o então Pró-Reitor de Graduação da UFPB José Loureiro Lopes, a Associação de Educação e Obras Sociais, Zélia Cavalcanti, Colégio Pinocchio e Irmã Noélia. Assim, há um reconhecimento da atuação da instituição por vários setores sociais, por ex-alunas, por setores hierárquicos da Igreja, de discentes desta instituição, ou seja, o Convento de Lourdes e a Província S. Clemente (Rio de Janeiro) e por escolas renomadas da época.

A última sessão é denominada de “Nossas atividades” e se encontra entre as páginas 30 (trinta) a 34 (trinta e quatro); esta sessão traz uma sequência de fotografias voltadas para o cotidiano escolar. Assim, há registros fotográficos de atividades cívicas, de celebração eucarística, atividade esportiva, Conselho de Classe, Retiro Espiritual, planejamento didático,

encontro de reflexão, da Escola Gratuita São José, da Escola Noturna e do jardim da infância. A sequência de fotos representa um desejo de apresentar aos pais as atividades educacionais e religiosas ali realizadas com seus filhos, deixando, por último, com apenas dois registros fotográficos, a Escola Gratuita São José e a Escola Noturna, como forma de mostrar de maneira muito sucinta este trabalho desempenhado com a comunidade.

Entre esses textos, foram selecionadas especialmente as falas das ex-alunas, que serão analisadas no decorrer deste capítulo, pois evidenciam como as estudantes viam a instituição. Para tanto, caberá um olhar para as entrelinhas do discurso, possibilitando um diálogo com Foucault (2014).

Dez anos após a escrita deste livro comemorativo, foi publicado outro livro em comemoração aos sessenta anos da instituição. A capa do livro de seus 60 anos apresenta a estrutura interna da instituição, a foto de uma criança de joelhos, a capela, discentes fardados e sorrindo e também a imagem de N. S. de Lourdes – menções explícitas ao cotidiano escolar, pois trazem ao leitor a associação da instituição ao modelo católico, a estrutura do prédio e também a alegria dos alunos de ali estudarem. A frase encontrada nesta capa é: “60 anos educando e evangelizando”, e isso referencia a educação de cunho confessional ali encontrada. Na página seguinte, estão as imagens da entrada do Colégio e a sua logomarca de 60 anos, além do mapa da Paraíba, o lema “a Cristo por Maria” e o símbolo NSL da instituição.

Figura 56 - Capa e contracapa do Livro Comemorativo de 60 anos do colégio N. S. de Lourdes



Fonte: Lourdes (2000)

A frase da madre fundadora da Congregação Nossa Senhora de Lourdes: “Para produzir frutos é necessário que o grão morra” marca a epígrafe do livro e representa um anseio de iniciar as homenagens aos sessenta anos da instituição fazendo memória ao início da Congregação. Logo abaixo, tem-se uma referência às lideranças da época, ou seja, à Madre Provincial, Irmã Maria Cândida Coelho Costa, À administradora escolar, Irmã Maria do Socorro Albuquerque, aos organizadores José Hugo Falcão Coelho, Marlene Silvestre da Silva, Ana Lúcia Barbosa de Oliveira e à revisora Ana Maria de Andrade Gaião.

A apresentação está direcionada às estudantes e afirma que o livro faz referência ao que elas vivenciaram no decorrer desses anos com pais, alunos, familiares, mestre e pessoas que dividiram estes momentos; contém três fotografias de religiosas, da Madre Provincial, Dorotéia Blunde, da Irmã Cândida (Provincial Laurinete Coelho) e da então diretora, Irmã Maria do Socorro de Albuquerque. Ao falar que as estudantes precisam aprender, fazer amigos e crescer na fé cristã, o texto revela um pouco da intencionalidade dessa instituição que se volta para a questão da identidade institucional demarcada pela educação e pela religião.

A terceira página mostra a capela, a fachada da instituição, a área da educação infantil e um panorama interno. Há, portanto, um desejo de mostrar as suas acomodações e o número 2000 indicando a apresentação do Colégio naquele período.

Na página seguinte, há uma referência à sua missão, vida acadêmica e um título chamado “quem somos nós”. Sublinha-se nesta sessão a ênfase na orientação religiosa, nos valores cristãos, sem deixar de mencionar as orientações pedagógicas, educacionais e psicológicas e as práticas cidadãs.

As propostas pedagógicas e os objetivos da instituição são apresentados na página seguinte, enfatizando-se a capacidade do Colégio Lourdinas de lidar com as questões do século XXI mediante seus sessenta anos de trajetória, e também a sua perspectiva cristã de educar para a solidariedade, a justiça e o amor.

De forma didática, esclarece-se ainda sobre os objetivos por nível de ensino, ou seja, na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio. Além disso, se informa sobre o planejamento, o plano de ensino e os projetos específicos.

Nas páginas 9 (nove) e 10 (dez), informam-se os nomes da equipe de educadores da educação infantil, do ensino fundamental (1º ciclo), do ensino fundamental (2º ciclo), do ensino médio, da Escola São José e da Escola de Ensino Fundamental N. S. de Lourdes. Há também uma referência à Escola de Educação Física e Desportos, coordenador e técnicos das escolinhas. Isso demonstra o investimento da educação no esporte nesse período.

Nas páginas 11 (onze) e 12 (doze), há uma relação com os nomes do corpo técnico e administrativo da instituição e dos funcionários de apoio. Como ilustração, publicaram-se fotos de todos esses funcionários em posição descontraída, sorrindo. Na página seguinte, menciona-se a comunidade atual, informando o nome de todas as religiosas que lá permanecem, com sua respectiva fotografia. Nela, quatro religiosas estão de hábito branco, quatro de hábito preto e quatro estão sem o hábito e com roupa formal.

Figura 57 - Irmãs Lourdinias



Fonte: Lourdes (1990)

Entre as páginas 14 (catorze) a 18 (dezoito), apresentam-se as pessoas que compõem a educação infantil e suas respectivas fotografias. Inicia-se apresentando a coordenação pedagógica e, em seguida, as turmas de maternal, jardim I, jardim II e alfabetização com as crianças e professoras.

Do final da página 18 (dezoito) até a página 25 (vinte e cinco), segue-se a mesma estrutura e apresentam-se as turmas que compõem o nível de Ensino Fundamental- Ciclo 1, com seus respectivos professores. A mesma estrutura é observável entre as páginas 26 (vinte e seis) a 31 (trinta e um), ao se apresentarem as turmas que compõem o Fundamental-Ciclo 2. A diferença é que, diante da quantidade de professores, estes aparecem ao final da página 31 (trinta e um). Da mesma forma, procede-se entre as páginas 32 (trinta e dois) a 33 (trinta e cinco) para se apresentar a coordenação pedagógica, a equipe de professores e alunos do Ensino Médio.

Entre as páginas 31 (trinta e um) a 46 (quarenta e seis), apresenta-se o nome dos alunos por turma que estudam no Colégio Lourdinias. É válido refletir sobre a predominância do público feminino no ano 2000, apesar de se ter, nesse mesmo ano, se flexibilizado a entrada de meninos.

Das páginas 47 (quarenta e sete) a 49 (quarenta e nove), apresentam-se as ações de solidariedade e, em seguida, as ações do meio ambiente. “Arte e cultura”, “Programa vida”, “Prática pedagógica em construção” e “Por uma escola de ação” são os temas problematizados e ilustrados entre as páginas 50 (cinquenta) a 54 (cinquenta e quatro), demonstrando o anseio de apresentar as ações da instituição. Adiante, nas páginas 55 (cinquenta e cinco) a 58 (cinquenta e oito), seguem-se menções às oficinas, ao trabalho social na Escola São José e na Escola Noturna, ao dia das mães e ao dia dos pais. Os esportes e jogos internos são enfatizados entre as páginas 59 (cinquenta e nove) e 60 (sessenta) e, pelas imagens, vê-se uma grande mobilização da instituição nessa época. Nas páginas 61 (sessenta e um) e 62 (sessenta e dois) percebe-se um pouco da vivência religiosa ao se apresentar o grupo de Anunciadores da Palavra e os momentos de reflexão e oração. Os momentos cívicos são apresentados entre as páginas 63 (sessenta e três) e 64 (sessenta e quatro). Destaca-se aqui a presença do centro cívico composto apenas por meninas. Entre as páginas 65 (sessenta e cinco) a 67 (sessenta e sete), destacam-se, respectivamente, o “Lourdes Fest”, que agrega outras instituições do Colégio Lourdinhas, a “Semana da Criança” e uma descrição do “Projeto Elos”, que trazem como temática os limites dos adolescentes.

Os laboratórios de ciências e de informática, o simulado e o provão, a informática educacional, a mostra de conhecimentos e a brinquedoteca são temas abordados com fotografias e textos curtos entre as páginas 68 (sessenta e oito) a 72 (setenta e dois).

Finalmente, entre as páginas 73 (setenta e três) a 81 (oitenta e um), tem-se depoimentos de pais, ex-alunas, alunas, funcionários e professores que manifestam as memórias de pessoas que fizeram parte da instituição nas décadas anteriores. Entre as páginas 82 (oitenta e dois) a 84 (oitenta e quatro), está a sessão de homenagens – fotografias de momentos em que algumas Irmãs e lideranças religiosas são homenageadas pela comunidade escolar. Nas páginas 85 (oitenta e cinco) a 86 (oitenta e seis), faz-se referência ao Auto de Natal da época e às doações de um quilo de alimento, feitas aos portadores de HIV assistidos pelos Cáritas da Arquidiocese da Paraíba. Nas páginas 86 (oitenta e seis) e 87 (oitenta e sete), encontram-se, respectivamente, os agradecimentos e o desenho de um bolo, fazendo alusão aos sessenta anos da instituição.

Observando os documentos das últimas décadas, vê-se que tentam sugerir a dimensão de uma visão crítica da realidade social sobre a questão da criança, do meio ambiente, do desenvolvimento de valores éticos, da participação política e sobre questões filosóficas. As demandas históricas e sociais e do contexto em estudo procuram enfatizar que a instituição participa de novos tempos, apresentando a modernização da escola e a presença de novas posturas. Sugere-se, então, um pensamento progressista quando coloca o indivíduo como

agente transformador. Em contradição, apresenta uma memória engessada, cívica, patriarcal, com datas e hinos marcadas pelas tradições, uma história saudosista e heroica. Percebe-se, neste contexto, uma memória seletiva, ou seja, as memórias são escolhidas com uma intenção específica.

Tais dados trazem registros que, nas entrelinhas, apresentam detalhes particulares de uma instituição de cunho tradicional, traduzidos em práticas do cotidiano escolar que se tornariam imperceptíveis sem o olhar minucioso do pesquisador.

Deste segundo livro comemorativo, separaram-se os depoimentos de ex-alunas, fontes de subsídio sobre como essas mulheres viam a instituição escolar.

5.2 PEDAÇOS DE MEMÓRIAS: PERFIS FEMININOS, HOMENAGENS, RECORDAÇÕES E SILENCIAMENTOS SOBRE A CONGREGAÇÃO N. S. DE LOURDES (1940-1960)

Os pais de alunos tiveram seu papel na fixação do Colégio Lourdinas em área nobre da capital. Paulatinamente, seus filhos cresceram, casaram-se e matricularam os netos destes primeiros pais de alunos na instituição.

A motivação de tal escolha institucional é perceptível nas entrelinhas do discurso das ex-alunas que, demonstrando um forte laço identitário com o tipo de educação ali implementado, optaram por fazer desta instituição o melhor local para educar seus filhos. Os depoimentos aqui analisados dizem respeito, respectivamente, às pessoas que ocuparam o lugar de alunas, durante sua infância e adolescência, e de mãe de aluna ou como professora nos anos 90, do século XX.

Para se conhecer o pensamento de tais mulheres, destacaram-se falas de ex-alunas de diversas gerações, obedecendo a uma ordem cronológica, a fim de se proporcionar ao leitor uma reflexão sobre algumas modificações de mentalidade pelas quais passou a instituição no decorrer dos anos.

Pode parecer estranho estudar um período escolar que perdura 20 anos, porém este é exatamente o caso peculiar de ex-estudantes que frequentaram o Colégio Lourdinas desde a sua infância até a faculdade.

Glauce Navarro Burity e Giselda Navarro Dutra são irmãs consanguíneas, e as entrelinhas dos seus depoimentos expõem como o Colégio Lourdinas era destinado a atender um público privilegiado de João Pessoa que detinha poder aquisitivo elevado e cultivava a religião católica como pano de fundo.

Viúvas de pessoas com destaque político e jurídico⁷³, as irmãs falam em seus relatos das boas amizades conquistadas e do parentesco que tinham com algumas freiras. Esses casamentos também ocorreram a partir das relações sociais vivenciadas por tais mulheres, inspiradas na sua instituição de ensino.

É notório como o Colégio, destinado até o ano 2000 predominantemente ao público feminino, formou o pensamento de mulheres e fez com que elas crescessem em meio social cuja participação era restrita às famílias em igual situação financeira.

Glauce Maria Navarro Burity estudou nas Lourdinas dos anos 40 aos anos 60. O livro comemorativo dos 60 anos da instituição traz um depoimento da ex-aluna, sobre a fundação do Colégio Lourdinas, que merece destaque não apenas pelo seu caráter saudosista mas pela ligação familiar que ela tem com uma das primeiras freiras e pelo conhecimento sobre os graus de parentesco entre as religiosas, como se vê na sua narrativa:

Em 2/03/1940, procedentes do Rio, chegavam ao Porto de Cabedelo, no navio Itaquera (o Ita), as seguintes Irmãs Fundadoras: Madre Maria Evangelina (Noélia Façanha Mamede), Irmã Ana Maria do Sagrado Coração (Ana Maria de Britto), Irmã Maria Inês de Jesus (paraibana da família Ribeiro Mindello), Irmã Maria das Neves (paraibana da família Espínola Barro, irmã do meu pai, Antônio Espínola Navarro), a Irmã Maria José da Eucaristia (Maria José Macintyre) e a Irmã Maria da Paz.

O apoio das várias famílias, já estudado no capítulo 3, é igualmente apontado pela ex-aluna, que destaca ainda graus de parentesco que explicam ainda mais a situação familiar das freiras com a famílias paraibanas, pois D. Angelina Balthar era tia de Margarida Balthar Peixoto de Vasconcelos, uma das primeiras professoras da instituição, e D. Noêmia Ribeiro, tia da Irmã Angelina Peixoto de Vasconcelos. A relevância da atuação profissional de D. Noêmia Ribeiro é observável na homenagem feita à ex-professora durante o aniversário de 50 anos da instituição.

⁷³ Glauce Burity é viúva do ex-governador da Paraíba Tarcísio Burity; e Giselda Dutra é viúva do Procurador de Justiça Rivaldo Dutra Nascimento.

Figura 58 - Noêmia Ribeiro



Fonte: Lourdes (1990)

O relato de Glauce Burity permite que se reflita como a sua experiência escolar confunde-se com a história da própria instituição, provavelmente pelo longo período em que a ex-primeira dama do estado lá estudou e pelo seu forte vínculo com as religiosas. Essa questão familiar com as religiosas mencionada por Burity (2000) e pelo Relato de Fundação (1943) é o que garante que estas pessoas sejam constantemente lembradas nos livros comemorativos com fotografias e mensagens saudosistas.

Burity (2000) destaca ainda a presença de Maria Evangelina, já citada nos primeiros capítulos da presente tese, como atuante na instituição entre os anos de 1940 a 1957. Ela também destaca a Irmã Maria das Neves (Severina Espínola Maria Navarro):

[...] pelo trabalho austero e zelo profissional que desenvolveu durante o longo período de sua vida, como diretora e como superiora. De estatura pequena, possuía, no entanto, uma personalidade forte e era *temida por todos*. A sua presença impunha respeito. Foi a primeira professora do jardim da infância e depois diretora (em 1945). Em pouco tempo, a congregação a convoca para ser superiora, cargo que exerceu por muitos anos. Infelizmente não pôde participar das homenagens dos 60 anos. Faleceu em 01/11/1990 (BURITY, 2000, p.80).

Na memória da ex-aluna, a ideia de temor presente na figura de sua tia assinala um contexto no qual a disciplina exerce papel fundamental e cuja personalidade forte, evidenciada no trecho, fê-la Superiora até o fim de sua vida. Essa lógica da rigidez é presente ainda no seu discurso saudosista:

[...] A disciplina rígida, o cuidado com o asseio nos mínimos detalhes, desde o uniforme impecavelmente limpo até os sapatos engraxados, a organização

do material escolar, a exigência de uma boa caligrafia, bem como o estímulo ao comportamento exemplar e à polidez, tudo isso foi transmitido ao alunado como algo importante para a vida. De tudo guardamos a mais grata recordação e saudade (BURITY, 2000, p. 80).

Essa satisfação pessoal pela disciplina rígida presente no discurso de Glauce Burity (2000), provavelmente, parte de uma educação almejada pela sua classe social, que atendeu aos interesses de sua família e que está ligada ao seu grau de parentesco paterno e materno com as freiras, uma vez que ela também menciona a irmã de sua mãe, Madre Emerenciana (Irmã Rosilda Sales de Amorim), Superiora entre os anos de 1959 a 1965, com quem ela afirma ter convivido diariamente. É interessante pensar que a sua fala explicita cenas de um cotidiano escolar que ilustra aquilo que já estava sendo refletido a partir do próprio depoimento das freiras no Relato de Fundação, analisado no capítulo anterior, bem como dos dados oferecidos pela Irmã Rosana Varela em seu livro.

Tal como a Ir. Maria das Neves, Madre Emerenciana também tem destacado trabalho na Congregação. É tanto que a religiosa, em 1975, elegeu-se Madre Geral das Lourdinhas, com sede em Roma, e foi reeleita no ano de 1981, estendendo seu mandato até 1987, quando se torna Provincial da Congregação do Rio de Janeiro, em São Clemente. No ano de 1993, ela foi reeleita Madre Geral, mas, em 1996, precisou renunciar por causa de sua enfermidade. É a partir deste depoimento que se consegue compreender alguns traços biográficos desta religiosa que desempenhou papel tão relevante no Colégio Lourdinhas.

Demonstrando devoção pela instituição, Burity (2000) enumera ainda a Escola Fundamental Doméstica e a Escola de caráter profissional São José como sendo gratuitas e mantidas pelas Irmãs, já mencionadas no decorrer deste trabalho. O destaque da ex-aluna tem a intenção de demonstrar a contribuição social das freiras. Não se vê, entretanto, em suas palavras que tais instituições mantidas pelas religiosas marcavam ainda mais o caráter excludente da instituição, visto que o Colégio Lourdinhas, em si, atendia com exclusividade a um grupo social privilegiado, sendo, pois, o olhar da ex-discente saudosista e refletor dos desejos de sua classe social.

O discurso da estudiosa e ex-aluna aponta cenas de um cotidiano cuja base familiar e os preceitos religiosos fazem dele devocional, uma vez que o modelo educacional atende às suas expectativas de classe social, sem deixar de contemplar a caridade feita para com aqueles que aprendem, de forma separada, uma profissão.

É relevante destacar ainda que ela agradece a Deus, por ter estudado na referida instituição, e às Irmãs, pela formação religiosa, promovendo-lhe a possibilidade de conhecer pessoas com as quais ela mantém laços de amizade na atualidade.

Essas amizades mencionadas por Glauce Burity demonstram a formação de laços entre famílias que crescem juntas unidas pelos mesmos interesses de classe. Tal situação também se presentifica nas breves linhas que Giselda Dutra apresenta ao narrar, na década anterior, sobre a realidade do Colégio Lourdinias.

Diferentemente do relato de Glauce Burity, o depoimento de Giselda Dutra é breve e traz de maneira mais contundente a questão religiosa e o disciplinamento. A ex-aluna, de maneira criativa, inicia seu relato, comentando sobre o cabeçalho “Tudo a Jesus hóstia por Maria Imaculada. Colégio Nossa Senhora de Lourdes”:

Quantas vezes terei escrito este cabeçalho? Não posso precisar. Diariamente nos deveres escolares de várias disciplinas, de classe e de casa, durante anos e anos, do jardim da infância aos cursos primário, ginásial, colegial e superior (DUTRA, 1990, p.24).

A repetição do cabeçalho de cunho religioso demonstra o ideal católico da instituição, presente no lema da Congregação, repetido pelas estudantes independente da série. A forma prolongada de estudo, além de demonstrar a credibilidade da instituição pelos seus pais, se deve também ao fato de ela ter freiras como suporte familiar, como já foi constatado no depoimento de Glauce Burity.

Diferentemente de Glauce Burity, Giselda Dutra, teve três filhas mulheres – Cármem, Gisélia e Cristiane⁷⁴. Para Giselda, este modelo educacional deveria ser perpetuado na sua família, já que suas filhas também estudaram na instituição, como o era para o público feminino, como ela indica ao afirmar ainda sobre o cabeçalho:

Anos mais tarde o cabeçalho mudou para “Tudo a Cristo por Maria”, nos deveres de filhas.

São frases simples e curtas que, no entanto, têm profundo significado para as alunas do Colégio. Elas representam a formação religiosa que recebemos das Irmãs quando orientavam, carinhosamente, a oferecer o nosso dia a Jesus através de sua Mãe Maria. (DUTRA, 1990, p.24).

⁷⁴ Esta informação foi retirada de um site que homenageia o centenário da mãe de Giselda e Glauce. Veja-se :< [http://www.100anosmariadocarmo.com/tributo->](http://www.100anosmariadocarmo.com/tributo-). Acesso em 10/06/2016.

A formação religiosa destinada ao público feminino era tão significativa para a ex-aluna que ela optou por matricular suas filhas na instituição. A freira era, portanto, modelo de educadora que daria às mulheres a educação mais apropriada, como ela mesma afirma:

Realmente, o Colégio é o grande responsável pela formação de *gerações e gerações*. Dele ficou a mais bela recordação, os sábios hábitos como *a religiosidade, a moral, a organicidade, a responsabilidade*, dentre outros (grifos nossos, DUTRA, 1990, p.24).

Utilizando-se de argumentos próprios de uma visão familiar ao tratar de gerações de alunos que estudaram lá, se reportando, anteriormente, às suas filhas, ela destaca características próprias de um ensino tradicional, e faz com que se reflita acerca da religiosidade e da moral, que são pilares de uma educação de cunho católico, e também da organicidade e da responsabilidade, próprias de uma instituição marcada pela rigidez e disciplinarização dos corpos. Esta ideia de disciplinarização permite que se recorde o pensamento foucaultiano, que interessa à lógica disciplinadora e à aquisição do saber e do “bom” comportamento. Além disso, ela se refere ainda à disciplina como algo capaz de fabricar corpos de tal forma que este modelo educativo é imposto para a suas filhas como o mais adequado devido ao seu rigor.

A própria estrutura de sua família (foi casada com um Procurador de Justiça) é sintomática do seu lugar social, cuja educação tradicional católica tem caráter basilar na sua formação, que une famílias tradicionais pessoenses através do matrimônio. Esses depoimentos se aproximam do discurso de mulheres que estudaram na instituição em décadas posteriores. Para se compreender o lugar das discentes na década de 50 e 60, se utilizou tanto de memórias de ex-alunas que estudaram na instituição quanto de depoimentos existentes na Revista Flama (1953).

As vagas lembranças de mulheres em busca de contato com outras ex-estudantes, unidas a algumas falas de alunas da época, fizeram compreender os seus laços identitários com a instituição – e entre si – e darão respaldo para pensar como se teciam as relações desse período e qual o significado para elas de estudar em uma escola religiosa destinada exclusivamente ao público feminino.

A título de organização, iniciou-se esta abordagem a partir dos discursos presentes na Revista Flama (1953), chamando a atenção para os valores transmitidos pela instituição e para a educação católica destinada ao público feminino das abastadas famílias pessoenses. Em seguida, ressaltou-se sobre as memórias remotas de algumas ex-alunas que as escreveram e as

postaram, nas redes sociais, de forma emocionada, fragmentada e saudosista, mais de 50 anos depois de sua estada naquele Colégio.

A Revista Flama (1953) é uma fonte fundamental por conter o discurso de alunas, padres e de freiras sobre a modernização da escola, pensando a questão religiosa como pano de fundo.

Além disso, conseguiu-se captar nas entrelinhas do depoimento de cada ex-aluna seus anseios e expectativas e aquilo que está para além do que elas conseguiam expressar.

Na sua capa, consta que esta Revista foi publicada em maio de 1953 e que estava no número 3, ano II, o que indica uma sequência de publicações existentes antes dela que não foram disponibilizadas pela instituição. O brasão da instituição e o nome Flama em chamadas também estão presentes na sua capa. Na página seguinte, aparecem novamente tais dados e a denominação da revista como órgão oficial do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, seu endereço, cidade, estado e país⁷⁵. O sumário apresentado indica todas as publicações presentes na Revista e é capaz de fornecer um panorama do que foi publicado.

Figura 59 - Capa e Sumário da Revista Flama (1953)



Fonte: Flama (1953)

Na primeira página, há uma poesia de uma religiosa, não identificada, que faz menção à “Visita da Virgem de Fátima”; a omissão ao seu nome demonstra um desejo de se colocar

⁷⁵ Av. Epitácio Pessoa, 208- João Pessoa- Paraíba- Brasil.

enquanto instituição sem destaque especial. Há uma demonstração de grande devoção à Nossa Senhora de Fátima no seguinte trecho: “Nosso Colégio, em delírio/ Presta de amor homenagem/ Pra saudar tua passagem Virgem de Fátima, recebe/ Nosso canto, em oração/ Nosso Colégio protege/ e o leva em teu coração”.

A interferência das religiosas na publicação das alunas demonstra seu mecanismo de controle e uma busca por divulgar o significado daquele mês para a comunidade escolar. É interessante destacar que tal tema é debatido com exclusividade pelas religiosas, o que demonstra que o espaço da Revista era utilizado para trazer outras questões do interesse das discentes.

O texto de Padre Antônio Fragoso intitulado “Um Cine-clube no meu Colégio” está no final da segunda página e início da terceira. A não omissão de seu nome sugere que somente a autoria das religiosas é omitida e que os padres, pelo contrário, têm constantemente lugar de destaque entre essas publicações. O texto em si nos mostra a presença controlada do cinema nesta época, que existe por satisfazer a necessidade do seu tempo, mas que precisa estar adequado a uma adolescente cristã. Esse controle presente na sua fala nos faz pensar nas interdições já refletidas por Foucault (1996, p.10) ao afirmar que: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem assinalam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. Aqui há notoriamente um desejo de fazer com que as adolescentes seguissem aquilo que as normas institucionais determinam. No texto “Um cine-clube no meu Colégio” o sacerdote recomenda que:

Uma adolescente cristã não é contra. Não quer destruir. Nem negar. Não é pessimista. Nem acredita no fatalismo dos fracassos.
Em face do cinema, não se deixa arrastar pela sedução das imagens luminosas em ritmo alucinante. Não aceita todos os filmes indistintamente. Nem é dominada pelo esplendor dos tecnicólor, dos cenários, pelo <<estrelismo>> (FRAGOSO, 1953, p. 2-3).

É interessante notar que ele se dirige explicitamente ao público de adolescentes que estuda nas Lourdinhas, mostrando-se preocupado em educá-las diante da modernidade, para que estas assumissem uma postura enquanto pertencentes a um grupo social específico, ou seja, ao de uma adolescente cristã, contudo, ele, de forma persuasiva, busca não ser radical ao dizer sobre elas:

Do outro lado, não conhece o cinema por ser cinema. Não o olha como uma arte infernal para fazer fugir da realidade da vida

A adolescente cristã toma posição em face do cinema. Ele é um instrumento poderoso de cultura. Uma arte que utiliza todas as artes. Um meio providencial de pôr diante dos olhos, flagrantes da vida real. O cinema é um grande dom de Deus para os homens do século XX (FRAGOSO, 1953, p.53).

Apresentando explicações sobre o significado do cinema para as estudantes, o sacerdote não nega a sua importância e age de acordo com as necessidades do seu tempo, preocupando-se em fazer com que as meninas sejam seletivas, a fim de que tenham uma postura “cristã”. O espaço da Revista destinado a freiras e padres, portanto, serve como mais uma forma de adestramento para as estudantes e uma maneira de mantê-las sobre o seu controle, fazendo delas aquilo que eles almejavam, ou seja, produzindo mulheres cristãs. O sacerdote destaca mais adiante: “A adolescente cristã quer transformar o cinema num potencial de *elevação humana, moral, religiosa*, não só para si mesma, como para todos da terra” (FRAGOSO, 1953, p.3). Essa postura deveria, na sua ótica, fazer parte da própria personalidade das adolescentes, e isto é perceptível no momento em que afirma:

Ela busca julgar o filme. Afirmar sua personalidade em face dele. Assimilar os elementos da cultura que ele contém. Discutir seus juízos de valor, sua maneira de apresentar as atitudes humanas, o amor, o ódio, os flagrantes da vida (FRAGOSO, 1953, p. 2-3).

Essa preocupação com a educação das adolescentes é o que provavelmente estimula a criação de um cine-clube no Colégio que, conforme Fragoso, “tem por objetivo dar uma educação positiva para o cinema. Ensinar a amá-lo, a compreendê-lo. E, por isto mesmo, a julgá-lo, a discordar dele, a *condenar seus desvios*” (1953, p.3).

Com base em Certeau (1998), pode-se considerar a criação de um cine clube como uma postura estratégica da instituição para se adequar às necessidades do seu tempo. Essa estratégia, contudo, busca a todo o momento se sobrepor aos valores religiosos, de modo que alerta para a necessidade de escolha de um filme adequado para ser assistido.

Essa condenação de desvios mencionada pelo padre e a busca por trazer o cinema para a instituição apresenta, concomitantemente, o desejo de que as jovens não ficassem alheias à realidade de sua época. Embora não quisesse proferir um discurso hostil que, provavelmente geraria resistência, orientava que as alunas não deixassem de se comportar de acordo com os moldes católicos.

Confiantes na educação oferecida pela instituição, os pais, provavelmente, se sentiam satisfeitos ao constatarem que o Colégio Lourdinhas tinha a preocupação de instruir as suas filhas para a atualidade, sem deixar de lado os valores religiosos católicos.

Essas páginas iniciais indicam que as falas mais importantes são de pessoas que estão sob a liderança da instituição religiosa e do Padre, pois conforme Certeau (1998) cabe, ao se analisar as fontes, pensar na sua sequência, enumerando as prioridades a serem tratadas. Além da autoria dessas lideranças, deduz-se que as temáticas são de interesse da instituição como forma de apresentar aos leitores, ou seja, aos alunos e pais de alunos, a devoção à Virgem Maria e, neste caso específico, a reflexão sobre o cinema na instituição, porém de forma condizente com os valores cristãos.

No final da terceira e início da quarta página, há o texto “Unidas Venceremos”, que se volta para a corrupção moral, de autoria da aluna Carmem Lacerda, do 2º ano clássico. O caráter argumentativo do texto da discente e seu olhar crítico para os escândalos indicam um ensino pautado na realidade da época e sua capacidade de dissertar sobre a situação presente.

Veja-se que a estudante que escreve já estava perto de concluir o ensino clássico e que só nas últimas páginas é que são vistos textos de estudantes do ginásio e do primário. Isso indica uma busca de dar destaque às alunas das séries mais avançadas, por redigirem com maior abstração. O tom crítico da temática indica o caráter diferenciado em relação às mensagens transmitidas pelas lideranças religiosas, na segunda página.

Assim, a crônica “*Unidas Venceremos*”, demonstra como as adolescentes estavam atualizadas sobre os acontecimentos do Brasil e da Europa, pois apontam para “guerras tão cruéis e desumanas que devastaram o Velho Mundo” (LACERDA, 1953, p.3) e também para a

[...] desonestidade de certos governantes e homens que têm em suas mãos o poder de deliberar acerca dos interesses do povo. O desejo voraz de aproveitar seus cargos políticos, satisfazendo seus interesses mais particulares e não se preocupando com os de toda nação.(sic)

O olhar crítico com relação ao país é algo que demonstra o caráter atualizado das reflexões provocadas pelo ensino do Colégio Lourdin, sem perder seu tom religioso e moralista como solução, já que conclui seu raciocínio afirmando ser necessária a seguinte postura:

Começamos cumprindo nossos deveres de verdadeiros cristãos, filhos, irmãos e estudantes.
Obedecemos primeiramente a Deus, e depois a nossos pais e mestres, respeitando-os e amando-os, pois são eles nossos guias, no emaranhado caminho da vida.
Amemos nossos livros, são eles uns mestres mudos, ensinando-nos o belo, elevando-nos o espírito.

Tenhamos gosto pelo estudo, pois através dele os mais intrincados problemas da vida surgir-nos-ão simples e solucionáveis.
E, finalmente, cultivemos a honestidade e o cumprimento firme de nossos deveres, como grandes virtudes (LACERDA, 1953, p. 4).

Todo o seu discurso reforça a ideia de como as estudantes se inserem na sociedade enquanto grupo social privilegiado que precisa cumprir seus deveres de filhas, cristãs e estudantes. Novamente se fortalece o tripé de sua formação, que requer delas obediência aos pais, a Deus e aos mestres, tidos como seus guias. Educação, religião e família aparecem no seu discurso como fundamentais, e estes estão associados a um ensino tradicional católico que estuda, sim, a realidade do país e do mundo, mas apoiado em princípios religiosos que veem as jovens como o futuro da nação. Esta ideia de futuro da nação é perceptível no final da fala da discente que afirma: “E quem senão nós, será (sic) os construtores deste novo Brasil? Avante, pois estudantes de meu Brasil, e nunca o desânimo, mas sim a firme vontade de unidos vencer” (LACERDA, 1953, p.4)

Na quarta página, há ainda uma curta poesia intitulada “O toque de Graça”, em que novamente se omite a autoria, informando apenas escrita por “uma filha de Maria”. Pelo teor do texto, sugere-se a autoria de uma freira, pois fala de sua vocação, como se pode identificar no trecho:

Poema - O toque de Graça

Foi num sussurro feito de doçura
e de misteriosa mansidão,
No mais secreto do meu coração...
Suave e forte... e cheio de ternura
Senti e amei a sublime ventura
Que minh'alma inundou em profusão
Num misto de surpresa e confusão.
Como esquecer esta alegria pura!?
E disse <<sim>>... à graça de eleição,
Fixando prêsa em viva comoção
Que me faz mergulhar em plena luz.
Tudo encontrei na minha vocação
Ao desfrutar a graça de união
Que me tornou Espôsa de Jesus.

(LOURDES, 1953, p.4)

O poema torna explícito um desejo de apresentar para o público a sensação de ser religiosa e de despertar novas vocações. Ressalta-se o trecho, levando em consideração de que

se trata de um incentivo a outras estudantes a trilharem o mesmo caminho que ela: “Tudo encontrei na minha vocação/ ao desfrutar a graça da união/que me tornou Esposa de Jesus”. Identifica-se, portanto, a intercalação entre texto de estudantes e de lideranças, ou seja, há na revista falas diversas que sugerem as intencionalidades dos sujeitos ali presentes.

O texto “Paraíba” é de autoria da discente Maria Elisabeth Novais Fernandes, que também é de uma série avançada, ou seja, do 3º ano clássico. A Revista dava destaque especial a essas alunas, que tinham a oportunidade de apresentar diversas temáticas, todas sob o olhar atento das religiosas. “Paraíba”, localizado na quinta página, demonstra um sentimento de identidade com o estado e a forma como as freiras desejavam fazer com que as meninas valorizassem onde vivem ao fazer a seguinte reflexão:

Sim muito temos para admirar em nossa terra. Não é só no Rio que vamos encontrar paisagens maravilhosas, nem precisaremos recorrer a São Paulo para encontrarmos bons trabalhadores. A Paraíba tem tudo, o que falta é estímulo. Aqui se podem desenvolver muitas indústrias e agricultura encontra campo vasto para seu cultivo.

Temos lindas praias e <<Tambaú>> ocupa o trono majestoso, o Cabo Branco. Possuímos uma baía, a da Traição que não é famosa, mas muito linda...

Enfim, a Paraíba pode e é digna de ser amada por todos os paraibanos (FERNANDES, 1953, p. 5).(sic)

A valorização da cidade demonstra um olhar político para a área onde nasceram e um laço identitário com o lugar onde estão. Este pensamento está diretamente relacionado com um olhar de famílias que visam reconhecimento. Sentimento este que satisfaz aos anseios dos pais de alunos, que contam com o Colégio para reforçar o ideal de vencedor.

A seção intitulada “Desencontro”, na sexta página e início da sétima, contém um texto da aluna que também é do ensino clássico e que estava cursando o 2º ano, Mércia Santos, cujo título é “Há males que vêm para o bem”. Tal texto demonstra uma realidade própria das famílias mais abastadas, pois fala de uma viagem a Paris que é adiada mediante o estado febril do seu pai. O desfecho dessa história é moralista, pois a menina não realiza o seu sonho, uma vez que seu pai fica doente e impossibilitado de viajar, mas escuta no rádio que o avião em que embarcariam caíra e se conforma por não ter morrido com seu genitor. O lado religioso desse texto está na ideia de livramento impregnada em seu discurso, ao afirmar que ouviu pelo rádio o anúncio da queda do avião.

Na sétima página se destaca o Grêmio Literário Castro Alves, composto pelas estudantes da 3ª série Colegial, tendo na sua diretoria a presidente, Maria de Lourdes Trigueiro, a oradora, Maria da Penha Braga, a secretária, Iracema Romero, a bibliotecária, Maria Lúcia Melo e a tesoureira, Ruth Araújo.

O presente texto permite que se observem aspectos particulares do cotidiano escolar da instituição, pois fica explícito que o Colégio Lourdinas continha agremiações literárias compostas por representações estudantis. A princípio, a Revista permanece dando destaque às meninas do Ensino Clássico e preconiza o incentivo à leitura da instituição, pois cada uma delas deveria homenagear algum autor clássico.

Em seguida, há um texto anunciado na primeira sessão do grêmio pela sócia Ruth Morency, intitulado “Contrastes e situações”, que traz uma consciência do contexto da época ao falar de diálogos escutados na rua que apresentam um cenário de desemprego, de revolta e de precariedade. O texto está incompleto e certamente tem sua continuação em outro número da Revista que não foi disponibilizado pela instituição.

O texto “Contemplando o mar”, da bibliotecária do grupo, Maria Lucia Melo, está na página 8 (oito) e reflete sobre o caráter rotativo das marés, pois ora estão calmas ora tempestuosas. O final desse texto traz uma descrição romanceada das principais características do mar e torna perceptível seu estado de admiração no momento em que o observa minuciosamente: “É assim o mar! tempestuoso; autoritário, ou submisso; majestoso ou humilde; manso ou encapelado. Muda do dia para a noite, oferecendo para quem o contempla, aspectos variados. Por isso é o mar testemunha de feitos gloriosos e trágicos”.

Ainda na página 8 (oito) e início da página 9 (nove), há um texto da tesoureira, Iracema Romero, intitulado “*Frédéric François Chopin - traços biográficos*” descrevendo aspectos de sua carreira como pianista e compositor. Ela menciona como em uma de suas composições, “A Polônia Heroica da mocidade rebelde”, ele brilhava em sonatas e improvisos e discursava sobre o caráter defensivo e engrandecedor da sua terra Polônia. Tinha hábitos reservados e expandia-se nos pianos e, apesar das suas obras serem vagas e imprecisas, são marcadas pela exaltação à Polônia. Essa menção a um pianista demonstra um desejo de colocar figuras importantes como modelos a serem seguidos. O piano também era utilizado no Colégio Lourdinas, como se pode ver no Relato de Fundação, logo mencionar um pianista de renome serve como incentivo para as crianças se dedicarem ao estudo desse instrumento.

O texto “Férias de 1952”, de autoria de Maria da Penha Braga, aluna do terceiro ano científico, nas páginas 9 (nove) e 10 (dez), difunde um pouco da realidade do campo, pois a discente fala de um cenário de fome e de pobreza a que ela assistiu; nesse texto a moça faz uma notória crítica à situação de desemprego de pais de famílias com vários filhos. A mulher doente, coberta de trapos, em busca de uma alma caridosa para ajudá-la, foi uma das lembranças que a deixaram bastante incomodada. Além disso, uma choupana iluminada por pequenos toros de lenha por falta de condições de se comprar gás gerou reflexão na discente, que julgou aquela

situação como inaceitável. Ela destaca ainda que vira um menino muito pobre e que, ao conversarem, descobriu que ele não se alimentava havia dois dias e que sua última alimentação fora um cuscuz com xique-xique – planta da família dos cactos –, sob cuja casca tem mandioca; soube também que, com essa criança, ainda estavam mais três, sozinhas, pois os pais tinham ido para o hospital de Campina Grande. Essa situação era comum para várias famílias, que padeciam também com a falta de água. Chama a atenção o senso crítico da aluna ao fazer a seguinte comparação:

Enquanto tudo isso acontece pelo interior encontramos nas cidades o povo que esbanja dinheiro, que se diverte num desregramento sem conta”. Em sua visão religiosa é necessário que Deus envie água para esse povo sofrido e elucida que caso não haja melhoria para essas pessoas há uma parcela de culpa de cada um, pois se demonstrará um desprezo ao “mais belo ensinamento do senhor: <<Amai-vos uns aos outros como a vós mesmos>>

O texto “A criança”, de Maria do Socorro Jácome, do 2º ano científico, nas páginas 10 (dez) e 11 (onze), se volta para a ingenuidade e a pureza da criança, criticando os adultos que as tomam por iguais a eles e, por isso, muitas vezes são incompreendidas. De forma madura, há uma visão crítica sobre a relação entre pais e filhos, pois, para ela, ao se punir uma criança, é preciso explicar o motivo. Ela reflete, contudo, sobre como é pernicioso tanto o afago excessivo como a falta de carinho e diz que só sabendo dosar, é que se poderá transformar a criança em ótimo adulto. Esse texto demonstra como as religiosas preparavam as alunas para a maternidade de tal forma que já na adolescência estava incutido em seu pensamento o tipo de criação adequada que elas mereciam⁷⁶. Como ilustração, há uma fotografia de uma menina de cabelo curto, branca, e de vestido, que provavelmente é a autora.

O texto “O perdão”, ao final da página 11 (onze) e início da página 12 (doze), de autoria de Lúcia Navarro, aluna do 2º ano clássico, é acompanhado de uma ilustração de uma mulher que chora aos pés de Jesus⁷⁷ e demonstra um conhecimento dessa perícopes bíblica por parte da autora. Esta pondera que a grandeza do perdão está justamente na dificuldade de praticá-lo e mostra que o bem-estar proporcionado supera as coisas materiais. Há também uma menção a Victor Hugo para concluir seu pensamento: “Perdoar? É sem dúvida estar inspirado pelo próprio Deus; é passar do humano e imperfeito ao semi-divino”. Esse texto deixa perceber a visão de mundo da instituição, que traz em seu bojo o ideal católico e que, portanto, apresenta para as filhas das famílias católicas pessoenses valores religiosos que fundamentam suas

⁷⁶ Essa situação pode ser comprovada no caderno dos anos 70 em que notoriamente há uma busca para a preparação dessas alunas para o casamento.

⁷⁷ Lc 7, 36.

práticas cotidianas e que fazem elas serem, conforme os padrões da época, meninas “bem-educadas”.

Assim, a introjeção de valores presentes nesse discurso preconiza o papel da escola que está formando um grupo específico privilegiado da sociedade pessoense, ensinando mais do que conteúdos próprios dos componentes curriculares, uma vez que traz como modelos sociais fundamentais práticas e posturas almejadas na formação de um adulto educado, para atender às necessidades de seu grupo social.

Ainda na página 12 (doze), constata-se uma alocução pronunciada por Maria de Lourdes Trigueiro do Vale, então presidente do Grêmio Castro Alves, na primeira reunião de 1953. A alocução intitulada “Grêmio Castro Alves” contém uma foto da então aluna que tem cabelos curtos, pele branca e camisa fechada branca. Dirigindo-se às mestras e colegas, ela demonstra sua surpresa pelo resultado da eleição para a diretoria do grêmio; isso denota um processo democrático existente no interior dessa instituição, processo que se confirma no agradecimento que ela profere por ser eleita presidente. Em um gesto de humildade próprio do que é pregado pelo cristianismo, ela declara: “Talvez não possuía as qualidades necessárias e eficientes exigidas para o progresso dêste grêmio, mas farei o possível para corresponder à expectativa de todas, neste sentido”.

Em seu discurso há ainda uma definição da finalidade do grêmio, que esclarece o seu papel naquele contexto, no momento em que ela faz as seguintes afirmações:

A finalidade do Grêmio é maior do que imaginamos, pois se trata de exercitar as qualidades que possuímos as quais permanecem por muito tempo na obscuridade. [...] O conteúdo instrutivo que esta instituição possui, é a parte biográfica, poética, musical que forma, ao mesmo tempo um conjunto literário e artístico. (VALE, 1953, p.12) (sic)

Finalizando seu discurso, ela menciona o patrono Castro Alves como tendo sido eleito por todas as sócias e como exemplo de influência, sobre a mocidade, pelo seu trabalho pela nação. A ideia de amor à pátria presente em seu discurso e de aglomeração entre elas, a partir do grêmio, mostra o patriotismo da época e o sentimento de identidade presente no grupo. Ao dar destaque ao patrono do Grêmio, ela coloca que:

[...] Ele que exerceu grande influência sobre a mocidade, que tanto trabalhou pela nossa nação, nós, como jovens, tomemos seu exemplo e trabalhemos para o progresso do nosso grêmio, e estaremos contribuindo para o *engrandecimento de nossa pátria querida* (VALE, 1953, p.12).

Vendo o grêmio como possibilidade de exercitar qualidades que passam muito tempo na obscuridade, a então presidente do grêmio convoca as estudantes a participarem, dado o seu conteúdo instrutivo que forma um conjunto literário e artístico.

Na página 13 (treze), o texto “Vocações sacerdotais” de Germana Abath, então aluna do 2º ano clássico, apresenta a valorização da vocação sacerdotal no momento em que ela afirma “Estes jovens foram agraciados por Deus mais que qualquer ser humano”. Indo além desse olhar, a então discente critica as famílias que não querem ter filhos padres, afirmando até que muitos são chamados de imbecis ao optarem por esta vocação. Para ela, o materialismo do século fazia com que as pessoas estivessem insensíveis ao elevado e ao sublime, ou seja, às coisas de Deus. Essa exaltação ao sacerdote provavelmente está ligada ao modelo educacional do Colégio Lourdin. É provavelmente por isso que ela convoca outras estudantes afirmando:

Nós, colegiais, podemos prestar o nosso auxílio a esta sociedade que cada vez mais se corrompe, procurando, em nosso meio, elevar a pessoa do padre como um ente que possui poderes sobrenaturais superiores a nós a quem devemos todas as atenções. Procuremos infundir nos corações dos que ainda não conhecem o poder sacerdotal, o respeito por este ser humano que tem poderes divinos (ABATH, 1953, p.13).

A ideia de poder divino e sobrenatural é o ápice deste texto, pois nos mostra o significado da figura do sacerdote para este grupo em questão que, certamente influenciadas pelas freiras, nutriam uma sacralização da figura do sacerdote que é notória em seu discurso. Ao lado desse texto, há uma ilustração de Jesus de braços abertos, com seus discípulos logo atrás, indicando o sentido da vocação sacerdotal.

A sacralização dos sacerdotes, presente no discurso da então estudante, indica a visão divinizada sobre os padres, presentes desde a sua infância, quando fizeram primeira comunhão e por eles tiveram aulas de catecismo.

Ao final da página 13 (treze) e início da página 14 (catorze), o texto “Diálogo entre estudantes a respeito de um filme”, de autoria de Elizabeth Novais Fernandes, aluna do 3º ano clássico, apresenta uma conversa entre Ivone e Elza a respeito do filme *Melodia da noite*. Ambas expressam comoção com a história narrada, por se tratar de um homem cego e de uma moça que se faz de cega e ainda o ajuda financeiramente para fazer a cirurgia sem que ele saiba. É claro o desejo de trazer a moral da história de cunho religioso na conclusão do diálogo quando Ivone afirma: “Também nos é uma admoestação quanto ao bom emprego dos nossos olhos, evitando tudo que pode contaminar a nossa alma”. Esse texto, portanto, contempla aquilo que

é ensinado pelo Pe. Fragoso, já que traz uma reflexão crítica sobre um filme sob um viés religioso influenciado pelo que é ensinado na instituição.

Ainda no final da página 14 (catorze) e início da página 15 (quinze), inicia-se a sessão do Grêmio Machado de Assis, composto pelas discentes do 2º ano colegial. O Grêmio tinha em sua direção a presidente, Carmem Lacerda; a oradora, Germana M. Abath; a secretária, Geuda M. da Costa; a bibliotecária, Jacy Miranda; e a tesoureira, Edna Paiva. Há, logo abaixo, o depoimento da presidente, que reforça a ideia do grêmio como sendo capaz de desenvolver o espírito artístico e literário e pede o apoio de todas para que não haja extinção pelo desinteresse e falta de entusiasmo do grupo. Além disso, ela fala rapidamente da biografia de Machado de Assis, destacando sua infância simples e atribulada e que, apesar disso, consegue destaque na literatura nacional; a aluna diz, ainda, que Rui Barbosa o chamava de mestre dos mestres. Depois faz invocação a todas para que esse grêmio se transforme em “centro literário onde permaneça bem vivo o espírito notável purista nacional”. Assim, o patrono também é visto como exemplo, ao se mencionarem as dificuldades vivenciadas por Machado de Assis e sua superação, levando-o a ter uma posição honrosa na literatura nacional como fundador, inclusive, da Academia de Letras. Esse caráter exemplar permite que se reflita sobre a educação rebuscada das jovens com acesso à leitura de autores destacados e a busca por se sobressaírem aos demais, já que faziam parte de famílias ditas importantes pessoenses e que esta era a intenção de sua família enquanto classe dominante.

No final da página 15 (quinze) até a página 17 (dezessete), o texto “Estudantes livres para um mundo livre”, de autoria de Maria Luna de Medeiros, do 1º ano clássico, fala um pouco da corrupção da época e da responsabilidade dos formadores e estudantes. É interessante sua afirmativa sobre a cobrança em torno dos jovens que são vistos como futuro da nação e que serão eles quem constituirá os lares de amanhã. A ilustração da página 17 (dezessete) traz o Parque Solón de Lucena (Lagoa), o que demonstra a permanência de um destaque especial para o centro da cidade. Sua análise evidencia um olhar para a sua realidade e uma exaltação dos chamados “grandes homens”, ou seja, busca uma memória celebradora:

O gênio intelectual de Rui Barbosa ficou na memória do povo holandês. O nome glorioso de Caxias se imortalizou nas terras paraguaias; os pracinhas da FEB derramaram seu sangue em terras italianas pela libertação das nações. Essas tradições eles terão que manter (MEDEIROS, 1953, p.17).

Ela faz uma crítica ao comunismo e apresenta o cinema como deformador de consciência, trazendo o papel das instituições católicas na educação cinematográfica. Salienta-

se a exaltação realizada em relação à Liga da Decência dos Estados Unidos⁷⁸ por evitar a exibição de filmes considerados impróprios, demonstrando o controle arraigado da época que é capaz de adentrar até o discurso das estudantes. A moda também é criticada pela sua indecência, e isso garante que os padrões sociais religiosos sejam internalizados pelas discentes e externados na Revista da instituição. Há também uma crítica ao rádio como podendo contaminar a consciência da juventude “pondo em perigo sua alma” (MEDEIROS, 1953, p.17). Os trajes nos filmes são alvo de preocupação por serem imitados pelos jovens. Concluindo o seu raciocínio, ela afirma que:

É preciso que não nos tornemos escravos da moda, do rádio, do cinema, das revistas, dos artistas; que sejamos livres, enfim, e que nos congreguemos todos, jovens estudantes brasileiros em torno de uma única bandeira: a de Jesus Cristo, para que passamos fazer do Brasil de amanhã um Brasil de homens livres, de lares bem formados, fortalecidos pela presença de Deus, que por certo há de abençoar nosso esforço (MEDEIROS, 1953, p.17).

O cinema, neste sentido, é considerado pela estudante como deformador da consciência quando se trata de filmes considerados como sendo impróprios, cuja única função é enriquecer os distribuidores e corromper a juventude. Ao falar da juventude, verifica-se uma internalização dos princípios católicos que foram recebidos pela aluna, provavelmente, desde a sua infância. O ideal de classe presente neste discurso é o que fomenta na estudante a concepção de que ela é o “futuro do Brasil” e a visão do comunismo como ameaça para todos os recantos do mundo.

Constata-se, portanto, além de um discurso moralista sobre o cinema ensinado por freiras e padres, uma visão política por eles repassada, já que se elogiam os Estados Unidos e critica-se o comunismo. Há, pois, um ideal de classe, formado, que é de interesse dos seus pais e compreendido pelas freiras. Está claro, então, que é no seio dessa instituição que se padronizam comportamentos de classe, que tendem a se perpetuar entre as famílias de estrutura patriarcal, o que se confirma nos depoimentos impressos nos livros comemorativos do Colégio que há muitos anos educa gerações das mesmas famílias.

Ainda na página 17 (dezessete), o texto “O destino amargo”, da aluna Maria da Penha Braga, do 3º ano científico, apresenta um diálogo, pelo telefone, entre Graziela e Isabel Cristina, que diz respeito ao comentário do filme “O destino amargo” que foi assistido no Plaza, num dia de domingo. O filme fala de uma mulher casada, com câncer, que prevendo sua morte em breve

⁷⁸ Em um contexto de Guerra fria onde duas superpotências disputam o poder, ou seja, Estados Unidos e URSS, percebe-se a preferência da instituição pelo capitalismo próprio dos EUA e uma crítica severa às ideias comunistas que estão presentes na URSS.

aproxima sua secretária⁷⁹ de seu marido para dar uma nova mãe a sua filha pequena. Enquanto Graziela considera isso uma tolice e coisa de filme, Isabela considera como sinal de abnegação que pode ser praticado em pequenas ocasiões. Chateada porque a colega disse que ela estava romântica, ela afirmou que não queria induzi-la a concordar com seu posicionamento. De imediato sua colega afirmou que concordava, pois o egoísmo não torna ninguém feliz e, assim, Isabela fica satisfeita e vê a postura da colega como sensata. Assim, ambas se despedem.

O texto em questão expõe o auge do cinema e a utilização do telefone pelas famílias. A utilização do telefone, tão restrita nesse período, é mais um indicativo da condição financeira das jovens, e também é nítida a ideia de que este discurso, presente na escrita das jovens, marca as práticas sociais de um grupo específico, educado por uma instituição religiosa dotada de valores éticos e cristãos. Além disso, traz ainda o fundo religioso da mensagem do filme que se volta para a doação e o amor que, no filme, é diretamente ligado à moral religiosa promovida pela instituição. O uso de textos em forma de diálogos demonstra falas que se contrapõem e que caminham para uma concordância. Há uma busca pelo convencimento presente no diálogo que parece ser um traço comum da instituição, provavelmente para fazer com que o próprio sentimento de identidade entre elas colabore com o fortalecimento dos ideais da instituição incentivado pelas religiosas.

Há uma vigilância sobre os filmes a que as adolescentes assistiam, de modo que os conselhos existentes entre as lideranças religiosas, e possivelmente assimilados por algumas delas, sugerem um controle intenso e contínuo, o que reforça a ideia de Foucault (2014) sobre a escola como aparelho de vigiar.

Veja-se que apenas na página dezoito se tem um texto de uma aluna do 1º ano clássico, o que sinaliza um desejo por apresentar, logo de início, as contribuições das estudantes de 2º e 3º ano clássico, dando destaque às agremiações literárias, pois elas despertam o interesse das demais a se engajarem nestes movimentos e buscarem ter o hábito da leitura, de fazer poesia e aprender sobre música

Na página 18 (dezoito), há o texto “A mesma direção”, de Lúcia Navarro, aluna do 2º ano clássico, ilustrado com a foto de um casal loiro, abraçado, que se debruça em uma janela onde se vê um jarro de plantas. Nesse texto, a autora faz referência à satisfação do amor pela vida religiosa ou pela vida conjugal. Há uma crítica da visão do amor como satisfação apenas das paixões e como um sentimento egoísta. De forma realista, ela pondera sobre a necessidade de afinidade de opiniões e de temperamentos e afirma que, mesmo vivenciando diversas

⁷⁹ O termo secretária é próprio da época em que foi escrito o jornal em questão.

dificuldades, é o compartilhamento de mágoas e alegrias que fortalecerá a relação. Inspira-se em Antoine Saint Frapey e dele copia: “Amar não é olhar um para o outro, mas olharem juntos, na mesma direção”

Na página 19 (dezenove), vê-se o discurso da presidente do grêmio Luís de Camões, Sílvia Rique, com a sua fotografia. Trata-se de uma moça branca, de cabelo curto, roupa branca, que veste, provavelmente, uma jardineira, pelo costume da época de se usar saia. Como a foto é pequena, mostra apenas o rosto e parte da camisa. O grêmio é composto por alunas do 1º ano colegial que tem em sua direção, ainda, a oradora, Vera Maria Borges; a secretária, Ceres M. Lacerda; a bibliotecária, Maria Estela Pinheiro; e a tesoureira, Izélia Rodrigues de Souza. O discurso de Sílvia Rique fala da honra de presidir aquele momento e ainda da busca pelo apoio de todas que fazem parte da agremiação para além da diretoria. Para ela, cabe ao grêmio “trabalhar no sentido de despertar maior interesse pelo conhecimento da nossa história, de nossa literatura, de nossas tradições.” (RIQUE, 1953, p. 19). Vê-se que apenas na metade da revista é que se faz menção ao grêmio do 1º ano colegial, que também tem a sua representatividade, mantendo estrutura similar à do ensino clássico e a homenagem a um patrono.

Figura 60- Discurso de posse da presidente do Grêmio Luís de Camões



Fonte: Flama (1953)

Assim como o grêmio Castro Alves, a estudante do 1º ano clássico se volta para a importância do empenho de todas as alunas, pedindo, inclusive, que o sentimento de obstrução fosse cessado, falando sempre na busca pela vitória a partir da união.

As agremiações apresentam um desejo das Irmãs por terem um laço identitário entre as suas alunas que, compartilhando dos mesmos interesses, têm a oportunidade de dialogar entre si, sob o olhar atento das religiosas que monitoram cada Revista editada pelas adolescentes, satisfazendo às necessidades do seu grupo social e a sua formação enquanto ser humano a esse grupo pertencente.

Ao final da página 19 (dezenove) até a página 22 (vinte e dois), identifica-se um apanhado geral sobre Luiz Vaz de Camões, de autoria de Maria Penha Braga, aluna do 1º ano científico. De forma celebradora, a então discente narra a vida de Camões, trazendo as dificuldades de os estudiosos informarem a data do seu nascimento com precisão; o seu amor por Natércia; a sua entrada na corte em 1545; a expulsão em 1549 e sua busca pelo exílio em Ribatejo; a sua volta em 1551; a sua ida à Índia em 1553; a construção do poema *Lusíadas* em seus vagares; a sua chegada ao Necon; sua vivência no Cambodja; a finalização dos *Lusíadas* em 1563. Precisava, contudo, passar pela Santa Inquisição; a saída de lá em 1572; a admiração dos *Lusíadas* por espanhóis e portugueses; a lesão cardíaca e a morte do autor em 1580, em Santana.

Ainda na página 22 (vinte e dois) até a página 24 (vinte e quatro), há o texto “Por que o divórcio?”, de autoria da Dra. Marina de Abreu, que demonstra tal processo como contrário ao ideal cristão e o vendo como algo grave. Expõe como argumento contrário à sua realização, a dignidade da família, que ferida, pode ser levada à ruína. Considerando o matrimônio como instituição divina, o divórcio vai totalmente de encontro aos preceitos religiosos; a autora traz a Bíblia como legitimação de suas palavras, ao afirmar “A palavra do divino mestre é clara :<< que o homem não separe o que Deus uniu>>”. A Bíblia e Concílio de Trento são apontados como base para se considerar a indissolubilidade do casamento.

O divórcio, nessa época, era um tema bastante discutido no Brasil, a fim de que fosse ou não aprovado. Trazendo argumentos contrários pautados nos valores cristãos com perícopes bíblicas, que ilustram sobre a necessidade de manter o casamento para a eternidade, Abreu (1953, p. 24) considera que:

Permitir o divórcio será PROVOCÁ-LO. A PRUDÊNCIA é a voz da sabedoria, pois o próprio Deus nos advertiu << O espírito está pronto, mas a carne é fraca>>. Logo não há covardia em afastá-lo, e, sim, sabedoria, porque para os desmandos das paixões humanas não há limites.

Imbuída de um discurso religioso, Abreu (1953) apresenta a importância de se perdoar um erro, sob a ideia de que errar é humano e que a pessoa pode ser reabilitada diminuindo os seus erros. Assim, encara-se o desquite como um vínculo que permanece entre o casal, embora

se ressalta a possibilidade de o desquitado abusar da situação. Da mesma forma, há uma crítica à falta de consistência da anulação do casamento pelo ramo do Direito.

A visão da mulher como a mais prejudicada indica qual a visão do papel social feminino nesta época, já que se afirma:

A mulher reflita profundamente que será ela A MAIS PREJUDICADA, a mais SACRIFICADA, sobretudo, sendo virtuosa. Seus sentimentos e seu coração logo envelhecerão pelos desenganos, pelo esquecimento do seu real valor de **mulher-criatura**, como **esposa, amiga, companheira dos bons e mals (sic) dias** e é **incompatível**, sobretudo, com a **natureza feminina** uma vida em que estejam **ausentes** a alma e coração. Não esqueça a mulher que foi a igreja que a reabilitou, colocando-a no seu verdadeiro lugar que são as mulheres boas que trazem o mundo de pé. O divórcio estimulará as leviandades e por elas serão desmanchados laços profundos e essenciais (ABREU, 1953, p. 24).

A naturalização da mulher como sendo feita para o casamento de alma e de coração dissemina a ideia da mulher como emoção enquanto o homem tende a ser encarado como razão. É interessante que o divórcio está associado diretamente à leviandade feminina e há um prejuízo muito maior devido à sua função social. Ao se dirigir a um público feminino católico, de uma instituição religiosa, a autora busca ensinar-lhe o comportamento adequado e que precisava dar exemplo para a sociedade. De forma patriarcal, ela traz um argumento voltado para o próprio envelhecimento feminino, questionando: “Quantos permanecerão ao lado da esposa, quando seus cabelos se tingirem de branco e seu físico não tiver mais encanto, desde que haja possibilidade de divórcio?” (ABREU, 1953, p. 24).

Os argumentos religiosos e a lógica do texto reforçam a defesa da família presente na instituição, que é interessante para a moral conservadora das famílias católicas pessoenses. Educar as crianças com estes valores garantiria a permanência de uma cultura tradicional defendida por gerações anteriores, em que Igreja Católica tem papel primordial representado na instituição pelas religiosas e padres.

No início da página 24 (vinte e quatro), está o texto “A caridade”, de autoria de Geuda M. da Costa, aluna do 2º ano científico. Como ilustração tem-se um bispo com uma criança em seus braços e outra próxima, de pé, e coberta com um cobertor. Atrás deles está uma Igreja – infere-se a intenção de se mostrar a boa ação do sacerdote. A então aluna faz uma crítica à falta de compreensão sobre o verdadeiro sentido da vida e como os bens materiais e a carne nada valem. Para ela, este pensamento contribuiria com a vida dos pobres para torná-la menos martirizante. Ela reflete que, ao olhar um cadáver, se pode considerar que a carne de nada vale.

Além disso, como é usual em toda revista, ela se fundamenta na figura de Jesus transcrevendo suas palavras: sua fala: “Perdoai-os meu Pai; eles não sabem o que fazem”.

Ainda ao final da página 25 (vinte e cinco) até a página seguinte, há o texto “Esboço Biográfico de Madame Curie”, de autoria de Vera Maria Borges Xavier, que é continuação da edição anterior e que não se finaliza nesta edição. Nele há menção a uma polonesa que estuda às escondidas com sua amiga Brônia, correndo o risco de ser presa. Ambas de origem humilde, Marie precisava trabalhar para garantir o seu sustento. Sua amiga, Brônia, sonhava em fazer medicina, e Marie comoveu a todos ao se dispor a ser sua governanta até a colega se doutorar. Brônia conseguiu realizar seu sonho e se casa com um colega da Faculdade. Marie vai a Paris estudar e conhece Pierre Curie e debate muito sobre assuntos científicos; ele a pede em casamento, mas ela tem receio de não mais voltar a sua terra. Marie consegue dois diplomas e o concurso para professora – a próxima etapa será o doutorado. Essas histórias certamente mostram o desejo de incutir nas meninas tanto o desejo de estudar quanto o casamento. Isso demonstra que a mulher da família rica não deveria ficar apenas como dona de casa, mas deveria também se esforçar em seus estudos até chegar ao doutoramento.

A página 27 (vinte e sete) é iniciada com uma Seção Recreativa que contém um pequeno texto de M. Carmelita Costa, aluna da 4^a série B. É válido salientar a fotografia das alunas na quadrilha ilustrando o seu relato. Pelo texto, constata-se que esta seção foi criada a partir de uma sugestão da aluna Yeda Lima e que, enquanto umas vestiam trajes do Sertão, outras vestiam roupas de cavalheiros. A dinâmica do controle é perceptível ao se afirmar: “Maria Ribeiro com seu olhar severo parecia repelir a M. Elisa, que tomava todo o espaço do palco com suas largas passadas”. Via-se, de imediato, que existia o desejo de controle dos corpos presente no olhar repreensivo. A descrição perpassa ainda a alegria do momento ao se comentar que Liana tinha bigode suposto, Socorro Lima dançava melhor que Oscarito e Yeda marcava a quadrilha.

Ainda na página 27 (vinte e sete), encontramos outro texto, intitulado “Divirtam-se um pouco”, que traz uma reportagem de Maria da Penha Braga, aluna do 3º ano científico. Nele se destaca o nome de algumas alunas, como Iracema Romero, que, de forma dinâmica, é tida como alguém que tem mania de filosofia. Em tom crítico, Maria da Penha também fala do gasto que Iracema teve com o concerto de Chopin – que ela ouviu de 5 horas da manhã até as 23 horas. Algo sintomático desse cotidiano escolar pode ser expresso no momento em que se divulgou que Lúcia Silvestre pediu um lugarzinho na diretoria do Clube das Solteironas. Ironizando uma colega por ter escolhido o curso de medicina, ela brinca sobre a possibilidade de uma receita com muitas caricaturas ou ela ajeitando os cabelos em uma boina branca.

Na página 28 (vinte e oito) tem o texto “Para rir...”, de autoria da estudante do 3º ano científico, Maria Lucia Silveira e Silva. Este apresenta mais uma vez um tom de humor sobre o Clube das Solteironas, difundindo cenas deste convívio escolar no seguinte trecho:

Foi fundado o Clube das solteironas tendo como presidente Penha Braga e demais colegas do 3º ano. E Socorro Lyra que já se considerava fora deste bloco aderiu ao último, tornando-se refugo.

Ruth e Lúcia Melo são as duas doutoras da classe. Terminarão elas o curso, ou, em vez de diploma arranjarão um médico?

Iracema, grande filósofa, parece estar esquecendo o piano, pois quando lê Sócrates e Platão fica devaneando.

Finamente, temos Penha, a grande dentista do ano. Nossos dentes serão bem obturados e quando eles nos faltarem, teremos quem nos faça dentadura de graça.

Oh! Quase me esqueço de Maria Lúcia que vive filosofando.

Ainda na página 28 (vinte e oito), há o texto “Momentos alegres”, descrito como um momento de reportagem da Revista Flama, que visita o 2º ano colegial. A primeira aluna a ser mencionada é Mércia que, preocupada com o ensino de filosofia, toma ares de psicóloga. Em tom de humor fala de Geuda, correndo na classe como coisa incomum, pois ela parece ter uma conduta compenetrada, como é descrita pela própria autora. Citadas logo depois, vêm Regina e a sua habilidade pela arte dramática, que é considerada no texto como dom de Deus; a preocupação de Fernandina em decidir entre medicina ou farmácia – conflito que mostra o ensino universitário como anseio comum presente em toda revista e que o curso de medicina é o mais almejado; Carmem é considerada a aluna religiosa que está encantada com as aulas de Religião ministradas pelo Pe. Fragoso. A ideia de palavra que cai em terreno fértil mencionada pela autora é uma menção à perícopie bíblica de Mt. 13, 1-10 intitulado “Parábola do semeador”. Por último se faz referência à Lúcia e aos seus estudos com fúria.

De forma cômica se mostram traços do cotidiano na pequena seção intitulada “O segundo ano implica com”: “O olhar de Germana/ As caricaturas de Lúcia/ O cabelo de Mércia/ A risada de Lourdes/ A promoção de Edna à presidência do D.I.V.A/ A mania de Geuda de estudar o italiano/ As inspirações de Carmem”.

Na página 29 (vinte e nove), há uma transcrição do anúncio “Ótima cozinheira” transcrito pela então aluna M. Aline Nóbrega, do 1º ano clássico, demonstrando os ideais de classe deste grupo no sentido de apresentar o modelo de empregada ideal:

Pessoa competente oferece seus valiosos serviços. Garante pontualidade chegando de bicicleta na residência dos seus patrões de oito para as nove horas da manhã.

Só frequenta o clube 3 vezes por mês e vai ao cinema duas vezes por semana (de preferência às 5^{as} e domingos).

Não canta na cozinha, pois prefere ligar o rádio. Respeitadora, não veste os vestidos da patroa em sua ausência, contentando-se em copiar apenas os modelos.

Encerramento do expediente às 19 horas irrevogavelmente, com direito de ter os sábados livres.

Ordenado fixo CR\$660,00 e exige apenas uma auxiliar.

O anúncio mostra uma crítica por parte da aluna pela ideia de uma empregada “ousar” vestir os vestidos da patroa. Este ato de vestir as roupas do patrão é, provavelmente, incompreendido pela aluna que, por pertencer a uma classe privilegiada, ignora o desejo da empregada por experimentar os privilégios desse grupo social. Para a aluna é, provavelmente, inconcebível que uma empregada cogite a ideia de pertencer à sua classe, e isso coloca os subordinados em uma condição de inferioridade. A ironia da aluna é transparecida ainda no momento em que ela destaca que a empregada se contenta em, ao menos, copiar os modelos dos vestidos da patroa. Além disso, uma cena que talvez gere repulsa na jovem burguesa é a frequência em ir ao clube e ao cinema por parte da empregada, tanto que ela traz no seu anúncio, ironicamente, como uma exigência.

Ainda na página 29 (vinte e nove) até a página posterior, há uma seção de “Enigma” com palavras cruzadas voltadas para diversos temas que faziam parte do cotidiano das estudantes, como nome de animais, localização geográfica, órgãos do corpo humano e curiosidades.

Finalizando a página 30 (trinta), identifica-se a seção “Você sabia que?”, apresentando algumas curiosidades, como o fato de a Ponte dos Suspiros se localizar em Veneza e que esta é assim chamada pela ligação entre o palácio dos Doges, a prisão e a praça da execução. Os presos que se achassem culpados deveriam ir pela ponte para o local de execução.

Na página 31 (trinta e um), há o texto “Que bonito, Valéria”, de autoria da aluna Ina Maria Y Pia Pinto, do 1º no ginásio, que traz um diálogo entre Valéria e Vanda sobre o Retiro espiritual marcado pelo convencimento e esclarecimento. Há, ao lado do texto, a fotografia de uma menina morena, com cabelos curtos, roupa estampada, sorrindo. O cunho moralizador deste diálogo entre Valéria e Vanda é observável no momento em que Vanda tece críticas sobre o silêncio presente nos Retiros e a sua recusa de se comportar como freira. Na construção do texto, a aluna mostra que este pensamento de Vanda está associado ao seu desconhecimento sobre o que significa um Retiro. No texto, de forma moralizadora, Valéria convence Vanda a fazer o Retiro ao afirmar que: “O Retiro é um tempo em que fazemos um balanço em nossa

alma como um comerciante faz em sua casa. Sim. Um balanço para ver se estamos colocando em nosso coração, virtudes ou pecados” (PINTO, 1953, p. 31).

Figura 61: Texto “Que bonito, Valéria”



Fonte: Flama (1953)

Esses diálogos entre duas mulheres partem de uma educação feminina marcada pela troca de conhecimentos entre elas. É interessante destacar que, nos dois últimos diálogos, há o interesse de uma das personagens por trazer uma lição para outra colega. Este comportamento provavelmente agradava muito às freiras e aos pais de alunas, pois se tratava de fortalecer laços já existentes entre aquelas que eram consideradas “boas amigas” para as suas filhas e de um mesmo nível social. A presença de personagens que, contudo, se contrapõem ao pensamento tradicional sugere, no seio da instituição, resistências ao modelo educacional e, para enfrentamento, a tentativa de moldar o comportamento de todas conforme os ideais da Igreja Católica.

Todos esses diálogos indicam um controle minucioso do comportamento das alunas. Há, portanto, aquilo que Foucault (2014) reflete sobre o poder disciplinar como estando em toda a parte e sempre alerta. Assim, este poder microscópico é identificado nos diálogos, na forma de aconselhamento entre as personagens, fundamentado nas relações traçadas entre as famílias e a Igreja.

Concluindo, na página 31 (trinta e um) mais uma vez há uma secção denominada “Você sabia que?”, trazendo como curiosidade o fato de Savonarola ser político e reformador social da Itália, o brasileiro naturalizado não poder ser presidente da república, o Monte Branco se localizar nos Alpes, na Suíça, Euclides ter sido um geômetra grego e, por fim, aponta os sobrenomes Silva, Ferreira e Rodrigues como os mais comuns.

Na página 32 (trinta e dois), há o texto “A Boneca”, de Lara Lúcia Brayner, do 1º ano ginásial, que conta a história de uma menina que, em época de Natal, queria muito uma boneca, mas sua mãe não tinha condições de presenteá-la. Assim, um homem rico passou e comprou a boneca para a criança, alegrando o seu natal. Há, notoriamente, um desejo de incutir nas crianças o ideal de caridade que está presente nesse discurso.

Ao lado dele, há ainda o texto “A pequena camponesa”, da aluna da 1ª série Rejane Galvão Borges, que traz as diferenças entre o campo e a cidade, destacando especialmente o fato de as meninas do campo serem ótimas dona de casa e como as crianças precisam trabalhar. Há ainda um destaque especial para a festa de São João e a alegria nesses lugares, onde as pessoas podem colher flores nessa época; para uma criança que fica feliz na época junina e ainda pelo passarinho que cai na relva e se reanima.

Também na página 32 (trinta e dois) permanece a secção “Você sabia que?” destacando algumas curiosidades, como o fato de o nome América ser em homenagem a Américo Vespúcio, Apolo ser o deus sol; a descoberta do Polo Norte por Peari e os iconoclastas serem aqueles que quebravam imagens na Igreja Bizantina, em 726.

Na página 33 (trinta e três), há uma secção denominada “Página do primário”, espaço para a escrita das alunas que estão nessa fase. Os textos são curtos e aparecem um ao lado do outro. O primeiro texto se chama “O desastre” e é de autoria de Maria Luíza Ramalho, aluna do 4º ano primário. Esta, em tom trágico, mostra um passeio de turistas no Rio de Janeiro, que finaliza em um triste acidente. O texto “Perfil”, de Alba Luna, aluna do 4º ano primário, fala da dedicação aos estudos da aluna Socorro. Sobre ela, pode-se conhecer um pouco desse cotidiano escolar, ao se trazer a sua participação na campanha missionária e a sua afobação quando não fica em primeiro lugar. Na parte inferior, há o texto “O ninho dos passarinhos”, de Ana Elizabete de Almeida, do 2º ano primário, que conta como três irmãos colheram flores e viram os passarinhos, mas não os prenderam pensando na dedicação de sua mãe para fazer o ninho. Em seguida está o texto “Músicas Improvadas”, de Rosires Cavalcanti Dutra, do 5º ano primário.

Na página 34 (trinta e quatro), há a fotografia de uma jovem com cabelo curto, colar de pérolas e brincos, com sorriso suave, e, na parte inferior, o texto “É preciso reagir”, de Regina

Maria Maciel de Oliveira, 2º ano clássico, que levanta uma crítica ao comunismo, fascismo, materialismo; uma crítica aos vestidos decotados e a utilização de maillots da época, sugerindo que estas mulheres devem criar sua própria mentalidade, reforçando a Igreja Católica como uma religião antiga que não se adapta a tal mundo de descobertas.

Ainda na página 34 (trinta e quatro), há o texto “A súplica”, de autoria de Sonia Serrano de Andrade, concluinte do Científico em 1952, o que demonstra que, mesmo ao final dos estudos, algumas delas mantinham um vínculo e tinham a oportunidade de escrever na Revista.

Na página 35 (trinta e cinco), há uma seção denominada “Recanto da antiga aluna”, que contém o relato “Isto sim, que, é vida”, de Iolanda Peixoto de Vasconcelos, concluinte ginásiana de 1949. Ainda na página 35 (trinta e cinco) até a página posterior, há o texto “Abolição da escravidão”, de outra ex-aluna chamada Maria de Lourdes Duarte, concluinte de 1949. Concluindo a página 36 (trinta e seis), está outro texto de Sônia Serrano Andrade, intitulado “Maravilha da natureza”. Assim, essas alunas que já saíram da instituição ficam como uma das últimas alternativas na lista de prioridades de destaque da revista. Isso demonstra uma valorização das alunas que ainda estão na instituição e um desejo de dar espaço, mesmo que nas últimas páginas, para aquelas que já saíram.

Na página 37 (trinta e sete), há uma seção denominada “Agremiações do ginásio” e uma menção ao Grêmio Ruy Barbosa e ao Grêmio José Alencar. O primeiro tinha como presidente Maria do Brasil Jardim; a secretária era Maria Lúcia Falcão; a oradora, M. Helena Oliveira. O segundo tinha na sua presidência Maria Carolina Toni; como secretária, Diana Galiza e, como oradora, Júlia Batista. Nota-se um modelo de grêmio menos complexo, pois tem apenas três integrantes cada um deles.

Em seguida, ainda na mesma página e início da página seguinte, há o texto intitulado “A jovem, a leitura e o cinema”, de M. do Brasil Jardim, aluna da 4ª série A. Ao lado vê-se a fotografia de uma menina branca, de cabelo curto, de vestido. Nele, a autora fala um pouco dos anseios da adolescência e de sua imaginação, o que pode levar à escravidão; também atenta para a importância da leitura, para o cuidado com o cinema – que pode produzir estragos no caráter – e convoca suas colegas a não dormirem, vendo tal apelo como súplica do próprio divino Mestre. Numa leitura religiosa que não é diferente dos demais textos da Revista, encontramos palavras suas que dizem: “Façamos contra esses dois inimigos da juventude incauta, uma guerra contínua e teremos exercido um grande apostolado” (JARDIM, 1953, p. 38).

Abaixo, até a página 39 (trinta e nove), há um resumo do livro “Rumo a (sic) cultura, do Pe. Luiz Ribolet”, de autoria de Diana Soares Galliza da 3ª série A. Como ilustração há um

desenho de vários livros. Este autor é apresentado como pedagogo francês que prescreve conselhos sobre trabalho intelectual; os detalhes da vida daqueles que são considerados como grandes homens e que vê suas qualidades como sendo dom de Deus.

Ainda na página 39 (trinta e nove), última página da Revista, há o texto “Histórico de meu Colégio”. A ilustração se encontra antes do texto e se trata de uma fotografia da escola. Não há autoria, como é comum entre os textos das religiosas, provavelmente para enfatizar o caráter institucional. Reconhece-se que, como no início do texto, a última fala também é da instituição, que busca fazer memória do seu passado para que se gere uma identidade entre aqueles que lerem essa Revista.

Também são publicados diálogos entre uma aluna que atendia ao padrão da instituição e uma aluna “rebelde”, a fim de servirem de base na compreensão dos valores que a instituição queria passar para as crianças. Esses diálogos também permitem se identificar, na sutileza dos textos, formas de resistência presentes nas entrelinhas de cada fala.

Novamente atenta-se para a necessidade de se estudarem tais fontes por representarem as condições de formação de uma estudante religiosa nos anos 50, o tipo de educação que lhe é imposto, sem deixar de levar em consideração, em diálogo com a abordagem de Certeau (1998), as aberturas que ela possui no seio desta instituição, mediante as necessidades do seu tempo e as solicitações de seus pais.

A reprodução de ideais de família, de ideal mariano católico e de patriarcado está presente a todo tempo nas entrelinhas dos discursos daqueles que escrevem de forma naturalizada na edição nº 3 da Revista *Flama* de 1953, que estava no seu segundo ano de circulação. Cada depoimento traz consigo parte do tipo de educação repassado pelas freiras e pelos seus pais.

Como a maioria das alunas que escreviam na Revista já estavam cursando o ensino clássico, é nítido que suas colocações fazem parte de uma educação que é apreendida ainda nos anos 40, uma vez que os pais costumavam matricular as alunas desde o jardim da infância até o ensino clássico nessa instituição. Dessa maneira, as colocações presentes nesta Revista não indicam uma lógica de ensino exclusiva do ano de 1953, mas de todo um aprendizado que se inicia nos anos 40, ou seja, durante a infância das então adolescentes que lá chegaram.

Uma forma inusitada de descobrir o passado do Colégio Lourdinhas foi encontrada através da rede social Orkut. Apesar de esta rede social estar em desuso, foi possível coletar dados de alunas que estudaram nas décadas de 50 e 60 que, curiosamente, descreveram a Escola e buscavam saber notícias de colegas que estudaram na sua época. Na rede social Orkut, teve-

se a oportunidade de identificar os laços identitários entre mulheres que estudaram na instituição no decorrer dos anos 50 e 60.

Vale salientar, particularmente, a menção à profissão dos pais das ex-alunas e os seus respectivos sobrenomes. Entre todas as famílias mencionadas, destacou-se especialmente a família Maribondo, por ter quatro irmãs que estudaram na instituição e se pronunciaram na comunidade de ex-alunas do referido Colégio.

Os fios das narrativas das ex-alunas foram ressaltados para se apresentar, a partir de suas memórias, expostas em redes sociais, os laços identitários que as unem até hoje, a rigidez da escola e o seu significado para a sua formação. O destino profissional de cada uma delas diz um pouco sobre a maneira como a instituição as preparou para conseguirem ter experiências pessoais exitosas. Viu-se, em suas publicações no Orkut, como a base católica também aparece sedimentada em cada fala.

A partir de Halbwachs (2006), observa-se como o compartilhamento de memórias de cada ex-aluna em uma rede social evidencia a memória da percepção, em que é reconstituído o ambiente que várias pessoas frequentaram. No caso aqui específico do Orkut, ela se apresenta de forma mais plausível, pois, enquanto uma pessoa traz certas recordações para a rede social, outras mulheres que viveram na mesma época dizem lembrar-se de tais cenas, acrescentando outros elementos e fazendo com que se observem, na prática, como o passado, que aparentemente é particular, é compartilhado por outras pessoas que frequentaram a mesma instituição escolar e que vibram em uníssono com esse compartilhamento, às vezes de forma imperceptível.

Como fundamenta Halbwachs (2006), de forma não notória para elas, as ex-alunas, nas redes sociais, expressam consigo os valores religiosos, o grupo social a que pertencem e os ensinamentos em comum que receberam. A rigidez e a disciplina são características perceptíveis no discurso de cada uma delas e consideradas como ponto positivo na educação, visão esta que parte de sua própria noção de mundo e que está internalizado de tal forma que aparenta ser uma visão particular. A resistência a esta visão também é explicável por Halbwach e é tida como originária de novos ambientes e visão de mundo diversa a que algumas delas tiveram a oportunidade de acesso.

A ansiedade por encontrar pessoas que estudaram na instituição entre os anos 50 e 60 fez com que algumas mulheres criassem um anúncio para facilitar essa busca.

A rigidez institucional é algo perceptível em cada um dos discursos que se faz presente também nas redes sociais, conforme se constata na fala de Thereza Oliveira:

Sou uma ex-aluna dos anos 50, da época da IRMÃ MARIA ALICE, NÓS TINHAMOS MUITO MEDO DELA, O RIGOR ERA GRANDE. LEMBRANÇAS DE UNS BOLINHOS COBERTO DE CHOCOLATE, QUE EU ADORAVA. ANDEI MUITO DE ÔNIBUS, ONDE ÉRAMOS COLOCADAS DUAS SENTADAS E DUAS EM PÉ NA FRENTE, NÃO DÁ PARA ESQUECER ESSA ARRUMAÇÃO. LEMBRO DA CAROLINA TONI. MARIA DA PENHA DELGADO, ISÍS DO ABIAY, E TANTAS OUTRAS. SÓ SEI DIZER QUE FORAM BONS TEMPOS.

A disciplina tão notória nos documentos da instituição pode ser observada nas pequenas coisas, inclusive no transporte escolar, e aparece de forma nítida na fala da ex-aluna. Esse depoimento, de fato, ilustra aquilo que os documentos só manifestam nas entrelinhas, pois, com espontaneidade, a ex-aluna se refere ao medo que todos tinham da diretora. O disciplinamento e a domesticação vão além dos corpos, atinge a liberdade moral, espiritual e a subjetividade dos sujeitos. Assim, as regras, os princípios, os gestos, a vida metódica, a resignação, a humildade e a dedicação são naturalizados tal como a hierarquia, as regras de comportamento e o silêncio que compõem a lógica da dominação que é interiorizada.

Outro fator notório desta época era a questão da condição social, que aparece marcadamente no discurso de uma ex-aluna Zoraide Oliveira, do ano de 1955: “sou do ano de 1955. Neuza, gostaria que voce ajudasse a encontrar alguem da turma de 1955 lembro de Fatima Peixoto, Marcia Silva (filha de Dr. Isaias Silva, Miriam Celeste, Elonora e muitas outras”(sic). Atenta-se aqui para o fato de Márcia Silva ser filha de Dr. Isaías e da aluna guardar em sua memória tal recordação.

Neusa Martins Gomes suscita feedback das colegas do Colégio ao questionar “quem era da turma de 1958 e expressão o desejo de reencontrar as colegas da turma de 1958 como Maria Luiza Rotta, Liana Granville, Penha Santos Coelho, Raquel Nicodemos, Doris Minervino, Rejane Dinoá, Maria Lúcia Araruna, etc. E a história da Cantina (Pastel de Vento)” (sic).

A introdução da história da cantina demonstra uma recordação que é só delas e que a vivência para além do espaço da sala de aula tem um lado marcante para as suas vidas. Os sobrenomes marcaram de tal forma a identidade da instituição que as alunas se recordam mesmo passados cinquenta anos. Retoma-se a ideia de como as pessoas são distinguidas pelos sobrenomes, situação valorizada por cada uma delas.

Sobre os anos 60, destaca-se o depoimento de Florisbela Campos, pois narra cenas do cotidiano da instituição:

Estudei nas Lourdinias de 1963 até 1969 e fiz parte do Coro do Colégio. Dos coristas da época acho que ninguém esquece do nosso regente professor de matemática Maurício Gurgel, e da irmã Adélia com inglês da música tema do filme a Noviça Rebelde. Éramos bem afinadinhas Ah! Ah! Ah! É sério.

Atualmente moro em Recife, sou nutricionista e sou professora na UFPE. Caso haja realmente um encontro não perderei. Beijos e saudades. (sic)

Maurício Gurgel e Irmã Adélia são exemplos de pessoas lembradas pela ex-aluna, que demonstra que a sua participação no Coro e a música em si marcara a sua infância. Essa situação torna nítido o significado da introdução da música na escola para a sua vida, pois, mesmo passado tanto tempo, esta lembrança permanece em sua memória de forma nítida e saudosista. A atual condição de Florisbela Campos como professora da Universidade Federal de Pernambuco demonstra o seu preparo profissional e a contribuição da instituição privada, de cunho elitizado, na sua formação.

A lembrança do coral também é observável no depoimento de Rachel Maribondo, ao fazer a seguinte afirmativa:

Fiz parte do coral sob a regência do professor Mauricio. Como meu marido canta em coral até hoje e é regente, as vezes o reencontro aqui em Natal no ENCONAT. Fico muito emocionada. êle faz parte da minha história pois êle e a esposa cantaram no meu casamento (MARIBONDO, 2010) (sic).

A ligação até a atualidade com o professor Maurício Gurgel, por parte de Rachel Maribondo, ao ponto de ele cantar em seu casamento, sinaliza a consolidação dos laços identitários com a instituição e a recomposição de um passado em que o coro tinha um lugar especial.

Aos poucos consegue-se compor a história da instituição a partir dos personagens lembrados pelas próprias alunas que marcaram sua vivência escolar. É interessante destacar que o depoimento de uma delas mobiliza o grupo de tal forma que muitas a reconhecem como colega de sala. É o que se vê na fala de Irenilza Naas:

Também estudei nas Lourdinias
Estudei nas Lourdinias desde o Jardim até o final do ginásio, em 66. Gostaria de ter contato com algumas colegas da época. Meu nome de solteira era Irenilza Baracho de Alencar. Hoje vivo em Campinas, SP, mas vou com frequência ao Nordeste e adoraria rever algumas colegas (NAAS, 2007) (sic).

A ida com frequência ao Nordeste e a permanência na instituição durante a infância e adolescência preconizam duas questões implícitas neste discurso: a sua condição financeira privilegiada e a influência da instituição escolar na sua formação. Concomitantemente, o desejo pelo reencontro mostra o sentimento de identidade com o grupo de ex-alunas de algumas famílias que compuseram o cenário da sua infância e adolescência.

O laço identitário e a ânsia pelo reencontro são perceptíveis também no depoimento de Regina Maciel que afirma: “Estudei na Loudina até 1966. Aqui já pude rever duas contemporâneas, a Irenilza e Daisy. Qualquer ex-aluna dessa época que entrar nessa comunidade, entra em contato comigo tá? Gostaria de reencontra-las” (sic).

Porphiria Maribondo deixa um recado para sua colega de infância Irenilza, de forma emocionada, apontando as relações sociais existentes naquele espaço e como os laços de amizade marcaram a vida de cada uma dessas mulheres, pois tiveram como traço comum o fato de terem estudado no Colégio Lourdinhas:

Irenilza,

Só pode ser voce, apenas uma Irenilza conheci, se voce é quem eu penso que seja, estudamos juntas durante 10 anos, na mesma sala. Éramos muito próximas...lembra de Gracinha Camelo, Lyra, Graça Navarro, Rolim e outras... Sinto muita saudade ... não tive mais notícias de ninguém, hoje moro em Natal, sou mãe, avó, ainda trabalhando muito e amando o que faço... Irenilza Baracho de Alencar, era esse o seu nome? (MARIBONDO, 2010) (sic).

Nesta rede de relações sociais, vê-se que algumas delas mantêm contato até os dias atuais, pois Graça Lyra (2008) afirmou:

Recado para Porphiria

Olá,

Como vc citou muitas "Graças" eu sou a Lyra. Ano passado fizemos um encontro e foi maravilhoso, conseguimos quase 40 colegas. Tentei te achar mas não consegui. Tentei deixar recado no seu ORKUT mas tbém não consegui.

Bjs

Esses encontros demonstram o laço das ex-alunas da instituição, o que proporciona o desejo de diálogo para conversar sobre estas memórias em comum. O saudosismo faz parte do discurso de cada uma delas que compartilha nas redes sociais suas lembranças.

A linguagem informal própria das redes sociais é perceptível apenas em algumas ex-alunas e preconizam sua adequação aos tempos atuais, condicionadas às regras (ou à falta delas) desses novos veículos de comunicação.

A seguir, apresentamos a análise de alguns aspectos da convivência de ex-alunas neste espaço escolar, a partir dos depoimentos dos livros comemorativos.

Sublinha-se a presença das filhas de Dr. Cypriano Galvão e de Ana Maribondo Bezerra da Trindade, por se tratar de uma família tradicional que tinha o costume de manter o casamento

entre primos e cujos sobreviventes, em sua maioria, residem em Natal-RN. Todas as informações aqui publicadas foram obtidas com o irmão dessas mulheres, que é poeta e tem um site dedicado às memórias de sua família⁸⁰. Ele também estudou em uma instituição religiosa, ou seja, no Colégio Pio XII. De todos os seus poemas, algo voltado para o respeito aos antepassados merece ser ressaltado:

Quando nos chegávamos, de pé no alpendre, nos esperava.
Era sua maneira de mostrar a sua recepção.
A todos nós ele tratava com muito carinho.
Por duas vezes ao ano a paz do engenho era invadida
Por um monte de crianças, sorrindo, correndo, gritando.
Garanto jamais existiram umas férias tão querida.
Lembrando-me dos meus avós e falando da nossa história.
Hoje para todos vocês, filhos e netos, eu quero pedir.
RESPEITEM AOS SEUS AVÓS, RESPEITEM AOS IDOSOS.
Saibam que, para vocês, a vida ainda sorrir.
E daqui a alguns anos, quando AVÓS, vocês serão.
Dos ensinamentos de seus Avós vão se lembrar.
Vão ensinar a vocês como devem tratar os seus netos.
E PARA SEMPRE, OS SEUS NETOS VÃO LHES AMAR (MARIBONDO,
2016) (sic).

Rachel, Porphiria, Ana (falecida) e Francisca Maribondo são, portanto, exemplos de mulheres originárias de uma família tradicional, em que o casamento de primos era incentivado, e que viram no Colégio Lourdinias referência para o público feminino. Isso justifica por que duas delas permanecem buscando encontrar suas colegas de turma, mesmo passados mais de cinquenta anos. Trata-se de laços perceptíveis nas gerações posteriores como será visto adiante.

5.3 RELIGIOSAS, MULHERES DO LAR OU DO LER? FORMAÇÃO FEMININA NAS DÉCADAS DE 60 E 70

Após se apresentarem algumas fontes da década de 40 à década de 60, parte-se para uma análise sobre o modelo de educação destinado às mulheres nas décadas seguintes.

⁸⁰ Veja-se: < <http://www.recantodasletras.com.br/homenagens/5705856> >

A continuação da inclusão da década de 60 se deu porque as mulheres aqui em evidência iniciaram seus estudos na instituição durante este período, finalizando-os na década posterior. É o caso de Nadja Palitot que, tal como as irmãs Giselda e Glauce, é uma personalidade de destaque nos dias atuais, tendo seguido o ramo da advocacia e da política. Ela é exemplo de que as Irmãs também formaram mulheres para a vida pública, e seu depoimento demonstra essa peculiaridade.

Assim, trouxe-se sobre esta década três perfis femininos que indicam o tipo de educação religiosa promovido pelas freiras no Colégio Lourdinhas e que nos dão uma noção de como este tipo de ensino foi capaz de contribuir na formação de diversas personalidades.

Os depoimentos das ex-alunas abrem espaço para aprofundar os conhecimentos sobre as relações sociais existentes, as lembranças mais comuns daquelas que fizeram parte do passado deste grupo social e, assim, apresenta noções da história do Colégio Lourdinhas.

A análise criteriosa de cada fala dessas ex-alunas corrobora a visão de que o Colégio Lourdinhas é mais que um prédio, já que produz memória ao ponto de muitas mulheres buscarem, em redes sociais, outras que estudaram na instituição no mesmo período em que elas estudaram. Há, nessa instituição, um grau de complexidade notório, observado na maneira como ela busca se adequar à realidade do seu público alvo com o passar dos anos.

O passado de cada ex-aluna, que parece ser particular, é familiar à maioria das ex-alunas. Suas lembranças estão diretamente ligadas a um grupo social. Apesar de sofrerem a influência de um meio social, esta não é sentida diretamente, e a tendência é que as ex-alunas relacionem tais recordações a uma experiência particular.

A intensidade das influências que estes grupos sociais sofrem é tão intensa que Halbwachs (2006) chega a afirmar que todos são um “eco” e as falas partem sempre do ambiente que se frequentam e do grupo social a que se pertence.

Cada fala, portanto, foi examinada tomando como base esta perspectiva de grupo social que compartilha entre si um passado comum, que atravessa gerações de maneira quase imperceptível. As mudanças de pensamento dessas mulheres de gerações diferentes também são justificáveis por serem todas elas influenciadas por ambientes frequentados e da diversidade de suas experiências. Dessa forma, há também histórias de resistência presente neste grupo social.

As permanências na fala de cada uma delas e os pontos em comum demonstram, contudo, que há características de um grupo social que se perpetua e, no caso específico, é notório que todas essas mulheres fazem parte de algumas famílias que têm o Catolicismo como fundamento religioso.

Nadja Palitot nasceu em 1958 e estudou no Colégio Lourdinas durante toda sua vida estudantil. Dessa maneira, supõe-se que, por ter nascido nessa data, iniciou os seus estudos nos anos 60 concluindo nos anos 70.

Tal como Giselda Dutra, a ex-aluna também teve filhas matriculadas na instituição, o que evidencia o costume de algumas famílias paraibanas de destinar a educação feminina a um colégio de freiras dedicado, especialmente, a um público que, em sua maioria, tem relevante poder aquisitivo.

Nadja Palitot, em seu depoimento sobre os 50 anos da instituição, além de ter a mesma preocupação que se viu no depoimento de Glauce Burity por trazer o passado da instituição nos anos 40, destaca a evolução do Colégio Lourdinas afirmando que:

[...] As Lourdinas nos fala de cultura e de uma educação primorosa e atualizada, pois é um colégio religioso, mas não vive de um passado obsoleto, ao contrário, durante o ano se debate temas novos e contemporâneos, as crianças participam *em primeiro lugar de atos religiosos, depois dos dias cívicos e das festas populares*. Nestas ocasiões apresentam-se no palco e desta forma a criança perde a timidez, e aprendem a trabalhar em grupo (grifo nosso, SIC, PALITOT, 1990, p. 25) (sic).

Apesar de buscar mostrar a faceta inovadora da instituição, a primazia pelos atos religiosos, dias cívicos e festas populares, apresentadas por ela, preconizam uma postura típica de um ensino tradicional. Além disso, a educação pautada na apresentação do palco é própria do ensino jesuítico que, possivelmente, inspirou as religiosas a desenvolverem tais atividades.

Essa busca da advogada por mostrar o caráter moderno da instituição é perceptível ainda quando ela se dirige para as Lourdinas como “templo de Deus e da própria educação, que se adapta ao tempo, sem radicalismos absurdos, porém aproveitando a *evolução social, o que de bom ela traz para a sociedade*”.

Na fala de Palitot (1990), é visível que há uma busca por mostrar a evolução social de forma comedida, ou seja, aquilo que ela julga como sendo positivo para a sociedade. Isso evidencia que nem tudo que é considerado moderno é adotado pela instituição, que mantém um viés católico e destinado a um público feminino.

Essa ideia de um ensino evoluído, porém com seus limites, agrada à ex-aluna de tal forma que ela afirma que é o modelo educacional que ela destinara na ocasião às filhas e, posteriormente, às netas, no momento em que ela comenta:

Tenho tantas e maravilhosas recordações das Lourdinas, tão doces quanto as mangueiras que assistiram minhas correrias, presenciam hoje minhas filhas e

com certeza sob aquelas mesmas sombras tão refrescantes das frondosas árvores caminharão meus netos (PALITOT, 1990, p. 25). (sic)

A organização impecável e a limpeza europeia são pontos enumerados como parte do cotidiano da instituição, tanto em sua época como na das suas filhas, assim, como o pé de manga que fica no pátio da escola. A mangueira faz parte do cenário da sua infância e marca a vida de suas filhas, o que demonstra novamente a possibilidade de conhecer o espaço escolar em seus detalhes, a partir do depoimento das ex-alunas. A narrativa de alguém como aluna e mãe de aluna dá forma àquilo que ela vivenciou no passado e que permanece no presente.

A ideia de organização e de limpeza traz aspectos do cotidiano escolar que são próprios de uma instituição de cunho religioso, advinda da França, durante muito tempo vista como capital da nobreza. E é este ar nobre que provavelmente chama a atenção da ex-aluna que faz a seguinte constatação: “O colégio Nossa Senhora de Lourdes, continuação dos nossos lares e as Irmãs complementação dos nossos pais” (PALITOT, 1990, p. 25).

Essa afirmativa sugere indiretamente aquilo que buscavam os pais nos anos 40 ao insistirem na mudança do Colégio para um lugar mais amplo, ou seja, o apoio de uma instituição que complementasse a educação doméstica, trazendo valores próprios de sua classe social e religião. Também dissemina o significado da instituição para as suas vidas e aquilo que eles almejavam, já que, na fala da ex-aluna, há a perspectiva de que o Colégio seja a continuação dos lares de suas filhas e as Irmãs como complementação dos pais.

Um fato interessante é rememorado por Nadja Palitot (1990) nos fazendo observar não apenas o caráter tolerante das Irmãs, como ela tenta enfatizar, mas o próprio questionamento de um aluno diante do ensino oferecido:

Recordo-me, por exemplo, de uma prova de matemática cuja matéria era de trigonometria eu que nunca tive sedução alguma pelos números não sabia da prova simplesmente nada; pois bem, achei que não devia entregar a prova em branco, então mirando as mangueiras, comecei a escrever uma redação criticando a “importância” daquela matéria e sobre os problemas da época, lembro-me de ter falado sobre a cura do câncer e os projetos espaciais dos E.U.A, e a falta de utilização para mim da tal Trigonometria. Entregue a prova qual não foi minha surpresa ao vê-la afixada no jogral onde estavam as notas, e recebi calorosos parabéns das freiras e das colegas (PALITOT, 1990, p. 25).

A maneira como a ex-aluna se comportou diante das religiosas foi desafiadora e indicadora de uma postura de resistência diante do modelo educacional imposto. Os parabéns das colegas preconiza o apoio a tais indagações sobre a utilidade dos conteúdos estudados. Dessa forma, como em toda instituição, nem tudo que as religiosas buscam mostrar de forma

ideal sobre seu passado é, de fato, real. Há, sim, questionamentos à ordem imposta e há também maleabilidade por parte das freiras, a fim de conquistar a aluna.

A postura de incentivo das freiras comoveu muito a aluna e marcou a sua vivência profissional. Isso significa que, por maior que seja o caráter tradicional do modelo educacional vigente, ele, de fato, se adequa à realidade do seu tempo e à resistência dos alunos, a fim de que consiga permanecer atendendo aos seus clientes. Essa postura compreensiva surpreende a ex-aluna, que comenta:

Isso foi muito importante para mim, foi um enorme incentivo, hoje eu escrevo sobre o Colégio com muito prazer e honra, pois as Lourdinhas me deu condições de preservar e desenvolver meu potencial, não fui reprimida nem punida, fui compreendida no meu desabafo escrito, e mais, fui estimulada. Contudo a felicidade não é *completa fiquei em 2ª época em matemática, perdi as férias mas enfim passei, tudo no entanto valeu a pena, estava assim consolidada minha vocação* (grifos nossos, PALITOT, 1990, P. 25). (sic)

A comoção por terem publicado a sua redação e a parabenização das freiras comoveram tanto a aluna que ela nem levou em consideração o fato de não ter tido férias por conta disso, ficando em “segunda época”. De fato, a surpresa de Palitot (1990) está vinculada a uma postura inesperada por parte das freiras. Como ela evidencia em seu discurso, fica feliz por não ter sido reprimida, e isso torna explícito que esta era, de fato, a atitude que ela esperava. As freiras não foram para o confronto. Enquanto a aluna usa sua tática para subverter a ordem (a prova), as freiras usam suas estratégias. Tal situação corrobora a ideia de que: “Muitas vezes, as memórias das pessoas ocultam os conflitos e salientam os aspectos mais saudáveis e saudosos de suas experiências escolares” (GATTI Júnior e GATTI, 2015, p.339-340).

No caso de Nadja Palitot, o seu próprio saudosismo leva a uma apresentação indireta dessas relações de conflito entre freiras e alunas, de modo que, mesmo elogiando o texto da aluna, existiu uma punição no momento em que ela deixa de ter férias para fazer os exames de segunda época.

Além disso, mesmo sem saber a reação das religiosas diante do seu desabafo, ela escreve, e isso demonstra que ela, de fato, resistiu à obrigatoriedade por estudar algo, que a seu ver, não teria utilidade. É interessante que a ex-aluna fala que a atitude de acolhimento das freiras consolidaria a sua vocação e, provavelmente, ela está fazendo referência à sua atuação como advogada criminalista.

A percepção da influência do modelo educacional do Colégio Lourdinhas na sua vida profissional e a visão das freiras como pessoas que estão aceitando a evolução social sugerem o silenciamento diante de uma educação voltada também para a educação doméstica.

O caderno de uma aluna da década de 1970 é uma importante fonte para se conhecer a educação voltada para o lar, nesse período. Essa fonte ilustra a valorização da educação para o lar e para o casamento. Assim, observa-se que, independente dos espaços que ocupam na sociedade como profissionais, as meninas precisavam saber as atividades domésticas.

Unia-se o aparato legal da época às questões estruturais da escola – conforme informações fornecidas pela Irmã Rosana Valéria, já apresentadas no capítulo anterior – para dar sentido a uma educação destinada ao público feminino, cuja base religiosa católica tinha caráter peculiar durante a Ditadura Militar, condizente também com a mudança da matriz curricular da época, como se verifica no boletim da ex-aluna, podendo ser comparada com outras fontes de cunho nacional.

Compreendendo o ser homem e o ser mulher, pode-se compreender a motivação para um caderno conter consigo noções básicas sobre cada parte do lar, o jantar de noivado e o casamento. Além disso, a preparação para se ter um filho e os cuidados com sua educação. De antemão, se observa neste caderno como:

A esfera pública de uma forma geral foi identificada como o locus do indivíduo, onde este indivíduo na busca do bem comum contribui para o bem geral. Enquanto a esfera privada foi identificada como o espaço do amor e da afeição. De certa forma, a esfera pública é o espaço da razão enquanto a esfera privada é o espaço por excelência da família. Ou seja, cabe confinar a mulher no espaço privado e é neste locus que se realizam a socialização dos filhos, atividade praticamente identificada ao papel da mulher. Nessa perspectiva, as mulheres passam a ser “naturalmente” confinadas à esfera de vida privada (AGUIAR, 2007, p. 85). (sic)

Estas fontes suscitam questionamentos sobre o porquê de as mulheres aprenderem na 7ª série as atividades domésticas, os detalhes da festa de casamento e sobre como educar os seus filhos, dando pistas para que se reflita sobre como, nesse período, o cuidado com o lar era exclusivamente feminino.

A classe social também aparece de forma implícita no momento em que se pensa a quantidade dos cômodos de uma residência e o conhecimento das famílias no dia do noivado. Essas questões de classe demonstram identidades entre as famílias que educaram suas filhas em uma instituição educacional religiosa.

Figura 62 - Capa do caderno de Cristina Cavalcanti (1976)



Fonte: Cavalcanti (1976)

Intitulado “Educação para o lar”, o caderno de 7ª série de Cristiane Lima Cavalcanti mostra o desejo das religiosas em fazer dessas mulheres donas de casa exemplares⁸¹. Esta situação não significa que a instituição não preparava as mulheres profissionalmente, como se constatou na trajetória de Glauce Burity e de Nadja Palitot, mas que também via o ambiente doméstico como sendo tipicamente feminino.

O incentivo para o cuidado com o lar, na abertura do caderno, já se faz presente ao trazê-lo como “ninho de amor”, o lugar onde o amor “desabrocha, cresce e vive na sua plenitude: ternura, carinho, compreensão, carinho, doação e aceitação” (CAVALCANTI, 1976, p.1).

Essa noção de lar ensinada na instituição dá uma visão de uma educação em que se valoriza a formação da família, cuja égide está relacionada a uma educação tradicional pautada na padronização de estrutura de algumas famílias católicas, confiada às religiosas. Ao descrever a função da mulher no lar, é ensinada uma lógica patriarcal em que os papéis sociais cabíveis ao homem e a mulher estão bem sedimentados, pois se afirma que: “é grande, nobre, sublime, decisiva a função da mulher no lar. Ela faz pensão luxuosa, da simples vivenda, e mesmo da choupana o lar mais querido” (CAVALCANTI, 1976, p.2).

A ideia de passividade da mulher, incutida no discurso registrado no caderno, é evidente no momento em que se pede à mulher a aceitação das qualidades e limitações do seu marido e dos seus filhos. Os afazeres domésticos são apontados como sendo de sua obrigação, ao se

⁸¹ A Professora de Artes Isolda Soares da Silva ministrou a disciplina Trabalhos Manuais e Artes Aplicadas por quarenta e quatro anos no Colégio Lourdinhas. Enquanto ela preparava as meninas para serem donas de casa, os meninos eram preparados para o mundo do trabalho. Assim, ela preparou este caderno com as discentes e orientou as meninas para o casamento. NASCIMENTO, Erinaldo Alves. O Colégio N. S. Lourdes, o ensino de artes visuais e Dona Isolda. 9/09/2008. Disponível em: < <http://envolvartes.blogspot.com/> > Acesso em: 10/05/2018

ponderar como dever feminino: [...] preparar o prato de que o filho gosta, coser a blusa desejada para a filha, tricotar a malha que aquece o nenê, preparar o cafezinho para o marido, arranjar a sala de reunião da família com gosto procurando a melhor combinação de cores [...] (CAVALCANTI, 1976, p.2).

Considerado como pequeno paraíso, o lar é considerado como ambiente onde todos crescem. Cabe, nesta perspectiva, a dona de casa consultar Revistas sobre arte e decoração. As ilustrações trazem para as alunas da 7ª série uma idealização do ambiente doméstico e o desejo das freiras por elas se tornarem donas de casa exemplares, como a sociedade patriarcal exigia.

Figura 63 - Recorte de Revista no Caderno que faz alusão à limpeza das roupas como responsabilidade feminina



Fonte: Cavalcanti (1976)

As orientações anotadas sobre os afazeres domésticos pedem das alunas, cuja faixa etária era de 13 a 14 anos, o ânimo para executar serviços como lavar e passar roupas, destacando tal papel como sendo cabível a uma esposa para que possa agradar seu marido e filhos.

Ao se voltar para a importância do lar, destaca-se como sendo este o local onde o homem passa grande parte do seu tempo a fazer suas refeições e repousar, daí se reforçar a ideia de que cabe à mulher cuidar da casa. Traz-se, portanto, a necessidade que a mulher tem de viver em função do seu cônjuge, já que é pela sua permanência no ambiente que se justifica o cuidado que elas precisam ter em relação a esse aspecto.

A higienização e o arejamento são pontos destacados pelas Irmãs como fundamentais para se ter um lar agradável. A iluminação natural, a partir das janelas e outras aberturas, são orientações que indicam a preocupação de preparar as mulheres para o casamento. Com ilustrações do terraço, indica-se para as pré-adolescentes a importância de uma ventilação natural.

A luz velada por abajur na mesa de cabeceira do quarto, a luz projetada para a pessoa no banheiro são exemplos de dicas presentes no caderno de Cavalcanti (1976), ao se tratar do

item *Iluminação*. Além disso, a manutenção de reservas de velas e lampiões são orientações que fazem o público feminino estar atento para cada detalhe necessário para um lar, já que se viam nelas futuras esposas e mães de família, logo responsáveis por uma casa.

Ao falar sobre a necessidade de ordem, método e limpeza da casa, destaca-se que cabia a cada membro zelar pela aparência e ordem geral da casa. É interessante como se descreve um modelo de casa e as estratégias por organizá-las, pois traz a ideia de que todas as alunas moram em casas de primeiro andar, em que se localizam em cima os quartos, banheiros e terraços e na parte de baixo, a sala, a copa, o escritório e a cozinha. Tal descrição evidencia o público que atende à instituição, ou seja, as ricas famílias pessoenses. Sobre a organização, orienta-se que a limpeza deveria ser realizada na parte de cima nas quintas-feiras, na parte inferior nas sextas e externamente aos sábados. Quinzenalmente deveriam ser arrumadas gavetas e prateleiras.

Diariamente, era orientado às alunas sobre a necessidade de se passar o aspirador de pó e de se utilizarem inseticidas e detergentes. Sobre o piso de mármore, alertava-se para a necessidade de varrê-lo, lavar com sabão de coco e secar com panos limpos. Além disso, orienta-se ainda a cuidadosa limpeza das escadas. As cortinas e os tapetes também são itens que se deviam manter cuidadosamente limpos com aspirador de pó e, mensalmente, colocados ao sol.

O ambiente mais recomendado no caderno em questão é o quarto, pois é preciso deixar espaço livre e contar com móveis de boa qualidade. As cortinas e as roupas de cama, nesta perspectiva, deveriam ser espanadas diariamente. É interessante que no caderno se detalha como as pré-adolescentes deveriam forrar cuidadosamente suas camas.

Figura 64 - Quarto modelo recortado de Revista por alunas



Fonte: Cavalcanti (1976)

Sobre o quarto infantil se observa ainda uma busca por torná-lo educativo e alimenta-se uma visão de que este ambiente, sendo agradável, é capaz de contribuir com uma autoestima sadia. Veja-se que tal descrição é própria de uma família elitizada, cujo poder aquisitivo permite que tal situação privilegiada seja mantida.

Esta situação privilegiada ainda é observável na presença de uma biblioteca na casa e da raridade de se ter um local específico apenas para isso. Em um olhar elitizado, afirma-se que, apesar da raridade, é inconcebível uma casa sem livros, apesar de a TV e o rádio ocuparem um lugar considerável na vida das famílias.

Figura 65 - Ilustração de Biblioteca no futuro lar das alunas



Fonte: Cavalcanti (1976)

Nas anotações constam que as roupas de cama e mesa refletem a personalidade das donas de casa. Esse pensamento reflete o estigma da mulher como rainha do lar, pois se atribui única e exclusivamente a ela tal interferência.

Figura 66 - Cores de mesa e banho e personalidade feminina



Cavalcanti (1976)

Sobre a cozinha destaca-se o cuidado de se manter as panelas bem areadas e brilhantes e de se fazer uma limpeza geral semanal, como nos outros cômodos da casa. Além disso, escolher cuidadosamente o tipo de produto que deve ser usado para talheres, copos e pratos. O caráter elitizado deste discurso se torna perceptível quando se faz referência aos cuidados com talheres de prata.

Figura 67 - Modelos de panelas areadas corretamente



Cavalcanti (1976)

O tipo de limpeza destinado ao fogão também é cuidadosamente repassado para as pré-adolescentes, que, diante de tantas informações precisavam, na ótica das freiras, conhecer cada detalhe da sua casa, a fim de que fossem boas esposas, segundo os padrões exigidos por uma sociedade patriarcal. Da mesma forma, a limpeza da geladeira, dos armários, da pia da cozinha e dos panos de prato foi descrita minuciosamente pelas religiosas, dando a ideia de que estariam

educando aquelas adolescentes para desempenhar o papel social de donas de casa, conhecedoras do lar.

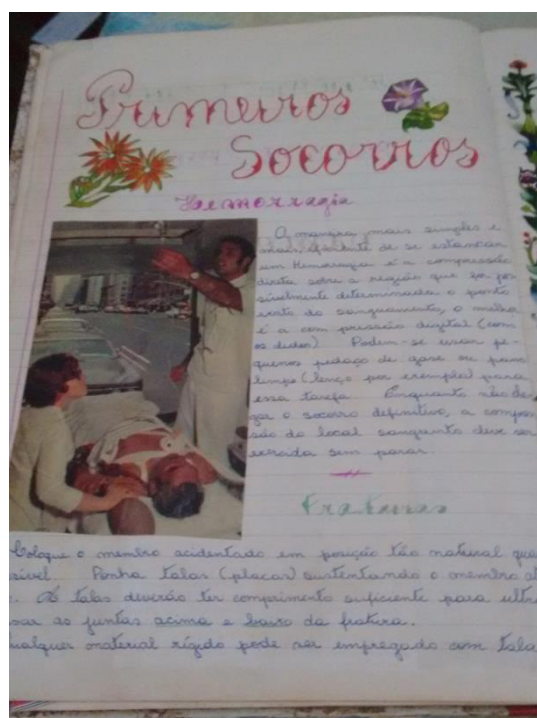
Figura 68 - Limpeza de cozinha e geladeira



Fonte: Cavalcanti (1976)

Informações úteis sobre primeiros socorros em caso de hemorragia, fraturas, intoxicações, contusões e queimaduras são relatadas no caderno, de forma ilustrada e detalhada, a fim de que a dona de casa se responsabilizasse também por garantir que a sua família seja assistida no lar antes de ir até o hospital.

Figura 69 - Recomendações sobre Primeiros Socorros



Fonte: Cavalcanti (1976)

Após este relato detalhado de todos estes itens voltados para o lar, passa-se a pensar em como realizar um jantar de noivado. O fato de este item vir após o conhecimento das responsabilidades de uma dona de casa dá a entender que é apenas após conhecer todas estas informações que se pode pensar no passo do noivado.

Figura 70 - Relações patriarcais - O jantar de noivado



Fonte: Cavalcanti (1976)

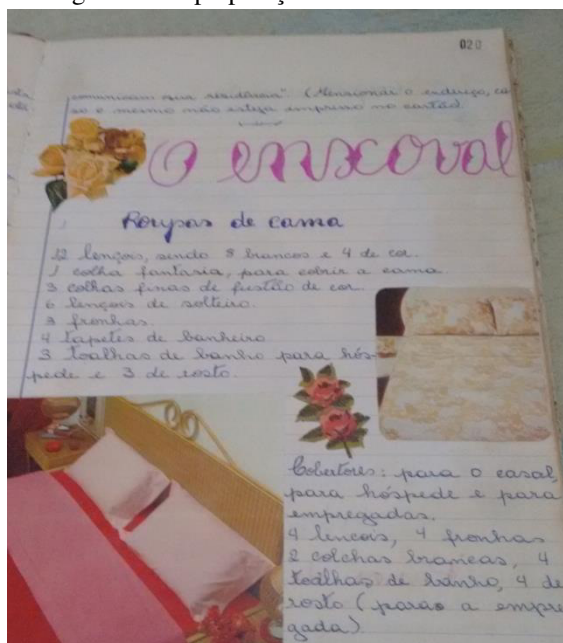
O patriarcado dessas relações é perceptível no momento em que as duas famílias precisam se encontrar previamente, ou, caso morem em cidades distintas, é o pai do futuro noivo que deve se comunicar com a família da futura noiva. A mãe do futuro noivo deverá se comunicar apenas em caso de falecimento de seu pai. Esse privilégio da figura masculina do pai sugere que o assunto do casamento é de responsabilidade do homem, cabendo à mulher apenas aguardar que as famílias se comuniquem.

Em caso da necessidade de hospedagem do noivo ou da noiva na casa dos sogros, a sogra deverá receber flores como presente. O jantar do noivado contará apenas com a presença da família e dos amigos mais íntimos dos noivos. Orienta-se que deverá ser servida, após o jantar, uma sobremesa e que os noivos devem sentar-se juntos.

Apresentando normas de conduta, as freiras orientam que os presentes de casamento deveriam ser entregues na casa da noiva. Esta situação sinaliza a ideia de que caberá à noiva a organização de sua casa e que esta ideia é naturalizada no discurso da época. Os noivos deverão agradecer com cartão cada um dos presentes recebidos.

De forma tradicional, orienta-se à noiva sobre a quantidade de peças necessárias de um enxoval e que se bordem as iniciais do casal, dando preferência ao sobrenome do noivo.

Figura 71- A preparação do enxoval



Cavalcanti (1976)

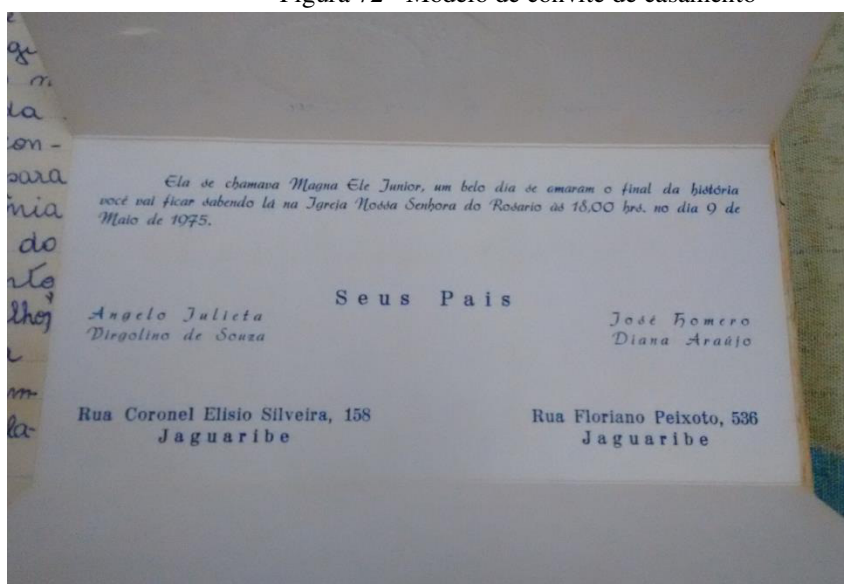
Essa delicadeza de ensinar o que deveria conter no enxoval demonstra o desejo de apresentar para as meninas a relevância de se compreender o significado deste momento e configura-se como orientação a uma noiva que todos esses cuidados fazem parte do código de civilidade, pois nesta concepção tradicional:

A confecção do enxoval é um legado de conhecimento e de segredos do corpo e do coração, longamente destilados. O armário de roupa branca é ao mesmo tempo um cofre-forte e um relicário. A espessura dos lençóis, a finura das toalhas de mesa, as dobras dos guardanapos, a qualidade dos panos de pó tem sentido em uma cadeia de gestos repetidos e enfeitados (PERROT, 2005, p. 38).

A idealização do casamento religioso é notória, ao se ponderar que, mesmo casando no civil, os noivos deviam agir como se ainda fossem solteiros, permanecendo na casa de seus pais.

Consta no caderno, ainda, o modelo do convite de casamento, no qual os pais de ambos convidam para o casamento dos seus filhos. Os convidados, se não pudessem comparecer à cerimônia, precisariam avisar com antecedência.

Figura 72 - Modelo de convite de casamento



Cavalcanti (1976)

Os detalhes da roupa da cerimônia religiosa e o passo a passo do procedimento com os convidados são informados no caderno em questão. Há também uma preocupação em se mostrar como os noivos deverão receber seus convidados durante a cerimônia de recepção. Nota-se, especialmente, que os noivos, com seus respectivos pais, devem ocupar posição central durante a recepção, tendo a mesa como destaque.

Figura 73 - Casamento durante o dia



Cavalcanti (1976)

Ao destacar os aniversários de casamento, se informa que as datas mais comuns que se celebram são as bodas de prata (25 anos), bodas de ouro (50 anos) e bodas de diamante (60 anos).

Também é dedicado item especial aos filhos e à escolha dos padrinhos de batismo. Fala-se que é importante considerar o nível social e de educação dos padrinhos. Esse pequeno trecho apresenta os laços familiares de famílias pelos quais se primava nesta época e que repercutiam na escolha dos padrinhos das crianças.

Orientam-se as adolescentes ainda quanto ao enxoval do bebê e à participação dos familiares quanto ao nascimento da criança. Este procedimento faz pensar a escola como reprodutora de valores sociais a tal ponto que as ações ensinadas na instituição servem como regras de convivência.

O pedido de noticiar o nascimento da criança em jornal social preconiza o lugar que as adolescentes ocupam na sociedade enquanto filhas de famílias que optaram por essa instituição escolar e precisam seguir padrões sociais ensinados pelas freiras.

Cuidados com a higiene da criança e alimentação também são ensinados, considerando que seria dever das futuras mães educar os seus filhos antes de enviá-los à escola, formando o seu caráter, como é mencionado no próprio caderno.

A humildade e o respeito pelos outros são qualidades definidoras dos hábitos morais de uma criança e são incentivadas às adolescentes desde cedo. Esses valores estão totalmente ligados ao catolicismo, uma vez que se orientam as alunas a irem à igreja com sua família vestindo roupa composta. Criticam-se as pessoas que vão para Igreja com intenção de conversar ou namorar, pois este não pode ser tido como lugar propício. Educa-se, portanto, a adolescente para o lar e para a Igreja.

As noções de etiqueta, ou seja, os ensinamentos de como pôr uma boa mesa compõem o discurso do caderno, já que é papel de tal instituição educá-las de acordo com sua classe social. Desse modo, espera-se de uma criança elitizada noções relevantes de como servir um jantar ou um almoço para pessoas tidas como “importantes” para a sociedade.

O destaque para o casamento e para o cuidado com os filhos, ensinados nos cadernos, traz à baila o interesse da instituição em reforçar a ideia de que “A célula familiar, [...] permitiu que, em suas duas dimensões principais – o eixo marido-mulher e o eixo pais-filhos – se desenvolvessem os principais elementos do dispositivo de sexualidade” (FOUCAULT, 2014, p. 102).

Um item especial para as correspondências permite que as adolescentes aprendam desde então a fazer pequenos bilhetes, desejando os pêsames ou parabenizando pelo casamento

de alguém. Isso demonstra que as freiras pensavam na convivência social intensa dessas adolescentes, futuramente, devido ao seu padrão social.

O último item deste caderno assinala uma troca de receitas entre freiras e alunas, que permite a observação do quanto elas eram educadas para aprender os mais variados pratos, a fim de que pudessem dar festas e receber pessoas ditas “importantes” em sua residência.

Embora promotoras dessa educação doméstica, um documento sem data sinaliza, entretanto, o desejo das freiras de trazer uma educação voltada para as mulheres vocacionadas à vida religiosa, que traz a Congregação como verdadeira inspiração para as suas vidas.

Os depoimentos das ex-alunas nas redes sociais e o caderno do ano de 1976 evidenciam que estas mulheres também são na atualidade profissionais, o que denota que, mesmo preparando as ex-alunas para o casamento, estas podiam, sim, trabalhar mediante as exigências da própria sociedade moderna. Isso se torna ainda mais forte nas próximas gerações, ou seja, nos anos 80 e 90, como se pode constatar a partir dos depoimentos a seguir.

5.4 O QUE NARRARAM AS DISCENTES? MEMÓRIAS SOBRE O COLÉGIO LOURDINAS NOS ANOS 80 e 90

É interessante considerar, nos depoimentos de 50 anos⁸² da instituição, a fala de ex-alunas que estavam, na época, no que hoje denominamos Ensino Médio, pois se trata de um grupo que esteve na instituição na década de 80 e que estariam concluindo essa fase na década de 90. Cada fala reforça novamente o ideal religioso da escola e o seu caráter disciplinador, ilustrando, a partir da fala das alunas, aquilo que foi estudado no terceiro capítulo por meio de documentos institucionais.

Danielle C, Soares do Egypto, então presidente do Centro Cívico e aluna do 2º ano do 2º grau, ao prestar homenagem ao Colégio Lourdinias, destaca o longo período que passou na instituição, ou seja, entre os anos 80 a 90, e ressalta três aspectos que são pilares em diversas falas de Irmãs e ex-alunas: “A nossa condição de aluna há mais de dez anos, nos concede um testemunho de *verdade, disciplina e ordem*, como ideal dos que respondem por parte de sua direção, de sua coordenação e dos seus educadores” (EGYPTO, 1990, p.21).(sic)

A verdade, a disciplina e a ordem, em uma leitura foucaultiana, marcam um modelo educacional que se inspira na lógica dos Conventos e no qual transparece um desejo por vigiar os corpos, tornando-os dóceis. O fato de a escola exercer esse papel de educar para o lar, eximia

⁸² Não foi preciso recorrer ao Comitê de Ética, pois as falas estão publicadas nos livros comemorativos.

a família de ensinar, e isso, provavelmente, satisfazia os pais que confiavam na educação religiosa.

A associação entre a formação religiosa cristã com a formação do caráter e personalidade da jovem delineiam uma faceta do modelo educacional que permanece com moldes religiosos basilares de um ensino tradicional, que se moderniza tecnologicamente, mas se solidifica enquanto instituição católica:

Comecei minha vida estudantil neste educandário, aqui nas Lourdinas, onde aprendi as primeiras letras e onde descortinei um novo horizonte em minha vida. Esta Lourdinas que me viu crescer, onde recebi *orientação para formação religiosa cristã, ajudando na formação do meu caráter e personalidade*; pois é aqui que vivo o grande prolongamento dos meus dias (grifo nosso, EGYPTO, 1990, p.21).

O sucesso profissional da ex-aluna é perceptível na sua formação enquanto médica reumatologista e professora da Universidade Federal da Paraíba⁸³, tal qual de outras ex-alunas aqui mencionadas. Isso demonstra um modelo de educação que garante que as alunas se sobressaíam profissionalmente, com ideais de uma classe social com elevado poder aquisitivo e de formação católica.

A professora Regina Nóbrega também fez um depoimento pautado na visão cristã e humanista da instituição, afirmando que lá estudou do 3º ano primário até o ensino científico. Essa busca de colocar ex-alunas como professoras oportuniza a reflexão de como as Irmãs pensavam que o fato de terem laços identitários com a instituição permitia que as regras ali estabelecidas fossem seguidas à risca. Todos estes detalhes são, portanto, verdadeiros mecanismos de controle que visam que a educação religiosa seja transmitida da forma que as religiosas de fato pretendiam.

De um modo geral, percebe-se nesses depoimentos o desejo de enaltecer a instituição por ter feito parte de suas vidas e cujos laços identitários faziam com que permanecessem desempenhando outras funções, gerando, de fato, uma ênfase na educação de cunho católico e com interesse de ser considerada, a instituição, como extensão dos lares. Tal traço está visível nos depoimentos dos alunos que escreveram no ano 2000, quando se produziu o livro comemorativo de 60 anos da instituição.

⁸³ Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4252501J7> Acesso em 24/06/2016.

Os depoimentos do ano 2000 foram mais sucintos, mas demonstram nas suas entrelinhas os mesmos laços existentes entre as estudantes do Colégio Lourdinias.

A então aluna Maria Luiza Leonardo Lima traz, em breves linhas, a importância da instituição para o seu aprofundamento espiritual durante a infância e noções de respeito ao próximo, destacando a figura da Irmã Angelina e dos professores como fundamentais na sua formação. Esta fala sinaliza como é marcante para aluna dos anos 90 a educação pautada nos valores religiosos desde a sua infância. Assim, o diferencial da instituição em relação às demais é a educação católica, que vai além do conteúdo das disciplinas. É tanto que é alvo de destaque pela aluna, pois marca profundamente sua formação como ser humano. Chama a atenção o destaque especial para Irmã Angelina, religiosa que já mencionamos no capítulo anterior, mas que aparece no discurso da aluna como aquela que introduziu noções de respeito para a discente.

Da mesma forma, Mabelle Le Tohic também faz referência aos valores morais e espirituais reforçando a ideia de que estes caracterizam o significado da instituição para as jovens alunas. Esta situação reforça a ideia inicial de que é preciso destacar esta instituição como sendo dotada de valores religiosos para o público feminino, pois tal situação foi o que marcou a vida das então estudantes.

Kessia Nunes do Bonfim afirma que tais valores propagados são fundamentais na formação do seu caráter, trazendo a união e respeito como elementos fundamentais. Ela destaca ainda a saudade da instituição e agradece aos seus pais por lhe terem dado tal privilégio. Transparece-se aqui, na fala da aluna, tanto um laço de identidade com a instituição mediante os valores religiosos transmitidos, quanto um caráter privilegiado de estudar em uma instituição desse porte, destinada a um público seletivo.

Ana Luiza Teixeira Nunes relata, por sua vez, o orgulho de ter sido aluna do Colégio lourdinias, destacando a impossibilidade de se desassociar presente e passado. Esta fala reforça novamente a noção dos laços identitários existente entre as garotas, já que há um discurso de pertença a uma instituição.

Cada um desses depoimentos pode ser exemplo de memórias guardadas pela coletividade que, por sua vez, traz traços comuns referentes às relações sociais estabelecidas em um determinado espaço, ou seja, o Colégio Lourdinias. Os laços identitários entre elas são delimitados por um mesmo padrão de educação vivenciado.

Aqui se confirma a ideia de Halbwachs (2006), já mencionada no capítulo inicial, que diz respeito aos ecos destas adolescentes que, mesmo pensando que sua experiência é única e exclusiva, estão diretamente associadas às suas relações sociais, e isso justifica as falas em comum.

A escolha por estas falas para serem transmitidas nos livros comemorativos também demonstra aquilo que as Irmãs querem comunicar para o restante da comunidade escolar⁸⁴, ou seja, mais que um ensino de qualidade, a instituição escolar traz base religiosa para as suas alunas, se sobressaindo, portanto, às demais escolas laicas. Isso não significa que nesse jogo de relações não existam elementos de resistência e de adaptação, perceptível no estudo de décadas anteriores, como é o caso de uma ex-aluna que se envolve emocionalmente com o professor, casam-se e no ano de 2000 atuou professora da instituição escolar. Trata-se de Alessandra Carvalho Pontes.

A narrativa dessa ex-aluna merece um olhar especial por trazer em depoimento que casou com seu ex-professor e ainda que, naquele ano (2000), passou a ser professora do Colégio em questão. Ela chega ao ponto de agradecer a Deus porque na instituição conseguiu tudo o que queria, ou seja, o seu marido e a sua vida profissional.

Essa fala expõe uma nova faceta da instituição, ou seja, para além do seu conservadorismo, ela se adequa à realidade dos seus alunos e profissionais acolhendo-os de tal modo que a então aluna se tornou professora.

Não está explícito se eles estavam envolvidos na época em que a menina era aluna, mas o fato de esta ter a oportunidade de narrar a sua história em um livro comemorativo demonstra o desejo de manifestar para os demais a maleabilidade das freiras frente a uma situação como esta que aqui se apresenta. Compreende-se que este se tornou um discurso autorizado, possivelmente, pela fidelidade demonstrada às práticas religiosas.

Mais que isso, expressa um laço identitário existente entre professores, alunos e freiras que possibilita que estes, em alguns casos, permaneçam na instituição assumindo outros papéis.

A reconstituição do Colégio aparece também nesta fala, pois se descreve “seu pátio com mangueiras, sua gruta, esta capela, seus funcionários, professores, coordenadores, Irmãs e também os eventos que aqui fiz...” (LOURDES, 2000, p.76).

Esta descrição do local evidencia o espaço escolar, a partir da lembrança da ex-aluna, demonstrando a importância de tal depoimento no estudo da instituição escolar, pois temos noções do local a partir do olhar de quem estudou. A capela e o pátio são espaços que marcam a lembrança da ex-aluna que inicia seus estudos na instituição nos anos 80.

Faz parte de sua memória também os atores sociais, pois ela menciona de forma geral os coordenadores, professores, funcionários e Irmãs e permite ao leitor conhecer a instituição sob o ponto de vista dos discentes.

⁸⁴ Sobre esses mecanismos de escolhas de falas, leia-se o livro *A ordem do discurso* de Foucault.

O laço identitário com a instituição é perceptível ainda no momento em que a então professora afirma que procura dar o melhor para suas alunas para que elas, no futuro, tenham “o orgulho de ser LOURDINAS” (LOURDES, 2000, p.76). O nome Lourdinas aparece em caixa alta, de forma a exaltar o significado da instituição neste ano comemorativo.

É, provavelmente, esta identificação com a instituição, na condição de ex-aluna, que permite a sua atuação como docente. Isso ocorre porque há um desejo de propagar valores peculiares a uma instituição religiosa que só pode ser compartilhado por alguém que vivenciou isso na condição de discente.

A visão do Colégio como continuidade do lar era provavelmente um fator motivacional para que os pais insistissem em um modelo educacional conforme sua visão de mundo e interesses de classe.

Um ponto relevante no Colégio Lourdinas foi a educação religiosa por ela ofertada, já que ensinava valores cristãos que iam desde o Catecismo até a vida religiosa ou o matrimônio na Igreja Católica. Essa situação era mais contundente quando os pais das alunas eram irmãos das freiras, como é o caso da Irmã Rosilda que era irmã da mãe de Giselda e Glauce Navarro. Além disso, Madre Emerenciana era irmã do pai das “irmãs Navarro”.

O depósito de confiança na educação religiosa por parte desta família é o que garante que, no depoimento de Giselda Navarro, se consiga identificar que ela escolheu o Colégio Lourdinas para educar as suas filhas. Assim, ressalta-se que esta educação tradicional perdura por gerações e fez com que as “irmãs Navarro”, particularmente, estudassem nesta instituição por cerca de 20 anos, chegando até mesmo a cursar faculdade no Colégio Lourdinas.

Além dos laços familiares com as freiras, a questão da rede de amizades com pessoas de uma mesma classe social é também fator determinante para a escolha dessa instituição, conforme se lê no depoimento de Giselda Navarro, ao falar que fez um círculo de pessoas de seu mesmo nível social, e que era exatamente isto, unido à educação religiosa dada pelas freiras, que fazia com que ela escolhesse o Colégio Lourdinas para educar suas filhas.

Este fator provavelmente influencia a família Maribondo na escolha também do Colégio Lourdinas para educar suas quatro filhas e que, concomitantemente, busque o Colégio Pio XII para ser a instituição que educa o seu único filho homem.

A ânsia por descobrir pessoas da turma dos anos 50 nas redes sociais foi fator primordial para salientar como duas dessas irmãs da família Maribondo também buscaram fazer contato com as antigas colegas que lá estudavam. Nas comunidades do Orkut-se, nota-se uma alusão à profissão dos pais das colegas e ao sobrenome de cada uma delas.

A nostalgia existente no discurso destas mulheres que estudaram na instituição nos anos 50 assinala uma ênfase no caráter tradicional do ensino e nas possibilidades de laços com pessoas de mesmo nível social proporcionada pela escola.

Da mesma maneira, o depoimento de Nadja Palitot, ex-aluna da instituição e mãe de filhas que estudaram lá nos anos 90, denota como a educação religiosa marcou sua infância e influencia na sua demonstração de convicção de que suas filhas e netas também deveriam estudar ali.

Assim, dos relatos de tantas famílias que optaram pelas Lourdinas como instituição para suas filhas, percebe-se que o fator exclusivista e aristocrático e a educação para o lar e para a vida religiosa se perpetuam em cada discurso. É válido notar, contudo, que esta instituição se moderniza, a fim de atender aos interesses do seu público alvo.

O Colégio Lourdinas configura-se, então, como um modelo educacional dialético, marcado, concomitantemente, pela resistência à repetição e ao silenciamento; por práticas pedagógicas tradicionais conservadoras e pela evolução social; ou seja, a dialética entre o tradicional e o contemporâneo; entre as ideias conservadoras e as demandas do novo tempo.

As falas das ex-alunas são saudosistas, nostálgicas, românticas e repetitivas, marcando a memória coletiva, que já tem característica de história oficial; considera-se as falas como textos acríticos, conservadores, resultantes de uma identidade de classe. As alunas, de maneira geral, demonstram adaptação a essa disciplina e aos conteúdos estudados como as temáticas trabalhadas na disciplina *Educação para o lar*.

Enfim, o presente capítulo permitiu que se conhecesse a a visão das ex-alunas da instituição sobre o Colégio Lourdinas e que se observassem, nas entrelinhas do seu discurso, a rigidez, o tradicionalismo e a disciplina desse modelo educacional, como é comum às escolas religiosas destinadas ao público feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Colégio Nossa Senhora de Lourdes da capital paraibana foi aqui observado especialmente enquanto instituição educacional católica e direcionada ao público feminino, a partir de livros comemorativos, *Relato de Fundação* (1943), *Revista Flama* (1953), *Cadernos*, o relato de ex-alunas e os apontamentos da Irmã Rosana Valéria.

Tratando-se de um estudo desenvolvido na linha da História da Educação, coube aqui um olhar minucioso para um período que antecedeu a chegada de freiras, da congregação de N. S. de Lourdes, em território paraibano, que tinham um propósito educacional pautado na orientação religiosa do Convento de Lourdes, oriundo de Petrópolis-RJ. Foi preciso, portanto, compreender a estruturação desse Convento para depois compreender sua vinda ao Brasil e, finalmente, à capital paraibana. Para tanto, o diálogo com fontes como o livro de Tournier (1984), o livro *Lourdes* (2013) e trechos do livro “*Cartas, memórias, agenda e mensagens da Nossa Madre Fundadora*” foram fundamentais para se conhecerem os antecedentes institucionais.

Cada fonte foi cuidadosamente descrita e analisada a partir de teóricos como Certeau (2007) e Foucault (2014), que garantiram um olhar crítico para as relações sociais ali tecidas, e pela busca contínua por exaltar o passado da instituição escolar. Sem esse olhar minucioso e crítico, as fontes estariam limitadas a romancear o passado do Colégio Lourdinhas, sem que se percebessem as relações de dominação, as marcas tradicionais do ensino cuja disciplina é basilar bem como as relações de classe presentes desde a fundação da Congregação Nossa Senhora de Lourdes em solo francês.

Os conceitos de instituição escolar, ensino tradicional, cultura escolar e memória permitiram que se pudesse olhar para este espaço educacional, refletindo sobre características que são próprias desse contexto que envolve toda a comunidade escolar, sem deixar de dialogar com o cenário político e social da época, pois, no próprio *Relato de Fundação*, identifica-se a estreita relação que existia com a situação política local e também com as exigências do ensino em nível nacional.

Ampliar a dimensão do objeto de estudo, ao pensar no ensino tradicional em seu contexto histórico, permite que se possa ter a dimensão explícita sobre qual a intenção de se propagar uma educação católica direcionada para meninas, mediante o que se considerou como processo de recatolização das instituições.

Compreende-se que, na instituição – objeto de nossa investigação – essas pequenas mudanças são acompanhadas do apelo à tradição, esta rigorosamente mencionada nos livros

comemorativos que romanceiam sua história, sem expor situações de conflito, como as vivenciadas pela Madre Fundadora. É, portanto, uma mudança comedida, a exemplo do cinema existente na instituição desde os anos 50, e o apelo à identidade de moça católica que transparece no discurso das lideranças religiosas. Da mesma forma, a construção de novos pavimentos, bibliotecas e ginásios esportivos expressam essa adequação da realidade que dialoga continuamente com os valores religiosos que o fundamentam.

Esse apelo à tradição presente no discurso da instituição, que se modifica, mas traz permanências, atrai a atenção de alguns pais de alunos que persistiram em colocar suas filhas e netas aos cuidados das freiras. É comum no discurso de cada um deles a confiança no ensino ali propagado pelo fato de se formar para a vida. A rigidez presente no discurso de cada ex-aluna também demonstra traços de um ensino que até os anos 90 foi direcionado com exclusividade para o público feminino.

Os avanços não significam que o Colégio Lourdinas deixou de ser tradicional. Considera-se que o tradicional se reveste de progressista, e a rigidez e o controle assumem práticas de solidariedade, como é o caso do exemplo da prova de matemática, transformada em texto filosófico e aplaudido, que poderia ser pontuado, já que se tratava de excelente escritura.

Observa-se que o modelo educacional católico tradicional internalizado pelas Irmãs, crianças e jovens incorpora demandas do tempo presente, mas se orienta com os mesmos princípios de quase dois séculos atrás.

Percebe-se a tendência das memórias de instituição escolar se confundirem com as demandas do tempo e dos novos contextos, uma memória em transformação, porém, a força da tradição impede que a memória seja reescrita.

Desde o Relato de Fundação (1943), fica explícito esse processo de adequação por que a instituição precisou passar, pois, para ter o curso ginásial autorizado, era preciso cumprir uma série de exigências que garantissem o funcionamento adequado. Exigia-se, desde essa época, a presença de professores com registro e foi por isso que, paulatinamente, professores leigos foram contratados, mesmo sem ser freiras ou padres.

Na Revista Flama (1953), paralelas às mensagens religiosas de devoção à Virgem Maria e de apelo à conversão, é tangível a presença de temas relacionados às questões contemporâneas da época, como a Guerra Fria, a desigualdade social e também o incentivo à leitura de clássicos, é também o momento em que se tem grêmios literários homenageando autores de renome e estudando seus traços biográficos.

Pode-se considerar, a partir dos apontamentos de Rosana Valéria Varela (2011), já nos anos 60, a presença de uma Faculdade no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Isso demonstra

que as mulheres não eram preparadas apenas para o casamento ou a vida religiosa mas também para serem profissionais. Não se pode, portanto, falar apenas no viés rigoroso e tradicional deste ensino sem trazer avanços que atendem às necessidades de cada época.

As mulheres podiam até se profissionalizar, mas o preparo para o casamento nesta instituição escolar era indispensável. Isso é perceptível, no ano de 1976, a partir de um caderno que incentivava as mulheres a serem totalmente dedicadas ao lar e ao casamento. Desse modo, as mulheres aprendiam a limpar a casa, cozinhar, preparar o seu enxoval, como deveria ocorrer o jantar do noivado, o próprio casamento e o cuidado que deveriam ter com seus filhos e marido.

Concomitantemente, há ainda o desejo por despertar vocações religiosas, argumentos presentes especialmente no texto de Irmã Sara e também em todas as agendas e revistas pesquisadas, pois, no momento em que se exalta o passado da instituição e a vida religiosa, incentiva-se indiretamente novas vocações para essa formação.

A catequese, o mês mariano e as mensagens religiosas, observáveis nas agendas escolares, em diálogo com temas atuais tanto nos anos 80 quanto nos anos 90, do século XX, sinalizam essa faceta institucional que apela para um olhar religioso para a vida, sem deixar de pensar em questões recentes que também são alvo de reflexão nas Campanhas da Fraternidade.

As agendas trazem ainda o diálogo contínuo com os pais, a exaltação do seu passado institucional e a preocupação de se darem orientações de como estudar. Isso demonstra quanto as alunas eram preparadas nesta instituição escolar, a partir de um ensino que não era restrito a orações; isto explica a preocupação com o outro no momento em que cita a situação de pobreza e a necessidade de se fazer caridade.

A sala de informática ali disponível para as discentes nos anos noventa também é capaz de exprimir mudanças no cotidiano escolar, com apelos sutis ao tradicional no momento em que se incentiva a prática religiosa e os ensinamentos cristãos de forma contínua. Assim, nas entrelinhas de uma saudosa memória presente no discurso de suas ex-alunas, é latente a disciplina como fundamento das práticas educacionais que precisa, paulatinamente, se adequar às novidades do novo milênio.

Identifica-se, portanto, do burburinho das falas saudosas das redes sociais aos documentos oficiais da instituição, um desejo pela permanência da tradição católica e um impulsionamento para as mudanças que estão diretamente ligadas às necessidades do contexto histórico. Essa complexidade agrada grande parte dos pais, que buscam nessa instituição uma base sólida religiosa que se adeque aos apelos da globalização e à consciência ambiental que, na sua perspectiva, seria o ideal para as suas filhas.

Sustenta-se aqui a tese de que o Colégio Lourdinas atende às necessidades das famílias. Tese esta que adquire uma maior complexidade no momento em que se acessa a documentação. A princípio se verifica que o apelo inicial era diferenciado, pois se primava pela vinda de um colégio de freiras destinado ao público feminino, vendo nele a base religiosa feminina que as suas filhas precisavam para terem bons casamentos ou seguirem uma vida religiosa. Depois disso, a visão da mulher em sociedade vai sendo modificada e novas possibilidades passam a existir para este público. Assim, sem perder a base religiosa e o cunho tradicional de sua educação, novos elementos são introduzidos para que estas necessidades sejam supridas. Concomitantemente, a própria exigência nacional influencia na adequação das alunas aquela realidade para garantir o seu pleno funcionamento. Essa complexidade entre o tradicional e as mudanças sociais estão presentes em cada documento que vai sendo produzido ao longo das décadas.

Dessa forma, confirma-se, a partir das memórias de ex-alunas, do Relato de fundação, do Caderno e da Revista, a tese de que o modelo educacional do Colégio Lourdinas tinha a finalidade de atender às famílias e dar continuidade aos padrões de comportamento que são aceitos e repassados neste meio social, em favor da formação de uma cultura escolar, de cunho conservador e patriarcal, no cotidiano institucional. São as famílias, inclusive, que fazem as freiras repensarem suas práticas pedagógicas e a estrutura da instituição.

A partir do livro de Tournier (1984), do livro do Instituto N. S. de Lourdes (2013) e também do Relato de Fundação, foi possível atingir o primeiro objetivo desta tese, pois se refletiu sobre a trajetória da Congregação N. S. de Lourdes até chegar ao Brasil, se instalar na cidade de Petrópolis-RJ e, por fim, adentrar o território paraibano. Os apontamentos e imagens do Acervo pessoal da Irmã Rosana Varela (2011) e os livros comemorativos permitiram que se conseguisse atingir o segundo objetivo no momento em que se teve a possibilidade de se compreender as mudanças estruturais que o Colégio teve ao longo dos anos. Por fim, a fala das ex-alunas, registradas nas redes sociais e também nos livros comemorativos, bem como a Revista Flama (1953) e o caderno da ex-aluna (1976) possibilitaram que fosse cumprido o terceiro e último objetivo que foi o de identificar as peculiaridades da instituição, como suas ex-alunas a compreendiam e a própria relevância de seu modelo educacional para as suas vidas. Todas essas fontes contaram com o diálogo contínuo com autores que se voltam para a história da educação e a análise de discurso para serem objeto de melhor reflexão.

Por fim, este trabalho buscou contribuir com o estudo da história das instituições escolares da Paraíba, trazendo para a linha de História Educação uma abordagem exclusiva sobre o Colégio Lourdinas que traz a particularidade de ser uma instituição católica destinada

ao público feminino. Nele, a partir de fontes peculiares, teve-se a oportunidade de conhecer o modelo educacional desta instituição, seus avanços e permanências e a memória dos sujeitos que estavam inseridos neste contexto.

REFERÊNCIAS

ABATH, Germana. Vocações sacerdotais. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

ABREU, Marina de. Por que o Divórcio? *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

AGUIAR, Márcio Mucedula. A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, ano 20, n. 36-37, p. 83-88, 2007.

AHLERT, Alvort. *Educação ética e cidadania: referenciais para a escola da rede sinodal de educação*. Tese (Doutorado em Teologia), EST :São Leopoldo, 2004.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. São Paulo: José Olympio, 1993.

ALVES, Manuel. A vida religiosa e a educação das elites no atual contexto brasileiro. Paiva, Vanilda (org.). *Catolicismo, educação e ciência*. Edições Loyola, 1991.

_____. Sistema católico de educação e ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 5, n.16, p. 209-228, set./dez. 2005.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman, Editora LTC: Rio de Janeiro, 1981.

AZEVEDO, Fernando. Capítulo 2. As origens das instituições escolares. In: _____ *A cultura brasileira*. São Paulo: melhoramentos, 1976. (p.321-356).

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da história”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas).

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1980.

BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da Bíblia. *Oracula*, São Bernardo do Campo, n. 5, p. 61-72, 1º sem., 2007. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/012007/05-benatte.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

BENTO XVI. *São Francisco de Sales*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2011/documents/hf_benxvi_aud_20110302.pdf>. Acesso em: 10/07/2016.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930 e a Redemocratização. In: *História geral da Civilização Brasileira*. V. 4. Tomo III O Brasil Republicano – Economia e Cultura (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado, elementos para uma teoria sociológica da religião*. tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

BERTONHA, Vitorina Cândida Corrêa MACHADO, Maria Cristina Gomes. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO FONTE DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – UM ESTUDO PRELIMINAR Seminário de Pesquisa do Programa de Pós Graduação em Educação. Maringá: UEM. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2008/pdf/c007.pdf>. Acesso em: 14/09/16.

BOAS, D. Mário Villas. DD. Arcebispo da Paraíba. LOURDES, Casa Mãe. *Centenário da Congregação da Imaculada Conceição N. S. de Lourdes*. NSL, 1963.

BOSCHILIA, Roseli. Juventude, Ultramontanismo e Educação Católica. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 43, p. 87-102, 2005.

BOSCHILIA, Roseli. *Igreja e Educação: Estratégias de Resistência*. In: Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/139_roseli.pdf>. Acesso em: 10/02/2018.

BOTELHO, Sérgio. Memória pessoense.: IPEP. Disponível em: <<http://blogdopedromarinho.com/?p=single&id=68721>>. Acesso em 10/02/2018.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder. Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAGA, Maria da Penha. Férias de 1952. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

BRAGA, Maria da Penha. Camões. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

BRASIL, Presidência da República. *Decreto-lei nº 4.244*, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Disponível em: << http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm>>. Acesso em 10/09/2015.

BRASIL, Presidência da República. *Decreto nº. 72.820*, de 21 de setembro de 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d72820impressao.htm> Acesso em 10/02/2016.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1988.

BUFFA, Esther. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. ECCOS, São Paulo. v. 7, n. 2, p. 351-368, jul./dez. 2005.

BURITY, Glauce Maria Navarro. Lourdinias: 60 anos a serviço da comunidade. In: LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1940-2000) (LOURDINAS): 60 anos educando e evangelizando, João Pessoa: NSL, 1990.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.

CAMPOS, Florisbela. Encontro de Ex-alunas. Data da postagem: 16 de julho de 2005. In: LOURDINAS, Comunidade do Orkut de Ex-alunos (João Pessoa-PB). *Alunas da década de 60*. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c260017-taacf045e563bcd25.html>>> Acesso em: 16/07/2016.

Carta do Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença no dia 13 de agosto de 1873. TOURNIER, Félix. *Vida da Venerada Madre Maria de Jesus Crucificado*. Rio de Janeiro: Grasfort, 1984

Carta do Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença no dia 29 de agosto de 1874. TOURNIER, Félix. *Vida da Venerada Madre Maria de Jesus Crucificado*. Rio de Janeiro: Grasfort, 1984

Carta do Cardeal Piccirillo à Madre Ducombs de Florença no dia 19 de setembro de 1874. TOURNIER, Félix. *Vida da Venerada Madre Maria de Jesus Crucificado*. Rio de Janeiro: Grasfort, 1984

CASA GRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, George e PERROT, Michelle. *História das mulheres: a idade média*. Porto: Afrontamento, 1990, V II.

CAVALCANTI, Cristina. *Caderno Educação para o lar*. Colégio Nossa Senhora de Lourdes: João Pessoa, 1976.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2.ed. Lisboa: Difel, 2002.

COELHO, Carlos Gouvêa. Cantemos o nosso louvor aos pés do Senhor. LOURDES, Casa Mãe. *Centenário da Congregação da Imaculada Conceição N. S. de Lourdes*. NSL, 1963.

CORREIA, Maria Ivete Martins. *Educação Católica, Gênero e Identidades: o colégio Santa Rita de Areia na história da educação paraibana (1937-1970)*. Tese (Doutorado em Educação) -PPGE/UFPB. João Pessoa, 2010.

COUTINHO, Marcos Odilon (et. al.). *Logradouros da Grande João Pessoa*. Sal e Terra Gráfica e Editora, 2001.

D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e antirracismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1992.

DUTRA, Giselda Navarro. Depoimento. In: LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Colégio Nossa Senhora de Lourdes: (LOURDINAS), 50 anos*, João Pessoa: NSL, 1990.

EGYPTO, Danielle Soares C. 50 anos de Lourdinhas. In: LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Colégio Nossa Senhora de Lourdes: (LOURDINAS), 50 anos*, João Pessoa: NSL, 1990.

FERNANDES, Sílvia Regina. “Ser padre pra ser santo; “Ser freira pra servir”: a construção social da vocação religiosa - uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – UERJ. Rio de Janeiro, 2004

FERNANDES, Maria Eugenia Matos. *O mosteiro de Santa Clara do Porto em meados do século XVIII: 1730-1780*. Porto: Câmara Municipal. 1992

FERNANDES, Maria Elizabeth Novais. *Paraíba. Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

FERREIRA, Heliethy Pedrosa. Meu segundo lar. In: LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Colégio Nossa Senhora de Lourdes: (LOURDINAS), 50 anos*, João Pessoa: NSL, 1990.

FERRONATO, Critiano. Fontes e arquivos da história da educação na Parahyba do oitocentos: o Lyceu Parahybano. *sÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA*; João Pessoa, jan./ jun. 2010

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FRAGOSO, Antonio. Um cine-club no meu Colégio. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. Ed. São Paulo Edições Loyola, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II: complemento e índices*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio. História e historiografia das instituições escolares: percursos de pesquisa e questões teórico-metodológicas. *Revista Educação em Questão*. Natal, v. 28, n. 14, p. 172-191, jan./jun. 2007. Disponível em: <<
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4469> >>. Acesso em: 01/09/2016.

GATTI JÚNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio. (Org.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia (MG): EDUFU, 2002.

GATTI Júnior, Décio e GATTI Giseli Cristina do Vale. A história das instituições escolares em revista: fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente. *Educativa*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 327-359, jul./dez. 2015.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *Vida religiosa: da teologia patriarcal à teologia feminista: um desafio para o futuro*. São Paulo: Paulinas, 1992.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas AS: São Paulo, 2008

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. SOUZA, Rosa de Fátima e VALDEMORIN, Vera Teresa. *A cultura escolar em debate*. Questões conceituais,

metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores associados, 2005 (Coleção educação contemporânea).

GROSSI, Miriam Pillar. *Jeito de Freira*: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, n. 73, maio de 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric & Terence Ranger (orgs.). *A invenção das tradições*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

HOWELL, Russ. *É hora de festejar*. Escola Virgem de Lourdes 1953-2003. 50 anos de caminhada. Campina Grande: EVL, 2003.

IRMÃ MARIA SARA. *Ser Irmã Imaculada Conceição de N. S. de Lourdes*. É levar a Cristo por Maria. Instituto NSL: Petrópolis, S/D.

JARDIM, Maria do Brasil. A jovem, a leitura e o Brasil. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Revista brasileira de história da educação n°1 jan./jun. 2001. Disponível em: << www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/273/281 >>. Acesso em 10/08/2016.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: Mary Anne Junqueira, Stella Maris Scatena Franco. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011.

LACERDA, Carmem. Grêmio “Machado de Assis”. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

LAVEN, Mary. *As virgens de Veneza*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2003.

LEAL, Rachel Maribondo F. T. Coral. Data da postagem: 10 de fevereiro de 2010. In: LOURDINAS, Comunidade do Orkut de Ex-alunos (João Pessoa-PB). Tópico: *Alunas da década de 60*. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c260017-taacf045e563bcd25.html>>> Acesso em: 16/07/2016.

LEMO, Carolina Telles. Religião e gênero: a intimidade entre o peso da tradição e a autonomia do indivíduo. In: _____. *Religião e (re)significação da Intimidade*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

LEWIN, Linda. *Política e parentela na Paraíba*: um estudo de caso de oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro, Record, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. *Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente*: estudo introdutório sobre pedagogia e didática. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. *Devoção e santidade nas Casas de Caridade: a idealização mariana do Padre Ibiapina*. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. *A caridade segundo Ibiapina: história e imaginário em Santa Fé*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LOURDES, Casa Mãe. *Centenário da Congregação da Imaculada Conceição N. S. de Lourdes*. NSL, 1963.

LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Relato da Fundação do Colégio de N. Sra. de Lourdes João Pessoa - Parahyba do Norte*. Manuscrito traduzido, João Pessoa, 1943.

LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Calendário Escolar 1985*. João Pessoa: NSL, 1985.

LOURDES, Colégio Nossa Senhora de. *Agenda Escolar 1987*. João Pessoa: NSL, 1987.

LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Colégio Nossa Senhora de Lourdes: (LOURDINAS), 50 anos*, João Pessoa: NSL, 1990.

LOURDES, Educandário Nossa Senhora de. *Lourdes abraça o Brasil: 90 anos evangelizando*. Recife: NSL, 1998.

LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Agenda Escolar 1999*. Terceiro Milênio: Novo tempo, novo mundo o mesmo Deus. João Pessoa: NSL, 1999.

LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1940-2000) (LOURDINAS): 60 anos educando e evangelizando*, João Pessoa: NSL, 2000.

LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Cartas, memórias, agenda e mensagens da Nossa Madre Fundadora*. João Pessoa: NSL, S/D.

LOURDES, Instituto da Imaculada Conceição de Nossa Senhora de. *150 anos: 1863-2013*. Petrópolis: NLD, 2013.

LOURDINAS, Colégio. *História: instituição*. Disponível em:
<<http://www.lourdinas.com.br/historia>> Acesso em 10/06/2014

LYRA, Graça. *Estudei até 1969*. Data da postagem: 12 de dezembro de 2008. In: LOURDINAS, Comunidade do Orkut de Ex-alunos (João Pessoa-PB). Tópico: *Alunas da década de 60*. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c260017-taacf045e563bcd25.html>>> Acesso em: 16/07/2016.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cinthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara. (Org.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNADES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (org. Para a História do Ensino Liceal em Portugal: actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Porto: Universidade do Minho. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. 1999.

MALATIAN, Tereza. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKI, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARIBONDO, Porphiria Também estudei nas Lourdinas. Data da postagem: 30 de janeiro de 2010. In: LOURDINAS, Comunidade do Orkut de Ex-alunos (João Pessoa-PB). Tópico: *Alunas da década de 60. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c260017-taacf045e563bcd25.html>>>* Acesso em: 16/07/2016.

MARIBONDO, Cypriano. *Dia dos Avós*. Disponível em:<<<http://www.recantodasletras.com.br/homenagens/5705856>>> Acesso em: 16/07/2016.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru: Edusc, 2000.

MEDEIROS, Maria Luna de. Estudantes livres por um Mundo melhor. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8º Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MURAD, Afonso. Maria toda de Deus e tão humana. São Paulo: Paulinas; Valência: ESP; Siquem, 2004. (Coleção livros básicos de teologia 8:2).

NAAS, Irenilza. Também estudei nas Lourdinas. Data da postagem: 9 de agosto de 2007. In: LOURDINAS, Comunidade do Orkut de Ex alunos João Pessoa-PB. *Alunas da década de 60. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c260017-taacf045e563bcd25.html>>>* Acesso em: 16/07/2016.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves. O Colégio N. S. de Lourdes, o ensino de artes visuais e Dona Isolda. 9/09/2008. Disponível em:< <http://envolvartes.blogspot.com/>> Acesso em: 10/05/2018

NAVARRO, Família Amorim. *Cem anos de Maria do Carmo*. Disponível em:<<<http://www.100anosmariadocarmo.com>>>. Acesso em: 10/06/2016.

NÓBREGA, Maria Aline. *Ótima cozinheira. Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

NUNES, Maria José Fontelas Rosado. A trajetória no catolicismo brasileiro: teorias feministas interrogam a sociologia da religião. *Estudos da religião*, São Bernardo do Campo, n. 9, p. 95-107, jun. 1994.

_____. *As freiras no Brasil*. DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Religião, etnicidade e violência: relações e legitimações. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; ECCO, Clóvis (Orgs.). *Religião, violência e suas interfaces*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 7-17.

OLIVEIRA, Rosangela Silva e BITTENCOURT JUNIOR, Nilton Ferreira. *A fotografia como fonte de pesquisa em história da educação: usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise*. Anais do 7º Congresso Brasileiro de História da Educação. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/A%20FOTOGRAFIA%20COMO%20FONTE%20DE%20PESQUISA%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO.pdf>>. Acesso em 10/09/2016.

OLIVEIRA, Thereza *Recordar belos tempos*. Data da Postagem: 15 de junho de 2007. In: LOURDINAS, Comunidade do Orkut de Ex-alunos (João Pessoa-PB). Tópico: *Alunas da década de 60*. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c260017-taacf045e563bcd25.html>>> Acesso em: 16/07/2016.

OLIVEIRA, Zoraide. *Sou do ano de 1955*. Data da Postagem: 6 de maio de 2006. In: LOURDINAS, Comunidade do Orkut de Ex-alunos (João Pessoa-PB). Tópico: *Alunas da década de 60*. Disponível em: <<http://orkut.google.com/c260017-taacf045e563bcd25.html>>> Acesso em: 16/07/2016.

PALITOT, Nadja. 50 anos das Lourdinhas. In: LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. *Colégio Nossa Senhora de Lourdes*: (LOURDINAS), 50 anos, João Pessoa: NSL, 1990.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Revista Tempos Acadêmicos*, v. 1, p. 127-134, 2005.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. *Varia História*, nº 25, Jul, Belo Horizonte, 2001, p.81-120

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Ina Maria Y Pla. Que bonito, Valéria. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Org.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

REGNIER- BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes místicas. In: DUBY, George e PERROT, Michelle. *História das mulheres: a idade média*. Porto: Afrontamento, 1990, V II.

SANFELICE, José Luís. História, instituições escolares e gestores educacionais. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. especial, p.20–27, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584

SANTIAGO, Sindufu Guedes. *Paraíba*, Nomes do Século - Joao Medeiros. União: João Pessoa, 2000.

SAVIANI, Demerval. Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas. *Cadernos de História da Educação* - nº. 4 - jan./dez. 2005. Disponível em: <<<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382/363>>> Acesso em: 08/09/2016.

_____. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4. Ed. Campinas: Autores Associados, 2013. (Coleção Memória da Educação)

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria de análise histórica. Tradução de G Lopes Lobo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, Ramsés Nunes e; SANTOS, Tatiana Medeiros. Tessituras da instrução confessional: inquirições acerca da cristocênica na Parayba do Norte (1890-1937). In: PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler (Org.) *História da Educação da Paraíba: lembrar e comemorar*. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012, V.1, p.77-88.

_____, RAMSÉS Nunes. *A igreja é uma escola, ou como o internato se tece: culturas instrucionais de confinamento nas damas da instrução cristã -1891-1937*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SILVA, Maria Lúcia da Silveira. Para rir. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

SILVA, Tomas Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu e HALL, Stuart (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102

SILVESTRE, Marlene. Colégio amigo. In: LOURDES, Religiosas de Nossa Senhora de. Colégio Nossa Senhora de Lourdes: (LOURDINAS), 50 anos, João Pessoa: NSL, 1990.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Edunesp, 2006.

SOUSA, Débia Suênia da Silva. Colégio Nossa Senhora de Lourdes: culturas escolares em Cajazeiras-PB (1949- 1983). 2018. 195f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

STURZ, Richard. O cristianismo na América latina no século XX. CAIRNS, Earl E. *O cristianismo através dos séculos*. Uma história da Igreja Cristã. Tradução de Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

TRINDADE, Franklin José Maribondo. *Jaguarema: o sítio do vovô*. Trindade: João Pessoa, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero: uma palavra para desconstruir sentido e construir usos políticos. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 139-144, maio/ago. 2005.

TOURNIER, Félix. *Vida da Venerada Madre Maria de Jesus Crucificado*. Rio de Janeiro: Grasfort, 1984.

VALE, Maria Trigueiro do. Grêmio “Castro Alves”. *Revista Flama*. Ano II. N.3. Maio. Órgão oficial Colégio NSL: João Pessoa, 1953.

VARELA, Rosana Varela. *Histórico*. Apontamentos não publicados. João Pessoa. 2011.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. SOUZA, Rosa de Fátima e VALDEMORIN, Vera Teresa. A cultura escolar em debate. Questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores associados, 2005 (Coleção educação contemporânea).

WEMPLE, Suzane Fonay. As mulheres do século V ao século X. In: DUBY, George e PERROT, Michelle. *História das mulheres: a idade média*. Porto: Afrontamento, 1990, V II.

WERLE, Flávio Obino Corrêa et al. Espaço escolar e história das instituições escolares. *Diálogo Educacional*. Curitiba, v.7, n.2. p. 147-163, set/dez, 2007 Disponível em: << www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=1579&dd99=pdf>>. Acesso em: 08/09/2016.1

WERLE, Flávio Obino Corrêa. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. Cadernos de História da Educação - nº. 3 - jan./dez. 2004. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/che/article/download/369/357>> Acesso em: 10/09/2016.